O tecido da Rede-SANS

MARIA RITA MARQUES DE OLIVEIRA
CARLA MARIA VIEIRA
LILIAN FERNANDA GALESI
(ORGS.)

O TECIDO DA REDE-SANS

HISTÓRICO, NARRATIVAS E REFLEXÕES

Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.culturaacademica.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T252

O tecido da Rede-SANS [recurso eletrônico] : histórico, narrativas e reflexões / organização Maria Rita Marques de Oliveira , Carla Maria Vieira , Lilian Fernanda Galesi. – 1.ed. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2016.
recurso digital

Formato: ePDF
Modo de acesso: world wide web
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-85-7983-751-7 (recurso eletrônico)

1. Abastecimento de alimentos – Brasil. 2. Política alimentar – Brasil. 3. Assistência alimentar – Brasil. 4. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Maria Rita Marques de. II. Vieira, Carla Maria. III. Galesi, Lilian Fernanda.

16-32369 CDD: 363.80981
CDU: 364.73(81)

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)

Editora afiliada:

Sumário

Lista de abreviaturas

AB	Atenção Básica
Abrandh	Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos
ACS	Agente Comunitário de Saúde
AL	Articulador Local
APAE	Associação de Pais e Amigos do Excepcional
AR	Articulador Regional
Asser	Escola Superior de Tecnologia e Educação de Rio Claro
ATP	Apoio Técnico em Extensão no País
Caisan	Câmara Intersetorial de Segurança Alimentar e Nutricional
Ceatox	Centro de Assistência Toxicológica
Cepran	Centro de Estudos e Práticas em Nutrição
Ceunsp	Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
CGAN	Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição
CGPAN	Coordenação Geral da Política Nacional de Alimentação e Nutrição
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Coafai	Cooperativa de Agricultores Familiares de Itararé
Codeagro	Coordenação de Desenvolvimento dos Agronegócios
Codeter	Colegiado de Desenvolvimento Territorial
Comsan	Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional
Comsea	Conselho Municipal de Segurança Alimentar
Consad	Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Social
Consea	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

Consea-SP	Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de São Paulo
CPAN	Coordenadoria de Programas de Alimentação e Nutrição
CRAS	Centro de Assistência Social
Cresans	Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável
CRN	Conselho Regional de Nutricionistas
CRSANS	Comissão Regional de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável
Datasus	Departamento de Informática do SUS
DHAA	Direito Humano à Alimentação Adequada
DRS	Diretoria Regional de Saúde
DRS	Desenvolvimento Regional Sustentável
DTI	Desenvolvimento Tecnológico e Industrial
EAD	Educação a Distância
EAN	Educação Alimentar e Nutricional
Esalq/USP	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo
FAAC/Unesp	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp
FAI	Faculdades Adamantinenses Integradas
FAO	Food and Agriculture Organization
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCA/Unesp	Faculdade de Ciências Agrárias da Unesp
Finep	Financiadora de Estudos e Projetos
FIVR/Unisepe	Faculdades Integradas do Vale do Ribeira
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
Fundibio	Fundação do Instituto de Biociências de Botucatu
Fundunesp	Fundação para o Desenvolvimento da Unesp
IBB	Instituto de Biociências de Botucatu
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
ICT	Instituto Cílios da Terra
IES	Instituição de Ensino Superior
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INHAH	Instituto Harpia Harpyia
Interanutri	Interdisciplinaridade, Alimentação e Nutrição
ITI	Iniciação Tecnológica Industrial
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
NEAD	Núcleo de Educação a Distância da Unesp – Reitoria
ONG	Organização não Governamental
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNAN	Política Nacional de Alimentação e Nutrição
PNSAN	Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
PP/SUS	Pesquisa para o SUS
Proex	Pró-Reitoria de Extensão da Unesp
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SANS	Segurança Alimentar Nutricional Sustentável
Sisan	Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
Sisvan	Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional
SLAN	Sociedad Latino-Americana de Nutrición
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UBS	Unidade Básica de Saúde
Unaerp	Universidade de Ribeirão Preto
Unesp	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Uniara	Universidade de Araraquara
Unifafibe	Centro Universitário de Bebedouro
Unifran	Universidade de Franca
Unimar	Universidade de Marília
Unimep	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIP	Universidade Paulista (Sorocaba)
Unirp	Centro Universitário de Rio Preto
Unitau	Universidade de Taubaté
Unoeste	Universidade do Oeste Paulista
USC	Universidade do Sagrado Coração
USF	Unidade de Saúde da Família
USJT	Universidade São Judas Tadeu
VAN	Vigilância Alimentar e Nutricional

Carta de princípios

Considerando que,

I – o trabalho em rede tem grande potencial transformador e inovador;

II – as novas tecnologias têm dado grande impulso para a comunicação dos atores sociais;

III – o atual modelo de sociedade tem acentuado o individualismo, o consumismo e o imediatismo, desfavoráveis ao desenvolvimento e preservação da sociedade humana;

IV – o atual modelo econômico, que privilegia uma minoria, tem ampliado as diferenças na distribuição dos recursos e renda do planeta, e, ainda, encontra-se associado à exploração desordenada e irresponsável dos recursos naturais;

V – o desenvolvimento econômico dissociado do desenvolvimento social promove exclusão e furta o direito à cidadania como patrimônio de todo ser humano, na medida em que esse modelo gera fome e miséria;

VI – a fome e a negação do direito à alimentação adequada são a expressão extrema da negação do direito à cidadania e mesmo à vida;

VII – a alimentação é componente central da história e cultura dos povos e confere identidade e dignidade ao indivíduo em sociedade;

VIII – a alimentação saudável, adequada e solidária carrega consigo dimensões fisiológica, sociocultural, afetiva, agregadora e protetora, assim traduzindo suas funções de nutrir o corpo e alimentar a vida;

IX – a maioria das mortes de adultos em nossa era é causada por doenças (obesidade, diabetes, hipertensão, doenças cardíacas) atribuídas, em grande parte, às formas de interação do homem com o alimento e com o meio ambiente;

X – muitos grupos de maior vulnerabilidade fisiológica e econômica sofrem com a desnutrição (crianças, idosos, enfermos);
XI – a maioria das doenças de nosso tempo não tem cura, mas podem ser prevenidas, e para isso necessitamos inovar nossas práticas de cuidado com a saúde;
XII – um cuidado inovador em saúde depende de ação intersetorial e está intimamente ligado à segurança alimentar e nutricional do indivíduo e da população;
XIII – a sociedade do futuro depende de práticas educativas que promovam ao mesmo tempo o resgate de nossa história e o olhar crítico e criativo para o futuro.

A Rede-SANS tem como MISSÃO articular e envolver pessoas e instituições de diferentes contextos numa ação integrada de defesa e promoção da Alimentação Saudável, Adequada e Solidária.

Em suas ações, adota os seguintes VALORES E PRINCÍPIOS:

Respeito à vida: respeitar todas as formas de vida, na perspectiva ética do cuidado de si, do outro e do planeta.

Solidariedade: reconhecer as necessidades do outro e partilhar os recursos materiais e afetivos, com o objetivo de construir alternativas para uma sociedade mais justa.

Respeito à diversidade: respeitar o modo singular de ser de cada pessoa, de sua história de vida e das diversas expressões dos grupos humanos, de modo a valorizar a diferença como condição fundamental para uma existência ética, humanística e solidária.

Participação e exercício da cidadania: valorizar o trabalho participativo, priorizando as decisões discutidas e coletivamente pactuadas.

Autonomia e responsabilidade: promover a autonomia do indivíduo para que se torne responsável pelo cuidado de si próprio e pela obtenção de sua subsistência.

Respeito aos bens públicos: adotar princípios éticos pautados na idoneidade, parcimônia, legalidade, transparência, moralidade, em todas as transações de gestão e uso de recursos, sejam eles de qualquer natureza.

Desenvolvimento e sustentabilidade: fomentar o desenvolvimento econômico como consequência do desenvolvimento humano e sustentado por ações de preservação dos recursos naturais para as gerações futuras.

Diálogo e cultura da paz: tomar o alimento como caminho para a paz, ao conferir a segurança da comida à mesa e o sentido da confraternização e do diálogo.

Cooperação: valorizar o trabalho colaborativo na divisão de tarefas, bem como incentivar a troca e a disponibilização de bens e serviços em favor do outro.

Direito à informação transparente: difundir e ampliar o acesso às informações de interesse público, sem reservas, em linguagem adequada e compreensível, de forma direta e clara.

Produção e socialização do conhecimento: fomentar a produção e a socialização do conhecimento pautado em evidências científicas e ao mesmo tempo reconhecendo as tradições populares.

Promoção da economia solidária: valorizar e apoiar novas formas de comércio, de maneira a promover o desenvolvimento local.

Bem-estar e justiça social: nas decisões de gestão dos recursos, tomar como referência os princípios de equidade, integralidade, universalidade e participação popular.

Botucatu, 18 de março de 2011

Prefácio

Este livro relata a trajetória de formação da Rede-SANS e a experiência de cada ator que fez parte desse processo. Fala das dificuldades, ganhos e aprendizados em dois anos de intenso trabalho ocorrido durante a execução do convênio Unesp/Finep (01.10.0466.00), priorizando as atividades de extensão inseridas num projeto de pesquisa e desenvolvimento. Apresenta os resultados do trabalho em linguagem não acadêmica, buscando fazer uma reflexão sobre todo o processo e seu impacto na política de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) do estado de São Paulo. O conteúdo inclui as experiências pregressas do grupo que concebeu o projeto de articulação; seu processo de construção; o trabalho propriamente dito da Rede-SANS; as vivências durante a pesquisa; o redesenho da proposta no decorrer de sua introdução; e a avaliação dos resultados daquilo que se propôs a fazer em dois anos. Trata de uma prestação de contas à sociedade sobre o uso que se fez dos recursos públicos.[1]

A maior parte foi escrita na terceira pessoa, mas com grande risco de retratar a opinião da autora principal. Não convém falar pelos outros, porém menos adequado ainda é assumir para si a autoria daquilo que foi coletivamente construído. Poderia ter sido escrito numa linguagem mais impessoal, contudo, o processo de construção da Rede-SANS foi, além de tudo, afetivo e caloroso. Assim, deixaremos tal linguagem para as publicações em periódicos científicos. O livro é recheado de relatos dos bolsistas que atuaram na Rede durante esses dois anos, agrupados conforme a função e cenários de atuação no projeto, e interpretados e sumarizados por Carla Maria Vieira.

1. Site oficial da Rede-SANS: www.redesans.com.br.

Aborda a execução da pesquisa da Rede-SANS na atenção primária à saúde, as condições de trabalho e o que pensam os trabalhadores da área no estado de São Paulo a respeito da segurança alimentar e nutricional. Esses relatos e interpretações são de autoria de Flávia Negri e Carla Maria Vieira.

É um livro carregado de detalhes, que busca ser transparente, falando de êxitos e fracassos. Pretende servir de referência para os que quiserem se aventurar nessa trajetória, colocando um pequeno feixe de luz no emaranhado de conexões e possibilidades com que se depara no caminho da construção coletiva; como se sabe, "o caminho se faz ao caminhar".[2]

Maria Rita Marques de Oliveira

2. Machado, Caminante no hay camino, se hace camino al andar, *Obras, poesias y prosa*.

1
Um marco histórico na (con)formação da Rede-SANS

Nos dias 29 e 30 de outubro de 2009 um grupo de pessoas, composto principalmente por trabalhadores da atenção primária à saúde, em uma das oficinas do II Seminário de Vigilância Alimentar e Nutricional do estado de São Paulo, realizado em Botucatu, teve como tarefa responder às seguintes perguntas: como seria a Rede de Segurança Alimentar e Nutricional ideal? Que barreiras terão que ser transpostas para o alcance desse propósito?

O processo de articulação para obtenção dos recursos da Rede-SANS já vinha se estendendo havia dois anos. Primeiro com a possibilidade de uma articulação nacional, depois, no estado de São Paulo, sinalizada em junho de 2009. Essas pessoas responderam que a Rede-SANS almejada deveria:

- atuar a partir de ações intersetoriais;
- buscar, antes de agir, o conhecimento dos territórios e problemas locais;
- desenvolver ações de forma planejada;
- envolver todos os equipamentos sociais em suas ações;
- mobilizar todos os profissionais de interesse;
- informar a população sobre os problemas sociais ligados à SAN;
- desenvolver trabalho de educação permanente;
- promover a troca de experiências;
- desenvolver material educativo em SAN;
- promover parcerias para as ações de SAN;
- sensibilizar os gestores públicos quanto à importância da SAN;
- promover seminários, os quais fossem amplamente divulgados;
- divulgar as atividades em curso nos municípios.

Tais ações em rede deveriam transpor, como principal barreira, a falta de conhecimento sobre SAN e sua importância como política pública, por parte de gestores, trabalhadores e comunidades.

Passados pouco mais de três anos do seminário de 2009, estamos diante de um processo de sistematização dos resultados do trabalho da Rede-SANS no período transcorrido entre 2011 e 2012 e de, certa maneira, prestando contas aos representantes da sociedade presentes no seminário de 2009.

Para entender como tudo começou, temos de voltar um pouco no tempo, quando ainda não se vislumbrava a articulação da Rede como tal. Em Piracicaba, no início da década de 1990, houve um movimento que congregou o poder público municipal, as universidades e diversas pessoas e instituições na discussão da SAN do município. O movimento articulou-se num primeiro momento para a tarefa de introdução do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) no município, alavancado pela I Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, em 1994. Essa articulação que existia em Piracicaba ganhou força nos processos que envolveram a II e a III Conferências Nacionais de Segurança Alimentar e Nutricional e no período em que o Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Consea) do estado de São Paulo (2005-2006) esteve sob a gestão de dom Mauro Morelli.

Em Piracicaba, em 2004, aconteceram as primeiras reuniões para discutir a inserção da alimentação e nutrição na atenção básica à saúde do município, rendendo algumas ações específicas. Mas o movimento só tomou força com a criação, pelo Consea estadual, em 2005, da Comissão Regional de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (CRSANS) das Bacias Piracicaba-Capivari, composta por treze municípios.

Em 2006, representantes dos municípios da CRSANS das Bacias Piracicaba-Capivari retomaram a discussão da SANS na atenção básica à saúde e, dessa vez, pleiteando recursos do Ministério da Saúde, a partir do Polo de Educação Permanente do Leste Paulista com o projeto "Educação permanente para a efetivação das diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição para a Atenção Básica no Sistema Único de Saúde (SUS) na região da Bacia do Piracicaba". A proposta foi aprovada em todas as instâncias, mas os recursos não chegaram a ser liberados, visto que houve alteração na forma de gestão desses recursos pelo Ministério da Saúde.

Em 2007, o mesmo projeto foi revisto para atender ao edital de pesquisa para o SUS junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp). Dessa vez, obteve-se recurso para execução da fase I. Com a transferência da coordenação do projeto, que era da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), para a Unesp de Botucatu, o financiamento da fase II ficou prejudi-

cado. No entanto, a articulação na direção de continuidade da proposta foi ampliada, e dois seminários com participantes de municípios e universidades foram realizados na Unesp de Botucatu, um em 2008 e outro em 2009, apoiados pelo Instituto Harpia Harpyia (INHAH), que, nesses dois anos, organizou reuniões com grupos remanescentes das CRSANS para discutir a SAN em São Paulo. A realização dos seminários foi possibilitada por recursos da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp).

No seminário de 2008 foram apresentados e discutidos os resultados da pesquisa e das oficinas de formação na região das Bacias Piracicaba-Capivari e Indaiatuba. Houve a participação de representantes de técnicos e trabalhadores da atenção básica de quarenta municípios do estado de São Paulo e da Coordenação Geral da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (CGPAN). Foi quando as atividades do projeto foram ampliadas para Marília, Ribeirão Preto, Araraquara e Botucatu. Constituiu-se também nessa ocasião o Grupo de Pesquisa em Epidemiologia Nutricional e Dietética, envolvido com a Rede-SANS e cadastrado no CNPq.[1]

No seminário de 2009, foram apresentadas as atividades desenvolvidas nas regiões de Botucatu, Araraquara e Marília, e desenvolvidas oficinas de formação para agentes de saúde. Já se tinha um parecer favorável da Finep quanto ao apoio no processo de articulação da Rede-SANS, e foi quando ocorreu um primeiro esboço da missão e dos princípios da Rede ao se discutir, em grupos, as prioridades do trabalho.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) entrou nesse processo pela mediação do INHAH. Em contato com esse órgão, por meio da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, surgiu a proposta de criação de Centros de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional em cinco regiões do Brasil, os quais seriam estabelecidos pelo MCTI com o apoio do INHAH. Das diversas negociações com a Finep para dar forma ao projeto, em 2008, propôs-se uma rede abrangendo os estados de Roraima, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás. O projeto de articulação seria executado pelo Instituto de Biociências de Botucatu (IBB) da Unesp, com a coexecução do INHAH e mais cinco universidades federais. Embora tenha sido aprovado quanto ao mérito e qualidade técnica, o projeto não recebeu os recursos. Em junho de 2009, a Unesp recebeu orientação da Finep para reapresentação do projeto em uma versão mais restrita de abrangência geográfica e quantidade de recursos. Em novembro de 2009, após muitas

1. A partir de 2014, passou a se chamar Grupo de Estudos e Pesquisas em Segurança Alimentar e Nutricional.

negociações com a Finep, o projeto "Rede de Municípios Promotores da Segurança Alimentar e Nutricional (Rede-SANS)" foi submetido a esse órgão e subsequentemente aprovado. O convênio entre Finep/Unesp/INHAH foi assinado em setembro de 2010 e os recursos, liberados a partir de janeiro de 2011.

Foi no primeiro encontro dos articuladores da Rede que se cunhou o nome: Rede-SANS – Rede de Defesa e Promoção da Alimentação Saudável, Adequada e Solidária, por entender que, mais que de municípios, era constituída de pessoas. Também nesse momento definiu-se a missão da Rede-SANS: "articular e envolver pessoas e instituições de diferentes contextos numa ação integrada de defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária".

2
O projeto de articulação da Rede-SANS

O projeto que norteou a articulação da Rede-SANS foi gestado durante os anos de 2007 a 2009, mas estratégias continuaram a ser discutidas no ano de 2010, para início do processo propriamente dito em janeiro de 2011. Foram quatro anos de muitas frustrações, mas também de muito aprendizado. Partimos, em 2007, da ideia de construção de centros de referência, um em cada região do Brasil. O INHAH já desenvolvia atividades nas regiões Sul (Paraná e Rio Grande do Sul), Nordeste (Pernambuco) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais).

A primeira proposta teve seu início previsto para abril de 2008 e seu objetivo era:

> Implementar, em cada região do país – Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul – os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, à luz das Diretrizes do PPA 2008-2011, através de ações centradas na defesa da cadeia alimentar e na promoção de vida saudável, em parceria com Instituições de Ensino Superior, Empresas e outras Organizações da Sociedade Civil, através do desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias, fruto da inovação científica e tecnológica. (Plano de trabalho apresentado ao MCT pelo INHAH, em 31 de março de 2008)

Nessa primeira proposta, de autoria do INHAH, foi planejada a criação de um programa que se chamaria Programa Polo Regional Novo Milênio, tendo o Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Cresans) como o principal instrumento de articulação das ações setoriais. Além

dos Centros de Referência, seriam trabalhadas as alianças municipalistas com vistas ao fortalecimento de movimento social comprometido com a elaboração e aprovação de lei orgânica municipal que definisse as diretrizes e introduzisse o sistema de SANS.

Por questões legais, a primeira proposta teria que ser revista e o INHAH não poderia ser o executor do projeto; foi quando o Instituto de Biociências de Botucatu da Unesp surgiu como instituição executora do projeto e o INHAH ficou como coexecutor. Até o final de 2008, teríamos de articular uma proposta com efetiva participação de instituições de nível superior das cinco regiões do Brasil. No dia 3 de dezembro de 2008, o projeto "Polos regionais novo milênio: estratégias de organização e monitoramento da segurança alimentar e nutricional com vista ao desenvolvimento sustentável", foi protocolado para receber recursos do MCT por meio da Finep. A proponente era a Fundação do Instituto de Biociências de Botucatu (Fundibio), a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) aparecia como executora e os coexecutores foram: Instituto Harpia Harpyia (INHAH), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal de Roraima (UFR). A proposta envolveria oito estados ao incluir as atividades desenvolvidas pelo INHAH no Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro. As metas eram pautadas em atividades de diagnóstico, mobilização e formação de pessoas, conforme segue:

1. Desenvolver um site virtual, alimentado e utilizado por todos os polos como a principal ferramenta de integração e socialização do trabalho da Rede.
2. Elaborar oito mapas analíticos sobre a participação do governo e organizações sociais nas iniciativas regionais de políticas/ações de SANS.
3. Formar oito equipes intersetoriais com competência para o fomento à construção do Sistema de SANS local de forma legítima e legalizada.
4. Elaborar oito diagnósticos propositivos quanto à atuação, qualitativa e quantitativa do Sisvan nos territórios adstritos aos polos.

Na véspera do Natal de 2008, fomos informados extraoficialmente de que o projeto, embora tivesse recebido parecer favorável de técnicos da Finep e de relatores externos, não seria apoiado pela instituição. A resposta oficial só viria seis meses depois, com a oferta de uma fatia bem menor de recursos para um projeto de menor abrangência. Em princípio, pensou-se em investir nos locais onde o INHAH já desenvolvia atividades, mas, em diálogo com a Finep, foi estabelecido que as atividades deveriam ser concentradas no estado de São Paulo.

De um espaço fisicamente delimitado para o espaço virtual

Fazendo uma retrospectiva de como a Rede-SANS foi se constituindo, cada palavra, cada ideia daquela época fazem sentido e explicam o que temos hoje, mas naquela ocasião não tínhamos a menor ideia de como as coisas se processariam. Hoje, as conexões também se tornaram mais evidentes. Aos poucos, fomos nos apropriando do conceito de rede. A primeira vez que essa palavra nos chamou a atenção foi num encontro realizado no INHAH para discutir o que na época foi chamado de "Unidade Básica de Alimentação e Nutrição", que teria por objetivo tratar das questões de SAN na comunidade, numa reunião de trabalho apoiada pelo MCTI, em 2007, para subsidiar o processo de parceria do INHAH/MCT. Nesse encontro foi levantado que a política de SAN, ao representar-se como uma articulação intersetorial, não poderia se fechar num espaço físico delimitado, e que, nesse caso, o conceito de rede seria mais apropriado. Porém, naquele momento, ainda nos parecia muito abstrato.

Em 2008, quando nos reunimos para colocar no papel o projeto de criação dos polos regionais, a palavra "rede" foi usada, mas para designar uma rede de centros de referência, possivelmente a partir de um desejo, não tão definido, de plantar a SAN nos territórios nos moldes do SUS. Era uma proposta com raízes no movimento social, mas se apresentava de forma institucionalizada e referenciada mais nas instituições de ensino que no poder público. Houve a partir daí um processo de amadurecimento, quando se descobriu que uma rede se faz com pessoas interconectadas.

Na defesa da proposta junto à Finep, em 2008, os polos regionais seriam construídos a partir dos embriões de centro de referência em Duque de Caxias, Itaipu e Indaiatuba e também em locais em que, embora não houvesse projeto de Centro de Referência, havia ações do INHAH, tais como Pesqueira, em Pernambuco, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e em municípios do estado de Minas Gerais. Nas regiões Norte e Centro Oeste, novos contatos deveriam ser estabelecidos, para que se criasse ao menos um núcleo em cada região. Nesse momento, o desenho de um organograma vertical deixou de representar a articulação pretendida e surgiu o Polo Virtual, integrando os centros. Foi a primeira versão da Rede. Era uma rede de CRSANS com um centro articulador (Figura 1).

Essa defesa, quando se optou pela apresentação ao MCT/Finep sob a execução da Unesp e coexecução do INHAH, foi realizada em reunião no INHAH com representantes da Finep e dos Fundos Setoriais do MCT. Contou com representantes da Universidade Federal Rural da Paraíba, do Parque Tecnológico Itaipu, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Minas Gerais, além de outros representantes da sociedade civil. Foi

quando se firmou o compromisso de estabelecer parcerias com universidade federais das regiões Norte e Centro Oeste. Os contatos com a Universidade Federal de Goiás foram feitos por telefone, com a intermediação de docentes da Universidade Federal de Minas Gerais. No caso da Universidade Federal de Roraima, além dos contatos telefônicos, foi realizada uma visita àquela universidade e à região, até que a parceria se estabelecesse e se tivesse uma noção das especificidades das demandas na região.
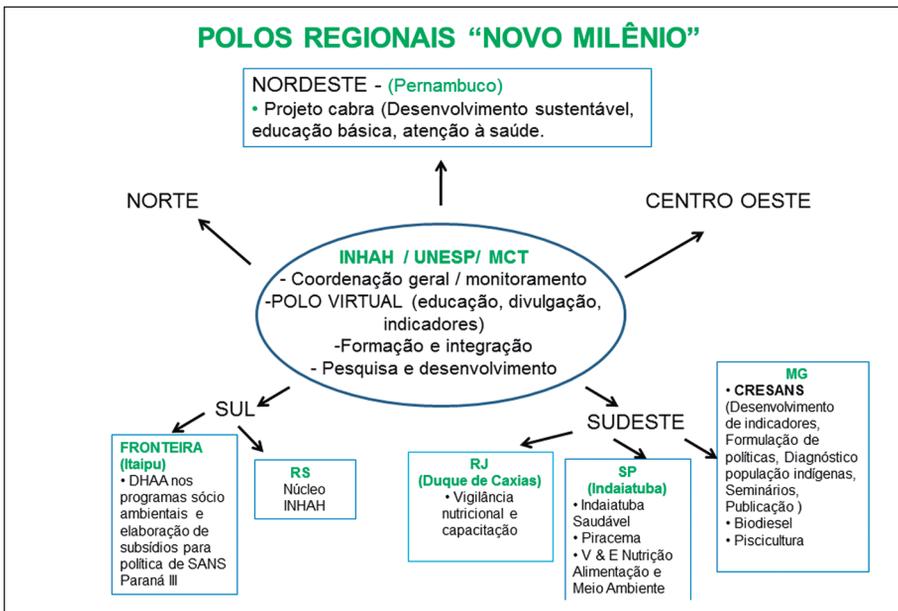
Figura 1 – Representação dos polos regionais, incluindo os locais de atuação do Instituto Harpia Harpyia, 2008

Em 2008, o CRSANS Martin Luther King já estava em funcionamento em Duque de Caxias como uma unidade auxiliar de atividades de ensino, pesquisa e extensão da Unigranrio. Em Foz do Iguaçu, o CRSANS Tembi'u y porã começava suas atividades, e em Indaiatuba havia sido inaugurado o prédio do CRSANS Indaiatuba Saudável. A prefeitura desse município recebeu recursos do MCTI para a construção do polo, que deveria atender a articulação de SANS entre os municípios daquela região. Por questões político-partidárias, esse centro não se consolidou na região.

As atividades previstas para os polos regionais envolviam a construção de indicadores, o desenvolvimento de metodologias, educação a distância e semi-

presencial, além de publicações. Deveriam contribuir com o desenvolvimento local e o estabelecimento dos sistemas locais de SANS.[1] Para sua efetivação, teria sido necessário o envolvimento de grande contingente de pessoas, e a sustentabilidade das estruturas dependeria de recursos públicos e de parcerias com o setor privado. Nesse sentido, a Rede-SANS, por ser uma articulação, apresenta maior flexibilidade quanto aos recursos para sua manutenção. No entanto, formação de pessoas, pesquisa e desenvolvimento demandam recursos, não importa seu tipo de organização.

Vislumbrou-se a alternativa da captação de recursos por meio de projetos de pesquisa para as atividades de pesquisa dos polos regionais, assim como para a continuidade dos trabalhos de pesquisa na Rede-SANS.

Ainda em 2008, na proposta feita para os polos regionais, em um primeiro momento, as ações dos CRSANS abrangiam um leque maior de questões, envolvendo o direito e a geração de renda. Com o tempo, e já na versão do projeto de articulação da Rede-SANS (2011-2012), o foco foi se voltando mais para a formação em SAN, para a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (Ministério da Saúde) e para a Política de Alimentação Escolar (Ministérios da Educação e da Agricultura Familiar). A questão da preservação ambiental e do uso indiscriminado de agrotóxicos também tem ocupado a pauta da Rede.

Os processos formativos são pautados no princípio da educação popular, crítica e emancipadora, no entanto, em sua trajetória até 2012, não se atingiu um estágio de maturidade, ou não se desenvolveu a ferramenta adequada para dar conta desse processo, da forma como se desejava. Talvez por isso, a questão do direito não foi suficientemente discutida.

Nossa proposta de trabalho partiu de pressupostos metodológicos que já vinham sendo perseguidos pelo grupo, e algumas lições foram aprendidas:

- Em primeiro lugar, considerou-se que é preciso conhecimento da realidade em que se pretende atuar e que as fronteiras políticas são tão ou mais contundentes que as geográficas. As relações que se estabelecem entre sociedade civil e poder público e no interior dessas instâncias são muito particulares, ao mesmo tempo que recebem forte influência coletiva. Ou seja, as decisões são individuais, mas muito influenciadas pelo que os outros estão fazendo, desejando ou decidindo.

1. SANS: Segurança Alimentar Nutricional Sustentável. A palavra "sustentável" foi inserida ao conceito por dom Mauro Morelli na gestão do Consea-SP entre 2005 e 2006.

- O aporte de recursos do governo é fundamental para as atividades de articulação da sociedade civil. Os encontros presenciais se fazem indispensáveis nesse processo.
- Metas com prazos bem definidos: isso parece estranho para uma articulação de pessoas no princípio das redes sociais, mas foi a partir das metas propostas para a articulação da Rede-SANS e de metas particulares que o trabalho foi sendo monitorado e reprogramado. Estabelecidas a cada encontro, funcionaram como pacto de ação entre as pessoas. Muitos desses pactos não foram cumpridos, por motivos diversos, entre os quais, a falta de tempo.
- A ação intersetorial é um dos fundamentos da política de SAN e foi uma prática muito perseguida nesses dois anos. Tivemos exemplos concretos de trabalho intersetorial e promovemos muitas aproximações, mas também descobrimos que temos um longo caminho a percorrer até que essa prática se dissemine como estratégia política e técnica para a introdução da política pública de SAN. E esse tema será retomado no decorrer deste livro.
- Quanto ao aporte técnico, é preciso antes definir para qual atividade, para quem e em que momento ele deve ser utilizado. Podemos falar do diagnóstico local, da tecnologia da educação a distância ou de construção do site. Em alguns momentos tivemos de rever nossas decisões por falta de experiência em alguns assuntos. Sobre a articulação da Rede-SANS, o aporte técnico de um especialista foi importante para percebermos que não há técnicas previamente estabelecidas e que as ações devem obedecer a seu curso natural; é preciso estar atento, ouvir, perceber... Estratégias de articulação formatadas e tecnicamente comprovadas não foram as que funcionaram melhor.
- O trabalho em rede rendeu frutos no sentido de fortalecer o movimento de SANS no interior do estado de São Paulo e também possibilitou troca de experiências.
- O sentimento de pertencimento, de vínculo, é imprescindível para o êxito de uma proposta de trabalho. A comunicação e o envolvimento nas atividades desde o início promoveram esse sentimento e favoreceram a participação ativa das pessoas. Buscamos promover a comunicação entre as pessoas, veicular informação de forma transparente, estar atentos aos desejos e demandas de todos, dar voz à coletividade. Isso não quer dizer que foi simples. A comunicação virtual teve muitas falhas, talvez pela falta de familiaridade do grupo com as ferramentas e também por nossa dificuldade em desenvolver novos caminhos, mais flexíveis e menos presos às estruturas hierárquicas. Na posição de coordenação, tentamos controlar o

processo o mínimo possível. Foi difícil conter nosso impulso de pensar que sabíamos do que os outros precisavam e o que deviam fazer, e a necessidade manifesta do grupo (porque estavam acostumados assim) de que alguém lhes dissesse o que fazer e depois lhes cobrasse os resultados.

- O processo de diagnóstico das ações locais se deu orientado por um instrumento que foi historicamente sendo construído em Piracicaba e depois na região. Foi muito bem aproveitado, em especial nos municípios em que já se dispunha de articulação intersetorial e onde alguma força política aglutinou os setores do governo e a sociedade civil para realização de um diagnóstico e, a partir dele, organização do planejamento. Cada município que participou da articulação da Rede-SANS contou com um articulador; todos tiveram que refletir, buscar parcerias, avaliar onde se estava e o que era possível ser feito.
- Os projetos da própria comunidade puderam ser concretizados a partir do planejamento que sucedeu ao diagnóstico. Isso não significa dizer que nesses dois anos havia recursos para projetos específicos da comunidade e que em todos os municípios tenham surgido grupos organizados a ponto de propor projetos em SAN. No contexto da Rede, desenvolveram cursos de formação a distância, dedicaram-se à constituição dos conselhos de SAN, entre outras atividades de interesse. Foi proposto e desenvolvido um curso de formação para apresentação de projetos nos moldes da Fundação Banco do Brasil, com a participação de quase metade dos municípios.
- Num processo de articulação da natureza da Rede-SANS, o monitoramento e avaliação se fez presente pela própria contingência do processo de liberação de recursos. As atividades planejadas para atingir cada meta foram monitoradas e os resultados, processualmente avaliados. Os bolsistas fizeram relatórios mensais de atividades, que foram sistematizados e confrontados com o que havia sido planejado. Houve o exercício contínuo de rever e repactuar nossos compromissos. Para ter todos os registros, tivemos de ser muito persistentes nas "cobranças".
- Gerir recurso público não é coisa fácil, e usá-lo com responsabilidade foi tomado como princípio na Rede-SANS. A burocracia e a morosidade do processo criaram alguns entraves para o andamento das atividades conforme o planejado. As contas do projeto de articulação da Rede-SANS foram anualmente auditadas por assessoria externa, garantindo o uso correto dos recursos.

Como visto, os pressupostos metodológicos explicitados na primeira versão do projeto valeram para o trabalho desenvolvido na Rede-SANS nesses dois anos. No entanto, falta ainda discorrer sobre o momento em que a Rede-SANS foi concebida como uma rede social. Esse salto ocorreu no processo de proposição do projeto para o estado de São Paulo e quando começamos a envolver pessoas, resgatando vínculos construídos desde 2005. Algumas diretrizes indicadas por técnicos da Finep foram importantes nesse processo, entre elas, a concentração das atividades no estado de São Paulo e mesmo os questionamentos levantados na primeira versão da proposta, obrigando-nos a teorizar sobre nossos propósitos.

No primeiro parecer, tivemos de responder a alguns questionamentos, cujas respostas serão sumarizadas a seguir:

> Não é explícito no projeto qual o conceito de rede adotado. A proposição desenha um modelo na linha da rede de difusão de informação, tipo *broadcasting*, bastante centralizada. Os coordenadores dos polos fazem parte da coordenação geral e nem estão presentes nesse trabalho os atores sociais governamentais e da sociedade, das áreas de Saúde e Segurança Alimentar, que teoricamente darão sustentação à rede quando o projeto terminar.
>
> Parece haver uma confusão entre a coordenação do projeto e a da rede, que deve ser autônoma.
>
> O desenho proposto mostra uma morfologia de rede centralizada e não descreve as dinâmicas de distribuição de poder que caracterizam o padrão rede como gerador de autonomia, horizontalidade, democracia, coesão e interação social. A estrutura de coordenação proposta é constituída apenas pela equipe do projeto, o que é fator de insustentabilidade da rede.

Comentário geral

De fato, alguns aspectos que nos são muito preciosos talvez não tenham sido devidamente explicados na descrição do projeto. O fato é que não era o momento de chamar os atores dos 27 municípios para uma participação mais ativa na elaboração da proposta e não nos pareceu que deveríamos esperar chegar mais gente para juntos pensarmos o detalhamento da proposta. Apesar disso, realizamos dois seminários (um em 2008 e outro em 2009) e mantivemos contato direto com os atores de SANS ou da atenção básica de vários dos municípios, que constituem o embrião da Rede-SANS. O "caminho se faz ao caminhar" e a conformação de uma rede social não é algo previsível. Entretanto, concordamos que

poderíamos ter deixado explícito que estamos propondo um processo distribuído, sem centro, não hierarquizado, ligando pessoa a pessoa em torno de um objetivo comum.

As atividades previstas no projeto de formação de pessoas e difusão de informação não constituem em si a rede, mas atendem à demanda apresentada nos dois seminários que contaram com a participação de representantes de SANS e saúde de pelo menos quarenta municípios. A rede, um sistema de fruição, se fará pela interação de pessoas com um mesmo objetivo e de forma autônoma intra e intermunicípios. Em nenhum momento se pensou num processo diretivo. Ele vai radicalmente contra o que acreditamos. Nesse sentido, valemo-nos das palavras de Varela para dizer que acreditamos que o conhecimento emerge da história da ação humana, das práticas humanas recorrentes. Não é, absolutamente, algo que se possa tratar como uma estocagem simbólica suscetível de transmissão. Não se pode passar o conhecimento de um lado para o outro. Ele se constrói sempre sobre a base de um novelo de ações, e é sobre a lógica desse entremeado que é preciso agir, para poder, justamente, abri-lo para a flexibilidade e a transformação.[2]

E complementamos com as palavras de Assmann (1997):[3]

> Além da intervenção – sempre bastante limitada – da intencionalidade consciente, existe toda uma complexa dinâmica auto-organizativa em todos os processos vivos, tanto no plano dos organismos, como no território sócio-histórico. Nesse sentido, há que se agregar na educação temas, tais como sistemas complexos e adaptativos, sistemas aprendentes, parâmetros dinâmicos e auto-organizativos.

A ideia é colocar a equipe do projeto a serviço das interações sociais locais e não o contrário. Temos percebido que os agentes locais estão cansados de "pacotes prontos", sem nunca ser consultados. Queremos empoderar as comunidades, aprender e fazer juntos. Daí que, guardada a preocupação de não criar na comunidade a dependência de um recurso que findará com o projeto, não nos vemos como a "igrejinha" da universidade – fazemos parte de um grupo que, ao interagir com a comunidade, se sente parte dela. De fato, nós nos enxergamos como pontos de intersecção da rede e gostaríamos de continuar assim. Contudo entendemos a preocupação do consultor. Também não nos agrada o termo

2. Varela, Connaissances et représentations. In: Assmann, *Alguns toques na questão "O que significa aprender"*.
3. Assmann, op. cit.

"coordenador", adotado em função da nomenclatura disponível no formulário da proposta.

De fato, no projeto há um grupo de pessoas reunido com a finalidade de cumprir uma tarefa: montar um laboratório de educomunicação voltado às tecnologias para o monitoramento nutricional e a promoção da alimentação adequada, saudável e solidária, o que não se pode confundir com a rede. Esta, como fenômeno social, independe do laboratório, o qual surgiu como uma conquista da rede em formação. Há uma incipiente conexão horizontal entre pessoas envolvidas com a saúde e com a SAN, seja dos serviços, seja de universidades nos municípios de Piracicaba, Indaiatuba, Araraquara, Ribeirão Preto e Botucatu, que formaram os núcleos de gestação do projeto.

A rede será formada pela interação das pessoas no espaço comunitário. Foi o que se quis dizer ao colocar no objetivo geral do projeto que a rede será "animada por equipes intersetoriais locais". Naqueles espaços comunitários que conhecemos e em que interagimos há equipes de saúde, docentes, estudantes universitários e secundaristas, pessoas da comunidade e prestadores de serviço locais (assistentes sociais, pastores, professores e diretores de escolas, entre outros), que constituem pontos de conexão.

Comentários a questões formuladas pelos técnicos da Finep

(a) Quem são os enredados? Quem são as pessoas/seguimentos sociais/instituições cujas interações produzirão a rede?

Quem pode entrar na rede? Todas as pessoas interessadas na construção coletiva de conhecimentos e tecnologias para o monitoramento nutricional e a promoção da alimentação adequada, saudável e solidária no espaço comunitário. Quem receberá convite para entrar na rede? As pessoas identificadas em 27 municípios do estado de São Paulo com interesse na construção coletiva de conhecimentos e tecnologias para o monitoramento nutricional e a promoção da alimentação adequada, saudável e solidária no espaço comunitário. Quem animará a rede local? Os *netweavers* (usando o termo empregado pelos especialistas) serão pessoas do local, que apenas na vigência do projeto receberão uma bolsa, a título de ajuda de custo. Quem animará a rede das redes locais? O polo virtual situado no laboratório de educomunicação da Unesp. Findo o projeto, essa atividade deverá ser inserida no programa de extensão da Universidade. O laboratório deverá se constituir como espaço de atividades de ensino, pesquisa e extensão em SANS e saúde.

A rede conectará pessoas. Entretanto, o projeto já conta com o apoio da Unesp, do INHAH, de universidades (Unimep, Unimar, Unaerp, Uniara) e

de diversas prefeituras. Assim, a rede social propriamente dita será formada pela interação das redes sociais dos 27 municípios em seis áreas do estado de São Paulo (polos regionais). Porém, haverá outra organização, em formato de rede de apoio, promovendo a comunicação e facilitando o processo, constituída de universidades, departamentos regionais de Saúde (DRS), secretarias municipais de Saúde e outras secretarias municipais.

Imaginava-se o polo virtual com videoconferências, blogs, fóruns de discussão, vídeos, manuais e tudo aquilo que, coletivamente decidido, fosse uma ferramenta útil para a viabilização da comunicação das pessoas, com vistas à construção do conhecimento necessário aos objetivos da rede. Os grupos se auto-organizariam a partir dos objetivos do projeto e conforme a realidade local. Dependendo da complexidade e tamanho do município poderá haver na rede social do mesmo município um ou vários grupos.

Na proposta foram incluídos um coordenador de área (três a cinco municípios), um bolsista e um facilitador para cada município. E aqui se faz necessária uma referência sobre o perfil do coordenador de área. Será um bolsista do projeto, mas preferencialmente alguém que já desempenha um papel na rede regional. O termo "coordenador" pode ser substituído, sem qualquer prejuízo, pelo termo "*netweavers*". Será alguém a serviço da rede, que deverá trabalhar para a horizontalidade e sustentabilidade do processo em sua região.

O processo de formação presencial será destinado aos facilitadores de cada município, os quais serão recrutados e indicados pelos agentes da rede local. Qual o perfil desse colaborador? Uma pessoa engajada e comprometida com os propósitos da rede no território de abrangência do projeto em cada um dos municípios participantes.

Concomitantemente e de forma mais frequente, há o processo de formação a distância, formatado a partir das demandas da rede. Presume-se atender a demandas para o ensino quanto à utilização das ferramentas de comunicação virtual, assessoria para a escolha dessas ferramentas e produção de materiais. Essa assessoria do laboratório de educomunicação terá de ser feita por intermédio de ferramentas de educação a distância e tutoria da equipe local do projeto.

(b) Como será o acesso à internet para os cursos do polo virtual?

A internet é a principal ferramenta da rede, mas não a única. É possível que em alguns municípios se tenha de lançar mão de outros meios de comunicação (rádio, correio), uma vez que já houve essa experiência. Acredita-se que ao final dos dois anos todos possam estar conectados à internet, mas, em alguns casos, esse fato será uma conquista da Rede.

Entre as primeiras tarefas, necessariamente, terá de ser incluído o levantamento dos recursos de informática existentes no território de abrangência do projeto e, se computadores e acesso à rede de informática não estiverem disponíveis no local de atuação das pessoas, deverão ser buscadas parcerias para democratização de tal tipo de comunicação (escolas, Sistema S, universidades, igrejas, outros).

Partindo do pressuposto de que em determinado momento todos estarão conectados à rede virtual, o polo virtual mostrará a rede social com todos seus pontos de conexão. Essa teia em constante processo de construção terá áreas de acesso livre e restrito. O acesso será restrito, nas áreas específicas, a cada grupo auto-organizado por tarefas, cujo trabalho produzido demandará apoio do laboratório de educomunicação para sua qualificação técnica. Haverá sempre espaço de acesso livre para manifestação de opinião e sugestões referentes ao trabalho da rede. O ingresso das pessoas nos grupos também será livre, mas pautado pelo compromisso e envolvimento dessa pessoa com os objetivos do grupo. Da mesma forma, o objetivo de cada grupo conectado ao polo virtual deverá estar em consonância com as metas da rede.

O polo virtual deverá ainda disponibilizar material de acesso livre – biblioteca, videoconferências, aulas, cursos –, produzido ou organizado pelo laboratório de educomunicação e por grupos de pesquisa e desenvolvimento em saúde e SANS.

Do ponto de vista teórico, para justificar essa conformação de rede, podemos recorrer ao pensamento complexo de Edgar Morin. Entre os princípios metodológicos e, nesse caso, o método entendido como caminho/ensaio/estratégia, o princípio sistêmico organizacional versa sobre a religação do conhecimento das partes ao todo e do todo às partes.

> Sabemos, por outro lado que, do ponto de vista sistêmico-organizacional, o todo é mais que a soma das partes. Esse "mais que" designa fenômenos qualitativamente novos que denominamos "emergências". Essas emergências são efeitos organizacionais, produto (produzir: trazer ao ser) da disposição das partes no seio da unidade sistêmica. Por outro lado, se o todo é "mais" que a soma das partes, o todo é também "menos" que a soma delas. Esse "menos" são as qualidades que ficam restringidas e inibidas por efeito da retroação organizacional do todo sobre as partes.[4]

4. Morin, *Educar na era planetária*.

(c) *Quem são as pessoas/segmentos sociais/instituições que serão capacitados?*

Há uma primeira capacitação implícita, a da equipe do projeto, que envolve pesquisadores, alunos de graduação e técnicos. A conexão dessas pessoas de diferentes áreas e regiões do Estado em torno de uma ação intersetorial voltada às políticas de saúde e SAN pressupõe a ampliação dos horizontes dessas políticas e da própria pesquisa e desenvolvimento na área.

A capacitação presencial de técnicos dos 27 municípios busca o desenvolvimento das habilidades de facilitação do processo de comunicação e construção coletiva, imprescindível à promoção do desenvolvimento humano e local.

Conforme as demandas percebidas, o processo de formação a distância poderá envolver equipes de saúde, agentes sociais, lideranças comunitárias, conselheiros de SAN e de saúde, professores, entre outros. Dependendo do formato e da ferramenta utilizada, o acesso poderá ser livre ou restrito, e este último desenvolvido para atender a demandas específicas.

(d) *Qual o conceito de rede adotado? Como será a aprendizagem para o trabalho em rede? Em que momento do projeto?*

Como discutiremos mais adiante, estamos partindo do princípio de que a rede social deve se configurar por relações/conexões do mesmo tipo (pessoa-pessoa) distribuídas em base não hierarquizada,[5] articulada em torno de um objetivo comum.

Para trabalhar em rede será preciso compreender/construir coletivamente seu conceito, selecionar as ferramentas (tecnologias) de comunicação a serem utilizadas e aprender a trabalhar com elas. Esse processo terá início com o projeto, abrangendo a equipe da proposta e todos os enredados, e será facilitado por especialistas em redes sociais e em informática, em momentos presenciais e a distância. Será preciso pactuar os objetivos da rede e a metodologia de trabalho com cada pessoa que se juntar a ela. Essa será a primeira atividade presencial com os facilitadores dos 27 municípios. Esses colaboradores, com auxílio de um estagiário, deverão replicar o aprendizado com as pessoas que chegarem. Ao mesmo tempo, o laboratório de educomunicação promoverá o ensino/suporte a distância.

5. Embora não exista um ponto fixo de separação entre distribuição e hierarquia (a rede será tanto mais distribuída quanto menos hierárquica), uma rede não tem centro, mas sempre terá algum grau de hierarquia. O conceito de rede comporta também a relação horizontal entre duas organizações.

(e) *Como será a sustentação financeira dos serviços essenciais da rede: comunicação, animação, coordenação e reuniões presenciais regulares, após o encerramento do projeto?*

A rede será a representação das interações horizontais entre pessoas; entretanto, estas terão que obter o apoio de suas instituições. No âmbito regional, isso se tem mostrado possível. Por exemplo, nos municípios da região de Piracicaba, as articulações realizadas em torno das políticas de SAN e de SAN na saúde foram apoiadas pelas prefeituras. É preciso que a Rede se torne um patrimônio coletivo, algo apropriado pela comunidade, a ponto de ser reconhecida como legítima pelos gestores. É certo que, na prática, essa relação, que envolve vaidade e poder, não é tão simples; o que funciona numa gestão pode não funcionar na outra. Teremos de buscar alternativas, posto que as redes sociais configuram-se como estruturas flexíveis e adaptativas.[6] Comunidades comprometidas e envolvidas com o processo (e aqui se incluem os técnicos dos serviços) é que poderão garantir sua sustentabilidade. É preciso ainda que os resultados sejam positivos e adequadamente contabilizados.

Comentários e discussões de recomendações do parecer do consultor

(a) *Fundamentar a proposição da rede, adotando um conceito e explicando de forma mais detalhada sua articulação e universo de atores sociais.*

Sobre o conceito de rede, do lugar de onde a maioria de nós fala, a definição nos foi dada pela Organização Mundial da Saúde: "Um agrupamento de indivíduos, organizações e agências arranjados em uma base não hierárquica em torno de questões ou preocupações comuns que são aplicadas de forma proativa e sistemática, com base no compromisso e na confiança" (tradução nossa).[7] Conforme o diagrama de Paul Baran,[8] amplamente adotado pelos teóricos da área, essa rede se configura por relações do mesmo tipo de forma distribuída e não hierarquizada; uma teia horizontal de conexões de pessoas que se autorregula (em termos de conexões). Nesta mesma linha, podemos recorrer à definição de um dos importantes teóricos das redes sociais, Manuel Castells: "Rede é um conjunto de nós interconectados. As redes são flexíveis e adaptáveis que, movidas pela tecnologia da informação, podem executar qualquer tarefa que tenha sido por elas programada" (tradução nossa).[9]

---

6. Castells, Toward a Sociology of the Network Society, *Contemporary Sociology*, v.29, n.5, p.693-9, 2000.
7. WHO. *Health Promotion Glossary*.
8. Baran, *On Distributed Communications*.
9. Castells, op. cit.

É certo que a equipe de concepção do projeto não envolveu especialistas em redes sociais. Entretanto, nessa equipe se fala também do lugar de biólogos e educadores, que, em suas práticas, têm incorporados os conceitos de teoria geral dos sistemas, caos, complexidade, auto-organização, entre outros, necessários à compreensão do fenômeno das redes sociais. Há, também, na equipe, em processo de inserção no projeto, cientistas sociais que nos ajudarão a entender e integrar conceitos importantes para a compreensão do processo.

Pelo conceito, entendemos que as relações serão do mesmo tipo, já que todos estarão trabalhando com o mesmo objetivo em um fluxo horizontal de trabalho e conhecimento. Não pressupõe relação de mando nem de concorrência. Na prática, todos poderão se reportar a todos, guardados os princípios da unidade no todo e o todo na unidade. O sentido não hierárquico tem relação com a ampliação do número de caminhos.

Não dá para negar que aquele que possui um conhecimento, que pode ser de um princípio, de uma técnica ou da história do lugar, encontra-se em posição de autoridade naquele quesito. E a rede social se encarregará de reconhecer e respeitar quem reparte/multiplica um conhecimento, sendo ele acadêmico ou não, visando assim qualificar o trabalho de todos. Não fosse isso, não estaríamos nos esforçando para convencer um especialista em redes sociais que nosso projeto pode ser qualificado.

A rede social já existe; busca-se ampliar as possibilidades e multiplicar as conexões ao conectar as pessoas que já interagem com o polo virtual e ampliar as possibilidades de conexão e, assim, os caminhos pelos quais as mensagens podem trafegar. Hoje as conexões são tímidas. No âmbito do Estado, elas ocorrem apenas entre pesquisadores de várias instituições de ensino superior. No âmbito do município, se dão entre os diversos atores envolvidos com SAN e saúde. Um exemplo interessante é o processo em curso em Piracicaba, onde há, desde 1995, importante interação entre os atores envolvidos com as políticas de saúde e SAN. Outros municípios, como Araraquara e Botucatu, também podem ser citados. É interessante notar que nesses municípios há sempre o papel facilitador de professores e alunos universitários. Por essa razão, acreditamos no potencial da academia na promoção do desenvolvimento local, com o que justificamos o contingente de universitários de cada região envolvidos no processo.

(b) Incluir, no processo de capacitação, conteúdos e práticas para aprendizagem sobre redes sociais. As metodologias devem favorecer a aprendizagem colaborativa, por meio de conversações com formatos abertos.

No processo de capacitação será possível incluir debates, seminários, oficinas, palestras e estudos livres. Essas atividades serão disponibilizadas no polo

virtual para todos os enredados ou mesmo para acesso totalmente livre. No processo de formação presencial dos facilitadores haverá a presença de um tutor, que apoiará a elaboração de um programa de estudo. Nessas atividades estarão inseridos os conteúdos e práticas sobre redes sociais.

Parte-se do princípio que

> padrões são mensagens e podem ser transmitidas como tal. Que os comportamentos dos indivíduos são condicionados, ao mesmo tempo, tanto pela forma peculiar de interagir com os outros seres humanos – emitir, processar e receber mensagens – quanto pela configuração e pelo funcionamento geral da teia de conexões em que esse indivíduo está inserido.[10]

Em termos de ferramentas, têm-se disponíveis os recursos de comunicação da Unesp. Contudo não se descarta o uso de aplicativos livres que possam facilitar o processo de comunicação. Isso dependerá de uma avaliação prévia das condições de informatização do lugar.

(c) Inserir a rede no projeto como uma estratégia para a integração das políticas públicas de saúde e segurança alimentar, sendo este o objetivo maior do projeto.
A redação do objetivo geral passa a ser a seguinte:

> Integrar as políticas públicas de segurança alimentar e nutricional e de saúde, utilizando como estratégia de fomento à organização de uma rede social (Rede-SANS) voltada à integração, produção e difusão de conhecimentos e tecnologias para o monitoramento nutricional e à promoção da alimentação adequada, saudável e solidária no espaço comunitário de municípios paulistas; sendo esta animada por equipes intersetoriais locais; e avaliar propositivamente as ações e os desdobramentos do monitoramento nutricional no contexto do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) no estado de São Paulo.

(d) Inserir no projeto uma atividade de mapeamento dos atores sociais (pessoas e instituições) das redes formais e informais de saúde e segurança alimentar que atuam nos territórios abrangidos pelo projeto.

No segundo mês após o início do projeto, dar-se-á a divulgação do trabalho nos municípios, e, entre o terceiro e o quarto mês, serão constituídas as parcerias, para que no quinto comece a formação dos facilitadores e enredados para o uso das ferramentas de comunicação. E como se dará esse processo? Os primeiros atores

10. Franco, *Escola de redes*.

serão identificados pela ampla divulgação do trabalho nos municípios. Nessa fase de identificação e fomento à articulação da rede local deve ter início o trabalho de *garimpagem* dos atores e iniciativas com interface nos objetivos da Rede. É preciso cuidado com o processo de comunicação, para não gerar em quaisquer pessoas e segmentos os sentimentos de exclusão e muito menos de exclusividade. Esse mapeamento será nominal, mas com a evolução do projeto deverá constituir um diagnóstico do que existe e das necessidades das comunidades. Para isso serão realizadas oficinas locais apoiadas em técnicas tais como a do Diagnóstico Rápido Participativo. Poderão ser organizados grupos de trabalho intra e intermunicípios para a adaptação de instrumentos e realização desses levantamentos. O diagnóstico de cada município deverá culminar com a elaboração de um plano de ação e uma agenda local pactuada entre todos da rede local. A pesquisa de campo propriamente dita ocorrerá entre o nono e décimo segundo mês do projeto, quando já se deverá contar com um esboço do mapa do lugar.

(e) Ampliar na equipe executora a compreensão sobre o fenômeno das redes sociais.

A equipe do projeto passará a compor um grupo de estudos sobre os temas de interesse para a compreensão dos objetivos do projeto, tais como as redes sociais, o processo de produção do conhecimento, a comunicação humana, o processo saúde-doença, a fome e a superalimentação, a preservação do meio ambiente, entre outros. Esses temas poderão ser desenvolvidos por pesquisadores existentes na equipe do projeto ou por convidados, conforme previsto. Tais discussões serão disponibilizadas para acesso livre no polo virtual.

(f) A equipe de facilitadores e a coordenação da rede devem incluir pessoas que atuam nas áreas de saúde e segurança alimentar dos territórios de abrangência do projeto.

A atuação na interface da saúde e da SAN tem sido uma forte premissa para a agregação de pessoas à equipe do projeto. Nesse sentido, defendemos a permanência das pessoas para as quais estamos solicitando as bolsas, pois boa parte delas tem formação na área de saúde e atua na segurança alimentar e nutricional. Queremos ainda, com apoio de docentes da Faculdade de Agronomia, inovar as práticas educativas em saúde com a inserção de profissionais da agricultura e, com isso, ampliar a compreensão do conceito de SAN na saúde e vice-versa. Além disso, considerando a importância da interdisciplinaridade para a garantia da SAN, foram agregados na equipe pesquisadores de diferentes áreas, parte deles em processo de descoberta de seu papel. Nesse sentido, o INHAH dará suporte para a formação da equipe em SAN.

(g) *Interligar a pesquisa com a rede, seja como espaço de difusão dos resultados, seja como ambiente de geração e validação de informações.*

Como dito, a pesquisa auxiliará a rede local no diagnóstico de suas necessidades, proporcionando informações validadas para elaboração do plano de trabalho. Além disso, protocolos e resultados da pesquisa serão disponibilizados no polo virtual como um banco de dados de interesse público, podendo ser acessado por gestores, pesquisadores e outras pessoas que tenham interesse.

Foi com essas reflexões que demos mais um passo para a compreensão do processo de trabalho em rede. Depois de dois anos, perguntamo-nos se a ideia então formatada de como seria nossa rede se materializou. Em parte, sim; em parte, não. Sim, porque conseguimos articulação das atividades previstas, o espaço virtual foi concretizado e muitas atividades foram desenvolvidas em prol da SAN nos municípios envolvidos. O grupo de pessoas inicialmente articulado foi ampliado e a maioria das atividades desenvolvidas vem sendo mantida. Contudo, as pessoas têm buscado a Rede-SANS mais para usufruir do que para contribuir. Por outro lado, o processo de formação e de trocas de conhecimento e opiniões no meio virtual não atendeu às expectativas, não ao menos de maneira aberta, pois os fóruns de discussão gerados nos cursos de educação a distância (Interanutri) foram especialmente ricos.

A proposta final para o projeto de articulação da Rede-SANS

O objetivo final do projeto de articulação da Rede-SANS teve como foco a integração das políticas públicas de segurança alimentar e nutricional e a política pública de saúde. A proposta de integração das duas políticas surgiu da experiência do grupo com a pesquisa da área da saúde e foi um dos elementos que a diferenciaram da proposta inicial vinculada mais fortemente ao INHAH, que tinha um foco mais voltado para as atividades de produção e geração de renda. Nessa nova proposta, as ações de alimentação e nutrição na atenção primária à saúde passaram a ser objeto de pesquisa e o SUS seria o principal alvo de articulação. O enunciado do objetivo foi o seguinte:

> Integrar as políticas públicas de segurança alimentar e nutricional e de saúde utilizando como estratégia o fomento à articulação de uma rede social (Rede-SANS) voltada à integração, à produção e à difusão de conhecimentos e tecnologias para o monitoramento nutricional e à promoção da alimentação adequada,

saudável e solidária no espaço comunitário de municípios paulistas; sendo esta animada por equipes intersetoriais locais; e avaliar propositivamente as ações e os desdobramentos do monitoramento nutricional no contexto do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) no estado de São Paulo.

A proposta final para o projeto de articulação da Rede-SANS contemplou o estado de São Paulo com três metas:

1ª) desenvolver um site virtual, alimentado e utilizado por uma rede social em 27 municípios do estado de São Paulo trabalhando a SAN de forma integrada (Rede-SANS);
2ª) formar 27 equipes intersetoriais com competência para articular e animar a Rede-SANS, priorizando os territórios da cidadania;
3ª) elaborar um diagnóstico propositivo quanto à atuação qualitativa e quantitativa do Sisvan no estado de São Paulo.

A primeira e a segunda metas buscaram dar conta do processo de articulação e desenvolvimento local iniciado com as CRSANS, que operaram até 2007, quando ocorreu a desarticulação do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do estado de São Paulo. A terceira foi referente à pesquisa desenvolvida pela Rede-SANS em 65 municípios, tomando como base a metodologia utilizada no projeto de pesquisa para o SUS em 2007.

A articulação do trabalho a partir da saúde nos fez buscar o primeiro contato a partir de suas secretarias municipais, onde ainda não se dispusesse de alguém inserido na proposta. Ressaltamos que as pessoas inicialmente inseridas eram majoritariamente da área da nutrição, sendo que a equipe de articulação regional foi composta, em cinco regiões, por nutricionistas; em apenas uma, a formação da articuladora era em direito. Salvo algumas exceções, a indicação dos articuladores locais veio das secretarias de Saúde e foram basicamente nutricionistas, enfermeiros e assistentes sociais.

A Rede-SANS foi articulada a partir de 27 municípios, em seis regiões do Estado. Os municípios foram escolhidos por critérios políticos. Uma parte dos municípios foi referenciada pelos componentes da rede de colaboração do INHAH ou da Unesp, outra foi escolhida por apresentar baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e fazer parte dos territórios da cidadania[11] desig-

11. Os territórios da cidadania têm como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania a partir do desenvolvimento territorial. Disponível em: http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territriosrurais/one-community.

nados pelo governo federal. Na região 1, Piracicaba, Indaiatuba, Hortolândia, Leme; na região 2, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Batatais, Matão e Araraquara; na região 3, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Pirapozinho, Adamantina e Penápolis; na região 4, Botucatu, Marília, Lins e Pardinho; na região 5, Itapeva, Itararé e Capão Bonito; na região 6, Registro, Cananeia, Caraguatatuba, Suzano e Mauá. Desses municípios, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Pirapozinho, Itapeva, Itararé, Capão Bonito, Registro, Cananeia e Caraguatatuba foram incluídos por constarem em territórios da cidadania.

A adesão formal dos municípios à Rede-SANS foi necessária principalmente porque o trabalho envolvia a pesquisa e isso era exigência do processo de autorização da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa. A participação formal do município, de certa maneira, institucionalizou o processo. Essa é uma equação complicada, pois, se foram os municípios os responsáveis pela adesão ao trabalho da Rede-SANS, então esses ou outras instâncias do poder público deveriam assumir o trabalho de manutenção das atividades da Rede. De certa maneira, as atividades da Rede foram encaradas por muitos articuladores locais como se fizessem parte de mais um programa governamental e o articulador seria ali alguém designado pelo poder público para responder por esse programa, o que de certa forma pode ter prejudicado um pouco o empoderamento da sociedade civil no processo. Quanto ao gestor, em algumas situações, ele interferiu no processo, autorizando ou desautorizando a participação do articulador local.

Tal fato foi agravado com a sucessão dos prefeitos após as eleições municipais de 2012. Alguns articuladores locais tiveram que deixar seus cargos devido a reestruturações ocorridas juntamente com a troca de partidos políticos, o que levou à descontinuidade das ações da Rede-SANS nesses municípios.

De outro lado, quando o articulador surgiu do movimento popular, mesmo que fosse alguém do poder público, a inserção das atividades da Rede-SANS na agenda do poder público foi bem mais complicada e com prognóstico mais difícil de continuidade. De todas essas interações identifica-se um pequeno grupo de articuladores comprometidos com as causas da SAN, inseridos nas instâncias do poder público, seja como técnicos, seja como representantes da sociedade civil em plena atividade nas políticas públicas, que se dispõem a desenvolver atividades no contexto da Rede sem receber honorários específicos. Parece que é tal a lógica de atuação das redes sociais. No entanto, é difícil ignorar que essa foi uma rede induzida com forte presença do poder público.

Além da exigência de autorização das secretarias de Saúde dos municípios para a realização da pesquisa, iniciar a articulação pela saúde nos pareceu uma forma de ressignificar a SAN na saúde. A Política Nacional de Alimentação e

Nutrição (PNAN), editada em 1999[12] e reeditada em 2012,[13] antecedeu a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN),[14] com diretrizes consonantes com a PNSAN; no entanto, vínhamos percebendo que essas não estavam sendo priorizadas nos serviços por nós avaliados na região de Piracicaba, Botucatu, Araraquara e Marília, ou ao menos, não como esperado.[15] Pareceu-nos que, se o processo no município surgisse da saúde, seria mais fácil agregar outros atores num trabalho intersetorial, visto que as ações de SAN eram mais presentes nas secretarias de Desenvolvimento (ou Assistência) Social e de Agricultura. Nelas, as ações eram normalmente vinculadas às atividades de garantia do acesso ao alimento, associadas aos programas governamentais, tais como Bolsa Família, Restaurante Popular, Banco de Alimentos, entre outros. Nas secretarias de Agricultura estavam vinculadas ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Na saúde, o Sisvan funcionava precariamente na coleta de informações e nas ações da então Coordenadoria da Política Nacional de Alimentação e Nutrição de incentivo à alimentação saudável e adequada. Em 2009, os programas do Ministério da Saúde em alimentação e nutrição eram voltados para as carências nutricionais (suplementação de ferro, de vitamina A e de iodo). O *Guia alimentar para a população brasileira* havia sido editado em 2005,[16] e a CGPAN priorizava em suas ações os temas saúde na escola, incentivo do consumo de frutas e hortaliças, o consumo de alimentos regionais brasileiros, alimentação complementar para crianças e a redução do consumo de açúcares, gorduras e sal.[17] No entanto, essas ações eram

---

12. Brasil, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2003.
13. Brasil, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2013.
14. Brasil, *Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional* – Lei n.11.369, de 15 de setembro de 2006.
15. Camargo et al., Promoção e avaliação da atitude de Vigilância Nutricional na Atenção Básica à Saúde de municípios das Bacias Piracicaba-Capivari. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v.17, p.26-39, 2010.
    Ferreira; Detregiachi; Oliveira, Antropometria na atenção básica. *Nutrire*: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr. J. Brazilian Soc. Food Nutr., São Paulo, v.36, n.3, p.27-36, dez. 2011.
    Pereira, *Saberes e práticas educativas em alimentação e nutrição no cotidiano de trabalhadores da estratégia Saúde da Família*.
16. Brasil, Ministério da Saúde, *Guia alimentar para a população brasileira*.
17. Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição, *Relatório de gestão*: 2009.

muito incipientes ou quase nulas nas atividades das equipes de saúde. Foi daí que surgiu na missão da Rede-SANS, a promoção da alimentação adequada e saudável. O termo "solidária" é próprio da Rede-SANS e foi cunhado por dom Mauro Morelli, ampliando a dimensão desse conceito (Figura 2).

Alimentação		
Saúdável	*Adequada*	*Solidária*

A segurança alimentar nutricional sustentável integra os conceitos de alimentação saudável*, que contém todos os nutrientes necessários em quantidade equilibrada e livres de substâncias indesejadas.* Adequada *ao indivíduo no seu estado fisiológico, idade e outras necessidades específicas, e também à cultura do indivíduo no seu grupo social, confere identidade.* Solidária*, diz respeito à relação com outro (quem produz, quem prepara, quem necessita de alimento), no sentido de valorizar a vida em comunidade a partir de nossas escolhas alimentares.*

Figura 2 – Alimentação saudável, adequada e solidária na missão da Rede-SANS

No decorrer desses dois anos, vimos que a ação intersetorial a partir da saúde não floresceu como esperado e, em muitos municípios, outros setores tomaram para si o protagonismo do processo. As parcerias entre educação e agricultura foram mais frequentes. Outras poucas aconteceram para fortalecimento das atividades intersetoriais na atenção primária à saúde. Embora essas sejam práticas defendidas para a promoção da saúde, incluindo a aproximação dos setores saúde e agricultura,[18] são ainda necessárias diretrizes políticas e programas que facilitem a operacionalização dessa prática, como foi o caso da aproximação da agricultura com a educação.

18. Food and Agriculture Organization of the United Nations, *Sustainable nutrition security*, 2012.

Para encerrar, essa foi a imagem que encontrei para ilustrar as palavras finais sobre nossos desafios. As tartarugas estão no planeta há mais de 150 milhões de anos, os homens, há apenas 40 mil anos e parece que eles irão conseguir acabar com elas. Essa imagem pode também nos remeter à lentidão da máquina pública, ou ainda ao tempo demandado para que uma mudança de atitude ocorra.
Maria Rita Marques de Oliveira, I Seminário de Articuladores Locais, março de 2011.

Figura 3 – Sobre tempo, mudança e persistência

Sabemos que nossas escolhas interferiram e deram a tônica do processo. O que não sabemos é se os resultados teriam sido mais consistentes se outras estratégias tivessem sido executadas.

3
O TECIDO DA REDE: "CHEGOU MAIS UM"

Interações entre o poder público, universidades e sociedade civil: como tudo começou

O movimento da universidade
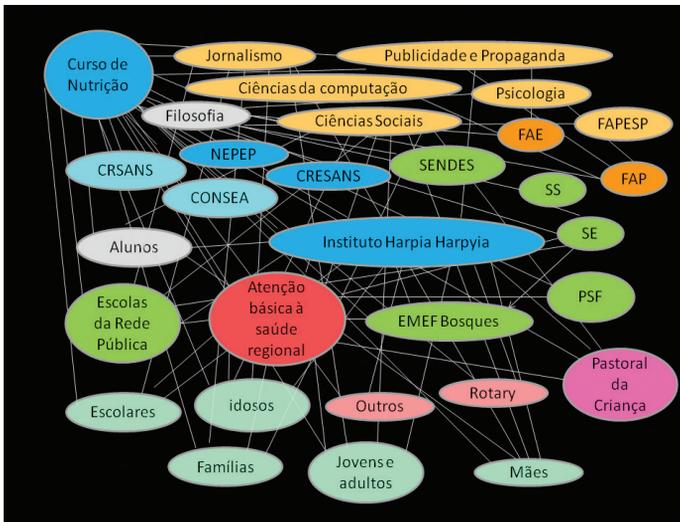
Figura 4 – A Rede existente na Unimep em 2007[1]

1. Apresentação preparada para apresentar os avanços do curso de Nutrição em agosto de 2007.

As primeiras interações entre poder público, universidade e sociedade civil, envolvendo o grupo que esteve mais engajado na proposta para o projeto da Rede-SANS, teve origem na Política Acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em 1992, mais especificamente no Projeto Pedagógico do Curso de Nutrição, de 2001, buscando resgatar o sentido humanizante e a função social ético-libertária da educação, tomando como método a interdisciplinaridade. O período transcorrido entre 2000 e 2007 foi de muita integração, antes mesmo da autodenominação de Rede (Figura 4).

A narrativa da articuladora local da Rede-SANS em Piracicaba, a seguir, faz referência a essa trajetória.

Márcia Juliana Cardoso
(bolsista ATP-A)
Articuladora local de Piracicaba

> Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi durante a faculdade, no curso de Nutrição, ainda sem saber muito sobre o que era SANS e como ela iria fazer parte da minha vida.
>
> Aprofundei-me no tema na carreira profissional, já atuando como nutricionista da Prefeitura de Piracicaba. Fui trabalhar exatamente no Sisvan de Piracicaba, que havia sido introduzido havia pouco mais de três anos.
>
> Em 2001, foi constituído o Comitê Gestor de SANS e fui chamada a participar como parte da Secretaria da Saúde e responsável pelo Sisvan do município.
>
> Esse Comitê era formado por técnicos das áreas de Educação, Agricultura, Meio Ambiente, Saúde, Universidades, Pastoral da Criança, Sesi, entre outros parceiros e setores, para diagnosticar as ações de segurança alimentar e nutricional e mapear prioridades nessa área. Contava com a assessoria do Instituto Pólis, professor Renato Maluf, o que trouxe um grande aprendizado para todos que participaram desse processo.
>
> Com as discussões já amadurecidas, algumas ações começaram a ser estabelecidas, como ampliação dos varejões municipais, pesquisa sobre insegurança alimentar, melhora da merenda escolar, acompanhamento do perfil nutricional das crianças na educação infantil.
>
> Em 2003, Piracicaba realizou sua primeira (e única) Conferência Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, quando o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea) da cidade foi empossado. O evento aconteceu nas dependências da Esalq com ampla participação da sociedade civil e do poder público.

Mesmo com o Comsea empossado e trabalhando, o Comitê Gestor passou a funcionar com grupos de trabalho, que discutiam e embasavam as reuniões do Comsea municipal. Ainda não fazia parte oficialmente do Conselho, mas mesmo assim sempre era convidada a participar das reuniões.

Numa nova gestão, com a professora Maria Rita como presidenta, avanços importantes foram realizados dentro da SANS em Piracicaba, juntamente com um Consea estadual atuante e criando meios para chegar até as cidades do interior, as Comissões Regionais (CRSANS), os Centros de Referência e Cozinhas de Referência.

Assim nasceu, em Piracicaba, a Coordenadoria de Programas de Alimentação e Nutrição (CPAN). Por meio de um convênio entre a Secretaria Estadual de Assistência Social e a prefeitura, o município recebeu verba para introduzir uma Cozinha de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional, mas que desde o início passamos a chamar de Centro de Referência, pois havia entendimento de que poderíamos fazer muito mais do que uma cozinha com a estrutura que possuíamos.

Em meio a todas essas mudanças, Piracicaba passou a ser a sede de uma Comissão Regional Bacias Piracicaba-Capivari, que abrangia treze municípios que se reuniam com certa frequência para discutir os problemas de segurança alimentar de cada um, trocar experiências e, no possível, se ajudar.

Com isso, além da experiência da intersetorialidade que há muito tempo já exercitava, também passamos a conhecer outras realidades, que, apesar de municípios próximos, eram bem diferentes em suas seguranças e inseguranças alimentares. Foi uma experiência muito rica, pois, apesar da proximidade, eram realidades muito singulares.

Em 2007, depois de algum tempo de trabalho da CRSANS, foi realizada em Piracicaba uma plenária regional, com os treze municípios da região para discutir e formular as políticas de SANS para a conferência estadual.

A participação na plenária regional e na III Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional em Águas de Lindoia foi muito importante para entender como é o processo de formulação de políticas de forma democrática, além de conhecer outras pessoas envolvidas com a SANS do estado todo.

O Comsea de Piracicaba, nesses anos, teve grande atuação no município, no estado e até em nível federal, com participações importantes em conferências de SANS.

Em 2011, o Consea-SP iniciou contatos, com objetivo de preparar a IV Conferência Estadual de SANS, e acabei participando desse processo, também por já ter um pouco de experiência na área, junto com mais municípios, inclusive alguns que fazem parte da Rede-SANS. Fiquei na Comissão de Legislação para

elaboração do regimento interno da conferência, resgate das propostas da última conferência estadual, contato com os municípios para envio das propostas e preparação do material para o evento.

Logo após a conferência estadual, o Comsea de Piracicaba foi nomeado e empossado e voltou a suas atividades no final do ano de 2011.

No final de 2010, fui convidada a participar do projeto Rede-SANS, coordenado pela professora Maria Rita, em parceria com várias universidades e o Instituto Harpia Harpyia. O projeto previa a articulação de uma rede entre vários municípios do estado de São Paulo para promoção da alimentação saudável, adequada e solidária. Entrei no papel de articuladora local, com a função de articular, no município, uma rede local de SANS.

No início, tive muita dificuldade de entender o conceito do projeto e em realizar algumas tarefas, pois não houve estímulo ou apoio por parte da secretaria na qual trabalho (Saúde), apesar de ter sido autorizada minha participação.

Não estava muito confortável no papel de articuladora, em certo ponto me senti sobrecarregada e cogitei sair do projeto, pois não acreditava que correspondia as minhas próprias expectativas e ao que a Rede-SANS esperaria de um articulador local.

Não saí e, com o tempo, passei a me apropriar mais desse papel e a desevolver algumas ações para iniciar a rede local. O retorno das atividades do Comsea foi essencial para que eu pudesse chamar alguns parceiros para as reuniões.

Os seminários contribuíram muito para o desenvolvimento das habilidades dos articuladores, e me sentia desafiada a melhorar toda vez que participava. Os palestrantes, as dinâmicas, as discussões, as propostas, sempre incentivavam o articulador local. Sem falar das trocas de experiências, que para mim são o ponto alto desses eventos, pois pude perceber que não era só eu que me sentia angustiada com os obstáculos e a falta de estímulo do poder público.

Após a saída da articuladora regional de Piracicaba, os articuladores locais de nossa região tiveram a iniciativa de se articularem mais entre si, para que esse fato não prejudicasse as ações da Rede. Percebi que passei a ficar mais ativa e participativa, para tentar ajudar os outros municípios próximos ao meu.

Os articuladores locais, principalmente de Leme, Porto Feliz e Piracicaba, passaram a se comunicar mais e a região de Piracicaba conseguiu realizar um encontro da Rede-SANS em Porto Feliz para divulgar as ações da Rede e conseguir a adesão de outros municípios. Esse evento teve a participação de vários municípios da região. Foi muito bom para os articuladores locais terem conseguido realizar um evento em nome da Rede-SANS, pois já havíamos planejado isso e por alguns motivos não tínhamos conseguido.

Em 2012, também logramos formar a primeira turma do Curso Interanutri – Professor e Agente, o que foi muito importante para divulgar as ações da Rede-SANS e nos ajudar a capacitar esses profissionais.

Na aula de encerramento, conseguimos articular com dois municípios da região (Hortolândia e Indaiatuba) e fizemos um encontro para apresentação dos trabalhos aqui em Piracicaba. Além disso, já conseguimos montar a segunda turma do Interanutri com professores, a qual se formará em dezembro.

Por participar da Rede, fui convidada a apresentar uma experiência desenvolvida em meu município em um evento da Rede-SANS em Presidente Prudente, o que foi muito gratificante. Estimulada também pelo meu trabalho em SANS, fiz o curso a distância da Abrandh sobre Direito humano à alimentação, dando-me outra visão sobre o assunto.

Em agosto, participei do I Seminário Estadual da Rede-SANS, em Águas de Lindoia, uma experiência muito boa, principalmente nos temas de cujas reuniões participei: consumo e publicidade de alimentos, assunto no qual tenho muito interesse, e pude assistir a excelentes apresentações na área.

Acredito que meu desempenho como articuladora local melhorou muito, e isso teve influência direta em meu trabalho na CPAN e no Comsea. O aprendizado que tive e venho tendo na Rede foi fundamental para isso e tem ampliado meu olhar sobre SANS.

Sei que minha contribuição para o crescimento e desenvolvimento da Rede-SANS talvez pudesse ter sido maior, mas estou feliz com minha participação. Por meio desse projeto, conheci muitas pessoas, formei novas amizades, tracei objetivos, adquiri conhecimentos, exercitei habilidades, desenvolvi projetos, divulguei ações, conheci vários municípios e várias realidades, tive oportunidades, saí da zona de conforto, busquei novas parcerias, trabalhei a intersetorialidade e, principalmente, melhorei como ser humano, profissional e cidadã.

O movimento da sociedade civil

O direito humano à alimentação e a segurança alimentar e nutricional nesse processo vieram principalmente pelas mãos da sociedade civil. Havia, e ainda há, um grupo de pessoas lideradas por dom Mauro Morelli, que não trabalha na universidade e participa do movimento de SAN. Algumas delas são membros do INHAH, outras atuam nas políticas locais de SAN, distribuídas no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande de Sul e São Paulo; estão ou estiveram envolvidas com as atividades do INHAH ou outras protagonizadas por dom Mauro. Em São Paulo, estamos falando de pessoas que fizeram parte das

CRSANS e que integraram o Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) estadual em 2006 e 2007. Foi nesse momento que ocorreu o encontro do movimento popular com a academia, em São Paulo, para esse grupo que liderou a articulação da Rede-SANS, lembrando que a proposta inicial envolvia outros centros acadêmicos e outros segmentos sociais.

Em determinados momentos da construção do projeto da Rede-SANS, pessoas ligadas ao movimento popular chegaram a questionar o papel da academia no movimento de SAN, se ela seria capaz de compreender e inserir-se na dinâmica dos movimentos populares. Talvez o projeto de articulação da Rede-SANS tenha ficado mais com a fisionomia da academia que do movimento popular. Não deixamos de incluir aqui o terceiro elemento, o poder público, que também ocupou grande espaço no projeto. A restrição geográfica do trabalho no estado de São Paulo limitou a participação de importantes lideranças da sociedade civil de outras regiões de atuação do INHAH.
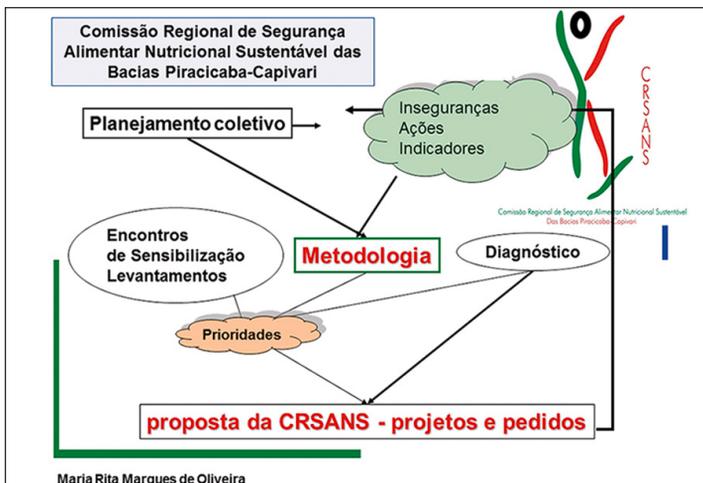
Figura 5 – Apresentação da CRSANS das Bacias Piracicaba-Capivari no Consea-SP, 2006

No contexto histórico da Rede-SANS, o principal ponto de interseção entre a academia e o movimento popular de SAN foi a CRSANS das Bacias Piracicaba-Capivari. Durante as atividades dessa comissão na região de Piracicaba foram desenvolvidos e executados diagnósticos das ações de SAN nos municípios daquela região. Os diagnósticos foram discutidos em um fórum e depois apresentados no Consea-SP, contribuindo com propostas para a III Conferência Nacional de SAN (Figura 5). Esse trabalho originou o projeto de pesquisa para o

SUS, que teve por objetivo avaliar as ações de vigilância alimentar e nutricional no âmbito da atenção básica do SUS, que recebeu apoio da Fapesp e Ministério da Saúde em 2007. Esse projeto foi eleito como uma das prioridades da CRSANS e vinha sendo gestado junto à Atenção Primária à Saúde e à Coordenadoria de Alimentação e Nutrição da Secretaria de Saúde de Piracicaba e ao curso de Nutrição da Unimep em Piracicaba já havia algum tempo. Na época, sua importância se devia à consideração do importante papel do agente de saúde como multiplicador das práticas de alimentação de nutrição na comunidade. Além do diagnóstico das ações, foram desenvolvidas oficinas sobre o papel do agente de saúde e as ações de alimentação e nutrição na atenção primária. Tais ações de formação de agentes de saúde para atuar na alimentação e nutrição já eram prática dos estágios de Nutrição em Saúde Coletiva do curso de Nutrição da Unimep, e nesse período foram ainda mais intensificadas.

Os resultados do PP/SUS foram também apresentados em um seminário em 2008. Paralelo a esse trabalho, mesmo depois do desmantelamento das CRSANS, em 2007, o INHAH desenvolvia um trabalho de desenvolvimento local em Piracicaba.

Um laboratório para as atividades da Rede-SANS foi representado pelas atividades do INHAH na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), em Foz do Iguaçu, junto ao Centro de Referência Tembi'u Porã, que na língua guarani significa "alimento de todos para todos".

A narrativa de Adriana Brandt Rodrigues ajuda a entender essa parte da história.

Adriana Brandt Rodrigues

(bolsista DTI-A)

Articuladora regional do Vale do Ribeira e São Paulo

> Conheci segurança alimentar durante a faculdade, quando das discussões sobre o que se chamava popularmente de "campanha do Betinho", mas que, em verdade, se tratava do Mutirão pela Vida e Contra a Miséria (como aprendi anos mais tarde), liderado por dom Mauro Morelli e por Herbert de Souza, o Betinho, também líderes do Movimento pela Ética na Política. Os dois tornaram-se, para mim, referências. À época se discutia se as ações do Mutirão eram de cunho assistencial ou de questões de direito. Nos anos 1990, especialmente antes da Lei Orgânica da Assistência Social, o foco geral era a assistência social, mas com uma visão "caridosa" – que aprendi posteriormente ser equivocada, pois o acesso a alimentos de qualidade em quantidade suficiente é um direito humano, hoje reconhecido pela Constituição Brasileira; amoral e inaceitável é a insegu-

rança alimentar, a fome, e disso eu já tinha convicção desde bem jovem, embora ainda não conhecesse a fundo a questão.

Os anos passaram, segui militando no movimento ambiental e trabalhando; pelos caminhos profissionais, exerci a função de consultora da Unesco para a elaboração de documentos de projeto (prodocs), pré-requisito para a concretização de parcerias com aquela agência. Assim, por meio da Unesco cheguei ao Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do estado de São Paulo (Consea-SP), à época presidido por dom Mauro Morelli. Minha incumbência era elaborar o documento de projeto para viabilizar a parceria entre Consea-SP e Unesco. Imediatamente me emocionei (não há outro termo) ao saber que iria trabalhar, ainda que por alguns meses, junto de dom Mauro. Já estávamos na metade dos anos 2000, e por conta do trabalho, estudei muito sobre SAN, conceitos, histórico, legislação, políticas públicas e tratados internacionais relacionados; "bebi da fonte" de dom Mauro sobre toda a construção do movimento pela SAN no Brasil, sobre Josué de Castro, sobre direito humano à alimentação adequada e saudável. E, finalmente, pude compreender o porquê de a garantia da segurança alimentar a todos tratar-se de uma questão de direito, que perpassa desde ações emergenciais de combate à fome até políticas estruturais de saúde, educação e geração de renda, atravessando fundamentalmente a agricultura, o meio ambiente, a habitação, o respeito às diferenças, a justiça. Envolve tudo o que sempre defendi.

Como resultado, envolvi-me profundamente com a temática e, após a conclusão do prodoc, fui convidada a assessorar o Consea-SP, que tinha um recurso a ser repassado para suas articulações regionais e precisava de assessoria para a concepção e posterior elaboração, seguida da avaliação e acompanhamento dos projetos regionais que viabilizariam o repasse dos recursos.

À época do Consea-SP, conheci pessoas que até hoje são companheiras no trabalho pela defesa e promoção da SAN, com destaque para a professora Maria Rita, então conselheira, representando a região piracicabana e outros companheiros hoje na Rede.

Com o fim da presidência de dom Mauro no Consea-SP, continuei trabalhando com ele no Instituto Harpia Harpyia (INHAH), agência de defesa e promoção do direito humano à alimentação adequada, que tem a professora Maria Rita como associada.

No INHAH, trabalhei em projetos de defesa e promoção do direito humano a alimentação adequada desenvolvidos em parceria com a Prefeitura de Indaiatuba, com a Usina Hidrelétrica de Itaipu, entre outras instituições. Tive oportunidade de me aprofundar ainda mais quanto às políticas públicas relativas à SAN, praticar o apoio à execução de uma dessas políticas – Lei da Alimentação

Escolar, de 2009 – além de ampliar meus conhecimentos e práticas de elaboração e gestão de projetos.

Nessa caminhada, participei de um grupo de trabalho, liderado pela professora Maria Rita e por dom Mauro, para a elaboração de uma proposta para o estabelecimento de polos regionais de SAN em todo o país, por meio de parceria com instituições públicas de ensino superior. Esse projeto, Polo Regional Novo Milênio, foi o embrião da Rede-SANS, tendo sido apresentado à Finep e aberto o caminho às adequações e tratativas que resultaram no financiamento da Rede enquanto projeto.

Então, quando da confirmação do financiamento, no segundo semestre de 2010, fui convidada pela professora Maria Rita a ser a articuladora regional da Rede-SANS para a extensa área composta pela região metropolitana de São Paulo e toda a faixa litorânea, desde o Vale do Paraíba (Litoral Norte), até o Vale do Ribeira (Litoral Sul). Fiquei insegura, afinal não sou nutricionista – a única exceção entre os articuladores regionais, aliás – e trabalhava havia anos muito mais no Paraná na parceria entre o INHAH e a Itaipu. Porém, diante do voto de confiança da professora, aceitei o desafio.

Aliás, àquela época – na preparação para o trabalho e em seu início, o termo utilizado para designar minha função no projeto era coordenadora regional; a compreensão aprofundada e apreensão dos conceitos de trabalho em rede vieram ao longo do projeto, resultando na revisão de terminologias, práticas e expectativas.

Ainda em 2010, era preciso definir quais municípios fariam parte da Rede em cada região. Havia indicações, mas estas precisavam se confirmar com o aceite do próprio poder público municipal ou de um grupo local devidamente articulado. Assim, entrei em contato com os municípios indicados inicialmente no projeto e também com minha rede de contato, e com isso apresentei a Rede a pessoas já conhecidas e outras desconhecidas, que após dois anos de trabalho se tornaram companheiras na defesa e promoção do direito humano à alimentação adequada.

Logo no início de 2011, uma vez identificadas as articulações locais, trabalhei na pesquisa sobre o funcionamento do Sisvan, na obtenção do aceite oficial por parte dos municípios sorteados e também na identificação de instituições de ensino superior para serem parceiras. Estive em campo como nunca antes, assim permanecendo mesmo depois do ingresso das bolsistas da pesquisa. Estive com secretários de Saúde, nutricionistas, gestores e técnicos de unidades de saúde, além de professores de nutrição.

Nessa caminhada, portanto, tive oportunidade de aprofundar significativamente os conhecimentos que tinha do estado de São Paulo, sua gente,

suas diferenças, semelhanças e complementariedades. Aprendi muito e conheci desde quilombolas que praticam agricultura orgânica, até professores de todos os níveis e pesquisadores de diversas áreas, com destaque para nutrição, agricultura, saúde, biologia; conheci também articulações urbanas transformadoras, artesãos, indígenas, caiçaras, agrônomos, agricultores; enfim, a rica diversidade humana do estado de São Paulo, composta por pessoas dispostas a promover transformações positivas na sociedade, mantendo o respeito ao próximo e a suas tradições, sempre valorizadas.

Ampliei conhecimentos, aprendi muito sobre todas as temáticas citadas e também sobre gestão participativa, motivação e articulação de pessoas, novas ferramentas de comunicação. Estou certa de que a articulação de pessoas e instituições é fundamental para a defesa e promoção da SAN; acredito que esta causa é transformadora, visando a uma sociedade mais justa, equilibrada e saudável, e tenho certeza de que esta conexão será duradoura e profícua.

Assim a Rede-SANS foi sendo tecida, de um lado a partir das ações desenvolvidas pelo INHAH, e de outro, por ações de um grupo de pessoas ligadas à academia no estado de São Paulo. O I Seminário da Rede, que ainda não se designava Rede-SANS, aconteceu em 2008, na Unesp de Botucatu, para discussão do projeto apoiado pela Fapesp em 2007. Esse seminário teve por objetivo discutir os resultados do trabalho na região de Piracicaba e estender o trabalho para as regiões de Ribeirão Preto, Marília, Botucatu e Araraquara. Nessas regiões havia alunas ligadas ao programa de Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição da Unesp de Araraquara e que atuavam nos cursos de Nutrição da Unaerp, Uniara, Unimar, Instituto de Biociências da Unesp de Botucatu (IBB/Unesp), além da Unimep. No seminário houve a participação de representantes de quarenta municípios, na época foram atraídos pelo interesse em saber como funcionaria o Sisvan-*Web* que acabara de ser lançado. O principal resultado do evento foi a preocupação dos presentes com demandas para a produção de dados, difíceis de serem conciliadas com as demandas do cuidado. A necessidade de formação das equipes na área de alimentação e nutrição foi um dos destaques.

Em 2009, foi realizado o segundo seminário, quando se obteve um parecer favorável da Finep para a concessão dos recursos ao projeto de articulação da Rede-SANS (Figura 6). Foi o primeiro momento em que se discutiu a Rede coletivamente. Já existia uma trama, que vinha sendo tecida havia algum tempo. As relações interdisciplinares, no âmbito da academia, e as intersetoriais, no âmbito da sociedade civil e do poder público, já apresentavam várias conexões.

Figura 6 – II Seminário de Vigilância Alimentar e Nutricional no contexto do SUS no estado de São Paulo, 2009

Um ponto de chegada e de partida na trama da Rede-SANS

Em março de 2011, depois da assinatura do convênio com a Finep ocorrida em setembro de 2010 e a liberação dos recursos em janeiro de 2011, foi feita, para a apresentação no I Seminário de Articuladores Locais, uma representação da Rede que vinha se articulando no estado de São Paulo (Figura 7). No gráfico, os pontos sólidos indicam pessoas que já mantinham algum tipo de contato antes do processo de articulação desencadeado pelos recursos recebidos do MCTI. Em verde, são pessoas do INHAH representando o movimento popular, em amarelo, pessoas da academia envolvidas com a educomunicação, em preto, pessoas da academia envolvidas com a pesquisa, em vermelho, com as atividades de articulação, seja da academia ou do movimento popular.

Os pontos sólidos do esquema da Figura 7 representam as pessoas que já constituíam uma rede social com atividades voltadas à pesquisa e/ou à SAN. Mesmo considerando que essas pessoas já formavam uma rede, precisa-se levar em conta que a rede de interações do grupo que atuou diretamente na elaboração do projeto e, mais especificamente, de sua coordenadora, era bem mais abrangente, e nem todos foram inseridos no processo. Então é preciso declarar aqui que as pessoas foram chamadas para compor a Rede-SANS por critérios que atendiam interesses de um projeto com objetivos e metas definidos com base na percepção que o grupo de coordenação tinha da demanda da SAN no estado de São Paulo e nas orientações recebidas da própria Finep. Entre essas orientações estavam o caráter de pesquisa e a inserção dos territórios da cidadania na proposta. Tratou-se de uma rede induzida, cujo critério de inclusão dos participantes foi político; de um lado, as pessoas que atuavam em SAN eram da rede preexistente e tinham perfil e disponibilidade para assumir as funções previstas no projeto, de outro, as pessoas inseridas por indicação de secretários

municipais ou outro contato com os municípios. Na Rede desenhada em março de 2011, grande parte dos integrantes assumiu funções remuneradas no projeto. Foram constituídas várias equipes – de educomunicação, interdisciplinar, de articuladores regionais, de articuladores locais, de articulação geral, de pesquisa de campo, de pesquisa qualitativa, de pesquisa de dados secundários e de assessores –, tanto para o trabalho em rede quanto para a pesquisa. Muitos elementos da dinâmica de organização do trabalho e atuação dessas equipes podem ser identificados nos relatos mostrados mais adiante.

Começando por dom Mauro (1), o contato com Piracicaba (2), com São Paulo (3) e Ribeirão Preto (4) e além de membros do INHAH de outros estados (5). Depois, minha ida (Maria Rita) para a Unesp, os contatos feitos a partir do programa de Pós-Graduação em Araraquara, depois o campus de Botucatu, no Instituto de Biociências (6) e outras unidades do campus (7 e 8). Juntaram-se assessores e colaboradores de Bauru (13), Sorocaba (14), Campinas (15), e Minas Gerais (16). Nas seis regiões, as articuladoras regionais (2 = Roselene na região de Piracicaba; 3 = Adriana na Grande São Paulo e Vale do Ribeira; 4 = Luciana na região de Ribeirão Preto; 6 = Maira na região de Botucatu; 10 e 11 = Rita e Lara na região de Penápolis) estabeleceram os contatos com os articuladores locais em Marília (18), Lins (19), Pardinho (20), Presidente Venceslau (21), Pirapozinho (22), Presidente Prudente (23), Hortolândia (24), Amparo (25) Mauá (26), Suzano (27), Registro (28), Cananeia (29), Caraguatatuba (30), Araraquara (31), São José do Rio Preto (32), Matão (33), Batatais (34). Itapeva (35), Capão Bonito (36). Os pontos sólidos representam pessoas que mantinham alguma interação de trabalho no momento que antecedeu a chegada dos recursos para articulação da Rede-SANS.

Figura 7 – A Rede-SANS em março de 2011

Foram 157 processos de bolsas junto ao CNPq (133 bolsas, se consideradas as substituições), das quais 44 com duração de seis meses para a realização da pesquisa de campo e as demais com duração de dois anos. O que nunca saberemos responder é em que medida essas bolsas contribuíram para a sustentabi-

lidade da proposta. Por exemplo, tivemos 36 bolsas de apoio técnico (ATP-A), e que na maioria dos casos significava complementação de salários para o bolsista que era funcionário do setor público municipal, o que tornou a participação no processo uma atividade não espontânea em prol de uma causa social, como acontece na maioria das redes. Essas bolsas tiveram o propósito de estimular o processo de formação das pessoas, pressupondo que elas continuariam ativas mesmo quando findado o benefício. No decorrer do processo vimos que algumas pessoas estiveram vinculadas à Rede-SANS mais pela bolsa do que pelo que o trabalho lhe significava. A falta de compromisso foi motivo para substituição de três articuladores locais. Chegamos a discutir em um dos seminários, que tratou da continuidade do trabalho da Rede-SANS, o quanto esse recurso era necessário para a continuidade do trabalho nos municípios. A animação de uma rede com a função social da natureza da Rede-SANS deveria ser feita por pessoas abnegadas e dedicadas à causa da SAN ou encarada como uma função do Estado? Será que as pessoas envolvidas na Rede-SANS haviam construído uma articulação forte o suficiente, capaz de exigir e obter políticas públicas que garantissem a continuidade desse processo de articulação? Conforme a Rede-SANS era divulgada, as pessoas de outros municípios que se aproximavam, buscando se integrar ao processo, ao serem informadas que os recursos para seminários e articulação local eram restritos aos 27 municípios incluídos na proposta inicial, ficavam de certa maneira desestimuladas em ingressar na Rede-SANS em situação de desigualdade. Os municípios de Porto Feliz, Bauru e Eldorado aderiram à proposta da Rede-SANS e conseguimos incluir seus representantes nos seminários sem custos para eles. No entanto, parece que a tendência foi a de reproduzir o modelo, isto é, para adesão do município as mesmas condições de recursos teriam de ser proporcionadas. Talvez, mais que isso, a presença de uma política pública que orientasse a priorização de tais ações no município. Por outro lado, houve investimento dos gestores municipais envolvidos com as atividades da Rede-SANS apoiando as viagens para os seminários, cedendo tutores para cursos a distância e apoiando atividades locais. O investimento no articulador local rendeu muitos dividendos. Como testemunho dessa realidade apresentam-se os relatos dos articuladores regionais e locais no decorrer deste livro.

A articulação da Rede-SANS não envolveu apenas bolsistas, mas também outros militantes da área, além das equipes que se formaram ou foram localmente fortalecidas nesse processo. Houve o envolvimento de docentes, alunos de pós-graduação, instâncias do poder público e da iniciativa privada, entre outros, e com diferentes graus de envolvimento.

Dos bolsistas que encerraram a vigência da bolsa antes do término do projeto, alguns se envolveram com outros afazeres, mas continuaram colabo-

rando no processo de articulação da Rede-SANS; outros apenas passaram pelo processo, mas pode ser que retornem; além disso, novas pessoas não param de surgir. O fato é que a participação nas atividades da Rede-SANS (cursos, seminários, materiais disponibilizados) é muito bem avaliada e procurada, enquanto a animação da Rede não nos parece que possa ser executada exclusivamente por um grupo de voluntários. O portal virtual precisa de manutenção e os municípios, de alguma política que os direcione para uma ação mais efetiva no sentido de sistematizar suas políticas de SAN.

O processo de articulação é complexo e depende de uma ação intersetorial com efetiva participação do Estado, por meio de suas políticas, e da sociedade civil como termômetro e ao mesmo tempo "farinha no fermento" dessas políticas. A Figura 8 é a representação de uma rede local idealizada para um território comunitário da forma como estava sendo concebida em março de 2011. Nela foi pressuposta a ação intersetorial e a ativa participação do grupo familiar para a garantia da SAN na comunidade. Nesse modelo, tal ação deve ser institucionalizada a partir de uma política pública coletivamente construída; deve zelar pelas questões de garantia do direito humano à alimentação adequada, proporcionando acesso irrestrito a alimentos de qualidade; deve interagir com órgãos competentes para que se garanta a segurança do alimento em toda sua cadeia (desde a produção até o consumo); deve cuidar que a produção seja feita em base sustentável e solidária; que na escola a alimentação seja preparada a partir de produtos locais, segura e nutricionalmente equilibrada, e que alimentação e nutrição sejam temas transversais do currículo escolar; que as boas práticas de saúde e alimentação façam parte do cotidiano das pessoas; e que as unidades de saúde do bairro estejam envolvidas no trabalho de educação alimentar e nutricional da comunidade. No contexto da Rede-SANS, nesses dois anos (2011-2012), tais atividades foram estimuladas e podemos afirmar que todas essas interações aconteceram, porém, provavelmente, quase nunca em um mesmo cenário. Estamos falando de cenários muito diversos, de disputas políticas, de interesses múltiplos, de diferentes concepções da realidade, organização e profissionalização das ações públicas, bem como organização e mobilização das instâncias sociais, incluindo as famílias.

Entre as metas da Rede-SANS estava "formar 27 equipes intersetoriais com competência para articular e animar a Rede-SANS, priorizando os territórios da cidadania". A intersetorialidade ocorre pela articulação de pessoas de diferentes setores, diversificados saberes e esferas do poder público para a resolução de problemas complexos, contrapondo-se à fragmentação das ações geralmente encontrada na gestão pública. Na Figura 9, temos a representação dos setores envolvidos nas equipes locais da Rede-SANS, conforme identificado nas entre-

vistas de avaliação realizada no final de 2012 por um bolsista da Rede-SANS em visita a todos os municípios. Como pode ser verificado, em alguns municípios as atividades restringiram-se aos serviços de saúde ou sociedade civil organizada. Em outros, saúde e educação ou agricultura. A secretaria de Assistência Social compôs várias equipes. Como se vê, nem todos os grupos representados aparentam ser equipes intersetoriais, e vários dos que aparentam não atuam como tal.
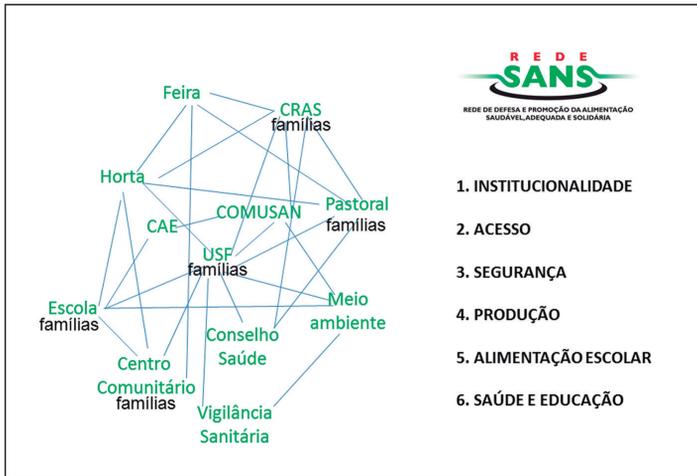
Figura 8 – Um ensaio sobre a Rede-SANS local em março de 2011
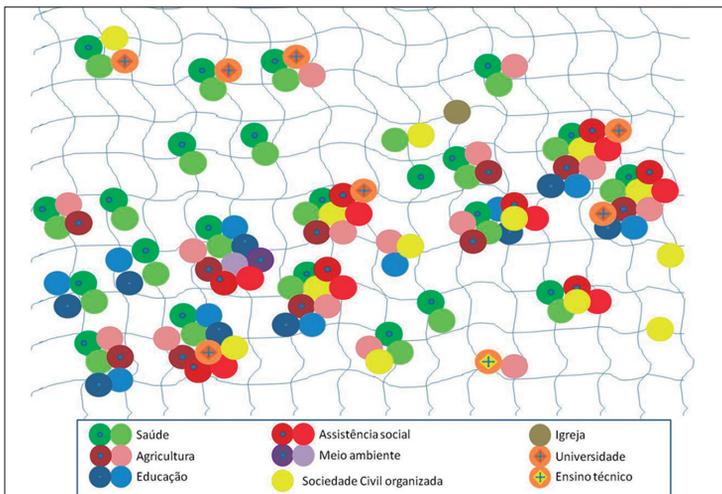
Figura 9 – A Rede-SANS em dezembro de 2012 (as bolas com pontos representam gestores das políticas)

Respondendo ao que nos propusemos, podemos dizer que, nesses dois anos, formamos um contingente de pessoas que compreendeu o que é intersetorialidade e que desenvolveu habilidades para atuar na integração das políticas públicas. No entanto, apesar do empenho de muitos, a ação intersetorial aconteceu em poucos municípios e esteve condicionada à política local. É o caso de três municípios em que o articulador local era da sociedade civil; em dois deles, o trabalho não se sustentou, e no terceiro o articulador local assumiu, em função de seu papel na Rede-SANS, um cargo no poder público. Isso mostra a premente necessidade de que se criem mecanismos que garantam o estabelecimento das políticas públicas, nesse caso, a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN). Acrescenta-se que o apoio do poder público foi o elemento que esteve em primeiro lugar das listas como dificultador ou facilitador da inserção das atividades da Rede-SANS nos municípios, quando avaliações foram realizadas.

Nos locais em que as ações não transpuseram o setor da saúde, podemos dizer que houve alguma interação com a agricultura ou com a educação, mas muito tímida. O ganho das equipes de saúde foi a inserção do tema alimentação e nutrição no cotidiano do trabalho na atenção primária. Em alguns desses municípios em que as ações ficaram restritas à saúde, as articuladoras locais eram enfermeiras, e para essas profissionais foi preciso, antes de começar as ações, aprender sobre SAN. Depois, foi necessário encontrar espaço numa agenda muito apertada, que é a das equipes de atenção primária à saúde, as quais vêm a duras penas tentando se libertar do modelo de assistência centrado na doença e não na promoção da saúde. Por outro lado, a formação de agentes de saúde em SAN feita pelo Interanutri, ou mesmo por meio de ações de formação de iniciativa dos gestores de saúde, desenvolve o conceito de intersetorialidade, embora não saibamos se houve algum movimento dos agentes para integrar os recursos da comunidade com vistas à resolução de problemas locais. Nesse caso, a inserção do tema nas agendas da saúde já constituiu um grande ganho.

Um desafio significativo das atividades de formação na Rede-SANS foi respeitar o tempo de cada um. Tempo de estrada de quem já não tem mais paciência para ouvir coisas que já ouviu, de quem, de um lado, perdeu a confiança e um pouco da esperança, e que, de outro, tem pressa de ver as coisas acontecerem. Tempo para aquele que ouviu pela primeira vez tantos conceitos e também contradições ou nunca se viu na tarefa de fazer juntos, ouvir e acolher o outro. Tempo também para desaprender, desconstruir crenças e repensar como fazer. Dois anos foram muito curtos para isso.

O fato de o município ter um histórico em SAN nem sempre representou envolvimento com a proposta da Rede-SANS. Em alguns casos, as atividades

ficaram segmentadas quase exclusivamente no setor da saúde, enquanto muitas ações aconteceram sem interação com a Rede. Em outros casos, a articulação local da Rede-SANS possibilitou revitalização do Comsea, ou então foi importante incremento nas atividades que já vinham sendo desenvolvidas. Em alguns municípios sem histórico de SAN, mas com histórico de possuir políticas públicas integradas, houve a inserção da SAN nessas políticas e, assim, a ação intersetorial foi possível, mas isso foi raro. A integração das políticas públicas é um grande desafio, que envolve tensões entre unidade e multiplicidade; por exemplo, quando o assunto é crédito sobre autoria de um determinado trabalho, as secretarias municipais têm dificuldade de dividi-lo.

Nesses trinta municípios, vimos poucos gestores municipais sentarem-se juntos para discutir as questões de SAN e nem tantos discutem juntos outras questões de cunho intersetorial. Na maioria deles, o trabalho é fragmentado, o que não contribui para a garantia da SAN, que se dá a partir de um processo complexo, que exige ações convergentes, cooperação e planejamento integrado. A intersetorialidade ocorre a partir da descentralização do poder e articulação de saberes e experiências, num sistema aberto de decisões intercambiáveis, o que na teoria atrai, mas na prática muitas vezes repele, e só quem experimenta seus efeitos sabe seu verdadeiro valor.

Nessa trajetória, as experiências intersetoriais que presenciamos estavam sempre ligadas a uma plataforma política de governo, e todas tiveram um tempo de vida mais ou menos equivalente ao tempo do gestor na função. No ano de 2012, ocorreram eleições municipais e, com elas, vimos desmantelamentos de muitos trabalhos, alguns ainda no início. E aqui não importou a presença da sociedade civil, se essas pessoas também estivessem comprometidas com os partidos políticos. Isso não deixa de ser saudável quando se olha pela lógica da alternância do poder e diversas maneiras de governar, mas não deveria incorrer em prejuízo e mau uso dos recursos públicos. Daí a necessidade de uma efetivação da PNSAN. A presença de técnicos bem formados que sustentam as ações de SAN nos municípios, apesar ou em cumprimento da plataforma política vigente, adaptando-se à situação, foram exemplos que, consideramos, devem ser seguidos.

Da parte da sociedade civil, ouvimos em muitos municípios que a participação tem sido baixa. Vimos também desmandos, em que a participação era legalmente exigida e o processo acontecia apenas no papel. Nas seis regiões do estado de São Paulo percebemos que a sociedade civil esteve mais presente nas regiões de territórios da cidadania. Isto se associa, possivelmente, ao estímulo das políticas públicas que parecem um pouco mais ativas nessas regiões, ou porque representam uma parcela da sociedade com maiores índices de insegurança em

SAN. Nas entrevistas realizadas com as redes locais, 59% assumem que as ações partem do poder público; 27%, que a sociedade civil é mais atuante; e o equilíbrio de participação foi resultado da autoavaliação em 14% dos municípios.

O espaço de participação da sociedade civil é garantido a partir da atuação nos conselhos municipais. No diagnóstico realizado pelos articuladores locais no ano de 2011, apenas nove dos 23 municípios que apresentaram os relatórios tinham Conselho Municipal de Segurança Alimentar, dos quais apenas cinco se identificavam como atuantes. Naquele ano, cinco municípios tiveram sua primeira conferência de SAN, em decorrência do processo de articulação da Rede.

Em dezembro de 2012, dezessete municípios (59%) tinham seus conselhos de SAN, nos quais treze articuladores locais atuavam como membros. Em apenas um dos municípios, cujo articulador era ligado ao movimento social, a participação nas reuniões do conselho não acontecia. Entre os municípios, onze não conseguiram ainda criar seus conselhos e alguns permanecem lutando para que isso aconteça.

A saúde na política de SAN e a SAN na política de saúde

O objetivo principal do projeto de articulação da Rede-SANS foi a integração das políticas públicas de SAN e de saúde. No estado de São Paulo, mais precisamente nos municípios da Rede-SANS, observamos que as políticas para a agricultura familiar é que identificam as políticas de SAN nos municípios. Outras atividades são desenvolvidas, mas não são identificadas como elementos de uma política intersetorial. Dos dezessete conselhos de SAN existentes entre os municípios da Rede-SANS em dezembro de 2012, três estavam em processo de planejamento global de suas ações, oito estavam se estruturando em termos de regimento e formação de seus membros. Em cinco municípios, o trabalho estava voltado para o PNAE e o PAA, incluindo as cooperativas de agricultores e a segurança do alimento, um discutia o banco de alimentos e outro, a obesidade. Como se percebe, a saúde não ocupa muito espaço nessas discussões.

Da parte da saúde, vamos retomar o assunto um pouco mais adiante, mas o que observamos foi que o tema alimentação e nutrição como prática de saúde é timidamente tratado nas ações educativas das unidades de saúde e o tema SAN não é conhecido ou difundido. A intersetorialidade para tratar as questões relativas à saúde da comunidade aparece como caminho para alguns gestores, mas poucas dessas práticas foram observadas. Observamos ações conjuntas das secretarias da Saúde com a da Assistência Social, com a da Educação e com a da Agricultura. Essa última, menos comum e, no contexto da Rede-SANS, provo-

cada por seu processo de articulação, mas muito aquém do desejo que mobilizou a proposta.

Segundo a FAO,[2] do que ninguém discorda, a saúde depende da boa nutrição, que por sua vez depende da agricultura; por essa razão tem-se preconizado o estreitamento das relações entre saúde e agricultura, buscando a responsabilização múltipla na garantia da segurança da cadeia produtiva do alimento, comércio e consumo responsáveis, educação alimentar e nutricional, respeito ao saber popular e aplicação da ciência em favor de todos.

2. Food and Agriculture Organization of the United Nations, *Sustainable nutrition security*.

4
A estrutura de animação da Rede-SANS

No projeto de articulação da Rede-SANS foram previstas uma equipe de educomunicação, uma de pesquisa, uma de formação semipresencial, os coordenadores regionais e uma equipe de coordenação e assessorias. No encontro de janeiro de 2011, o assessor em redes sociais Cássio Martinho ilustrou o formato da Rede-SANS. Decidimos substituir o termo "coordenador" por "articulador", por considerarmos mais apropriado aos nossos propósitos. Operacionalmente, as equipes foram organizadas em equipe de educomunicação (responsável pela elaboração do site e de conteúdos), equipe de pesquisa, equipe interdisciplinar (responsável pelos conteúdos de formação) e assessorias nas áreas de enfermagem, nutrição, agronomia, psicologia, educação física e biologia. Os papéis das equipes de educomunicação e interdisciplinar deveriam ser desenvolvidos e apropriados pelos seus respectivos componentes. A primeira tinha lideranças em áreas distintas, enquanto a segunda não precisaria de um líder.

No mesmo mês, fizemos um encontro das equipes da Rede-SANS, em que foi discutida a missão da Rede e os principais elementos para sua carta de princípios. Foram definidas as estratégias de trabalho e os papéis de cada um. Antes do encontro foram enviados textos básicos sobre SAN, saúde e redes sociais, visto que ninguém entre nós tinha domínio sobre os três temas, e havia quem não tinha tido contato com nenhum deles. É provável que uma semana tenha sido pouco para construirmos um significado comum de nossos propósitos. Nem todos conseguiram se sentir integrados ao processo. Esperavam que a "coordenadora" do projeto promovesse essa integração, apontasse caminhos.

Na coordenação, pergunto-me se, no meu papel, passei a mensagem de que as tarefas estavam todas subordinadas a mim e que apenas eu saberia como as

coisas deveriam ser feitas, se mesmo desejando delegar poder e dividir responsabilidades, fui autoritária e controladora, ou ainda, se era esperado que eu fosse. Pela minha posição privilegiada de contato com todos, houve facilidade para elaboração de propostas de resolução dos problemas. Posso ter me excedido, enquanto outros se retraíram.

Os articuladores regionais da Rede-SANS e as equipes de apoio geral ao processo contaram com a assessoria de um especialista em redes sociais, Cássio Martinho, que, na ocasião, a partir de sua compreensão sobre a proposta, desenhou no quadro a representação da estrutura da Rede-SANS (Figura 10).
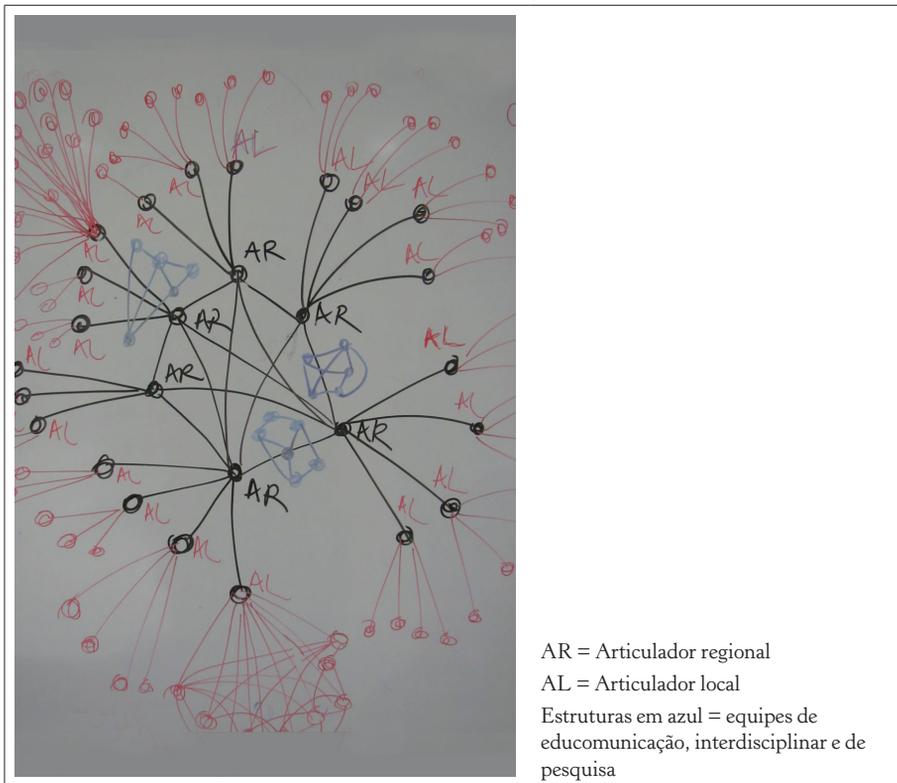
Figura 10 – Desenho da estrutura de animação da Rede-SANS em janeiro de 2011 (Cássio Martinho, assessor em redes sociais.)

No final de 2012, a equipe de educomunicação havia sido completamente renovada e a equipe interdisciplinar já não existia mais. Na de pesquisa, as mesmas pessoas que iniciaram o trabalho foram as que o concluíram. O processo de animação virtual foi muito sofrido. Vários bolsistas ficaram no caminho. O

fato é que não tínhamos experiência nessa atividade e havia pouco tempo para uma construção coletiva.

Sobre os articuladores regionais e locais, o fato de ter experiência na área de SANS foi um fator facilitador, mas não imprescindível. Houve quem rapidamente se apropriou dos conceitos e os colocou em prática. Nesse caso, pesou mais a identidade com o tema. Entre os ARs e ALs, muitas lideranças naturais permaneceram.

Uma das questões centrais no desenvolvimento de tecnologia de articulação de rede é a proposta de ausência de centralidade ou de comando, liderança e coordenação para a constituição de rede. Outro aspecto no desenvolvimento da articulação da rede (local, regional e geral) é a necessidade de saber conviver com a diversidade e respeitar as diferenças do saber do outro e dos tempos de amadurecimento de cada um em relação à capacidade de organização dos movimentos sociais. A concepção teórica de rede social adotada pela Rede-SANS de certa maneira pode ter sido compreendida por alguns como muito ameaçadora, pela não centralidade de poder, pela necessidade de valorização do saber popular, de encontrar meios de aproximação do saber científico com os conhecimentos e experiências das comunidades contempladas, muitas delas formadas por populações marginalizadas da sociedade.

Durante esses dois anos de articulação, houve uma estrutura de organização do trabalho pautada nos bolsistas (Figura 11) e, em diversos momentos, apresentada como o universo da Rede. Ainda fazemos isso, mas, olhando para o processo, vemos que não se pode supervalorizar essas estruturas na morfologia da Rede, e sim enquanto pontos de sustentação do processo, no qual os enredados formam um incontável contingente de pessoas.

Figura 11 – Estrutura da Rede-SANS associada o seu projeto de articulação

5
A dimensão virtual de articulação da Rede-SANS

A comunicação pode ser entendida como a ação social de tornar comum, consistindo em qualquer atividade humana realizada por, entre ou com duas ou mais pessoas.[1] O sentido, entendido como resposta mental a um estímulo percebido pelo corpo, que na mente torna-se informação, é o que torna ou não algo comum. É isso que faz a informação se tornar conhecimento. O sentido é a sensação experimentada quando se acredita que compreendeu. Segundo Vilalba, pela comunicação o "eu" é influenciado, influencia e pode tornar-se cada vez mais parecido com os "outros" que lhe propõem sentidos nos quais ele ainda não havia pensado ou que não haviam sido apresentados aos sentidos que o "eu" manifesta. Como ato social, a comunicação tem componentes intencionais e não intencionais, pode ser verbal ou extraverbal, os quais estão relacionados ao conteúdo (intencional/verbal) e à relação (não intencional/extraverbal) que se estabelece na comunicação.

No processo de comunicação, segundo Araujo,[2] o lugar da interlocução no desafio de fazer circular ideias, ser ouvido e levado em consideração é determinado pelos contextos textual, intertextual, existencial e situacional. O textual diz respeito às informações em circulação; o intertextual, à continuidade dos sentidos que se realiza a partir das memórias e saberes relativos àquela informação. No existencial se encontra a janela com que cada pessoa olha o mundo, que é resultado de interações com sua rede de pertencimento, nível de educação,

1. Vilalba, *Teoria da comunicação*.
2. Araujo, A comunicação e os princípios do SUS. In: *Comunicação e Saúde*.

geração, entre outros. No situacional está a posição que a pessoa ocupa na topografia social.

Assim, para além da compreensão da mensagem, está o direito de ser ouvido e levado em consideração. Para que isso aconteça, luta-se para garantir o caráter público e popularizar os meios de comunicação.

A internet foi o meio de comunicação eleito como ferramenta de trabalho na Rede-SANS, de difícil operacionalização. Tivemos que aprender muitas coisas e ainda estamos aprendendo. É provável que tenhamos atingido o grau de conhecimento técnico necessário ao trabalho ou talvez nos falte ainda mais habilidades para criar ambientes virtuais que favoreçam a crítica e a interação entre as pessoas. Pode ser que faltem apenas ambientes de interação e que a crítica não tenha mais lugar e nada que faça pensar seja de interesse da sociedade pós-moderna. Ou, ainda, que as gerações mais velhas pensem muito lenta e longamente. O fato é que não criamos, no contexto da Rede-SANS, espaços de discussão muito significativos, embora esse pareça ser um desejo do grupo. Esses espaços existiram nos cursos Interanutri, para professor, agente, nutricionista e articulador, mas a participação não atingiu a maioria. O Interanutri – Articulador foi uma tentativa de formação on-line dos articuladores que não se sustentou, pela baixa adesão dos articuladores aos fóruns de discussão e pela absoluta falta de tempo dos articuladores regionais em animar esse processo. De 41 inscritos, apenas 22 articuladores acompanharam os três módulos oferecidos e por volta da metade desses participou das discussões. Tal resultado foi atribuído à falta de tempo e de familiaridade com a internet. Contudo, as poucas discussões realizadas foram muito ricas e esclarecedoras, na avaliação dos participantes. Um processo aberto de discussão/provocação nem foi iniciado no site da Rede-SANS, mas houve a proposta de um fórum permanente de discussão, como desdobramento do curso de aperfeiçoamento Interanutri – Nutricionista.

A Rede-SANS foi e continua sendo um processo pautado pela comunicação entre pessoas e os meios de comunicação, e desde o começo de sua articulação temos ficado divididos entre o desejo de estar presentes e participantes e o tempo que isso nos toma. Questionávamo-nos sobre que tipo de relação seria possível estabelecer com um número quase infinito de pessoas e como conviver bem com as caixas lotadas de e-mails. No final de dois anos, constatamos que há certa auto-organização dos canais de comunicação e que o fluxo de informações tem sido muito menor do que se gostaria, as informações que nos chegam são muito bem-vindas e aguardadas, mas é preciso ainda um grande esforço para socializá-las. Parece que esse será sempre um dilema com o qual se terá que conviver no trabalho em rede.

O processo de construção do site da Rede-SANS

Muitas vezes pensamos estar falando das mesmas coisas e estamos, na verdade, tratando de coisas completamente diferentes; o inverso também ocorre. Tem sido essa a nossa percepção sobre a comunicação na Rede-SANS.

A tecnologia tem auxiliado sobremaneira a comunicação entre as pessoas; primeiro foram as palavras, depois a escrita, a imprensa, as imagens e agora o ciberespaço. A comunicação virtual é a mais nova das formas de comunicação entre os seres humanos, daí nossa maior dificuldade.

Tínhamos e temos uma proposta pautada na comunicação virtual. Como fazer isso? Dar garantia de voz a todos, disponibilizar conteúdos atrativos e de qualidade? Ser coerente com a ciência, mas não tomá-la como verdade definitiva? Eram essas as ideias que vinham sendo coletivamente construídas em nossa rede de trabalho em SAN. A decisão de adotar ferramentas virtuais para o trabalho da Rede-SANS demandou a incorporação de novos personagens na equipe. O primeiro critério foi o de buscar pessoas próximas, que sempre primaram pela qualidade do trabalho e que, embora não tivessem experiência específica, poderiam aprender e, num segundo momento, garantir a continuidade desse trabalho na Rede.

Logo no início do processo surgiram os impasses. Era muito difícil para a equipe de educomunicação entender que o principal objetivo do site era o de dar voz a todos, que nosso desejo não era construir um portal de informação, mas que este deveria ser um espaço de interação.

O site só foi apresentado aos articuladores locais no seminário de novembro de 2011, depois de muita expectativa e um longo tempo de espera. Em janeiro de 2012 foi ao ar. Antes disso, para facilitar o processo de divulgação das atividades da Rede-SANS, em outubro de 2011, os articuladores regionais criaram um blog da Rede-SANS (http://redesans.blogspot.com.br/) (Figura 12), e também específicos de Itapeva (http://redesansitapeva.blogspot.com.br/) e Registro (http://redesansderegistrosp.blogspot.com.br/).

Tudo foi diferente e mais difícil que o planejado. A produção de material de divulgação e o interesse dos municípios nessa atividade ficaram muito abaixo do esperado. A qualidade do material que chegava estava muito longe de atender às expectativas, especialmente do pessoal de edição do site, que devolvia aos municípios sem uma orientação do que deveria ser feito, apenas que deveria ser refeito. Terminamos por incluir uma jornalista na equipe, que assumiu o papel de escrever os textos de abertura dos municípios. De fato, a qualidade da maioria dos textos não era boa e não soubemos ensinar como fazer melhor. Outra recomendação cujo efeito desconhecemos, mas que pode ter restringido à comuni-

cação do grupo, agora por e-mail, foi a de evitar enviar e-mails para o grupo por qualquer motivo, com medo de que nossas caixas postais ficassem sobrecarregadas. Foram feitos cursos de foto e imagem e roteiros para apresentação das experiências. Contudo, a falta de familiaridade com o registro foi somada com a falta de tempo dos articuladores, o que frustrou um pouco as expectativas.

13th October 2011

Encontro de maio/2011

Articuladores regionais e locais da Rede Sans estiveram reunidos em Botucatu (SP), nos dias 19 e 20 de maio de 2011, para planejar as ações do segundo semestre. Veja aqui algumas fotos do encontro.

[http://3.bp.blogspot.com/-X9HrIYmy-ro/TpdD2DIaDGI/AAAAAAAAAAM/EcyhzvF0NAE/s1600/IMG_6174.JPG]

[http://1.bp.blogspot.com/-A5gPPynao0s/TpdD3ChxwkI/AAAAAAAAAAU/nzQVeZZGdWE/s1600/IMG_6246.JPG]

Figura 12 – Blog Rede-SANS, outubro de 2011

Houve grande dificuldade para obtenção dos textos para alimentar tudo o que se pretendia no site. Não havia no grupo pessoas que tivessem ao mesmo tempo conhecimento e disponibilidade e/ou habilidade para escrever. Ainda hoje, deparamos com essas dificuldades, mas aos poucos fomos descobrindo a melhor maneira de fazê-lo. Para os bolsistas que não eram da área de SAN e que dominavam as técnicas de comunicação, pode ter parecido que faltou empenho

dos bolsistas da saúde e nutrição, mas o problema real consistiu no estranhamento em relação às tecnologias e com a própria atividade de escrever. Esse é um dos propósitos da Rede-SANS, "empoderar" as pessoas a partir da comunicação. Descobrimos que é preciso paciência, persistência, compreensão e respeito. Acima de tudo, é necessário acreditar no potencial do outro e que cada pessoa vê e lida com a realidade de maneira singular.

Junto com as dificuldades para obtenção do material dos municípios, descobrimos que a confecção de vídeos também demandava muito tempo. Só o de antropometria, que seria utilizado na preparação dos bolsistas para a pesquisa, levou pelo menos dois meses. A opção de programar o site não poderia ter sido pior; somente depois descobrimos que dessa forma estaríamos totalmente dependentes do programador, que cada vez demorava mais para atender nossas demandas. Alguns efeitos colocados no site não permitiam o acesso de qualquer computador, o que complicava ainda mais. Como se não bastasse, o layout não agradou à maioria. Isso tudo nos levou a procurar outra alternativa para o site.

Para mudar a primeira versão do site, consultamos especialistas em comunicação. A segunda também demorou mais do que o previsto para ir ao ar, porém contou com a participação ativa de todos nas decisões. Para a nova linguagem, algumas páginas tiveram que ser substituídas (Figura 13).

Figura 13 – Página de rosto do site da Rede-SANS, maio de 2013

O professor Milton Nakata[3] descreve o processo da seguinte maneira:

> Em março de 2011, em uma reunião com a coordenação do projeto Rede-SANS, juntamente com alguns membros participantes do projeto, foi-nos solicitado o desenvolvimento de layout para o website da Rede, enfatizando a necessidade de um site "limpo" e de fácil acesso para ambos os públicos (pessoas mais humildes do campo e acadêmicos). Durante os meses de março e abril, desenvolvemos quatro layouts como opções iniciais para o novo site. Após o envio, uma das peças foi aceita pelos responsáveis, e fomos informados de que a construção da página eletrônica havia iniciado. Nesse meio-tempo, uma versão foi ao ar, porém diferente do layout enviado.
>
> Em junho fomos contatados novamente para uma reunião, na qual nos solicitaram o desenvolvimento de novas páginas, utilizando o layout que havia sido aceito primeiramente. Os layouts de três novas páginas dentro do site foram executados e enviados. Em agosto, houve um encontro com a coordenação do projeto, marcando uma reunião para acertarmos definitivamente os aspectos do website, que até então não tinha ido ao ar. Nessa reunião ficou definido que a proposta inicial da página eletrônica seria bastante modificada. Decidimos, então, desenvolver mais duas alternativas e as enviamos.
>
> Em fevereiro de 2012, foi marcada outra reunião, dessa vez em São Paulo, para buscarmos auxílio no desenvolvimento de um novo website, interrompendo a sequência das propostas anteriores. A partir desse ponto, havia a participação de um novo programador na equipe, que ficaria responsável pela construção do novo site. Nessa reunião, houve uma mudança na função da página eletrônica, estendendo-a para uma grande compatibilidade com as redes sociais, visando a melhor divulgação, mas mantendo os conceitos iniciais, de um site com as informações claras e de fácil acesso e navegabilidade. Atendendo os indicativos, montamos um novo layout em estilo cascata, para facilitar o desenvolvimento.
>
> Durante o primeiro semestre de 2012, foram feitas inúmeras modificações nesse layout, como a substituição de botões, banners e reposicionamento dos elementos. Em julho de 2012, tivemos nova reunião com o programador, na qual se decidiu a utilização da plataforma Wordpress como base do novo site, o que facilitaria a adaptação de um layout mais orgânico e implementação de plugins e addons sem a necessidade de reprogramar todo o conteúdo novamente. Em tese, isso iria acelerar o processo de programação, podendo encurtar

3. Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de Bauru-SP

a data de entrega do novo layout. Depois de muito tempo, o programador decidiu utilizar outra plataforma, já que estava com dificuldades operacionais de adaptação para o Wordpress.

Definida a nova plataforma, o programador nos forneceu um grid, passando--nos um modelo pronto de site para que pudéssemos desenvolver novos layouts. Nas semanas seguintes, trabalhamos em nova versão, seguindo todas as diretrizes dos anteriores. Terminamos no final do mês e logo a enviamos.

No final de agosto de 2012, a página eletrônica ainda estava em construção, mas fomos contatados pela coordenação, solicitando-nos outra reformulação, que atendesse plenamente às expectativas do projeto. Executamos nova proposta, muito mais limpa e simplificada que as anteriores. Ao início de setembro, entregamos o novo layout, que acabou por ser o definitivo, após nove propostas, no total. Em novembro, o website atual da Rede-SANS foi ao ar.

A repercussão do site nos municípios da Rede-SANS

Pode-se dizer que, apesar de bem frequentado, em 2013, o site da Rede--SANS encontrava-se subutilizado pelos municípios que a integram.

Em levantamento realizado por meio de entrevista com integrantes das redes locais, apenas sete dos 29 municípios entrevistados assumiram que realizavam boa divulgação das atividades de SAN; em dois deles não havia qualquer divulgação. Para a metade dos casos, a falta de profissionais capacitados ou incumbidos dessa tarefa é o principal fator limitante. Outra parte considera que há falta de interesse ou de planejamento para isso. Todos os municípios usam o rádio como meio de divulgação; em segundo lugar vem o jornal com 81%, 60% utilizam a página eletrônica da prefeitura, 18% fazem uso de redes sociais e 16% divulgam as atividades em outros sites; apenas dois municípios indicaram o da Rede-SANS como um local para divulgação de suas atividades e dois outros indicaram o blog da Rede-SANS local; o diário oficial, a TV local, os e-mails e o carro de som também foram citados. Os relatos na seção "Dividindo experiência" do site do projeto é uma ferramenta pouco usada por catorze municípios, adequadamente usada por três e muito usada por dois municípios; nos demais, os entrevistados assumem que não usam a ferramenta.

Sobre as trocas de experiência com outros municípios, a visita ao site da Rede-SANS não foi lembrada; foram citados os seminários quinze vezes, as interações com as cidades vizinhas, oito vezes, as visitas a municípios mais distantes, três, e as trocas de e-mails, uma. Quase todos citaram que as trocas começaram a partir do ingresso na Rede.

O site foi considerado por todos uma ferramenta de fácil acesso; foram feitas poucas sugestões para sua melhoria; dois grupos citaram que deveria haver maior interatividade, um indicou que deveriam ser disponibilizados mais materiais didáticos, outro, que poderia ter mais estatísticas de caráter regional. Em três municípios foram citadas dificuldades na utilização da plataforma Moodle, a ser modernizada.

O baixo uso da internet pelas pessoas envolvidas na Rede-SANS, algumas por opção, outras por falta de acesso ou de conhecimento da ferramenta, é um desafio a ser enfrentado para a sustentabilidade do projeto, visto que, a partir de 2013, a estrutura de animação da Rede-SANS como tal deixou de existir e os encontros presenciais não terão os recursos para custeio de seus participantes. Mais uma vez, a sociedade civil será penalizada, pois os técnicos do poder público têm a chance de receber recursos para essa participação.

Na avaliação da repercussão do site no município, é importante destacar que as questões foram respondidas pelo grupo de pessoas que o articulador local elencou como aquelas com as quais estabeleceu vínculo e desenvolveu suas atividades. Não temos ideia do quanto os alunos do Interanutri continuam utilizando a página. Nas salas virtuais, mesmo depois de encerrados os cursos a distância, os alunos ainda acessam os conteúdos disponibilizados. Depois do Interanutri, a Biblioteca tem sido o link mais consultado. Em março de 2013, o site da Rede-SANS apresentou em média três mil acessos ao mês, desde seu lançamento.

Relatos de experiências do grupo de educomunicação

Síntese dos relatos do grupo

O grupo de educomunicação foi formado por estudantes de graduação, pós-graduandos e professores orientadores da área de comunicação. Suas contribuições foram distintas de acordo com sua capacidade técnica e formação. Contudo, desde as execuções mais simples, tais como a orientação para a compra de um equipamento de informática, até os trabalhos mais complexos, como a editoração de vídeos e projeto gráfico e identidade visual, todas foram relevantes para a constituição e desenvolvimento da Rede-SANS. Outras perspectivas e detalhes do processo podem ser lidos mais adiante, nos relatos que os bolsistas da educomunicação fizeram para esta publicação.

Contribuições do grupo de educomunicação

- Produção da identidade visual que singularizou a Rede-SANS e lhe deu maior pregnância;
- identidade visual produzida para agradar a públicos distintos, com leveza e simplicidade, de fácil acesso e agradável ao leitor, sejam eles acadêmicos ou agricultores;
- habilitação de profissionais que atuam no movimento de promoção de SAN, profissionais de saúde e professores para produzirem trabalhos fotográficos, filmagens, uso de data show, videoconferências, tratamento de imagens fotográficas com Photoshop, editoração de vídeos, entre outras habilidades;
- captura de imagens para alimentação e fomento do site e para produção de material impresso da Rede-SANS;
- produção do vídeo institucional da Rede-SANS;
- suporte técnico nos seminários;
- produção de ilustrações com estilo capaz de representar a identidade visual da rede e apresentar versatilidade para atingir os objetivos da produção gráfica da Rede-SANS;
- desenvolvimento da cabine "Expresso Aqui", para registro de denúncias e opiniões dos enredados da Rede-SANS;
- desenvolvimento dos projetos "Dica Rede-SANS", que promoveu a interação com a população abordada nas ruas de Bauru, e "Saúde a gosto" que divulgou a prática culinária saudável, evitando o desperdício. Trata-se de projetos que proporcionaram material para alimentação do site da Rede;
- alimentação da página eletrônica da Rede-SANS, do Twitter e do perfil da Rede-SANS no Facebook com assuntos, divulgação de eventos, cursos, entre outros conteúdos da atualidade;
- desenvolvimento de experimentos de preparações para produção de informações nutricionais, elaboração de receitas culinárias e produção de imagens para alimentação do site e confecção de material impresso, tal como o Caderno de Plantas Ruderais e do Caderno do Agricultor *Lá casa, lá na roça, lá na cidade*;
- organização de artigos e legislação pertinentes à segurança alimentar para disponibilizar as informações no site da Rede-SANS aos articuladores locais que atuam nos municípios e que demandam apoio para implementar políticas públicas vinculadas ao tema;
- organização da Biblioteca Virtual da página eletrônica do projeto Rede-SANS.

Ganhos identificados pelos integrantes do grupo de educomunicação

- Experiência singular pessoal e profissional;
- conhecer a realidade de diferentes regiões do estado de São Paulo em que a Rede-SANS atuou;
- sentimentos de gratidão, pertencimento e envolvimento em um projeto inovador, que busca a qualidade de vida, alimentação saudável, adequada e solidária, como fonte de inspiração para futuros projetos;
- oportunidade de atuação em seu campo de formação audiovisual aplicado à segurança alimentar;
- aprendizado e compreensão do conceito e políticas de SANS, sobre a necessidade de estabelecer práticas alimentares favoráveis ao próprio indivíduo e à coletividade, sobre redes, sustentabilidade, agricultura familiar, diversidade cultural;
- sair do "casulo", interagir com diversos atores sociais e verificar as dificuldades e alegrias de articular grupos tão diferentes com necessidades variadas;
- sensibilidade com relação às questões humanas, sociais e problemas alimentares;
- capacidade de trabalhar coletiva e interdisciplinarmente com troca de conhecimentos e experiências profissionais;
- aprender a criar o desejo dos usuários do website em obter informações sobre o projeto.

Narrativas do grupo de educomunicação

Danielle Fernandes Vileigas
(bolsista DTI-C)

Tive meu primeiro contato com segurança alimentar e nutricional durante a graduação no curso de Nutrição, no qual me interessei muito pelo assunto e comecei a entender um pouco da importância da SAN, mesmo que esse contato tenha sido um tanto quanto estreito e tímido ainda. Logo após minha formação, conversando com a coordenadora geral, professora Maria Rita Marques de Oliveira, fui convidada a ingressar no grupo que cuidava da Biblioteca Virtual do site do projeto Rede de Municípios Promotores da Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Rede-SANS), iniciando, assim, minhas atividades como bolsista em junho de 2011.

A proposta inicial da professora Maria Rita foi que eu orientasse dois bolsistas de graduação do curso de Nutrição no levantamento e organização de material bibliográfico para a Biblioteca Virtual Geral (materiais mais científicos) e de Apoio ao Interanutri (materiais mais didáticos e ilustrativos). Foi uma busca intensa nas várias páginas eletrônicas dos ministérios, assim como em sites de busca científica. Ao mesmo tempo, outras atividades foram sendo realizadas, como o levantamento de vídeos sobre SAN disponíveis na internet, a busca de editais abertos que envolviam SAN, além do levantamento de legislação e notícias sobre o assunto.

Com o tempo e vivência na Rede, comecei a apoiar a equipe de educomunicação, por meio de edições de vídeos, planejamento e logística de filmagens. Pude participar de perto da produção do DVD de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável na Atenção Básica, feito para o treinamento e padronização da coleta de medidas antropométricas dos executores da pesquisa de campo da Rede-SANS. Nesse DVD fiz as edições do vídeo didático de antropometria e a produção do vídeo de introdução. Coordenei também a produção do vídeo sobre atividade física disponibilizado no curso a distância Interanutri – Agente, assim como cuidei de sua edição.

Uma experiência muito interessante do trabalho na Rede foi participar como apoio, durante uma semana, nos municípios de São Paulo e Taubaté, do treinamento de antropometria dado aos bolsistas da pesquisa da Rede-SANS, "Conhecendo o Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) na atenção básica do SUS no estado de São Paulo".

Logo, a Rede foi crescendo, assim como a necessidade de alguém que coordenasse todas as atividades do site e não só a Biblioteca Virtual. Com isso, a professora Maria Rita me convidou para tal função, aumentando minhas horas de trabalho no projeto.

No primeiro site eletrônico, fiquei responsável pela inserção de alguns conteúdos, porém houve a necessidade da criação de um novo, e, com isso, dei apoio a sua estruturação e construção, sendo responsável por toda a alimentação da página. Organizei todos os materiais e conteúdos de cada município participante da Rede em suas respectivas seções no site, como "Rede-SANS local", "Legislação municipal", "Metas do milênio", "Dividindo experiências", entre outras.

Em paralelo a essas atividades, sempre me dispus ao que foi preciso para o cumprimento da missão da Rede-SANS, no que diz respeito a articular e envolver pessoas e instituições de diferentes contextos numa ação integrada de defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária.

Participei também da organização de quatro seminários de articuladores locais da Rede-SANS e do I Seminário Estadual da Rede-SANS, sendo uma expe-

riência enriquecedora e contribuindo muito para a experiência de trabalho em equipe.

Todo o trabalho interdisciplinar e em equipe da Rede, assim como seus princípios e valores, foi de fundamental importância para meu crescimento pessoal e profissional. Pude perceber a relevância do poder da articulação na conquista de grandes resultados, no caso, os relacionados à SANS, primordial para assegurar uma vida digna, saudável e com harmonia.

Arthur Bestana Bentivenha
(bolsista DTI-C)

O contato com segurança alimentar foi durante meu trabalho na Universidade, quando a professora Maria Rita me apresentou o projeto e me convidou para elaborar e cuidar da manutenção e do apoio aos usuários no site da Rede-SANS.

No começo de 2011 marcamos, com o grupo de educomunicação pertencente à Rede-SANS, reuniões em que decidimos a "cara" do site e como as pessoas iriam utilizá-lo para inserir conteúdos de forma automática e com interatividade.

Logo em agosto de 2011, contratamos um servidor Cloud (alocação de recursos em uma empresa para manter a estrutura criada na internet) e criamos lista de grupos, serviço de e-mails. Ajudei a colocar o site no ar e com conteúdo atualizado, dando todo o suporte necessário.

Com o tempo começamos a perceber que faltavam alguns recursos e o layout precisava ser alterado; não havia notícias na página principal e faltava mais interatividade ao usuário. Dessa forma, a professora Maria Rita se uniu aos participantes da Rede-SANS para construir um novo modelo para o site.

Até hoje (outubro de 2012) mantenho a página e ajudo os usuários em todos os sistemas. Acreditamos que em novembro próximo o novo site deve entrar no ar com mais notícias, vídeos e interatividade.

Com o término do projeto houve necessidade de diminuição dos recursos; dessa forma, trocamos nosso servidor para uma hospedagem de sites e as listas estão sendo transferidas para o Yahoo e o e-mail está sendo fornecido gratuitamente pela Microsoft. Assim, os custos serão alocados de forma que poderemos continuar com os serviços prestados.

A Rede-SANS foi e acredito que seja, para muitas pessoas, uma forma de aprender mais sobre os alimentos e a segurança alimentar, com o que devemos nos preocupar. Mesmo participando da área técnica, consegui crescer e perceber

que temos obrigação de nos alimentar direito e transmitir esse conhecimento aos que estão ao nosso redor.

Adriana Maria Donini
(bolsista DTI-C)

Iniciei minhas atividades como bolsista no projeto Rede de Municípios Promotores da Segurança Alimentar e Nutricional em agosto de 2011. Porém meu contato se deu um pouco antes, por ocasião de uma divulgação solicitada pela coordenadora geral, professora Maria Rita Marques de Oliveira, pelo fato de eu prestar serviço de assessoria de imprensa para o Instituto de Biociências da Unesp, *campus* de Botucatu.

Minha primeira atuação na Rede de Defesa e Promoção da Alimentação, Saudável, Adequada e Solidária foi voltada ao estímulo de hábitos mais saudáveis, que tem sido comum em diversas atividades. Porém, aos poucos, fui percebendo que era uma ação mais ampla, que incluía articulação dos órgãos públicos com a sociedade civil e das políticas de segurança alimentar e nutricional com as das áreas de saúde, direito humano à alimentação, valorização das culturas locais, solidariedade, qualidade do que se consome. Também compreendi que, apesar de contemplar estímulo à alimentação mais saudável, não significava dizer às pessoas que não ingerissem alimentos gordurosos e recomendar a prática de atividades físicas, por exemplo.

A proposta da professora Maria Rita era que eu redigisse os informativos. Porém, como ainda não havia padronização dos textos de apresentação dos municípios que integram o projeto, também sugeriu que eu fizesse esse trabalho.

Após definir em conjunto com ela e a bolsista Adelídia Chiarelli as fontes de obtenção de informações e os conteúdos que seriam incluídos nos textos dos municípios, iniciei as pesquisas e depois fiz a redação dos textos. Esse trabalho foi realizado de agosto a novembro de 2011 e contemplou 27 municípios. O texto da cidade de Porto Feliz foi redigido posteriormente porque passou a integrar a Rede em 2012. Paralelo a essa atividade, produzia as notícias para o Informativo Rede-SANS.

Com a criação de um blog, em novembro de 2011 passei a publicar os textos nesse meio e, depois, incluir apenas o resumo e o link das notícias no boletim que enviava às pessoas cadastradas.

Quando o site da Rede foi disponibilizado, comecei a revisar textos publicados nesse espaço, como a seção "Dividindo experiências", e sobre eventos realizados, além de elaborar algumas orientações para adequação de conteúdos a serem postados.

Percebi que, aos poucos, várias pessoas foram compreendendo a importância de divulgar as atividades para que se pudesse obter um resultado mais eficaz dos objetivos pretendidos.

Por ser um trabalho em equipe, interdisciplinar e que envolve atualmente 29 municípios, a participação no projeto e nas atividades realizadas, como os seminários de articuladores locais, tem sido enriquecedora, possibilitando interação com diversos atores sociais, além de minha contribuição, na medida do possível, com a área de comunicação da Rede-SANS e, consequentemente, na divulgação de seus princípios, valores e ações, que buscam, por meio de articulações, a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária.

Emilia Alonso Balthazar
(bolsista DTI-C)

No final do ano de 2010, fui convidada pela professora Maria Rita Marques de Oliveira a participar do projeto Rede-SANS, como apoiadora do site. Desde então tenho contribuído para a manutenção e atualização das bibliotecas e das páginas do "Brasil e Mundo", além de ser responsável pela atualização do perfil da Rede-SANS no Twitter (@redesans).

Apesar da pouca experiência com o tema "segurança alimentar", aceitei prontamente o desafio e a oportunidade, pois me interesso por pesquisas em geral.

Nunca havia me interessado pelo Twitter até então. Com o convite, criei um perfil e comecei a conhecer as ferramentas do microblog, como o Twitter Longer e o Twitpic. Verifiquei que, por essa rede social, as mensagens deveriam ser rápidas e chamativas (máximo de 140 caracteres), o que se tornou novo desafio para quem gosta de se prolongar nas descrições.

Algumas dificuldades se apresentaram no início, em razão dos assuntos inovadores e pertinentes ao tema segurança alimentar, relevantes para os integrantes da Rede. Por isso, a participação em reuniões de articuladores regionais e locais foi imprescindível para conhecer mais o projeto e as necessidades dos articuladores.

Ao longo de minha atuação, compreendi que a Rede-SANS tem como objetivo fazer um diagnóstico da insegurança alimentar e educar pessoas de diversas áreas e comunidades, para que todos os setores da sociedade se articulem pela promoção de meios para uma alimentação adequada, saudável e solidária.

Após meses de trabalho na Rede com o site e o Twitter, verifiquei que era necessária a utilização de outra rede social para integrar mais os parceiros da

Rede-SANS. Surgiu a ideia da utilização do Facebook, e criamos então o perfil: http://www.facebook.com/#!/pages/Rede-SANS-302904793103147?fref=ts.

Tornou-se possível divulgar e criar páginas de eventos (como foi feito para o I Seminário Estadual da Rede-SANS), destacar notícias importantes para a Rede e anexar *folders* e fotos com facilidade, para divulgação.

Sintetizando, ao atuar no site da Rede, no Twitter e no Facebook, tenho como objetivo procurar assuntos, eventos, cursos, leis que incentivem, deem apoio ao seguimento das atividades da Rede ou apenas mostrem as atualidades.

Além das atividades relacionadas à internet, é relevante também relatar minha atuação na organização do painel sobre as ações "Comércio e consumo de alimentos na sociedade contemporânea", no I Seminário Estadual da Rede-SANS. Realizei contatos com diversas organizações e instituições, entre elas, a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia) e a Associação Brasileira de Defesa do Consumidor (Proteste), que aceitaram participar do seminário, enriquecendo a discussão sobre a necessidade da melhora da oferta de produtos alimentícios no Brasil.

A participação na Rede-SANS me proporcionou uma grande oportunidade de aprendizagem, me tirando do "casulo" da parte experimental da pesquisa da área da nutrição. Estou aprendendo cada vez mais sobre redes, sustentabilidade, agricultura familiar, políticas de segurança alimentar, diversidades culturais, além de verificar as dificuldades e alegrias de se articular grupos tão diferentes com necessidades variadas.

Milton Koji Nakata
(bolsista DTI-C)

Fui convidado a ingressar no projeto Rede-SANS com a tarefa específica de coordenar o desenvolvimento de design do site para esse projeto. Esse site consistiu em suporte principal para a divulgação dos conteúdos desenvolvidos pela Rede-SANS.

Para tal tarefa obtive auxílio de dois bolsistas, estudantes de graduação do curso de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, *campus* de Bauru-SP. Um voltado para o auxílio no desenvolvimento do site e de materiais gráficos, e o outro, para produção de desenhos e imagens que ilustrassem o conteúdo de divulgação. Dessa forma, os bolsistas selecionados foram Vinícius Laranjeira Trentin, na primeira função, e Camilo Antonio Bertozo Solano, na segunda. Após um ano de atividades, houve uma troca de bolsistas, quando saiu o segundo e entrou Marco Antonio Álvares Simpriano em substi-

tuição. Este, por sua vez, assumiu a função do antecessor e incorporou outras, ajudando nas tarefas de design gráfico.

Ao iniciar o desenvolvimento das atividades inerentes a minha participação, mostrou-se necessária uma abrangência maior do que a inicialmente prevista. No primeiro momento, foi estabelecido que qualquer informação visual sobre a Rede seria por meio de uma unidade visual. A identidade visual é o que singulariza visualmente um dado objeto. Sua manifestação pode ser mais fraca ou mais forte, porém, no senso comum, qualquer coisa que possa ser identificada visualmente possui uma identidade visual. Com uma mais fraca, o objeto é pouco notado por seu aspecto visual, já uma mais forte leva nossa atenção ao objeto e, principalmente, nos faz lembrar dele quando o vemos de novo, ou seja, confere maior pregnância ao objeto.

Um aspecto relevante a ser considerado no *breafing*, para dar início ao projeto de identidade visual da Rede-SANS, foi seu público-alvo. Apesar de a iniciativa partir de um contexto acadêmico, no projeto de extensão universitário, de fato, o público-alvo foi muito mais abrangente, indicando toda a comunidade relacionada às prefeituras, aos produtores agrícolas, aos consumidores e à sociedade em geral.

Foi um grande desafio encontrar uma solução gráfica para definir o logotipo da Rede-SANS, inserindo os principais conteúdos que fazem parte de suas atividades. Estes foram traduzidos, de forma sintetizada, numa linguagem visual simples e acessível, de fácil leitura e memorização. É sempre desejável que o conteúdo seja agregado nessa solução visual que denominamos de logotipo. Para isso, houve reuniões preliminares, em que foi possível estabelecer síntese da missão do projeto por meio de um *breafing* e inseri-la como conteúdo na solução visual.

Na fase seguinte, foi desenvolvida a aplicação do logotipo nos vários suportes de manifestações visuais do projeto Rede-SANS. Assim, criamos um padrão gráfico de uso do logotipo nos impressos: cartão de visita, papel ofício, planilha de atividades mensais dos membros e outros impressos que teriam a aplicação do logotipo, que, de forma sistematizada e uniforme, poderá fixar a identidade visual. Se feita de modo aleatório, teremos sua dispersão visual.

Ao iniciar a fase do desenvolvimento do site Rede-SANS, foco principal da minha participação no projeto, deparei com alguns desafios, e destaco como os principais:

- direcionar a um público geral, heterogêneo e de classes sociais variadas;
- atender aos princípios da Rede-SANS;

- inserir vários conteúdos de diferentes linguagens (textos, ilustrações, fotos, vídeos e outros);
- proporcionar ao público-alvo fluidez na leitura dessas informações; e
- aplicar a identidade visual criada.

Trabalhar no desenvolvimento de site é trabalhar com o design, mais especificamente com o digital, ou seja, serve para criar um ambiente para a informação e torná-la consistente. Por isso, cada pequeno elemento tem de ter um porquê. Nesse aspecto, a experiência foi muito enriquecedora, pois os conteúdos foram derivados de trabalhos de vários profissionais de diferentes áreas de atuações envolvidos no projeto. Estabelecer um layout que possa ordenar esse conteúdo consistiu em um grande desafio, mas nem por isso foi a parte que ofereceu maiores obstáculos.

A maior dificuldade residiu na construção do próprio site pelos programadores e analistas de sistemas. Todos os elementos criados, desenvolvidos de forma criteriosa, considerando os equilíbrios estéticos nos mínimos detalhes e ordenando as informações de forma que houvesse boa fluidez na navegação no site, não se efetuaram de imediato, conforme planejado durante o desenvolvimento do layout. Foram necessárias várias reuniões para viabilizar essa tarefa, recorrendo a outros profissionais para auxiliar na execução da ideia, ou seja, aplicar com fidelidade o planejamento visual do site.

Outra frente de atuação exercida durante o período da bolsa foi auxiliar bolsistas, sob minha orientação, no desenvolvimento das imagens que iriam ilustrar as várias ações da Rede-SANS. Para isso foi necessário estabelecer um estilo de ilustração e adotar uma linguagem única que pudesse também fazer parte da identidade visual do projeto.

Precisamos desenvolver ilustrações para todos os materiais gráficos, a fim de não incorrer em problemas de direitos autorais de imagens, que, extraídas da internet, são utilizadas indiscriminadamente por algumas pessoas.

Assim, os trabalhos que envolveram a produção de ilustrações se deram sempre no intuito de atender aos requisitos preestabelecidos e também de utilizar uma linguagem que fosse facilmente interpretada pelo público-alvo e oferecesse boa reprodutividade.

Nas atividades de desenvolvimento de peças gráficas, houve sempre o cuidado em associá-las aos elementos da identidade visual e com isso fortalecer a imagem da Rede-SANS perante seu público. Isso foi efetivado a cada solicitação de criação de materiais gráficos para eventos e atividades realizados.

De forma geral, foi muito interessante e gratificante participar de um projeto como este, porque possibilitou a mim e aos alunos envolvidos "navegarmos" em

vários outros campos do saber, procurando entender suas atuações e compartilhando experiências e pontos de vistas de cada uma das especificidades. O resultado, a meu ver, reflete em atender o maior número de beneficiários de nossa sociedade.

Caio Guilherme Figueiredo
(bolsista ITI-A)

O primeiro contato que tive com a Rede-SANS foi por meio do processo de seleção para a bolsa de produtor audiovisual. Até o período, não tinha conhecimento sobre o que era a Rede, qual seu objetivo, área de atuação etc. Meu conhecimento de nutrição era básico.

Quando soube da proposta da bolsa, fiquei interessado, por possibilitar atuar em minha área, fazendo vídeos para a instituição, trabalhando as diversas partes de uma produção, desde a elaboração de roteiros, gravação e também os processos de pós-produção.

O primeiro trabalho realizado para a bolsa foi o vídeo institucional. Para montar o roteiro, eu e a outra bolsista da área de produção audiovisual, Caroline Rye, pesquisamos e buscamos compreender o conceito de segurança alimentar, qual sua importância, quando surgiu, onde está presente etc. Após esse estudo, passamos a aprender sobre a Rede-SANS em si, como funcionava, sua proposta, quais eram os valores e objetivos, como as cidades e pessoas podiam participar, buscamos informações sobre o projeto, e baseados nisso construímos um roteiro base para o vídeo.

Conversamos diretamente com a professora Maria Rita e com a bolsista Flávia sobre as propostas para o vídeo. Depois, cuidamos que o vídeo fosse produzido, fazendo algumas gravações, entrevistas e então a parte de edição e pós-produção.

Ligado aos projetos audiovisuais, pude acompanhar o I Seminário Estadual da Rede-SANS. Assim tive contato direto com os envolvidos na Rede e aprendi mais sobre a importância da segurança alimentar com os debates realizados. Além de dar suporte técnico no seminário, realizei, junto da bolsista Caroline, entrevistas e gravações para a cabine "Expresso Aqui".

A cabine era um local onde as pessoas que participavam do seminário podiam dar sua opinião, deixar um recado sobre temáticas ligadas à segurança alimentar. O conteúdo levantado na cabine foi muito interessante, pois demonstra a importância da Rede e sua forma de atuação.

O período em que estive como bolsista do projeto foi muito proveitoso, porque, além de todo o aprendizado, pude colocar em prática conceitos ligados a minha área de formação pela realização dos vídeos.

Para fazer um trabalho de qualidade estudei e ampliei meu conhecimento sobre produção de um vídeo. Aprimorei minhas habilidades na área de edição, utilizando novos softwares e ferramentas para deixar o vídeo num padrão profissional. Outra importante área com a qual aprendi a trabalhar foi a de computação gráfica, necessária para criar os videografismos dos vídeos.

A Rede-SANS me proporcionou uma ótima experiência, ajudando a colocar em prática o conteúdo aprendido em meu curso, além de proporcionar maior conhecimento sobre segurança alimentar e nutricional, um conceito recente e de extrema importância.

Acredito que o trabalho árduo realizado pela Rede, promovendo melhor qualidade de vida da população na busca por uma alimentação saudável, adequada e solidária, é uma fonte de inspiração para futuros projetos.

Gabriel Cunha Beato
(bolsista ITI-A)

Meu primeiro contato com a Rede-SANS foi em 2011, assim que entrei na Unesp, quando uma amiga me relatou estar fazendo estágio com a professora Maria Rita. No mesmo ano cursei uma disciplina optativa na faculdade que abordava o tema alimentação escolar, interdisciplinaridade e a atuação de profissionais da saúde. Em 2012, procurei uma professora do departamento de Educação para saber sobre um estágio na área de preparação de alimentos, contudo ela não podia me oferecer o estágio, pois o projeto não havia sido aceito. Foi aí que ela me indicou para a professora Maria Rita, que no momento precisava de alguém para testar algumas receitas e "alimentar" a parte do "Guia Alimentar" do site da Rede-SANS. Após uma conversa, aceitei trabalhar no projeto, em razão do meu gosto pela área.

Confesso que no começo me senti muito confuso sobre como trabalhar. Durante essa fase de adaptação, contribuí com os seminários realizados e com o restante do site, buscando informações sobre os municípios, mas ainda sem muito conhecimento sobre o que era e como funcionava a Rede-SANS. No mesmo período de trabalho, tive aulas na graduação de Sociologia que abordavam o tema da SANS e as políticas públicas. Compreendi um pouco mais sobre o tema e pude aproveitar melhor as discussões que foram iniciadas nos seminários posteriores.

Realizei poucas atividades no Laboratório de Nutrição e Dietética e em todas elas fui responsável, juntamente com outra pessoa, por fazer a lista de compras, estimar gastos, elaborar receitas, calcular porção ideal, valor energético, montar os pratos, fotografá-los e por fim colocar as receitas, junto com as fotos, no "Guia Alimentar". Essas atividades no laboratório puderam me

mostrar o quanto são complicadas e exaustivas a elaboração de um cardápio e sua execução.

Concomitantemente, fui responsável por buscar informações científicas sobre os alimentos e elaborar textos complementares para enriquecer o "Guia Alimentar". Esse material visava contribuir para a informação popular e disseminar achados científicos que desmistificam mitos populares.

Além deste trabalho, foi feita uma parceria com a profª drª Lucia Paleari para elaborar um guia alimentar sobre as plantas ruderais, sendo trabalhadas, no Laboratório de Nutrição, receitas que visavam ao seu uso. Por fim, um guia foi impresso com as fotos e as receitas, e distribuído em outros eventos e seminários da Rede-SANS.

Confesso que poucas vezes pude sentir que estava fazendo um trabalho em que me via como nutricionista. Pensei que as atividades no laboratório seriam mais frequentes, porém, devido a alguns problemas, fui impedido de continuar essa etapa. Avalio que se houvesse uma intercomunicação entre as pessoas envolvidas nessa parte do trabalho, seria muito mais frequente a produção de material para o "Guia Alimentar", pois, por diversas vezes, muito do planejado não rendeu trabalho por depender de outras pessoas que não estavam com disponibilidade de tempo.

De maneira geral, avalio que estar dentro da Rede-SANS me proporcionou ampla visão sobre a relação alimento/segurança alimentar e analisar que a nutrição não está somente envolvida com o alimento e o indivíduo, mas também com o meio social, político e cultural. Durante minhas participações nos seminários da Rede pude conhecer pessoas muito comprometidas com a segurança alimentar e que batalham por políticas públicas que visam a uma melhora nesse campo. Um exemplo foi conhecer dom Mauro e sua vontade gritante de fazer esse trabalho dar certo. Ao ouvir suas palavras de sabedoria e incentivo, pude entender um pouco do que motiva a luta dos municípios por uma alimentação saudável, solidária e segura.

Foi também em um seminário em que a professora Maria Rita me apresentou aos membros de diversos municípios e explicou um pouco de minha função, ocasião em que pude compreender de fato minha importância na Rede e o quanto eu estava sendo "cobrado" para fazer um bom trabalho e me dedicar às atividades que julgava ser menos importantes.

Esse contato em especial me fez crescer como ser humano, profissional e um indivíduo socialmente ativo. Sinto que entrei como um ser humano "cru" na Rede-SANS e estou saindo mais humano, mais social e sem fazer vista grossa para os diversos problemas que envolvem a alimentação, ainda mais quando se fala no ambiente escolar.

No futuro ficarei muito orgulhoso de dizer que pude, mesmo que pouco, contribuir para que a Rede-SANS lutasse pelo direito humano à alimentação.

Silvio Geraldo dos Santos Júnior
(bolsista ATP-A)

Meu primeiro contato com a segurança alimentar se deu por um convite feito pela professora Lucia Maria Paleari, quando passei a trabalhar junto à equipe de educomunicação na captura de imagens fotográficas e auxiliando alunos e professores na alimentação dos sites e manuais da Rede-SANS.

Por meio das oficinas e cursos, pude transmitir um pouco de minha experiência na área de fotografia para os agentes da saúde – como manusear corretamente uma câmera fotográfica, edição e preparação das imagens utilizando o Photoshop e como montar um PowerPoint para palestras junto à comunidade de atuação e na região de cada agente.

Enfim, nesse período em que estive atuando junto a Rede-SANS pude, de maneira bastante eficiente, passar muito do conhecimento em trabalhos fotográficos aos profissionais que atuam na área da segurança alimentar, e também aprendi muito sobre a realidade de algumas regiões onde a Rede-SANS atua, com seus coordenadores, na busca de uma qualidade de vida melhor para o ser humano.

Silvio Garcia Manoel
(bolsista ATP-A)

Meu primeiro contato com o tema segurança alimentar foi durante as atividades junto à Rede-SANS, quando comecei a interagir com os alunos e professores na captura de imagens para fomentar sites e manuais de segurança alimentar.

Fui convidado a integrar a equipe de educomunicação na captura de imagens em vídeos e fotografias. Posteriormente, fomos aprofundando nosso trabalho no projeto, o que proporcionou uma experiência ímpar em minha prática.

As atividades por mim desenvolvidas no dia a dia serviram em muito para que pudesse treinar o pessoal a atuar em suas regiões. Pudemos, assim, capacitar vários profissionais da saúde e segurança alimentar no manuseio de equipamentos fotográficos e filmagens. Nesses encontros fizemos vários trabalhos práticos em fotografia e filmagens, abrangendo a montagem de uma aula em Datashow, tratamento de imagens fotográficas com Photoshop e também filmagens em vídeo e editoração, visando à alimentação do site da Rede-SANS e

consequentemente auxiliar outros profissionais a disseminar os conhecimentos e experiências em suas áreas de atuação nas próprias regiões.

Enfim, no período em que estive atuando com a Rede-SANS, pude de maneira bastante eficaz passar muito conhecimento aos profissionais que atuam na área da segurança alimentar, tendo a capacidade de sensibilizar de maneira privilegiada, pois a situação é inédita para quem está visualizando aquelas imagens e vivenciando a realidade em sua região de atuação.

6
Informação e divulgação do conhecimento na Rede-SANS

Os informativos semanais da Rede-SANS

O informativo da Rede-SANS, depois dos grupos de e-mails dos articuladores (AR e AL), foi o primeiro instrumento de divulgação do trabalho e, pode-se dizer, que tem sido o instrumento mais efetivo de divulgação entre as Rede-SANS locais. Atualmente (2013), todas as notícias que nos chegam são divulgadas, desde que de interesse para o projeto. A redação e a edição do jornal ficam sob a responsabilidade de uma jornalista. Infelizmente, alguns municípios não desenvolveram o hábito de divulgar as atividades no site, assim, nem tudo o que acontece é divulgado. Como dito, no início, houve muita dificuldade de comunicação de como as notícias deveriam chegar, mas parece que isso vem sendo superado. A busca ativa de notícias é uma prática que tem potencial para diversificar mais o conteúdo. Essas são atividades que dependem da existência de uma equipe de comunicação, mesmo que voluntária.

Por meio do informativo (figuras 14 e 15) e outras ações, a Rede-SANS apoiou a reestruturação do Consea-SP, com importante papel de mobilização para as conferências municipais, regional e estadual em 2011.

De maio a outubro de 2011, o informativo da Rede-SANS foi periodicamente editado e veiculado por e-mail sem a inserção de imagens, pois não dominávamos tecnologia para isso. Em outubro daquele ano, a criação do blog da Rede-SANS permitiu tal avanço.

Cerimônia marca lançamento oficial da Rede Sans

Publicado em 26 de maio de 2011

No dia 20 de maio, foi realizado no Instituto de Biociências (IB) da Unesp, câmpus de Botucatu, o lançamento oficial da Rede-SANS (Rede de defesa e promoção da alimentação saudável), que tem como objetivo geral integrar ações de políticas públicas das áreas de saúde, segurança alimentar e nutricional.

Integraram a mesa diretora dos trabalhos, o vice-reitor no exercício da Reitoria da Unesp, Julio Cezar Durigan; o diretor do IB, Renato Eugênio da Silva Diniz; o prefeito de Botucatu, João Cury Neto; o presidente do Instituto Harpia Harpyia, Dom Mauro Morelli, o chefe do Departamento de Tecnologias Sociais da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Maurício de França Teixeira; o secretário executivo substituto do Ministério da Ciência e Tecnologia, Antonio Ibañez Ruiz; e a articuladora geral da Rede-SANS, Maria Rita Marques de Oliveira, professora do Departamento de Educação do IB. Também compareceram ao evento, representantes de diversos municípios que integram a rede.

Ao fazer uso da palavra, Maurício de França Teixeira, destacou que o projeto traz desafios pela complexidade que possui ao envolver os conceitos de rede e segurança alimentar e ainda por sua transdisciplinaridade. Ele ressaltou também o fato de a nutrição ser um tema recente e que esse aspecto justifica a participação da universidade na execução das atividades.

"É um projeto de pesquisa que ao mesmo tempo traz intervenção. A consequência direta é visualizar que aqui a ciência e a tecnologia estão a serviço da sociedade. Ele articula a rede social, faz diagnóstico propositivo em cima de um sistema de vigilância alimentar e nutricional do Estado São Paulo.", disse.

Ainda na opinião do representante da Finep, essa é uma oportunidade de se estruturar uma primeira rede no país e que, inclusive, pode servir de base para a adoção de novas leis. "Aproveitem a rede até para estruturar as próprias leis relacionadas com essa política pública", observou.

O prefeito de Botucatu disse considerar necessário que o poder público coloque em prática as demandas obtidas por meio das ações da Rede-SANS. "Nós temos o compromisso de executar e respeitar o que uma rede como essa vai propor e o poder público deve entender isso como um pacto, já que a rede é composta por pessoas da sociedade, poder público, universidade, igrejas. É importante que o poder público auxilie na execução do que foi discutido e proposto pela rede".

O diretor do IB ressaltou a importância do projeto na formação de pessoas, geração de conhecimento e melhoria da qualidade de vida da população. "É um projeto exemplar dentro da universidade para mostrar o papel social que a universidade tem no sentido de contribuir na melhoria da qualidade de vida da população".

A professora Maria Rita apresentou dados recentes sobre obesidade e disse que a solução para esse problema é a prevenção, processo que envolve mudança cultural. Ela também apresentou a Rede-Sans, abordando desde a fase que antecedeu a aprovação do projeto até as ações previstas para serem realizadas.

Redação: Adriana Donini
Contato: informativo@redesans.com.br

Figura 14 – O primeiro informativo foi divulgado por e-mail e versou sobre o lançamento oficial da Rede-SANS, em maio de 2011, evento que permitiu a ampliação dos contatos

Municípios da região de Presidente Prudente planejam ações de segurança alimentar e nutricional

Publicado em 13 de outubro de 2011

Os municípios de Adamantina, Penápolis, Pirapozinho, Presidente Prudente e Presidente Venceslau, que integram a Rede Sans, concluíram o planejamento de ações relacionadas à segurança alimentar e nutricional elaborado a partir de diagnósticos de trabalhos já desenvolvidos e em andamento nessas áreas.

As propostas foram agrupadas nos eixos "Institucionalidade"; "Acesso ao alimento"; "Alimento seguro"; "Produção de alimentos"; "Alimentação escolar"; e "Saúde e Educação". Em cada uma dessas vertentes, são expostas as situações atuais e desejadas, estratégias e ações, e a articulação intersetorial.

O planejamento de Adamantina inclui apoio à criação de um Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea); divulgação de informações sobre segurança alimentar às famílias envolvidas em programas relacionados a acesso ao alimento; criação de meios para orientar e sensibilizar as pessoas sobre o uso de agrotóxicos; mecanismos para monitorar as distribuições de alimentos do Programa de Aquisição de Alimentos; fortalecimento da segurança alimentar e nutricional nas escolas; e ações de segurança alimentar na saúde.

Em Penápolis, pretende-se reativar o Comsea; criar cartilha para distribuição aos munícipes atendidos pelos programas de redução de pobreza extrema; desenvolver trabalho de educação relativo ao alimento seguro; capacitar os produtores agropecuários em boas práticas de produção por meio de curso sobre utilização e manipulação adequada de agrotóxicos; discutir a implantação de lei municipal voltada à agricultura, proteção ambiental e uso seguro de agrotóxicos; estimular a diversificação agrícola; desenvolver projeto e buscar recursos para construção de um centro de armazenamento e beneficiamento de grãos; melhoria das instalações de preparo da alimentação escolar; execução de projetos com alunos do Ensino Fundamental sobre Educação Nutricional; e criação de oficinas de manipulação de alimentos voltadas à prevenção de doenças

Já no município de Pirapozinho o documento prevê a nomeação dos membros do Comsea; identificação da vulnerabilidade da população em relação ao acesso ao alimento; ações voltadas ao uso mínimo de agrotóxicos na agricultura familiar por meio da utilização de vídeo para conscientização; diversidade de produção de alimentos; capacitação de professores da rede municipal sobre o tema alimentação e nutrição; informatização dos setores de saúde; e contratação de nutricionista.

O planejamento de Presidente Prudente contempla o fortalecimento do Comsea; articulação entre os programas em saúde alimentar e nutricional sustentável; implantação de um indicador de acesso ao alimento; treinamento de manipuladores de alimentos; promoção de campanhas e outras atividades de orientação que visem à diminuição do uso de agrotóxicos; diversificação e maior oferta de alimentos do Programa de Aquisição de Alimentos; educação nutricional nas escolas; implantação do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) na rede básica de atenção á saúde; articulação para realização do curso Interanutri; e sensibilização dos gestores sobre a importância da contratação de nutricionistas.

Lara Medeiros Soares, co-articuladora regional

Em Presidente Venceslau, pretende-se buscar experiências de outros municípios que possuam um Comsea atuante; fomentar o processo educativo em alimentação saudável por meio de trabalho em salas de espera e junto a adolescentes, idosos, gestantes, diabéticos e hipertensos; estabelecer parcerias para execução de programas voltados à manipulação de alimentos e capacitar profissionais envolvidos na produção de alimentos; estimular a formação de hortas domiciliares; divulgar hortas comunitárias.

Redação: Adriana Donini
Contato: informativo@redesans.com.br

Figura 15 – Em outubro de 2011, passamos a fazer uso do blog para veicular os informativos da Rede-SANS, quando foi possível a inserção de imagens. Esses informativos continuaram sendo divulgados por e-mails

Notícias – Brasil e mundo

No site da Rede-SANS, há um espaço para as notícias do Brasil e do mundo que sejam de interesse da SAN. Tivemos uma bolsista que respondeu por essa atividade durante a vigência do projeto, e agora (2013) ela tem mantido o trabalho de forma voluntária. As contribuições com indicação de notícias chegam por e-mail de diferentes pessoas.

Plano de Ações Estratégicas Para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil, 2011-2022 – 10.01.2012

Publicado em 10 de janeiro de 2012

Hoje em dia a prevalência das DCNT apresenta-se em ascendência, uma vez que o envelhecimento da população brasileira tende a aumentar a prevalência das DCNTs.
Por este motivo, e com o objetivo de combater as principais DCNTs que contribuem para os elevados índices de mortes prematuras no país, foi criado no Brasil, o Plano de Ações Estratégicas Para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) 2011-2022, do Ministério da Saúde (MS).

Para a elaboração deste plano, o MS obteve a colaboração de instituições de ensino e pesquisa, ministérios, ONGs da área da saúde, entidades médicas e associações de portadores de doenças crônicas, como a Sociedade Brasileira de Cardiologia.
Este Plano, que tem como objetivo preparar o Brasil para combater, nos próximos dez anos, as DCNTs, aborda quatro grupos de doenças (Circulatórias, Câncer, Respiratórias crônicas e diabetes) e seus fatores de risco modificáveis (tabagismo, álcool, sedentarismo, alimentação não saudável e obesidade) e define diretrizes e ações em: vigilância, informação, avaliação e monitoramento, promoção de saúde e cuidado integral.
Algumas políticas já estão sendo desenvolvidas, como a Organização da Vigilância de DCNT, com o objetivo de conhecer a distribuição, extensão e tendências das doenças crônicas e seus fatores de risco.

O Brasil elaborou uma declaração de apoio à implantação do Plano Nacional de Enfrentamento das DCNT, sendo esta ratificada pelos participantes do Fórum Nacional em Brasília de 18 a 19 de agosto de 2011.

Para maiores informações acesse: A Declaração Brasileira para a Prevenção e Controle das Doenças Crônicas Não Transmissíveis

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/declaracao_brasil_final_1708.pdf

e o PLANO DE AÇÕES ESTRATÉGICAS PARA O ENFRENTAMENTO DAS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT) NO BRASIL, 2011-2022

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_plano_final_11.pdf

Fonte: Blog Saúde

Crédito: Emília Alonso Balthazar
redesans@redesans.com.br

Figura 16 – A divulgação de notícias referentes à SAN no Brasil e no mundo no site da Rede-SANS teve início com a disponibilização para o público em janeiro de 2012

Os vídeos informativos e educativos

Os vídeos disponibilizados pela Rede-SANS e elaborados pela equipe de educomunicação tiveram diferentes origens e finalidades (Figura 17).

	Uma estratégia para articulação da Rede-SANS nos municípios foi a elaboração de um vídeo de apresentação. O primeiro foi feito pela professora Lucia Maria Paleari, com equipamentos pessoais. Mais tarde, fizemos parceria com alunos da comunicação da FAAC/Unesp-Bauru e um segundo vídeo foi elaborado.
	O primeiro vídeo educativo da Rede-SANS foi gravado em 2010 e editado em 2011, pela professora Lucia Maria Paleari, denominado "Pão, amor e antigamente".
	A equipe de pesquisa da Rede-SANS preparou dois vídeos para apoio ao trabalho de calibração dos bolsistas que realizaram a pesquisa de campo da Rede-SANS, os quais estão disponibilizados no site da Rede.
Prosa e Viola na Rede-SANS **"Saúde"**	*Contamos com a colaboração da dupla sertaneja Ramiro Viola & Pardini para a gravação de vídeos complementares ao caderno Lá em casa, lá na roça, lá na cidade. A série de vídeos foi denominada "Prosa e viola n1 Rede-SANS".*
	Sob a coordenação do professor Alfredo Pereira Jr. e com apoio da bolsista Paula Torres, foram realizados encontros para discussão de temas variados junto a bolsistas e convidados. Os "Momento SANS" ocorreram no Departamento de Educação do IBB/Unesp. Decorrentes desses encontros, foram editados vários vídeos.
	Os bolsistas da área de comunicação, Elissa Schpallir Silva e Bruno Jareta de Oliveira, desenvolveram os vídeos das séries "Dicas Rede-SANS" e "Saúde a Gosto", disponíveis no site da Rede-SANS.
	Foram gravados vídeos para apoio aos cursos Interanutri. Um deles contou com a colaboração da professora Elizabete Cardieri, do Departamento de Educação da Unesp.

Figura 17 – Séries de vídeos da Rede-SANS

Acompanhando a evolução do site, em um primeiro momento, pensamos que seria fácil aprender o processo de captação e edição de imagem e disseminá-lo entre os bolsistas da Rede-SANS. A experiência apresentou dificuldades – seria preciso um acúmulo de experiência para depois se estabelecer o processo. Os primeiros vídeos foram elaborados pela professora Lucia Maria Paleari, dada a dificuldade dos primeiros bolsistas com o trabalho. Em um segundo momento, foram incluídos bolsistas com experiência em filmagem e edição, pudemos contar com apoio de bolsistas da FAAC/Unesp e suporte da TV Unesp. Também passamos a contar com o funcionário do IBB/Unesp, João Pimentel, experiente na área de captação de imagem e edição. Muitos vídeos foram produzidos e outros ainda estão na fila para ser editados. No início, fazíamos longas gravações dos eventos com a intenção de editá-las e disponibilizá-las. Isso gerou um elevado conteúdo de material gravado, de cujas edições não conseguimos dar conta. A partir de agosto de 2012, passamos a gravar pequenos vídeos já direcionados aos propósitos da Rede-SANS, com roteiro de questões preestabelecidas. Isso agilizou muito a edição e disponibilização do material. Foram desenvolvidos dois cursos de vídeo e imagem, um para os articuladores locais ou alguém indicado pelo município, outro para alunos do ensino médio em Itararé. Em março de 2012, tivemos o apoio de especialistas em educomunicação para as oficinas do seminário de ALs, cujo objetivo consistia em capacitar para o uso das ferramentas de educomunicação e estimular a elaboração de materiais pelos municípios. Depois do evento, tivemos algumas iniciativas de elaboração de materiais por parte dos municípios, mas ainda muito tímidas.

Publicações

Durante esses dois anos, atendendo as demandas da Rede-SANS e conforme as oportunidades surgiram, foram publicados dois cadernos e um livro. O primeiro caderno foi escrito para os agricultores do território da cidadania do Sudoeste Paulista a partir de uma parceria da Rede-SANS com o Instituto Cílios da Terra (ICT). Para escrevê-lo, tivemos várias conversas com a ONG e visitamos os agricultores que receberiam os cadernos como parte de um programa de formação em SAN (Figura 18).

Outras publicações da Rede-SANS estiveram veiculadas às atividades da professora Lucia Maria Paleari, junto aos alunos de graduação da Unesp e como bolsista do projeto. O caderno que trata das plantas ruderais resgata o consumo de vários vegetais e estimula a discussão da diversidade e alternativas alimentares. O caderno tem despertado interesse de pessoas de todas as idades e dife-

rentes cenários. O livro *Frutas e seus frugívoros*, elaborado por alunos da licenciatura em Biologia, trata de aspectos de interesse para as aulas de Ciências, para a culinária, saúde e cultura geral. Tem se mostrado um bom material de apoio para as aulas do ensino fundamental, representando também um livro de conhecimento geral (Figura 19). Sobre essas publicações e outros materiais de divulgação da Rede-SANS, em princípio foi planejado fazer a reprodução de materiais educativos produzidos pelo governo federal, em especial o Ministério da Agricultura, no entanto, com o decorrer do tempo, fomos verificando demandas mais específicas, como foi o caso dos materiais para os agricultores e materiais didáticos para apoio ao curso do Interanutri voltado a professores e agentes. Embora houvesse recursos para a impressão desses materiais e distribuição conforme demanda, nem todas as demandas puderam ser atendidas, e permanecemos na dependência de parcerias para continuar produzindo e distribuindo esses materiais.

Figura 18 – Para escrever o caderno *Lá em casa, lá na roça, lá na cidade*, visitamos e levantamos as demandas dos agricultores. Visita a Saltinho do Coqueiral, Itapeva-SP

O caderno *Segurança alimentar e Nutricional: Lá em casa, lá na roça, lá na cidade* foi desenvolvido em parceria com a ONG Cílios da Terra, que desenvolve projeto do Ministério do Desenvolvimento Agrário junto a oitocentos agricultores da região de Itapeva. Todas as respectivas famílias receberam o material, servindo de apoio ao trabalho da ONG.

O *Guia Alimentar*: plantas ruderais foi elaborado pela professora Lucia Maria Paleari com apoio de bolsistas. Trata de uma publicação que versa sobre as características e qualidades nutricionais das plantas ruderais, com sugestões de receitas para seu consumo.

Alunos de graduação da área de Biologia escreveram o livro *Frutas e seus frugívoros*, sob a coordenação da professora Lucia Maria Paleari. O livro, que associa biologia e nutrição, tornou-se um importante material de apoio para a inserção da alimentação no ensino de ciências, como tema transversal, apoiando os cursos Interanutri.

Figura 19 – Publicações da Rede-SANS 2011-2012

Indicadores de SANS

O conhecimento da realidade política, econômica, social, geográfica, cultural e de saúde da população deve, ou ao menos deveria, ser o ponto de partida para elaboração das políticas públicas de SAN em todos os níveis de governo, pois possibilita a identificação de inseguranças alimentares e das reais necessidades da população. Esse conhecimento é construído a partir de indicadores que podem ser expressos por números, pela relação entre eles ou pela qualidade atribuída ao fenômeno observado. Assim, representam medidas de síntese imprescindíveis para a tomada de decisão nas políticas públicas. Desde 1996, a FAO tem alertado quanto à necessidade da criação de um protocolo de indicadores básicos relacionados diretamente com a SAN, para ser utilizado como padrão internacional, nacional e/ou local, de forma que seja possível avaliá-la nessas esferas.[1]

1. Organizacão das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. *Declaração de Roma sobre a segurança alimentar mundial*.

As pesquisas desenvolvidas pela Rede-SANS têm por objetivo contribuir com tais indicadores, em especial aqueles ligados a SAN e saúde. No site da Rede têm sido disponibilizadas informações sobre as pesquisas desenvolvidas e também se tem feito esforço para sistematizar informações de bases de dados já existentes, para utilização pelos municípios participantes do projeto. Esse trabalho foi executado por pesquisadores e bolsistas da área do georreferenciamento (Figura 20).
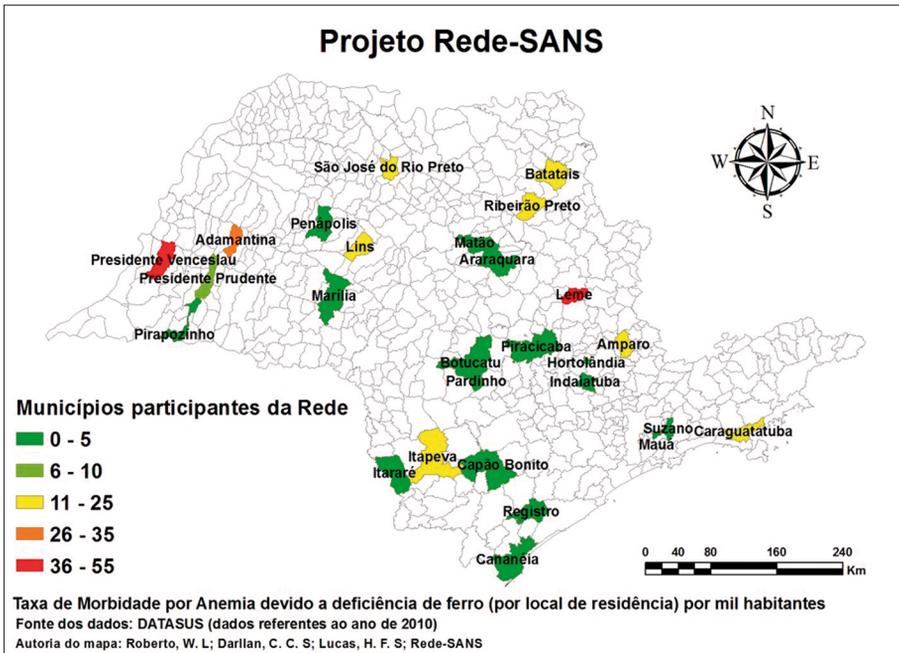
Figura 20 – Sistematização de indicadores de interesse para a SAN. Série de mapas temáticos elaborados por bolsistas e professores da Rede-SANS, sistematizando indicadores disponíveis nas bases de dados existentes
Fonte: Darllan Collins da Cunha e Silva e Roberto Wagner Lourenço.

Embora tenhamos recebido sugestões de aumentar esse tipo de informação no site, nas visitas realizadas em dezembro nos municípios, nenhuma das equipes das redes locais fez referência à utilização dessas informações para o planejamento do município, provavelmente porque o planejamento das políticas de SAN é ainda incipiente, quase nulo. No entanto, esse banco de dados, se bem alimentado, poderá ser de grande valia para os municípios. Para isso será necessária a continuidade dos recursos para remuneração de bolsistas que realizem esse trabalho em apoio aos pesquisadores.

Biblioteca

A biblioteca do site da Rede-SANS tem a função de apoiar os participantes dos cursos de extensão Interanutri e outros interessados na área da SAN.

Os bolsistas da Rede-SANS garimparam textos de livre acesso na internet e os organizaram numa biblioteca on-line. O material obtido foi dividido entre a biblioteca Interanutri e a geral. Na primeira há acesso para as principais publicações de cunho educativo de interesse para a SAN produzidas pelo governo federal e outras instituições (Figura 21). A vantagem é que nesse espaço, e de forma bastante simples, o usuário, que pode ou não ser um aluno Interanutri, tem acesso ao material num mesmo lugar. A primeira seleção de material foi feita em 2010, para a primeira versão do curso Interanutri numa parceria com a Fundação Parque Tecnológico Itaipu.

Figura 21 – Biblioteca Interanutri no site da Rede-SANS. Materiais educativos de vários ministérios disponibilizados no site da Rede-SANS, apoiando alunos dos cursos de extensão e demais interessados

7
Experiências próximas de educação a distância

Os cursos Interanutri de educação a distância foram importante forma de difusão da Rede-SANS, representando uma de suas principais ações concretas. Já nos primeiros meses de articulação, em várias conversas que tivemos com o assessor em redes sociais, foi ficando cada vez mais nítido que as ações concretas é que solidificariam o projeto. Não bastaria apenas o apoio ao diagnóstico das ações locais e o fomento teórico/crítico à organização da rede local, mesmo porque, de maneira geral, os diagnósticos apontam para necessidades com soluções em longo prazo, normalmente condicionadas à vontade política dos gestores. Seria preciso sinalizar concretamente que alguma mudança estava sendo provocada pelo processo, a partir da parceria com a Rede-SANS.

No projeto de articulação apresentado à Finep, foi proposto que as equipes locais seriam envolvidas num processo de formação semipresencial, que teríamos seminários presenciais e on-line e que, para isso, utilizaríamos ferramentas de educação a distância disponibilizadas pela Unesp. Com o tempo, vimos que as demandas eram para a formação de um grupo maior de pessoas, que era necessário difundir a SAN em ambientes como escolas, unidades de saúde, entre outros. Nos seminários de articuladores locais, foi proposta a criação de diferentes cursos, incluindo professores dos níveis de ensino infantil e fundamental, agentes de saúde, agentes sociais, agricultores e nutricionistas. Foram solicitados cursos sobre o programa de alimentação escolar, sobre hortas e quintais, sobre a manipulação de alimentos. Já contávamos com a experiência prévia do Interanutri: Interdisciplinaridade, alimentação e nutrição no currículo escolar, e foi proposto o desenvolvimento de outros cursos.

Figura 22 – Maria Rita Marques de Oliveira em cerimônia de encerramento do curso Interanutri – Professor no Parque Tecnológico Itaipu em Foz do Iguaçu. Na ocasião, foram apresentados 26 trabalhos desenvolvidos ao longo do curso.

No II Seminário de Articuladores Locais, em maio de 2012, anunciamos a realização dos cursos Interanutri: Professor, Agente, Alimento Seguro, Hortas e Quintais, Chamada Pública, Guia Alimentar e Nutricionista.

O curso Interanutri – Professor: Interdisciplinaridade, alimentação e nutrição no currículo escolar, em maio de 2011, já era oferecido para professores de Botucatu e Pardinho em parceria com a Fundação Parque Tecnológico Itaipu, enquanto o curso Interanutri – Agente: Interdisciplinaridade, alimentação e nutrição na comunidade vinha sendo gestado pela equipe interdisciplinar.

O curso Interanutri – Alimento Seguro seria elaborado e oferecido por um grupo de professores e técnicos do Instituto de Biociências e da Faculdade de Ciências Agrárias, da Unesp de Botucatu, com apoio de bolsistas da Rede-SANS. O curso Hortas e Quintais seria planejado por bolsistas e professores da área de Agronomia; o curso sobre chamada pública para produtos da alimentação escolar, por bolsistas de Rede com apoio do INHAH; o referente ao guia alimentar, com orientação de professores da área de Nutrição, assim como o Interanutri – Nutricionista. O curso sobre alimento seguro foi elaborado no eixo padarias e oferecido em Botucatu, numa turma experimental. Para o sobre hortas e quintais chegou-se a fazer algumas reuniões de planejamento, contando com apoio de alunos da pós-graduação em Horticultura da Faculdade de Ciências Agrárias da Unesp, mas o processo foi abortado por dificuldade de agenda dos envolvidos. Da mesma maneira, os cursos sobre chamada pública e guia alimentar ficaram fora da agenda, por essa mesma dificuldade de operacionalização. Para o Interanutri – Nutricionista pudemos contar com bolsistas específicos.

As atividades da Rede-SANS envolveram o oferecimento dos cursos Interanutri – Professor, Interanutri – Agente, Interanutri – Alimento Seguro: eixo padarias e Interanutri – Nutricionista (Figura 23).

Figura 23 – Cursos oferecidos pela Rede-SANS em 2011 e 2012

O primeiro tem o objetivo de apoiar a formação permanente de professores do ensino fundamental e infantil em atividades teóricas e práticas de promoção da alimentação e nutrição na escola, extensivas a estudantes de graduação. O segundo visa instrumentalizar agentes comunitários na promoção das ações de promoção da alimentação saudável, adequada e solidária nas comunidades. Ambos são cursos de extensão com carga horária de sessenta horas e foram viabilizados a partir de parcerias com os municípios. Uma equipe de bolsistas e professores da Unesp foi responsável por desenvolver os conteúdos, alimentar a plataforma, treinar e supervisionar os tutores. Estes eram indicados pelos gestores dos municípios ou apresentavam-se voluntariamente a partir de algum contato com a Rede-SANS.

A primeira versão do curso Interanutri: Interdisciplinaridade, alimentação e nutrição no currículo escolar foi preparada e oferecida para alunos de Foz do Iguaçu e região, Botucatu e Indaiatuba, viabilizada com recursos do MEC/Capes, num edital que visava à inserção de tecnologia de informação no ensino de graduação. O curso foi oferecido como disciplina optativa para os alunos de graduação da Unesp e como curso de extensão para alunos de instituições de ensino superior (Uniamerca-PR e Ceunsp-SP), assim como para professores do ensino infantil e fundamental. A primeira turma estudou no segundo semestre de 2010, a segunda, no primeiro de 2011, já no contexto da Rede-SANS. A elaboração do conteúdo do curso contou com o apoio de professores do Departamento de Educação do Instituto de Biociências de Botucatu e de alunos da Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp de Araraquara, além das experiências com o ensino fundamental do Instituto Harpia Harpyia, em Foz do Iguaçu.

Em 2011, foram 29 salas do Interanutri – Professor com 420 concluintes e quinze salas do Interanutri – Agente, com 125. Capão Bonito foi o município com maior número de alunos, chegando quase a duzentos (Figura 24).

Figura 24 – Interanutri – Professor em Capão Bonito, 2011

A experiência de realização dos cursos em 2011 nos mostrou que seria necessário aperfeiçoarmos nossos critérios de avaliação e principalmente as ferramentas desse processo, e que o processo de formação dos tutores deveria ser aperfeiçoado. Foi quando, além da capacitação presencial para uso da plataforma e apresentação do papel do tutor, inserimos um processo de formação on-line durante um mês. O principal objetivo foi observar como os tutores conseguiam se organizar com as tarefas que lhes eram solicitadas, pois o principal problema não era o uso da ferramenta, mas a ausência do tutor quando os alunos solicitavam ajuda e também para estimular a participação. Também houve problemas com a equipe de bolsistas em Botucatu, pela inexperiência e dificuldade de adaptação do grupo. Uma nova bolsista, da área de Pedagogia, foi inserida no grupo, com o que foi possível uma melhor organização do processo.

No ano de 2012, tivemos três edições dos cursos Interanutri – Professor e Interanutri – Agente, com início em março, maio e agosto, respectivamente. Nesse ano, tivemos nove treinamentos para tutores ao longo do ano no estado de São Paulo, realizados três vezes no município de Botucatu e uma vez nos municípios de Itapeva, Capão Bonito, Registro, Mauá, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e Marília. Foram treinados 87 tutores.

Nesse ano, 23 municípios participaram dos cursos Interanutri; entre estes, sete participaram de duas edições e cinco não faziam parte dos municípios da Rede-SANS. Foram abertas 71 salas, sendo trinta do Interanutri – Professor e 41 do Interanutri – Agente, 567 alunos concluíram os cursos, 224 alunos do Interanutri – Professor e 343 alunos do Interanutri – Agente. Foram desenvolvidos 245 projetos nos cursos, 109 no Interanutri – Professor e 136 projetos no Interanutri – Agente.

Os projetos sempre são apresentados ao final do curso Interanutri em um encontro presencial com alunos, tutores, representantes da Rede-SANS e muitas

vezes com a presença de autoridades locais. Nesses encerramentos, os alunos, tutores e as demais pessoas presentes têm a oportunidade de compartilhar as etapas dos projetos, ilustrando com fotos e vídeos as dificuldades e as conquistas durante a realização. Em 2012, ocorreram 22 eventos de encerramento de turmas do Interanutri.

A maioria dos projetos desenvolvidos em 2012 versou sobre a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária. Os cursos Interanutri – Professor foram oferecidos desde o ensino infantil até o ensino médio (figuras 25 e 26). Para participar, o professor assume o compromisso de incluir as atividades práticas do curso em seu cotidiano da sala de aula. Nas três edições do curso, as avaliações receberam conceitos dos alunos de boa aprovação dos cursos. No decorrer do trabalho, as justificativas para as desistências foram a falta de tempo para a realização das tarefas, as dificuldades de acesso à plataforma e também os problemas de comunicação. As desistências giram em torno de 30% a 40% dos que iniciam o curso, compatíveis com uma boa avaliação para os processos de educação a distância. O aluno que não recebe orientações adequadas no início do curso, ou que, ao ter problema com a ferramenta, se sente desamparado, acaba desistindo de participar.

Figura 25 – Práticas lúdicas com alunos do ensino infantil, Interanutri – Professor, 2012

Figura 26 – Horta desenvolvida por professores e alunos na Escola Municipal de Pardinho-SP, Interanutri – Professor, 2012

Os cursos Interanutri – Agente envolveram usuários de unidades de saúde e de projetos sociais, entre outros. Os trabalhos práticos desenvolvidos pelos alunos contemplaram práticas de alimentação saudável, atividades físicas, plantio de hortas, entre outras.

O curso foi oferecido inclusive para municípios vizinhos aos municípios da Rede-SANS e outros que descobriram pela internet, como foi o caso em Montes Claros no estado de Minas Gerais (Figura 27). Relatos como os da Daniela, a seguir, foram frequentes.

Figura 27 – Alunos do Interanutri em Montes Claros-MG, 2012

Bom dia, Maria Rita, Paula, Milena e Carol!

Mocinhas, como vai tudo por aí? Tudo tranquilo? Por aqui tá tudo em paz, graças a Deus. Estou fazendo uma lista dos alunos para o curso, tá uma beleza. Tem professora infantil, médica, professor de educação física, cabeleireira, estudante universitário, pedagoga, agente de saúde, técnico em segurança do trabalho, diretora de escola, alfabetizadora de adultos, dona de casa, técnico de enfermagem, agente de pastoral da saúde, evangélico, todos confirmados. Vou convidar ainda o padre e uma irmã de uma congregação religiosa. Até Deus entrou, tá vendo? (brincadeira) Não convidei todo mundo que eu queria porque tenho medo de não dar conta. O trem tá muito bacana. Outras pessoas serão envolvidas, mas não aparecerão, porque são da Associação e não têm acesso à internet nem leitura (não têm leitura de papel, mas de mundo têm sim). Essas pessoas vão auxiliar a presidente da Associação a fazer o curso e desenvolverão o projeto junto com ela e comigo, entendeu? Depois vocês poderiam providenciar um certificado de participação para cada um deles, o que vocês acham? Vai ser uma honra pra eles receber um "diploma". Olha, preciso de uma coisa. Vou procurar uma faculdade perto daqui (no meu bairro tem três) e pedir o laboratório de informática emprestado para a primeira

aula, que é presencial. Eu sei que eles têm até trinta computadores em uma mesma sala, dá direitinho. Mas para isso eu vou precisar de uma carta de vocês pra eles saberem que a Rede existe e que este primeiro contato tem que ser simultâneo e presencial. Estou animada e esperançosa. Seja o que Deus quiser.

Daniela, Montes Claros-MG, 2012

Narrativas de professores de Mauá

Processo de discussão e formação quanto à inclusão da alimentação e nutrição no currículo escolar da Rede Municipal de Ensino de Mauá – Rede-SANS e Interanutri – Professor – 2011-2012

No primeiro semestre de 2011, iniciamos as discussões sobre o Projeto Rede-SANS junto à Secretaria de Segurança Alimentar, proporcionando o fortalecimento de um trabalho intersecretarial.

Para que pudéssemos desenvolver ações desse projeto em nossas escolas municipais, fez-se necessária inicialmente, sua socialização com os profissionais desta secretaria – secretária de Educação/supervisores e gestores –, bem como, a legislação vigente – Lei n.11.947, de 16 de junho de 2009, artigo 2º, inciso II e artigo 17, inciso III –, para essa questão, e então prosseguirmos com a realização de um diagnóstico que nos apontasse como as atividades voltadas a esta temática estavam ocorrendo nas escolas.

Como retorno, detectamos que algumas escolas realizavam atividades voltadas a essa temática, pois constavam em seus projetos políticos pedagógicos e relatos de que ocorriam em algumas salas de aula.

Partindo desse diagnóstico, e também com embasamento em legislações vigentes, as quais direcionam/orientam quanto à importância de se trabalhar conteúdos voltados à alimentação saudável nas escolas, em reuniões do GT, responsável pelo desenvolvimento do Projeto da Rede-SANS no município, composto por articulador local e estadual da Rede, representantes de secretarias e da sociedade civil, observando o diagnóstico trazido por cada secretaria e por cada segmento da sociedade civil, foi possível o estabelecimento de três metas. Assim, foi proposto que uma delas fosse a inclusão da alimentação e nutrição no currículo escolar, para que possamos atingir de forma abrangente todas as escolas da rede municipal de ensino.

Em um momento bastante oportuno, quando os profissionais discutiam a elaboração do Referencial Curricular da Educação de Mauá – 2011-2012, foi possível trazer para esse documento, utilizado pelas escolas nas discussões da

elaboração de seus projetos políticos pedagógicos, o desenvolvimento dessa temática, com um olhar interdisciplinar e o de torná-la comum a todas as escolas.

Objetivando subsidiar os profissionais no processo de inclusão da temática nas atividades com os alunos, foi proporcionado o curso, por meio da Rede-SANS em parceria com a Unesp de Botucatu, Interanutri – Professor: Interdisciplinaridade, alimentação e nutrição no currículo escolar.

Os gestores, por sua vez, socializaram nas respectivas escolas, promovendo um levantamento de profissionais interessados em participar do curso, enquanto a equipe interna da Secretaria de Educação promovia um levantamento de possíveis tutores para acompanhar esse curso, ao lado de nossos professores-alunos.

A partir das inscrições recebidas, organizamos os grupos dentre os tutores, os quais passaram por formação ministrada por profissionais da Unesp. Iniciamos então a formação no segundo semestre de 2011, com aula inaugural, a realização das quinze semanas de curso e a apresentação dos projetos finalizando o curso. Durante o período de realização, os participantes do GT da Rede-SANS realizavam reuniões para socializações e encaminhamentos pertinentes, tanto ao curso Interanutri – Professor, quanto às outras duas metas estabelecidas mediante o diagnóstico: Avaliação Nutricional dos Pré-Escolares (alunos que completariam dois anos até agosto de 2012) da Rede Municipal de Ensino e Implantação de Hortas Caseiras e Escolares.

Quando encerramos, foram muito significativos os resultados obtidos, pois os projetos apresentados puderam demonstrar o envolvimento dos profissionais em desenvolver essa temática entre os alunos e os apontamentos apresentados nas avaliações realizadas quanto ao que o curso contribuiu para aquisição de novos conhecimentos. Para a continuidade no ano de 2012, todos os procedimentos que se faziam necessários foram novamente retomados, mesmo porque é um conteúdo de extrema relevância a ser trabalhado nas escolas. Assim procedemos, desde a conversa com a secretária de Educação, reuniões com os supervisores e com os gestores das escolas, até a realização de novas inscrições, para formarmos novos grupos.

No encerramento da primeira turma foi necessário revermos os tutores, pois alguns que participaram no acompanhamento da primeira turma estavam envolvidos com outras demandas em suas respectivas escolas, impossibilitando-os de desenvolver esse trabalho. Organizamos outro grupo de tutoras, porém duas das que participaram anteriormente continuaram e o grupo contou com a chegada de uma professora para exercer também a tutoria. Novamente, passaram por três dias de formação acompanhadas pelos profissionais da Unesp/

Botucatu. Iniciamos então o curso Interanutri – Professor novamente, porém com menos participantes, e assim ficamos com três tutoras no acompanhamento então dos três grupos.

Nesse percurso, em reunião com supervisores e gestores, demos início aos encaminhamentos da Avaliação Nutricional dos Pré-Escolares. Para essa ação, os gestores agendaram reunião com os pais e responsáveis desses alunos com o acompanhamento das profissionais da Secretaria de Saúde, no caso, as nutricionistas e a profissional da Secretaria de Segurança Alimentar, para que tivessem o conhecimento desse trabalho, e que assim autorizassem ou não a realização da avaliação com seu(sua) filho(a).

Enquanto eram realizados o curso Interanutri – Professor e a Avaliação Nutricional dos Pré-Escolares, as reuniões do GT da Rede-SANS aconteciam para socializações de como estavam o desenvolvimento das metas e propostas de encaminhamentos. Também iniciamos uma discussão sobre como podemos promover a implantação de hortas nas escolas.

Com a oportunidade de contarmos com o engenheiro agrônomo da Secretaria de Segurança Alimentar, foi possível fortalecer a proposta de introduzir hortas nas escolas, de acordo com os projetos de cada uma e o espaço físico disponível. Assim, realizamos reuniões com os supervisores e gestores das escolas, objetivando verificar as escolas que já trabalham com hortas e as que pretendiam isso, diante das elaborações de seus projetos. Partindo dessas informações, e junto ao GT da Rede-SANS, foi possível propor um curso sobre horta que seria realizado em conjunto com o engenheiro agrônomo, estabelecendo um fortalecimento de articulação entre Secretaria de Educação e Secretaria de Segurança Alimentar.

Durante reunião com os gestores, socializamos a possibilidade do curso aberto a todas as escolas e que os profissionais inicialmente se inscrevessem para que pudéssemos organizar os grupos de acordo com a disponibilidade de horário. Fizemos então as inscrições, organizamos possíveis grupos e prevemos, junto com o engenheiro agrônomo, a realização do curso no segundo semestre de 2012. A carga horária era de dezesseis horas, sendo oito de parte teórica, realizada no Centro de Formação de Professores, e oito de prática, em uma das hortas comunitárias do município.

Nesse ínterim, houve a participação de supervisores e tutora do curso no Seminário Estadual da Rede-SANS, que ocorreu de 8 a 10 de agosto de 2012, em Águas de Lindoia.

Finalizamos também o segundo grupo do curso Interanutri – Professor, com as apresentações dos projetos, que muito enriqueceram os trabalhos nas escolas.

Para o segundo semestre de 2012, tivemos os mesmos encaminhamentos para que pudéssemos contar com novos inscritos para o curso, com três tutoras que iriam acompanhar a turma. Programamos o encerramento para 30 de novembro de 2012, data em que seriam apresentados os projetos realizados nas escolas.

Estamos num processo inicial de aquisição de materiais e produtos para as hortas das treze escolas que participaram do curso, as quais irão implantar de acordo com o espaço físico disponível, canteiros ou vasos, com as orientações recebidas no curso.

Faculdade de Mauá (Fama): Relato de parceria com a Secretaria de Segurança Alimentar do município de Mauá, com a Rede-SANS e os cursos Interanutri – Agente e Professor.

Maria Lúcia Ovídio (professora do curso de Pedagogia e do Projeto de Extensão Agenda 21 Escolar Fama)
Fabiane Higo (professora e coordenadora do curso de Nutrição)
Neiri de Oliveira (professora do curso de Pedagogia)
Maria Aparecida dos Santos (aluna do curso de Pedagogia e bolsista da Rede-SANS)

A participação ou parceria da Faculdade de Mauá (Fama) iniciou-se com um convite feito pela Secretaria de Segurança Alimentar à instituição, para que indicasse duas pessoas que a representassem como parte da sociedade civil. O diretor da faculdade, baseado na disponibilidade de tempo e na aderência aos assuntos que seriam tratados, indicou uma professora e uma aluna do curso de Nutrição para participarem de um curso promovido pelo articulador local da Rede-SANS, Marcelo Mazeta Lucas.

Após tomar ciência dos temas que seriam trabalhados, e sabendo do projeto de extensão, Agenda 21 Escolar Fama, cujo objetivo é "promover ações que contribuam com a qualidade de vida do planeta e do ser humano", a professora do curso de Nutrição comentou sobre o assunto e falou da possibilidade de eu assistir a uma reunião do grupo, que, segundo ela, poderia agregar novos conhecimentos ao grupo do nosso projeto.

A princípio convidou-me a assistir a uma das reuniões do grupo da Rede-SANS, com a aquiescência do articulador local, que permitiu que eu participasse, não só da reunião, mas do grupo para o qual estava ministrando curso sobre alimentação nutricional, direito a alimentação e vários outros temas de

que eu já tinha ouvido falar, mas não com a profundidade com que foram tratados naquele curso.

Durante os encontros foi possível perceber que a temática vinha ao encontro de e contemplava plenamente um dos objetivos do Projeto da Agenda 21 Escolar Fama, ou seja, a qualidade de vida do ser humano no tocante à alimentação nutricional.

Vale mencionar que, além do projeto de extensão, algumas alunas do curso de Pedagogia, durante os estágios supervisionados no ciclo inicial do ensino fundamental da educação básica (1º ao 5º anos), demonstraram preocupação com os lanches ingeridos pelas crianças e o pouco conhecimento dos/as professores/as sobre como abordar o tema da alimentação nutricional saudável. Essa preocupação deu origem a alguns trabalhos de conclusão de curso (TCCs), de cujas bancas a professora Fabiane Higo, coordenadora do curso de Nutrição, participou.

Esse fato levou-nos a pensar na possibilidade do desenvolvimento de um projeto intercursos (ainda embrionário) a partir da integração das alunas dos cursos de Nutrição e de Pedagogia.

Em uma das reuniões da Rede-SANS, foi solicitado que indicássemos alguns alunos/as com perfil para participarem de uma entrevista a fim de atuarem como bolsistas da Rede e, para nossa satisfação, uma aluna do curso de Pedagogia, Maria Aparecida dos Santos, foi selecionada e desde então tem sido monitora das classes Mauá Fama.

Nesse ínterim, a professora Fabiane Higo também recebeu convite para participar dos encontros da Rede-SANS e, juntas, participamos de um encontro para a formação de tutores do curso Interanutri e, participando dele, vimos a possibilidade de darmos início ao nosso projeto intercurso. Por isso, não convidamos somente as alunas participantes do Projeto da Agenda 21 Escolar Fama, mas estendemos o convite a alunos do curso de Nutrição, do curso de Pedagogia e a alguns colegas da instituição.

Então, no segundo semestre de 2011, iniciamos nossa classe com mais de trinta alunas, finalizando o curso com 21 participantes e treze projetos. Vale mencionar que uma professora de Pedagogia fez o curso e desenvolveu seu projeto com alunos do sexto semestre do curso e hoje também é tutora do Interanutri.

No semestre seguinte, participamos de outro encontro com a equipe interdisciplinar de Botucatu para ampliação da formação de tutores e, entre professores e agentes, contamos com duas classes: Mauá Agente 4 e Mauá Professor 4, com um total de 37 participantes que desenvolveram 25 projetos. Vale destacar o tra-

balho de uma das alunas da classe Mauá Professor 5, e de outra professora do curso de Pedagogia que também desenvolveu um projeto com seus alunos.

Atualmente, temos duas classes em andamento: uma de agente e outra de professor. Esperamos dar continuidade a nossa parceria, pois podemos afirmar que o contato com a Secretaria de Segurança Alimentar do Município de Mauá e o curso Interanutri da Rede-SANS tem contribuído muito para a conscientização dos alunos da Faculdade de Mauá que têm participado dos cursos, incluindo o de hortas, para a importância da alimentação nutricional saudável e a mudança de hábitos alimentares, não só pessoal, mas também de seus familiares e das comunidades nas quais atuam.

Interanutri – Nutricionista de atenção básica: uma experiência singular

A realização do curso Interanutri – Nutricionista foi uma experiência ímpar. Para essa tarefa pudemos contar com o trabalho cuidadoso e competente da professora Maria Cristina Faber Boog (Figura 28), que não só elaborou o conteúdo e acompanhou o desenvolvimento do curso, como acompanhou muitas atividades da Rede-SANS com importantes contribuições.

O curso Interanutri – Nutricionista nasceu a partir de uma demanda apresentada nos seminários de articuladores locais e buscou atender nutricionistas que estavam atuando na atenção primária à saúde dos municípios que participaram por sorteio da pesquisa da Rede-SANS. Contou com o trabalho da profª drª Maria Cristina Faber Boog como coordenadora e, como tutoras, da profª drª Monize Cocetti e profª ms. Iza Oliveira Hoff.

Figura 28 – Professora Maria Cristina Faber Boog, autora do curso Interanutri – Nutricionista

Interanutri – Nutricionista
Educação alimentar e nutricional para nutricionistas

Maria Cristina Faber Boog

A educação alimentar e nutricional está proposta em documentos oficiais como uma estratégia fundamental para alcançar os objetivos das políticas pú-

blicas de alimentação e nutrição e está prevista como ação governamental. A implementação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição[1] demanda ações específicas de educação alimentar e nutricional em diferentes contextos, sendo um deles a rede de atenção primária à saúde. O Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas[2] preconiza que as ações devem ser desenvolvidas preferencialmente em equipes, alcançando indivíduos, grupos e comunidades, mas que, quando colocadas em prática como um recurso terapêutico, as ações são de responsabilidade de profissionais com conhecimento técnico e habilitação em educação alimentar e nutricional, ou seja, nutricionistas. A sua inserção nas equipes de profissionais de saúde na rede de atenção primária era, à época em que o curso foi implementado, uma função considerada nova, criando assim demandas de aprimoramento para nutricionistas, visando prepará-los para as especificidades deste campo e do Programa Saúde da Família.

As ações devem considerar as pessoas em sua complexidade psicossocial, de forma que uma educação pautada apenas em aspectos técnicos não atende aos princípios de humanização. As práticas previstas na atenção primária à saúde são aparentemente simples, porém complexas ao exigir tecnologias humanas que possibilitem desenvolver abordagens significativas no contexto de vida das pessoas. Caracteriza-se então uma demanda por aprimoramento em educação alimentar e nutricional para os nutricionistas que estão atuando na rede de atenção primária à saúde.

Diante dos resultados obtidos por intermédio da pesquisa nos municípios foi detectada essa necessidade, e assim surgiu o Interanutri-Nutricionista – Curso de Educação Alimentar e Nutricional para Nutricionistas. O planejamento do curso foi pautado por resultados de diagnósticos específicos sobre como se dão as ações de educação alimentar e nutricional na rede de atenção primária, e foram considerados também relatórios de pesquisas e estudos publicados sobre o tema.

Os nutricionistas que estão na rede de atenção primária muitas vezes acumulam cargos em diferentes secretarias. Geralmente já trabalhavam em outra e foram "aproveitados" para a área da saúde, que, até então, não contava com esse profissional. Eles se ressentem de uma sobrecarga de tarefas sem foco definido, em virtude de não estarem vinculados a programas específicos. Já aqueles vin-

1. Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, *Política Nacional de Alimentação e Nutrição,* 2012.
2. Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, *Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas*, 2012.

culados aos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) trabalham em equipe, têm funções mais definidas, contudo relataram dificuldades de aceitação de seu trabalho pela equipe, ao menos no início.

As atividades educativas mesclam-se com um extenso rol de atividades, parte delas burocráticas, de administração de programas. A atuação técnica, na qual se incluem as ações educativas, são diversificadas, de forma que podem ocorrer nas unidades básicas de saúde, no Programa Estratégia de Saúde da Família, junto ao NASF, em visita domiciliar, com grupos de pacientes, de gestantes, em ambulatórios, junto à equipe, para agentes de saúde, estagiários, pacientes recebendo nutrição enteral e algumas ações de âmbito comunitário em creches, em programas de hortas comunitárias, em escolas e em outras secretarias como Segurança Alimentar, Assistência Social, Inclusão Social, Educação. As ações de âmbito comunitário são realizadas a partir de demandas externas, por solicitação de terceiros, incluindo-se aí rádios comunitárias e, em cidades maiores, canais de televisão. As ações de promoção da saúde são pouco conhecidas pelos profissionais. É preciso ressaltar que esta é uma demanda nova, cuja operacionalização ainda gera dúvidas e controvérsias. Essa diversidade de responsabilidades e funções contribui para a dificuldade em focar o trabalho nas ações de promoção de práticas alimentares adequadas e saudáveis, na vigilância alimentar e nutricional e na prevenção e cuidado integral dos agravos relacionados à alimentação e nutrição, conforme definido na Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN).

Com base nas discussões e na pesquisa, foram estabelecidos como objetivos específicos do curso: a) ampliar a capacidade dos profissionais de perceberem, no seu papel profissional cotidiano, a sua participação na execução de políticas públicas (agir localmente e pensar globalmente); b) desenvolver o interesse e a habilidade dos profissionais para fazer articulações locais; c) desenvolver a habilidade de problematização; d) desenvolver a capacidade de interagir com e cuidar de pessoas; e) desenvolver a habilidade de interagir e atuar em equipe. Pretendeu-se que os nutricionistas desenvolvessem uma compreensão abrangente de suas ações profissionais na atenção básica, de forma que, agindo localmente, pudessem avaliar, de forma global, as implicações dessas ações na perspectiva de execução de políticas públicas.

O Programa

O programa constou de quinze aulas escritas, distribuídas em três módulos, um ou mais fóruns de discussão em cada aula, tarefas, oficina presencial, avaliações dos módulos e monografia final. Foram utilizados seis vídeos, sendo que,

desse total, quatro foram elaborados especificamente para o curso, com recursos do projeto e posterior disponibilização pública na internet.[3] Houve três encontros presenciais: primeira aula, oficina de técnicas educativas e seminário de apresentação oral das monografias. Para a primeira aula e para as oficinas, a coordenadora e a equipe de suporte técnico deslocaram-se para quatro polos no estado de São Paulo: Araraquara, Presidente Prudente, Mogi das Cruzes e Sorocaba. O encontro final foi realizado em dois dias, no município de Botucatu, nas dependências da Unesp. Estimou-se que o curso demandaria 150 horas de trabalho dos alunos distribuídas ao longo de quatro meses. Entretanto, o número total de horas foi maior, considerando a realização dos encontros presenciais.

Os textos das aulas foram muito elogiados pelos alunos. Pode-se afirmar que eles se surpreenderam positivamente com o curso, consideraram-no adequado para a finalidade proposta, puderam se autoavaliar e obtiveram, por meio dele, um direcionamento para o seu desenvolvimento profissional.

Vários alunos expressaram satisfação em relação ao aprimoramento da atuação, com destaque para o trabalho em equipe. Eles levaram o material do curso para a equipe, para conhecimento e discussão com os colegas, especialmente dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. A seguir, três manifestações ilustrativas:

> Melhorei a minha forma de atuar e a de meus colegas pela discussão dos textos.

> Consegui colocar em prática muitas coisas e tenho muitos projetos para o ano que vem. [...] Tudo que aprendi está sendo colocado em prática e está sendo notado pela minha equipe de trabalho.

> Os textos me fizeram refletir muito sobre minha atuação e sobre onde posso promover mudanças.

---

3. Garcia, *O gosto e as mudanças alimentares*. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=567rE-UQ4wI&feature=youtu.be.
Solymos, *Sofrimento psíquico na extrema pobreza*. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=v1VXTZYhLVI&feature=youtu.be.
Ribas, *Diversidade cultural*: relato de experiência sobre o caminhar com os Terena. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=YawF8sLkZ4I.
Motta, *O desejo*: entre a necessidade e a vontade. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=NIQYObG7_HU&feature=youtu.be.

O curso contou com o trabalho de uma coordenadora (doutora em Saúde Pública), duas tutoras (uma para cada trinta alunos) e dois apoiadores, sendo um do campo da informática e outra da área pedagógica. As duas tutoras eram nutricionistas, sendo que uma possuía pós-doutorado e a outra estava cursando o doutorado.

O relacionamento estabelecido entre docentes e alunos, bem como com os demais participantes do projeto, foi, em geral, avaliado de forma positiva. Uma aluna escreveu:

> O cuidado e a atenção dos articuladores da Rede-SANS e de todos os envolvidos no projeto foi muito impressionante porque muitos cursos e locais falam sobre a humanização do serviço, mas poucos iniciam o processo através do exemplo, tratando primeiramente seus alunos e funcionários com humanização!

As referências às oficinas foram todas muito positivas: os alunos referiram que as oficinas foram bem organizadas, com boa infraestrutura; eles sentiram-se acolhidos, puderam trocar experiências e avaliaram a participação nelas como rica, inspiradora, estimulante, porque vivenciaram situações práticas que estimularam a criatividade, deram-lhes oportunidade de conhecer as pessoas envolvidas, possibilitaram reflexões que posteriormente se refletiram em melhor condução nos atendimentos.

Uma aluna descreveu a experiência da seguinte forma:

> Pudemos perceber e trabalhar as dificuldades que temos em nossa área de atuação, nas relações que temos com a comida e compartilhar experiências positivas e negativas, que nos fortalecem como profissionais. As atividades propostas e o material utilizado na oficina foram muito pertinentes aos objetivos do curso.

Os fóruns também foram avaliados positivamente. Os alunos acharam interessante a possibilidade de compartilhar experiências e informações e avaliar as próprias atitudes, confrontando-as com as atitudes dos colegas. O fórum foi elogiado como um espaço de convivência, no qual os alunos rompem a barreira de solidão que pode ser um fator desestimulante para a continuidade do curso a distância.

> A maneira sutil como (a coordenadora) nos provocou nos fóruns foi muito inteligente. Nos fez pensar, refletir, argumentar, ou seja, sair do lugar-comum, da zona de conforto.

Procurou-se tratar a avaliação do curso com o mesmo rigor e cuidado dedicado ao preparo das aulas, preservando os valores acadêmicos. A relação de um tutor para trinta alunos mostrou-se adequada, desde que sua dedicação fosse de vinte horas semanais. Os trabalhos apresentados pelos alunos foram efetivamente corrigidos, discutidos e, quando necessário, reapresentados. Tudo isto demandou muito tempo e dedicação, pois o processo avaliativo foi realizado por escrito e os documentos foram sendo anexados à plataforma.

As monografias versaram sobre trabalhos efetivamente desenvolvidos nos municípios de origem. Entre outros títulos, citamos aqui alguns exemplos: "Grupo de reeducação alimentar com adultos e idosos em unidade básica de saúde"; "Acolhimento das puérperas no centro de saúde"; "Grupo multiprofissional de educação para o autocuidado no diabetes *mellitus* tipo 2"; "Qualidade de vida e bem-estar do idoso"; "Empoderando o educador: uma estratégia para fortalecer a educação alimentar e nutricional"; "Educação alimentar e nutricional sob a perspectiva da segurança alimentar e nutricional"; "Apertando o cinto; introdução da alimentação infantil complementar"; "Arte como instrumento de educação alimentar e nutricional de adolescentes"; "Representações sociais de grupos de reeducação alimentar em unidades de saúde da família em São José do Rio Preto".

Esse foi um curso piloto, realizado com recursos do projeto. Um obstáculo para incorporação dele pela Universidade foi a dificuldade dos alunos de arcarem com os custos, uma vez que o salário que recebem pelo trabalho no SUS é muito baixo, o que desestimula e até impede o investimento no aprimoramento. A possibilidade de solução aponta para parcerias com secretarias de Saúde.

Por outro lado, as políticas públicas vigentes e a publicação no final de 2012 do Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas vêm exigindo dos setores competentes um posicionamento em relação à inserção dos nutricionistas na rede de atenção primária e ao aprimoramento desses profissionais para a implementação do que está proposto nos documentos oficiais.

Para os profissionais envolvidos, docentes e alunos, foi motivo de grande satisfação realizar esse trabalho. Ele teve importante significado para o aprimoramento dos profissionais que dele participaram, cujas referências elogiosas ao curso apenas encorajam a Unesp/Botucatu a dar continuidade e aprimorá-lo

ainda mais. Para as docentes, coordenadora e tutoras, constituiu uma oportunidade ímpar de desenvolver um curso de aprimoramento para nutricionistas sobre educação alimentar e nutricional a partir do conhecimento da realidade de trabalho. O material produzido é inédito e os fóruns guardam um importante material a ser explorado para produção de novos conhecimentos na área.

Relatos de experiências da equipe interdisciplinar: experiências próximas de educação a distância

A equipe interdisciplinar é que foi responsável pelos cursos de educação a distância Interanutri Agente, Professor e Alimento seguro: Eixo padaria. O grupo de trabalho era composto por profissionais das áreas de Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Educação Física, Psicologia, Agronomia e Biologia, inseridos no projeto sem uma função muito bem definida – o que se sabia era que, num projeto da dimensão pretendida, seria preciso promover a integração entre as diferentes disciplinas; sabia-se também que para a inserção da SAN na atenção primária teríamos que dialogar com a Enfermagem, que o nutricionista, o educador físico, e o psicólogo tratam de conteúdos que costumam ser trabalhados rotineiramente nas atividades de educação alimentar e nutricional e que os conteúdos de Agronomia e Biologia, embora ainda pouco trabalhados, apresentavam importante potencial de contribuição para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária.

Assim, na elaboração do projeto de articulação da Rede-SANS, a participação de bolsistas dessas áreas se apresentou como imprescindível para o apoio ao trabalho das redes locais, em especial aquelas articuladas a partir da saúde. Não foi nada como o imaginado; primeiro, porque a equipe selecionada não estava familiarizada com o tema e demandava muito mais tempo do que o esperado para a elaboração das tarefas intelectuais; segundo, porque também não conhecia o trabalho de educação a distância e acabava por não executar a tarefa de facilitadores do processo, preferindo ficar nos bastidores; terceiro, porque as tarefas operacionais aumentavam dia a dia; quarto, porque a coordenação do projeto não dispunha do tempo que aquela equipe precisava/desejava de orientação para que pudesse atuar autonomamente. No final, as tarefas operacionais tomaram o lugar das intelectuais e isso causou frustração para grande parte dos bolsistas.

Contribuições da equipe interdisciplinar

- Estruturação, organização e condução de salas de aulas virtuais dentro da plataforma Moodle, hospedada no site da Unesp para estabelecimento da estrutura de ensino a distância (EAD), denominado Interanutri.
- Elaboração e inserção de conteúdos nas aulas e solução de problemas e dificuldades dos alunos diante da plataforma, principalmente no que se refere ao acesso à internet, à validação de senha e ao envio de trabalhos.
- "As salas de aula foram aumentando gradativamente [...] da Rede-SANS, que dissemina sementes nos locais por onde passa e que germina em novas salas e novas turmas que querem aprender sobre a integração entre a Política de Segurança Alimentar e Nutricional e a Política de Saúde" (Hudson Luiz Mariotto).
- Acompanhamento das atividades dos alunos na plataforma dos cursos e avaliação dos projetos de conclusão de curso presencialmente.
- Instrumentalização dos tutores dos cursos EAD.
- Elaboração e aplicação de instrumento de avaliação dos cursos EAD Interanutri.
- Elaboração e instrumentação para viabilizar transmissões on-line de videoconferências via Adobe Connect.
- Organização de arquivos e armazenamento de mídias.
- Colaboração nos seminários e na elaboração de conteúdos específicos (por exemplo, Carta de Princípios da Rede-SANS e Cartilha do Agricultor) para material impresso.

Ganhos identificados pelos integrantes da equipe interdisciplinar

- Consolidação de conhecimentos teóricos, maior conhecimento, postura profissional e crescimento pessoal.
- Contato com a realidade das regiões do estado de São Paulo e reconhecimento da criatividade, envolvimento da comunidade e disponibilidade dos alunos dos cursos Interanutri, identificação da dinamicidade da Rede-SANS em locais remotos.
- Identificação da prática de intersetorialidade das ações presente nos projetos de conclusão de curso dos alunos de EAD.
- Reconhecimento da contribuição de dom Mauro Morelli para a compreensão da "diferença entre direito e assistência e que práticas alimentares não saudáveis são fruto de uma lei de mercado e desta forma não

deveríamos [...] culpabilizar a população por suas ações, deveríamos, sim, perseguir a ideia que 'segurança alimentar' é direito, e assim transformá-la em política pública" (Luciana Parenti).

- Constituir-se um profissional melhor: "Os conceitos estão impregnados e assim os levo comigo. Levo e compartilho. Ao compartilhar, mantenho a Rede" (Luciana Parenti).

Dificuldades apontadas pela equipe interdisciplinar

- Rotatividade de bolsistas.
- A equipe não se sentiu priorizada pela coordenação geral da Rede-SANS, o que influenciou negativamente o desenvolvimento do grupo de trabalho em virtude de pouco conhecimento sobre as atividades a serem desenvolvidas por parte do conjunto de profissionais que o integraram.

Da leitura dos relatos, ressalta-se ainda que o fato de a equipe interdisciplinar ter se deslocado para as cidades para acompanhar a apresentação dos projetos de conclusão de curso fez que ela entrasse em contato com o que estava acontecendo "fora" da Unesp. A visualização dos agentes e professores (alunos do Interanutri) em seus locais de trabalho se apropriando dos conteúdos trabalhados na plataforma e transformando em ações de promoção de SAN na própria comunidade, fez a equipe despertar para o sentido e significado da Rede.

A tecnologia de articulação de rede com os cursos a distância garantiu a vinculação de diversos atores em locais remotos que foram "enredados". Mas os membros da equipe interdisciplinar só conseguiram se enredar a partir do contato com a realidade em que os alunos estavam ao sair do ambiente "protegido" da Universidade. Trata-se da necessidade de o professor ir até o contexto em que o aluno está; a proximidade é fundamental para o EAD.

Narrativas da equipe interdisciplinar

Jéssica Emy Komuro
(bolsista ITI-A)

Estava no final do segundo ano da faculdade quando a professora Maria Rita usou um pouco da aula de outro professor para falar sobre o projeto da Rede-

-SANS e nos convidar para irmos a uma reunião, na qual ela poderia contar melhor cada uma das atividades da Rede em que poderíamos estagiar.

Nesse primeiro encontro, eu já me interessei, por ser da área de Saúde Pública, pois estava terminando um estágio experimental em laboratório e queria ter experiências em outras áreas. Fui à reunião para saber o que o projeto abrangia e em qual parte eu gostaria de participar; interessei-me pela equipe interdisciplinar exatamente por se tratar da interdisciplinaridade entre diversas profissões para um mesmo fim, a segurança alimentar.

Durante as férias ficamos incubidos de ler o projeto para entendê-lo melhor. No final de janeiro, já começaram as atividades, participei de reuniões com as articuladoras regionais (ARs) e, não apenas nessas reuniões, começamos a dar "cara" à Rede-SANS e também a formá-la.

Foi feito um trabalho inicial para que se expandisse a Rede; profissionais de diversas áreas foram convidados a participar, assim como os membros da equipe interdisciplinar: agrônoma, Paula Torres; educadora física, Fernanda Peres; enfermeira, Luciana Parenti; nutricionistas, Carolina Godoi e Flávia Negri; psicólogo, Danilo Tebaldi; estagiária, Aline Retz, do curso de Agronomia e eu, do curso de Nutrição. As ARs convidaram pessoas que já conheciam ou sabiam que tinham interesse em segurança alimentar para participar como articuladoras locais (ALs); foram produzidas a Carta de Princípios e o termo de adesão, e escolheu-se o logotipo (feito pelo professor da Unesp de Bauru), para que a ampliação da Rede fosse realizada formalmente nos municípios.

Quando algumas cidades já tinham AL, a demanda, em alguns casos, foi o curso a distância, Interanutri. Antes da Rede-SANS o Interanutri para professoras do ensino fundamental já havia sido feito em Piracicaba e Foz do Iguaçu. A equipe interdisciplinar começou a trabalhar na produção de material (a proposta seria texto ou vídeo) para agentes comunitários e manteríamos o primeiro Interanutri para professores de escolas de ensino fundamental.

As reuniões aconteciam toda sexta-feira de manhã, em que decidíamos os temas a serem abordados no Interanutri – Agente e formamos duplas para elaboração do material. O curso foi planejado para quinze semanas, incluindo apresentação do projeto que os participantes realizariam durante o curso.

Foi um grande desafio produzir o material e acompanhar os participantes. Queríamos abordar diversos temas relacionados à segurança alimentar, e conseguimos. Tínhamos que montar um curso abrangente pelo qual os alunos se interessassem e vissem que muitas coisas (que nem imaginavam) interferem na segurança alimentar. Toda semana havia um texto ou um vídeo educativo sobre um tema e uma tarefa para ser executada durante a semana (podendo ser pro-

dução de um texto ou uma atividade prática para que pudessem contar a experiência que tiveram aos demais da sala).

A equipe pôde treinar parte dos monitores das salas do Interanutri e, quanto ele foi ao ar, nós nos dividimos para dar suporte aos monitores das salas dos cursos, Interanutri – Professor e Interanutri – Agente (que no total foram 41 salas).

Durante o curso pude perceber o interesse de diversos participantes, que sempre mandavam e-mail ou mensagens tirando dúvidas ou comentando os textos ou vídeo. Foi importante perceber durante o processo o quanto o curso influenciou no cotidiano, na percepção de saúde e segurança alimentar dessas pessoas, mesmo sendo a distância.

Além desse acompanhamento das salas, por estar em Botucatu, também ajudei na organização dos seminários, auxiliando com o que eu sabia, e neles aprendi muitas coisas, como algumas organizações sociais do estado de São Paulo, a organização em rede, agricultura familiar, cultura alimentar, comunicação etc. Também me envolvi na Semana da Alimentação, que a Rede-SANS incentivou e ajudou a promover na cidade.

Com o conceito de organização em rede, entendi que deveria ajudar outros grupos da Rede, como a pesquisa e a educomunicação, ou em qualquer outro momento que fosse preciso. O projeto da Rede-SANS me ajudou a vivenciar outro tipo de organização, o em Rede. Nele é necessário que cada um tenha iniciativa para que as atividades sejam feitas, cada um tem que ajudar com sua parte para que o todo fique completo.

Tive a oportunidade de conhecer várias pessoas de diferentes áreas, atendendo às necessidades locais com um mesmo fim, a segurança alimentar. A alimentação saudável, adequada e solidária engloba muitos fatores que parecem fugir da nutrição e da saúde, mas estão totalmente interligados e muitas vezes dependentes; o paciente, o ser humano não pode ser visto apenas como um ser biológico, ele está inserido em um contexto social, econômico e cultural, e pensa! Participar da Rede me fez perceber isso mais nitidamente; que podemos e devemos propagar conhecimento, a ciência, mas também é necessário respeitar o interlocutor e tratá-lo como igual.

Todos encontraram dificuldades, mas com certeza o conhecimento e as experiências que me foram oferecidas nesse estágio ultrapassam todas elas. Aprendi muito trabalhando em Rede, todos estão interligados e são necessários; coube a cada um se fazer presente e espero ter contribuído o suficiente com a formação e estruturação de parte do projeto.

Paula Maximo Torres
(bolsista DTI-C)

Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi durante a faculdade, no curso de Agronomia. Contudo, o conhecimento que absorvi nas disciplinas sobre segurança alimentar na faculdade foi restrito ao conceito do alimento seguro, ou seja, isento de contaminações físicas, químicas ou microbiológicas; boas práticas de manipulação e produção; uso de EPIs etc. Durante meu estágio curricular, no qual trabalhei com irradiação de alimentos, me envolvi mais com o tema e comecei a perceber sua complexidade. Nesse período, com o apoio do professor Francisco Araújo Câmara, realizei alguns experimentos com fotografia Kirlian em alimentos orgânicos e por meio dele fui indicada para participar do projeto Rede-SANS.

O professor Francisco me apresentou o projeto, mas confesso que não tinha ideia de sua dimensão e intersetorialidade, e o próprio conceito de rede era confuso para mim no início.

Assim, logo após minha formatura, em dezembro de 2010, comecei a estudar sobre o projeto, e no início de 2011 tivemos uma semana de integração e preparação com a coordenadora, professora Maria Rita, com todas as articuladoras regionais, equipe de educomunicação, equipe interdisciplinar e articulação geral. Essa semana foi fundamental para a compreensão da amplitude do projeto e também para o conhecimento do conceito de rede, com as palestras de Cássio Martinho e as oficinas da professora Carla Vieira.

A princípio, minha função era como engenheira agrônoma da equipe interdisciplinar, e trabalhávamos conforme as demandas da Rede. Nossa equipe era bem organizada e nos reuníamos todas as sextas-feiras pela manhã. A primeira demanda foi a elaboração de um curso sobre alimentação e nutrição voltado para os agentes comunitários de saúde. Assim, durante as reuniões, discutimos bastante até definir o conteúdo e a divisão das tarefas. Basicamente, o trabalho da equipe no primeiro semestre de 2011 se concentrou na elaboração do curso.

No semestre seguinte, a equipe interdisciplinar ficou responsável pelo acompanhamento do curso Interanutri – Agente e pela avaliação dos projetos. Foi um período bem difícil, pois não tínhamos experiência com educação a distância, mas foi muito interessante e nos proporcionou muito aprendizado, principalmente no final do semestre, quando fomos assistir à apresentação dos projetos; foi gratificante ver o resultado dos trabalhos.

No mesmo período, houve dois momentos muito importantes para mim: a Conferência Estadual de Segurança Alimentar em São José dos Campos e a

Semana Municipal da Alimentação em Botucatu. Esses eventos foram fundamentais para que eu entendesse a importância do tema segurança alimentar e nutricional e do direito humano à alimentação em todas as esferas (municipal, estadual e nacional). Foi um momento importante de conhecimento da questão política do tema, além de proporcionar vários contatos e fortalecer laços com pessoas em Botucatu.

Além da equipe interdisciplinar, sempre busquei participar de outras atividades da Rede-SANS, como o projeto de extensão Momento SANS, coordenado pelo professor Alfredo Pereira Júnior, reuniões para organização do Comsan, seminários municipal, regional e estadual de segurança alimentar, projeto Consciência Alimentar, projeto Horta no IB, projeto de fitoterápicos etc.

Em agosto de 2011, também iniciei a pesquisa para o desenvolvimento do curso Interanutri – Alimento seguro com as padarias de Botucatu. Esse trabalho foi bem interessante, pois pude conhecer melhor a atuação da vigilância sanitária. Nesse período, a professora Maria Rita também aprovou o projeto Horta no IB, porém a coordenação não foi muito presente no momento e as atividades iniciaram de fato no ano de 2012. Além disso, ajudei na elaboração do material Cartilha do Agricultor. Em 2012, com um pouco mais de experiência com educação a distância, foram disponibilizados mais cursos do Interanutri, e estive em alguns municípios capacitando tutores. Foi um período muito rico e de muito aprendizado.

Em relação à equipe interdisciplinar, houve alguns problemas. Algumas pessoas saíram do grupo (bolsistas da graduação, Jéssica e Aline), a coordenação do projeto deixou a equipe em segundo plano e os integrantes ficaram muito desmotivados com a participação na Rede. A atividade da equipe no primeiro semestre de 2012 continuou basicamente no monitoramento dos cursos do Interanutri e infelizmente a coordenação não passou mais demandas da Rede para a equipe. Em minha opinião, houve problemas de comunicação entre os integrantes da equipe e a coordenação e, infelizmente, isso resultou na subutilização da equipe. Acredito que, além da equipe interdisciplinar, a de educomunicação também foi bem prejudicada pela falta dessa coordenação, organização e acompanhamento das atividades. Houve grande rotatividade de bolsistas de graduação durante 2011, e acredito que essa falha refletiu diretamente na construção do site da Rede-SANS.

No primeiro semestre de 2012, aconteceram algumas mudanças em várias atividades da Rede-SANS, como a entrada da bióloga Carolina Jorge na equipe interdisciplinar responsável pelo Interanutri (fundamental para melhorar a organização dos cursos), elaboração do conteúdo do curso Interanutri – Ali-

mento seguro: Eixo padarias, mutirões para construção da horta no IB, organização do seminário estadual da Rede-SANS etc.

Além disso, a Rede possibilitou a participação em alguns congressos da área. Ajudei na elaboração do texto-eixo "Produção de alimentos", que rendeu a elaboração e apresentação oral curta no Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública – World Nutrition 2012; houve também a apresentação de um pôster no congresso Conbran 2012 sobre educação a distância (curso Interanutri) e, em novembro de 2012, participarei no congresso SLAN para apresentação dos dados da pesquisa nas padarias em Botucatu.

Acredito que o Interanutri é um curso muito rico, e com seus dados ainda poderemos escrever muitos trabalhos para apresentação em futuros congressos e também aprimorá-lo, principalmente com os dados da avaliação do curso.

Posso afirmar que a entrada na Rede-SANS me proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu imaginava. Pude notar algumas falhas no curso da Agronomia quanto à segurança alimentar e como o curso de Nutrição está evoluído em relação ao tema e como, infelizmente, os dois cursos são tão desarticulados. Aprendi sobre redes, articulação, intersetorialidade, nutrição, agricultura familiar, meio ambiente, educação a distância, pedagogia, área da saúde, políticas públicas, legislação, conselhos, conferências e a dinâmica de um projeto de desenvolvimento e pesquisa tão amplo e complexo. Com a Rede-SANS pude perceber o quanto desconhecia o município de Botucatu, a própria Universidade e a questão política da segurança alimentar no estado de São Paulo. Realmente, a Rede ampliou meu campo de visão em muitas áreas e da atuação do engenheiro agrônomo no mercado de trabalho. Além disso, tive a oportunidade de conhecer lugares e realidades novas, profissionais muito competentes que amam a profissão e o trabalho com SANS, e também fiz boas amizades, que acredito que permanecerão por muito tempo e serão importantes para futuros contatos.

Para mim, a Rede-SANS é capaz de influenciar as pessoas a terem uma nova visão de mundo, semeando o respeito ao próximo e às diversidades culturais, estimulando o desenvolvimento de ações em busca do direito humano à alimentação adequada de forma solidária. É uma articulação muito interessante que utiliza diversas ferramentas, principalmente a tecnologia da internet, para mobilizar e envolver pessoas em um tema tão importante como a alimentação. Acredito que ainda é um desafio tratar do assunto, por ser intersetorial, mas tenho certeza de que há uma tendência de formação de profissionais com esse olhar mais abrangente e que busquem integração e articulação de vários setores.

Luciana Cristina Parenti
(bolsista DTI-C)

Minha participação como bolsista no Projeto Rede-SANS se deu por minha experiência profissional como enfermeira atuante numa unidade de atenção primária de saúde, pois o projeto se propõe a trabalhar com a interface saúde e alimentação saudável, adequada e solidária, a fim de fortalecer a execução de políticas públicas acerca do tema da segurança alimentar e nutricional no estado de São Paulo.

No entanto, embora trabalhe há quinze anos com saúde pública, no início do projeto as palavras "segurança alimentar" ainda se apresentavam um pouco distantes para mim. A aproximação com o tema se deu, sobretudo, quando participamos de uma reunião com dom Mauro Morelli, que nos falou da importância de entender a diferença entre direito e assistência e que práticas alimentares não saudáveis são fruto de uma lei de mercado; dessa forma, não deveríamos em hipótese alguma culpabilizar a população por suas ações; deveríamos, sim, perseguir a ideia de que "segurança alimentar" é direito, e assim transformá-la em política pública. Pronto, agora tudo fazia sentido.

Dessa forma, engajados com a temática, constituímos um grupo de trabalho denominado equipe interdisciplinar, composto de profissionais das mais diversas áreas, como Enfermagem, Agronomia, Psicologia, Nutrição e Biologia. Todos possuíam vasta experiência profissional e os conteúdos de nossas áreas de atuação se relacionavam para a ampla compreensão dos temas a serem estudados e abordados.

Uma proposta concreta de nosso trabalho na Rede-SANS foi a criação de um curso a distância denominado Interanutri, cujo público-alvo eram os agentes comunitários de saúde e professores da rede pública do estado de São Paulo. Organizamos dois cursos e, ao final, a proposta foi o desenvolvimento de projetos a serem executados nos seus municípios. Nossa participação era programar o curso, elaborar os textos, instrumentalizar os tutores, acompanhar seu desenvolvimento por meio de uma plataforma virtual e avaliar os projetos de conclusão de curso presencialmente junto aos municípios participantes. Os temas envolvidos na programação do curso foram detalhadamente elaborados pela equipe, inter-relacionando saúde, educação e alimentação. Pude acompanhar a apresentação de dois projetos, nos municípios de Hortolândia e Itapeva, e foi grata a surpresa quando deparei com uma questão que me parecia ainda distante, a intersetorialidade das ações. De fato, os projetos elaborados se inter-relacionavam com os diversos setores da sociedade: saúde, cultura, educação, assistência social.

Participei também de seminários sobre segurança alimentar e representei a área da saúde num encontro sobre educação popular em Lins-SP, compondo uma mesa-redonda que destacava segurança alimentar, iniciativas intersetoriais e reflexões sobre os principais problemas de saúde pública envolvendo a área alimentar, surgidos com a chamada transição epidemiológica e nutricional em nosso país. Mais recentemente, elaboramos um questionário para a avaliação do Interanutri nos municípios e também destacamos alguns pontos que a equipe julgou importantes para melhorias de projetos de ensino a distância, a exemplo do Interanutri.

Enfim, participar da Rede-SANS me fez uma profissional melhor, pois pude aprender conceitos ampliados sobre saúde e alimentação, além de exercitar a participação em grupos de trabalho. Não sou mais a mesma. Os conceitos estão impregnados e assim os levo comigo. Levo e compartilho. Ao compartilhar, mantenho a Rede.

8
A participação dos professores

Durante esses dois anos, a Rede-SANS contou com a participação de professores de diferentes unidades da Unesp e de outras instituições, prioritariamente a partir da orientação do trabalho dos bolsistas, na pesquisa, extensão ou desenvolvimento. No entanto, tivemos poucas reuniões de professores, e, quando aconteceram, foram realizadas principalmente por áreas: estatística e georreferenciamento, comunicação, agronomia, nutrição. Em um período que antecedeu o início do projeto e também logo nos primeiros meses do trabalho, fizemos reuniões interdisciplinares para discussão da Segurança Alimentar e Nutricional com propostas de integração. Com a avalanche de tarefas para atender as demandas do projeto de articulação da Rede, as reuniões entre professores ficaram mais escassas. Também nos seminários de articuladores locais não foi possível contar com a participação de muitos dos docentes colaboradores. Eles estiveram presentes, sempre que necessário, orientando bolsistas, ministrando aulas, corrigindo textos, participando de gravação de vídeos, trocando ideias em processos paralelos. O resultado final foi um trabalho multidisciplinar, mas não podemos dizer que todos os professores que participaram do processo sentem que fazem parte da Rede-SANS, ou seja, não existe, por parte da maioria, o sentimento de corresponsabilidade com o trabalho da Rede, mas de solidariedade. É provável que isso se deva à estrutura do trabalho na Universidade em relação à distribuição de tarefas, lideranças e autorias dos trabalhos. Pode ser, também, que não se tenham criado condições favoráveis para a corresponsabilidade.

Os momentos SANS

A preocupação com a reflexão e também com o belo e o lúdico na Rede--SANS culminou com a criação do Momento SANS. Na idealização dessa atividade, em princípio, se almejava que fosse possível promover os debates na Universidade, disponibilizando-os on-line. Tivemos acesso a uma sala virtual no Núcleo de Ensino a Distância da Unesp (NEAD), tecnologia que nos permitia a realização de apresentações interativas por meio da internet. Fizemos várias tentativas, mas isso não despertou interesse das equipes locais, além dos problemas tecnológicos decorrentes, dificultando o acesso das pessoas. Os primeiros Momento SANS foram realizados durante os seminários de articuladores, com palestras ou apresentação de filmes, seguidas de debate e apresentação artística. Com o tempo, os Momento SANS associados aos seminários passaram a constar apenas da parte artística. As discussões na Unesp continuaram a acontecer e as apresentações foram filmadas e disponibilizadas no site da Rede-SANS. O professor Alfredo Pereira Jr., que atua na área de Filosofia, coordenou essa atividade e trouxe o olhar de diferentes áreas de saber para a nutrição.

Figura 29 – Acadêmicos em um dos Momento SANS

Momento SANS: uma perspectiva transdisciplinar da nutrição

Alfredo Pereira Jr. – Coordenador do Momento SANS

Departamento de Educação, Instituto de Biociências,
Unesp-Rubião Jr., Botucatu – SP – 18618-970; e-mail: apj@ibb.unesp.br

As atividades científicas, filosóficas, artísticas e culturais desenvolvidas durante a série de Momento SANS propiciaram ampla perspectiva, multidimensional e transdisciplinar a respeito dos processos nutricionais. Quando ocorre uma relação entre disciplinas científicas, por meio da interação de especialistas,

entendemos que há um fenômeno interdisciplinar. Quando a interação entre diferentes profissionais vai além do conhecimento científico, abrangendo também dimensões filosóficas, artísticas e culturais (incluindo aqui também contribuições da religião), há o fenômeno transdisciplinar.

Dentre as diversas percepções que foram compartilhadas nos Momento SANS, gostaria de registrar as seguintes:

- os processos nutricionais envolvem processos cerebrais, que influenciam ou mesmo determinam nossos comportamentos alimentares;
- o processo de tomada de decisão a respeito dos alimentos envolve cenários alternativos do passado e do futuro, juntamente com os impulsos presentes durante o ato;
- a experiência estética que faz parte do processo nutricional apresenta sinergias com outras experiências estéticas, como a experiência musical, resultando, em muitas ocasiões, em uma combinação da música com a alimentação;
- o processo nutricional também tem uma dimensão ética, envolvida na aceitação (ou não) do modo como um determinado alimento é produzido, por exemplo, considerando-se a utilização de trabalho escravo e/ou a sustentabilidade do processo produtivo;
- o comportamento alimentar é influenciado por processos psicofisiológicos, que vão desde o impulso fundamental para a sobrevivência (que o filósofo Espinosa chamou de *conatus*), até os processos de autocontrole pessoal, que são eventualmente perturbados, como nos transtornos de ansiedade;
- podemos refletir sobre o processo nutricional como um todo, desde seus determinantes biológicos até suas implicações sociais, nos questionando em que medida os agentes são autônomos, tendo a condição de se organizar de modo satisfatório diante de suas necessidades e de resolver seus problemas, ou são vulneráveis às forças externas, como a propaganda de produtos que podem trazer mais malefícios que benefícios para a saúde física e mental;
- uma questão filosófica central que emerge das discussões é a respeito da relação entre corpo e mente no processo nutricional. Torna-se cada vez mais evidente que a nutrição não se restringe a processos biológicos, mas está entrelaçada com processos psicológicos, inclusive com os conscientes. Nossos estados de consciência tanto são afetados pelos processos nutricionais quanto os influenciam, formando então um círculo que pode ser virtuoso, quando conduz à saúde física e mental, ou vicioso, quando conduz à doença, a qual também teria as dimensões física e mental.

9
A dimensão presencial de articulação da Rede-SANS

Os cenários de encontros presenciais na Rede-SANS foram as visitas de ARs e equipe de articulação geral do projeto aos municípios e regiões, os encontros de ARs e os seminários de ALs em Botucatu e os seminários estaduais em Águas de Lindoia e São Paulo. Em alguns locais aconteceram encontros regionais da Rede-SANS. Houve ainda dois encontros de ARs fora de Botucatu, um em Adamantina, outro em Ribeirão Preto.

As reuniões de ARs aconteceram mensalmente desde o mês de janeiro de 2011 e representaram um importante momento de avaliação, planejamento e, quando necessário, correção de percursos. Nelas foram planejadas todas as atividades de articulação da Rede-SANS, em especial os seminários de articuladores locais e estaduais. Pudemos contar com um assessor em redes sociais apoiando as estratégias de mobilização. Entre as recomendações recebidas, estava a de estabelecer estratégias de descentralizar o processo de organização da Rede-SANS e também foi posto o princípio da auto-organização. Em nosso caso, certos movimentos em prol da descentralização não encontraram sintonia com o princípio da auto-organização, ou seja, por mais que tenhamos nos esforçado para descentralizar, tudo convergia para que as coisas acontecessem na Unesp. Fizemos duas reuniões de ARs fora de Botucatu para atender a demanda colocada de descentralizar o processo. Elas foram mais dispendiosas e tivemos problemas operacionais e dificuldade da participação de todos. Assim, decidiu-se que as reuniões de ARs seriam sempre em Botucatu (Figura 30), assim como os seminários de ALs. Temos nos esforçado para que a Universidade esteja na Rede-SANS como uma de suas instituições de apoio e que a Rede tenha sua identidade própria, mas tem sido a Unesp que tem fornecido as condições para seu funcionamento e continuidade.

As reuniões dos articuladores regionais da Rede-SANS aconteciam mensalmente no Departamento de Educação da Unesp de Botucatu-SP.

Figura 30 – Articuladores regionais da Rede-SANS em reunião, 2011

O contato dos ARs com os municípios começou em outubro de 2010, depois que foi assinado o convênio entre a Unesp e a Finep. Poucas visitas aos municípios foram realizadas em 2010. Elas começaram efetivamente a partir de janeiro do ano seguinte com a liberação dos recursos. A presença do AR nos municípios foi fundamental para a divulgação da Rede-SANS, mobilização e fortalecimento das redes locais, e também para estimular e apoiar a pauta de ações locais e estabelecer um processo contínuo de articulação.

Apesar de encorajados, os ALs tiveram poucos contatos presenciais regionais ou inter-regionais. A articulação regional ocorreu de forma ainda incipiente e é provável que uma maior experiência prévia do AR com ações de cunho comunitário tenha ajudado nesse processo, mas também foi importante a existência de articulação regional anterior, como foi o caso da parceria com o Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Social do Vale do Ribeira (Consad). Essa parceria, em nossa avaliação, promoveu fortalecimento mútuo, aumentando a coesão na região e revitalizando o tema SAN na pauta do Consad.

As visitas da coordenadora do projeto e de dom Mauro Morelli aos municípios estavam previstas no projeto de articulação da Rede-SANS de forma mais sistemática do que de fato aconteceram. Essas visitas foram programadas em função da demanda dos municípios e regiões, seja para reuniões com gestores ou para a participação em eventos junto da comunidade. As visitas de dom Mauro nos municípios levaram estímulo aos gestores para que dessem mais atenção às políticas públicas de SAN e também despertassem o interesse da população sobre essas políticas. A participação da Rede nas conferências regionais e municipais com convite à fala da coordenação geral do projeto de articulação também foi de grande importância para seu fortalecimento (Figura 31).

Na avaliação feita nos municípios, as equipes locais consideraram importante a presença do AL nos municípios principalmente porque esse personagem promoveu a articulação das pessoas, a divulgação de conhecimento e informações, a mobilização de pessoas em defesa da SAN, a formação por meio do

Interanutri, o diagnóstico das ações locais e a interação entre os setores. Entre os 27 municípios avaliados, apenas dois ALs receberam avaliação negativa, isto é, não foram considerados como tendo importância na articulação da SAN no município. Isso se deu mais em razão do perfil do articulador, que não conseguiu transpor o muro do serviço de saúde. Na Figura 32 são apresentadas as atividades relacionadas ao papel/tarefas executadas pelo articulador local conforme os membros das redes locais entrevistados. Nas entrevistas realizadas, em dezembro de 2012, nos municípios foi questionado sobre qual a avaliação que o grupo de entrevistados fazia da inserção da Rede-SANS no município. As respostas foram que a Rede-SANS foi fundamental para a articulação das atividades de SAN no município em 23 dos 27 municípios, a articulação/integração das atividades de SAN no município foi o principal ganho, sendo que em dois houve a formação do Conselho Municipal de SAN e para um dos municípios o ganho foi no acesso à informação. Já em três, a inserção foi considerada fraca.

Em Registro, foram realizadas conferências regionais de municípios de SAN, em 2011, as quais contaram com a participação da professora Maria Rita, coordenadora do projeto de articulação da Rede-SANS.

Figura 31 – Abertura da Conferência Municipal de Registro-SP, 2011

No processo de articulação local, algumas dificuldades foram apontadas pelos membros das redes locais, como a falta de comprometimento do poder público com as questões da SAN em onze dos municípios; em quatro municípios, o problema detectado foi a falta de resposta da sociedade civil; em dois que ingressaram posteriormente à Rede foi indicada a falta do AL; em outros quatro, a falta de informação sobre o processo, a falta de tempo do AL, a falta de conhecimento por parte do AL e a falta de integração do grupo, respectivamente. Outros municípios não relataram terem tido dificuldades no processo de articulação. A principal ferramenta de formação dos ALs foram os seminários de articuladores locais realizados em Botucatu.
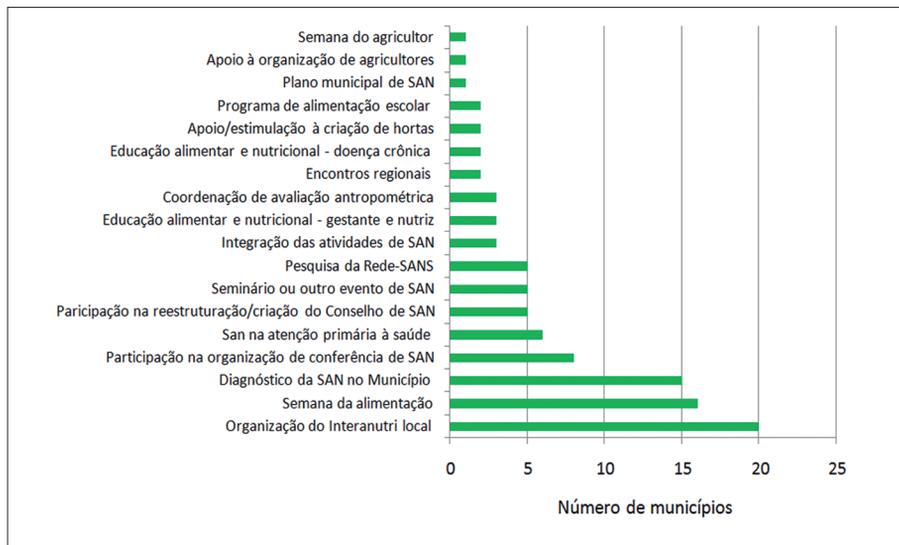
Figura 32 – Atividades relacionadas à figura do articulador local em entrevista nos municípios da Rede-SANS, dezembro de 2012

Os primeiros passos no processo de articulação

Durante a última semana de janeiro de 2011, foi realizado o primeiro encontro do grupo de articulação regional da Rede-SANS com as pessoas que comporiam as equipes de educomunicação e interdisciplinar na Rede-SANS (Figura 33). O grupo havia sido orientado para, durante aquele mês, fazer um plano pessoal de estudos. Foi fornecido um cardápio de leituras, desde textos simples sobre SANS até textos teóricos sobre redes sociais; a leitura de escolha dependeria do conhecimento de cada um. Assim, no primeiro dia daquela semana discutimos a compreensão de cada um sobre a proposta, em que cada participante contou de onde veio e quais os contatos que tinha com as pessoas ali presentes e com a proposta da Rede-SANS. Enquanto isso, alguém registrava na lousa o nome da pessoa e seus contatos, mesmo que não estivessem ali presentes.

Nos dias seguintes, o assessor Cássio Martinho discutiu os conceitos de rede e de gestão de redes com o grupo. Debatemos o nome do projeto, e, ao considerar que uma rede se faz com pessoas, constatamos que seria melhor pensar num outro sentido para o nome da Rede-SANS, diferente do projeto que se reportava ao município promotor de SAN. Foram discutidas estratégias de divulgação da Rede-SANS nos municípios. Durante o mês seguinte, continuamos a discussão, e o projeto passou a se chamar "Rede-SANS: Rede de Defesa e Promoção da

Principal
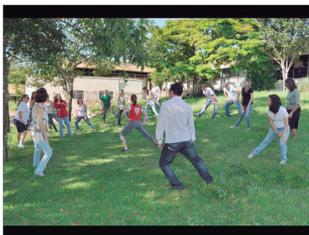
Figura 1: Encontro Rede SANS em 25/01/2011: Atividade de relaxamento ao ar livre

Figura 2: Encontro Rede SANS em 25/01/2011: Atividade de relaxamento ao ar livre

Figura 3: Encontro Rede SANS em 25/01/2011: Reunião de integração da Equipe

Figura 4: Encontro Rede SANS em 25/01/2011: Reunião de integração da Equipe

IB reúne representantes do Projeto REDE - SANS para discussão sobre a Segurança Alimentar no Estado de São Paulo

Na próxima sexta-feira, 18 de fevereiro, acontecerá uma reunião com os participantes do Projeto Rede-SANS, no Departamento de Educação, do Instituto de Biociências (IB), para discutir a situação da Segurança Alimentar no Estado de São Paulo.

Esse projeto é financiado pela FINEP, e tem como um de seus principais objetivos criar uma rede de pessoas interessadas em adotar uma atitude pró-ativa em relação à promoção de uma alimentação adequada, saudável e solidária.

Adequada, porque deve atender as necessidades fisiológicas do indivíduo, respeitando-lhe a cultura.

Saudável, do ponto de vista de fornecer energia e nutrientes para atender as necessidades metabólicas e ajudar a prevenir doenças, além de ser isento de contaminações biológicas (ex. bactéria e fungos) e químicas.

Solidária, porque as escolhas alimentares precisam ser feitas de maneira a promover um comércio mais justo prestigiando a produção local.

Por meio do projeto Rede SANS busca-se inicialmente criar essa rede através da articulação da Política de Saúde com a Política de Segurança Alimentar. Entretanto, qualquer setor da sociedade pode dela participar.

Outro objetivo com a criação dessa rede é o da formação de pessoas através de cursos, fóruns seminários, que devem promover também a integração dos participantes e ações colaborativas desde uma simples troca de receita até trocas de experiências entre gestores municipais, consórcios, etc., tudo em prol de uma população com hábitos de vida saudável.

Nessa reunião do dia 18 de fevereiro estarão presentes os articuladores regionais das 6 regiões participantes do Estado de São Paulo:

Região 1) Campinas, Indaiatuba, Hortolândia, Amparo, Piracicaba, Leme;

Região 2) Ribeirão Preto, Batatais, São José do Rio Preto, Araraquara, Matão;

Região 3) Pontal do Paranapanema: Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Pirapozinho, Adamantina, Penápolis;

Região 4) Marília, Bauru, Botucatu, Lins, Pardinho;

Região 5) Sudoeste Paulista: Itararé, Capão Bonito, Itapeva;

Região 6) Vale do Ribeira: Registro, Cananéia, Caraguatatuba e Região Metropolitana: Suzano, Mauá;

Também estarão presentes nesse encontro a coordenadora Prof. Drª Maria Rita Marques de Oliveira e demais colaboradores, como o assessor Cássio Martinho, especialista em redes.

Nessa reunião pretende-se discutir a situação da segurança alimentar em cada região e os próximos encaminhamentos visando a continuidade dos trabalhos na busca do fortalecimento da Rede-SANS.

Lucia Maria Paleari

Figura 33 – Divulgação da Rede-SANS, janeiro de 2011

Alimentação Saudável, Adequada e Solidária". A reunião de fevereiro foi dedicada à definição da missão da Rede-SANS e sua carta de princípios, num processo de construção coletiva. Foi também debatida a programação para o primeiro seminário de articuladores locais. Estabeleceu-se que os articuladores deveriam trazer algo que representasse sua região, além de levar o esboço do roteiro de diagnóstico e uma proposta para a articulação local. Seria elaborado um vídeo de apoio à divulgação da Rede-SANS (http://www.redesans.com.br/quem-somos/); posteriormente, um segundo vídeo foi elaborado pela TV Unesp. Os ARs deveriam visitar todos os municípios e divulgar a realização do primeiro seminário, sendo que o vídeo serviu de apoio a esse trabalho.

Os seminários de articuladores locais

Conforme previa o projeto de articulação, foram realizados seminários trimestrais, sete de articuladores locais e dois estaduais.

I Seminário de Articuladores Locais – março de 2011

O I Seminário foi dedicado à apresentação da proposta de articulação da Rede-SANS e à discussão dos princípios do trabalho em rede, o que foi feito com apoio do assessor em redes sociais. Todos puderam se conhecer, foram discutidos os mecanismos de comunicação da Rede, apresentou-se a carta de princípios para apreciação do grupo, a qual seria votada no seminário seguinte depois de incorporadas as sugestões dadas. Nessa reunião também foi levado para apreciação o instrumento para diagnóstico das ações locais, elaborado pela CRSANS das Bacias Piracicaba-Capivari e revisado pelo grupo de ARs e professores da Unesp (http://www.redesans.com.br/como-participar/). O diagnóstico foi construído em seis eixos, a saber:

1) institucionalidade: institucionalizar a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA);
2) acesso ao alimento: proporcionar o acesso à alimentação saudável, adequada e solidária;
3) segurança do alimento: educar e promover condições de garantia da segurança biológica e química do alimento em toda a cadeia alimentar;
4) produção alimentar: garantir a produção segura e sustentável do alimento e o apoio à produção local;

5) alimentação escolar: fortalecer o compromisso e a parceria entre escola e sociedade para plena execução dos objetivos do PNAE – educar e nutrir;
6) saúde e educação: promover mudança de atitude em relação ao modo de vida no planeta, que seja harmônico consigo mesmo e com o planeta.

No preâmbulo do documento era solicitada uma introdução sobre as características do município, incluindo informações históricas e culturais, as quais seriam utilizadas na apresentação do município no site da Rede-SANS. Para esse trabalho, os ALs contariam com o apoio de bolsistas ITI.

Além dos conteúdos tratados no seminário, foram proporcionados momentos de integração e lazer. Os ALs saíram motivados para o trabalho, mas ainda apreensivos sobre como seria o trabalho nos municípios.

Após o I Seminário, foi gravado vídeo de apresentação da Rede-SANS, elaborado um vídeo para apoio aos ALs na divulgação da Rede-SANS e do II Seminário, para o qual as autoridades dos municípios estavam sendo convidadas, visto que esse evento marcaria o lançamento oficial da Rede. Para a divulgação nos municípios e na imprensa foi elaborado um *release*, por sugestão dos ALs.

Release de divulgação da Rede-SANS, abril de 2011

Rede-SANS – Rede de Defesa e Promoção da Alimentação Saudável, Adequada e Solidária

A Rede-SANS é um sistema de pessoas interconectadas e dispostas a incorporar em suas vidas uma atitude proativa em relação à alimentação *saudável, adequada e solidária*. A proposta que se desenvolve nesse contexto é a de buscar integrar duas políticas públicas: a *Política de Saúde* e a *Política de Segurança Alimentar e Nutricional*. Na Política de Saúde, resgata-se o conceito mais amplo de saúde, que pode ser traduzido na "arte de bem viver", ao vislumbrar o equilíbrio entre aspectos do ambiente e os modos de vida individuais e coletivos dos seres humanos, que se referem à alimentação, relacionamentos, trabalho, recreação. Este é, portanto, o principal ponto de convergência da Saúde com a Segurança Alimentar e Nutricional, que diz respeito ao direito humano de acesso regular e permanente a alimentos saudáveis e adequados, sem comprometer outras necessidades essenciais, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social e economicamente sustentáveis.

As doenças que hoje nos ameaçam, como a obesidade, diabetes, hipertensão e desnutrição, são em grande parte determinadas pelos nossos inadequados hábitos de vida, pela relação desarmoniosa que estabelecemos com o planeta e seus habitantes. Nosso comportamento é o principal agente etiológico dessas doenças, que, em sua maioria, não têm cura, mas podem ser evitadas. Para mudar esse quadro é preciso rever a atitude que se adota em relação ao nosso cotidiano e também à vida no e do planeta, atitude entendida aqui como forma de pensar, acreditar, sentir e agir. Mudar

de atitude implica mudar a estrutura do pensamento, a partir de mudanças profundas e não de comportamentos superficiais.

Na Rede-SANS, o que significa uma atitude proativa em relação a uma alimentação saudável, adequada e solidária?

Saudável é a alimentação que contém, de forma equilibrada, todos os nutrientes necessários à manutenção da estrutura e funcionamento dos organismos, não apresentando qualquer contaminante químico ou microbiológico.

Alimento adequado diz respeito ao alimento próprio para cada indivíduo ou coletividade – ao estado fisiológico, aos hábitos culturais, à geografia do lugar. É próprio para aquela pessoa e também confere identidade ao lugar.

Solidária é a dimensão do alimento que diz respeito ao coletivo, às escolhas que podemos fazer levando em conta o outro. Propõe uma revisão das regras de mercado entre produtores e consumidores de alimentos, e, sobretudo, a valorização da economia local.

E qual seria o papel da Rede-SANS nisso tudo?

Parte-se do pressuposto de que pessoas interligadas e em sintonia com relação a certas ideias e interesses detêm o poder para realizar essas mudanças. O papel da Rede-SANS, portanto, é propiciar a formação, a integração e a troca de experiências entre pessoas que fazem parte de diversos contextos sociais, políticos e culturais. São em geral membros das comunidades, bem como gestores das áreas de saúde, assistência social, educação, meio ambiente, produtores de alimentos, religiões, dentre outros.

Para o processo de formação lançaremos mão de oficinas em encontros presenciais e atividades via internet, procurando o fortalecimento do trabalho em rede e as práticas alimentares adequadas, saudáveis e solidárias em diferentes contextos. Além disso, disponibilizaremos materiais, especialmente produzidos pelos integrantes da rede, em site eletrônico, blogs, e-mails, que vão desde textos, receitas culinárias, informações sobre sementes rústicas de boa qualidade, até experiências bem-sucedidas de plantio, comercialização local etc. No prazo de dois anos serão também realizados cinco seminários com representantes dos municípios e dois seminários estaduais, ambos presenciais.

Em cada um dos 27 municípios eleitos para o trabalho inicial de articulação das pessoas na rede, há um articulador local, cuja função é a de identificar as "conexões" locais já existentes e, junto com essas pessoas "conectadas", estabelecer novas conexões, ampliando assim a Rede-SANS local. Dessa forma, as pessoas irão decidir sobre que ações, no contexto em que atuam, serão prioritárias, ao longo dos próximos dois anos, para a promoção da Alimentação Adequada, Saudável e Solidária.

As atividades de articulação da Rede-SANS receberão, durante esses dois anos, recursos do *Ministério de Ciência e Tecnologia por meio da Finep*, repassados ao *Instituto de Biociências de Botucatu*, onde funcionará um laboratório de educomunicação que dará suporte ao trabalho com registro das atividades e desenvolvimento de material educativo. A articulação da Rede-SANS conta ainda com o apoio do *Instituto Harpia Harpyia* – agência de defesa e promoção do direito humano ao alimento e à nutrição.

II Seminário de Articuladores Locais, maio de 2011

O seminário de maio de 2011 teve três importantes objetivos: lançar oficialmente a Rede-SANS, discutir a pesquisa da Rede com outros pares da academia, proporcionar o debate dos primeiros resultados do diagnóstico (mapa) dos atores e iniciativas de SAN nos municípios e introduzir a discussão quanto ao planejamento das atividades locais. Em paralelo foi realizado um encontro dos bolsistas de graduação da Rede-SANS (Figura 34).

Figura 34 – Cerimônia de lançamento da Rede-SANS, maio de 2011

O lançamento oficial contou com a participação de algumas das autoridades convidadas dos municípios participantes, os componentes do seminário, que não eram apenas os ALs, e autoridades do MCTI, da Finep e do reitor em exercício da Unesp.

Em maio de 2011, a Rede-SANS foi apresentada a partir de sua missão e carta de princípios e assumia como sua vocação:

- o fomento ao desenvolvimento local por meio da promoção da troca de experiência na solução de problemas;
- o desenvolvimento de marketing social com vistas à mudança de atitude em relação aos hábitos de vida no planeta;
- a educação a distância em temas relacionados ao DHAA e à SAN;
- a divulgação de experiências, dados e pesquisas em DHAA e SAN;
- a sistematização e disponibilização de dados e informação em DHAA e SAN;
- a pesquisa e desenvolvimento em DHAA e SAN.

No seminário de pesquisa foram convidados pesquisadores de outras instituições, que, junto com os ALs inseridos na atenção primária à saúde, discutiram os objetivos, o método de trabalho e as ferramentas que seriam utilizadas. As sugestões do grupo foram incorporadas ao instrumento antes que a pesquisa de campo tivesse início.

Nesse seminário foram aprofundados os significados de cada palavra colocada na missão da Rede-SANS. A articulação de pessoas de diferentes contextos remete-nos ao pensamento sistêmico, lembrando que pequenas ações cotidianas fazem muita diferença naquilo que é global e vice-versa. Uma visão sistêmica da SAN foi apresentada na Figura 35, na qual as ações cotidianas individuais, como as escolhas alimentares, as interações interpessoais de influência, a postura das organizações de promoção e viabilização, a organização e integração dos equipamentos sociais em uma comunidade e as políticas públicas são fatores determinantes e determinados entre si. Por essa razão, propõe-se que sejam bem articulados.
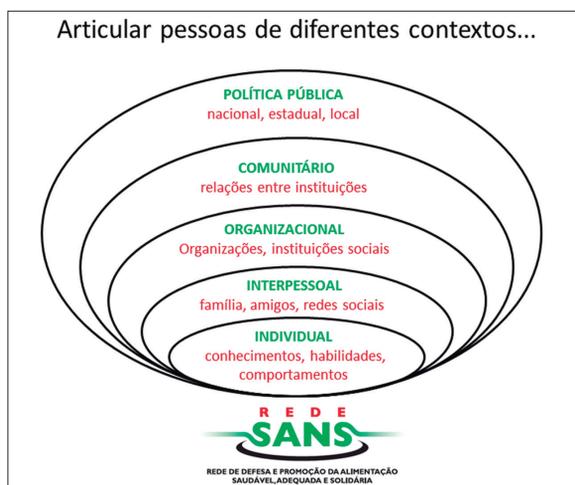
Figura 35 – Uma visão sistêmica da segurança alimentar e nutricional
Fonte: Modificado de Whitacre e Burns, *Community Perspectives on Obesity Prevention in Children*.

Nos meses que antecederam o II Seminário, os ALs haviam passado pela experiência de encontrar parceiros para a rede local, partindo de um levantamento dos atores, ações e iniciativas de SAN existentes no município. A profundidade e a legitimidade desse diagnóstico variaram a depender do grau de inserção do AL no município, de seus contatos e das informações que detinha. Também dependeria do grau de organização e da complexidade da gestão pública local. Foi encorajado que esse trabalho adotasse metodologia participativa e

que, se possível, cada eixo fosse respondido por um grupo de pessoas que estivessem envolvidas com os temas. Para alguns isso seria fácil, para outros era uma tarefa muito desafiadora. Pouco mais de dois meses não seria tempo suficiente para concluir a tarefa, mas já seria possível discutir o que fazer com aquelas informações; então foi proposto que o seminário tratasse de como planejar coletivamente as ações em SAN.

Um planejamento coletivamente construído deveria convocar todos os interessados para levantar os problemas, discutir e propor alternativas, dimensionar os recursos para a introdução da proposta e seus efeitos, adaptar e/ou redesenhar soluções se necessário e definir os indicadores para a avaliação de resultados.

As atividades desenvolvidas no sentido de instrumentalizar os articuladores foram divididas em dois momentos com oficinas; no primeiro proporcionou-se a troca de experiências na realização do diagnóstico dos atores, ações e iniciativas de SAN nos municípios. No segundo, a oficina foi direcionada ao planejamento das ações locais.

Foi um seminário carregado de conteúdo, principalmente para os ALs que não estavam muito familiarizados com o tema. Além das atividades práticas com as oficinas, houve também momentos lúdicos, que incluíram dinâmicas de integração (Figura 36).

Após o II Seminário, os ALs saíram encorajados e fortalecidos com a experiência dos demais para concluir os diagnósticos locais e buscar parceiros para ampliação de suas redes. Em agosto seria retomado o planejamento das atividades, quando os diagnósticos estariam completados. Os que nos chegavam eram muito ricos de informações, uns mais bem organizados, outros nem tanto. Havia também aqueles com informações inconsistentes, o que foi apontado e, em alguns documentos, corrigido.

Figura 36 – Atividade do II Seminário de Articuladores Locais da Rede-SANS, maio de 2011

Encontro dos estudantes bolsistas

Esse encontro partiu de uma demanda apresentada por eles e foi organizado pelos estudantes bolsistas da Unesp. O tema proposto foi "A Rede-SANS como um laboratório de contextualização social e política para o mundo do trabalho".

III Seminário de Articuladores Locais, agosto de 2011

Foi marcado pelo apoio aos ALs no planejamento das ações locais, e nesse momento já se discutia a realização das conferências de SAN. Muitos municípios pretendiam subsidiar a conferência com o documento do diagnóstico realizado com apoio da Rede-SANS.

A programação constou basicamente de apresentações das redes locais e uma oficina de planejamento, na qual os ALs trabalharam com os materiais produzidos por eles e foi proposto um instrumento de planejamento por eixo do diagnóstico (http://www.redesans.com.br/como-participar/). Depois desse exercício, as redes locais deveriam desenvolver os próprios planejamentos. Nem todas apresentavam estrutura para propor ações nos eixos propostos no diagnóstico; para uma boa parte dos municípios, a ação primordial era organizar um conselho ou mesmo uma comissão de SAN – era o que o AL se via capaz de viabilizar em sua conjuntura política e com os recursos (pessoas e materiais) de que dispunha.

Durante o seminário de agosto de 2011, não estava ainda definido que São Paulo teria uma conferência de SAN. Vários ALs se engajaram no movimento pró-conferência, outros ainda tentavam entender o significado dela. Alguns municípios haviam decidido fazer suas próprias conferências independentes da decisão do Consea-SP. As discussões geradas suscitaram nos ALs o desejo de conhecer mais profundamente as políticas de SAN, o que seria tratado no IV Seminário de ALs da Rede-SANS.

IV Seminário de Articuladores Locais, novembro de 2011

Na programação estava o lançamento do site da Rede-SANS, um panorama das ações desenvolvidas no ano de 2011, uma discussão teórica sobre o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan) e debate de estratégias para o fortalecimento da Rede-SANS (Figura 37).

O site foi apresentado em sua primeira versão, e foram discutidas estratégias para melhorar a comunicação na Rede-SANS, do que surgiu a temática para o V Seminário, que versou sobre educomunicação.

Figura 37 – Atividade do IV Seminário de Articuladores Locais da Rede-SANS, novembro de 2011

Em uma oficina, os ALs seriam divididos em grupos de discussão, conforme o estágio do município, os conselhos, as câmaras intersetoriais e os planos municipais de SAN. Essa distribuição do grupo trazia bastante conforto, pois na discussão geral havia sempre quem não conseguia entender a complexidade da discussão e quem avaliava o conteúdo tratado como superficial.

No seminário também foram discutidas as perspectivas para 2012 e a sustentabilidade da articulação ali presente.

Uma tarefa assumida pelos ALs no seminário foi a de aprimorar os registros das ações locais, com vistas à alimentação das páginas dos municípios no site.

V Seminário de Articuladores Locais, março de 2012

O quinto buscou dar um "tom mais leve" à prática do AL; o ano anterior produzira muitos avanços, havia sido necessário superar muitas barreiras de comunicação humana e tecnológica. Nesse seminário, a proposta foi promover a descomplicação da comunicação.

Foram realizadas oficinas de educomunicação, com resultados surpreendentes quanto aos talentos do grupo (Figura 38).

Figura 38 – Atividades do V Seminário de Articuladores Locais da Rede-SANS, março de 2012

Produções dos ALs e ITI

Vídeos:

http://youtu.be/ykTDSQghVso
http://youtu.be/pTfJDFFJBSo
http://youtu.be/gPpmYaFheFU

Áudio (rádio):

http://soundcloud.com/komuniki/rede-sans-produ-o-de-r-dio-2
http://soundcloud.com/komuniki/rede-sans-produ-o-de-r-dio-1
http://soundcloud.com/komuniki/rede-sans-produ-o-de-r-dio

Foi nesse seminário que se começou a discutir como incorporar novos municípios na Rede-SANS e como ser um parceiro do projeto, quando se apresentou e debateu o manual de como fazer parte da Rede-SANS. Também se discutiu a temática dos próximos seminários. Em maio haveria um seminário com conteúdos técnicos sobre as políticas de SAN e, em agosto, seria um seminário político, de abrangência estadual.

VI Seminário de Articuladores Locais, maio de 2012

O tema foi a busca de parceiros para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária. No Painel 1 tratou-se da contribuição das secretarias e instituições governamentais do estado de São Paulo para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária com a participação de palestrantes da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social e Coordenação de Desenvolvimento do Agronegócio (Codeagro), Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O Painel 2 abordou a contribuição dos ministérios e instituições federais com a participação de técnicos do MCTI, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Coordenadoria Geral de Alimentação e Nutrição (CGAN)/Ministério da Saúde, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

No Painel 3 foi tratada a contribuição das instituições do terceiro setor para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária: movimentos populares, ONGs, cooperativas de agricultores e fundações.

Foi um seminário de muita troca e aprendizado e principalmente de aproximação do poder público nos níveis estadual e federal com o trabalho da Rede-SANS. Isso parece importante por dois motivos: primeiro, porque é dos editais públicos que vêm os recursos para os projetos e programas de SAN que, em última análise, contribuem com a coesão da Rede, na realização de seus propósitos. Segundo, porque encontros dessa natureza aproximam os formuladores das políticas de seus beneficiários, ou seja, das necessidades da população. Encontros como esses também geram muita angústia, porque tornam visíveis as dificuldades para a solução de problemas a partir do diálogo.

VII Seminário de Articuladores Locais, novembro de 2012

Foi um seminário de avaliação, que teve a marca da sucessão municipal, nem sempre favorável à continuidade do que vinha sendo construído no município. Como atividade paralela, foi desenvolvida uma oficina de projetos por um dos superintendentes do Banco do Brasil, que acompanhava e apoiava ações da Rede-SANS. Nesse seminário também foram gravados muitos depoimentos dos presentes, e o encerramento foi conduzido por dom Mauro Morelli.

Sobre a oficina com o Banco do Brasil, no seminário de agosto foram divulgadas as possibilidades de acesso a recursos da Fundação Banco do Brasil e o programa Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS), quando surgiu a demanda para capacitação dos municípios para facilitar o acesso a esses programas (Figura 39). Os ALs deveriam identificar demandas que pudessem ser atendidas nesses programas e trazê-las para discussão da oficina. Isso foi feito por um terço dos municípios da Rede-SANS. Algumas propostas eram muito interessantes e bem estruturadas. Há uma lógica muito perversa tanto na academia quanto nos meios políticos e terceiro setor: nela se estabelece que aqueles que dominam a linguagem para fazer seus pedidos serão os atendidos. Enquanto essa lógica não mudar (e mesmo que mude), será sempre preciso criar possibilidades de apropriação da linguagem requisitada por todos.

Sérgio Portes, assessor de Desenvolvimento Sustentável da superintendência do Banco do Brasil, coordenador da oficina de projetos.

Figura 39 – Atividade paralela no VII Seminário, parceria com o Banco do Brasil, novembro de 2012

Esse seminário foi o momento de fazer um balanço dos dois anos de Rede-SANS; depois de uma retrospectiva dos principais acontecimentos, foram desenvolvidas oficinas e dinâmicas de grupo que tinham como tema "O tecido da Rede-SANS" (Figura 40). Pôde-se observar, na participação dos presentes, o quanto aquele processo havia sido significativo para as pessoas envolvidas. Houve apropriação de linguagem, ampliação da visão crítica sobre os processos e modificação dos cenários. Nesse seminário foram produzidos quatro textos pelos ALs, transcritos a seguir.

Figura 40 – Atividades do VII Seminário de Articuladores Locais da Rede-SANS, novembro de 2012

Texto produzido pelo Grupo Aberto... Onde Sempre Cabe Mais Um!, um dos grupos de trabalho do VII Seminário

Elaborado por Joana Oliveira, Adriana Donini, Andrea Paes Marega, Flávia Negri, Milena Ferreira

A Rede-SANS possibilita a articulação dos órgãos públicos com a sociedade civil e das políticas de segurança alimentar e nutricional com as das áreas da saúde, educação, agricultura e desenvolvimento social. Em suas atividades prioriza o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), a valorização das culturas locais e regionais, a solidariedade e a qualidade da alimentação.

Dentre os trabalhos desenvolvidos pelos articuladores regionais e locais, que compõem as equipes da Rede-SANS, estão a tentativa da inclusão da SAN nas agendas dos municípios, a implantação e fortalecimento dos conselhos de segurança alimentar e nutricional municipais, a realização de conferências e de outros encontros relacionados ao tema, com destaque para as mobilizações em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação.

Além disso, foram estabelecidas parcerias, resultando na expansão da Rede-SANS. A inclusão de novas pessoas atuantes em prol da SAN fomentou a luta pela causa e incrementou as ações desenvolvidas. Um dos exemplos de parceria foi a produção do caderno *Lá em casa, lá na roça, lá na cidade*, realizado com o

Instituto Cílios da Terra, de Itapeva-SP. Reuniões com representantes de cooperativas também possibilitaram maior integração com programas governamentais, como o PAA.

Para execução dos trabalhos, os seminários de articuladores locais promovidos pela Rede foram fundamentais, principalmente pelo papel formador e pela troca de experiências entre os participantes.

Os canais de comunicação, como o blog, informativo, site e redes sociais, fortaleceram as ações da Rede-SANS. Os cursos a distância oferecidos nas modalidades Interanutri – Professor, Interanutri – Agente, Interanutri – Alimento seguro e Interanutri – Nutricionista, foram instrumentos valiosos para aprendizagem e troca de experiências, formando pessoas disseminadoras e promotoras da SAN.

A realização do I Seminário Estadual da Rede-SANS, em Águas de Lindoia-SP, pode ser apontada como marco histórico. O evento teve representação expressiva de diversos segmentos da sociedade, que colaboraram com a elaboração de cartas-documentos que expressam a luta, a articulação e a necessidade de avanços nas questões que envolvem o direito humano à alimentação, pautando os rumos da SAN no estado de São Paulo.

Considerando a relevância dos resultados já obtidos pela Rede-SANS, que se destaca por sua atuação em SAN no estado de São Paulo, faz-se necessária a continuação desse processo.

Os seminários estaduais

Foram previstos dois seminários estaduais no projeto de articulação da Rede-SANS com o objetivo de avaliar o processo e propor ações. No primeiro, a avaliação e as proposições foram voltadas para o processo de articulação da SAN no estado de São Paulo. No segundo, o objetivo foi prestar conta à sociedade do que havia sido feito com os recursos recebidos e discutir os resultados da pesquisa sobre o Sisvan.

I Seminário Estadual da Rede-SANS: desafios e estratégias para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária

O seminário produziu uma grande mobilização da sociedade e a tônica do evento foi a discussão das políticas de SAN no estado de São Paulo. Atenderam o convite representantes dos governos federal, estadual e dos municípios, as uni-

versidades e os mais diversos segmentos da sociedade (figuras 41 e 42). Foram seis meses de intenso trabalho, que envolveu a definição dos temas, dos convidados e dos participantes. A equipe de organização do seminário trabalhou incessantemente para organizar cada detalhe e garantir a participação de todos.

Figura 41 – Identidade visual do I Seminário Estadual da Rede-SANS, agosto de 2012

Houve grande empenho para envolver os pesquisadores na discussão da SAN. Fizemos a tentativa de criar um catálogo das pesquisas em SAN, algo que seria disponibilizado no site da Rede, inclusive com uma ficha de cadastro on-line. Tivemos importantes participações, mas não na abrangência desejada. Também não conseguimos formar um grupo que desse continuidade ao trabalho. O trabalho de pesquisa em SAN no estado de São Paulo é muito fragmentado e, na maioria das vezes, desconhecido.

Figura 42 – Diferentes atores em cenários distintos, I Seminário Estadual da Rede--SANS, agosto de 2012

No tema 1, o foco esteve na agricultura familiar, alimentação escolar e garantia da qualidade do alimento. No tema 2, o consumo, a saúde e a vida nas cidades foram o principal destaque. A discussão com os pesquisadores presentes, tema 3, foi muito rica e trouxe à tona a SAN no ensino, pesquisa e extensão na Universidade.

Quanto à sociedade civil, no tema 4, a diversidade do povo brasileiro, buscou-se dar oportunidade de participação, inclusive de grupos nem sempre lembrados nas discussões de SAN, como as pessoas com deficiência.

Estávamos vivendo um delicado momento político em São Paulo, o estado ainda não havia assinado a adesão ao Sisan, mas começava haver uma abertura para que isso fosse discutido. Pudemos contar com a presença da secretária de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, Mônika Bergamaschi, também presidente do Consea-SP, que na ocasião assumiu o compromisso de incluir a Rede-SANS na pauta de sua secretaria.

O objetivo geral do seminário foi divulgar, discutir e promover parcerias para a execução integrada de programas, projetos e ações em segurança alimentar e nutricional que fossem de interesse para o desenvolvimento social do estado de São Paulo, com ênfase na defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária. No processo de organização do seminário foi evidenciado que havia urgência para celebração de um pacto para a institucionalização da política de SAN no estado. Foi nesse momento que percebemos que poderíamos contribuir efetivamente com a institucionalização do Sisan na região. Os temas, os objetivos e conteúdos do seminário serão listados a seguir.

Tema 1 – Produção de alimentos e sustentabilidade

Objetivos:

- Fomentar a organização de agricultores para o fortalecimento do trabalho cooperativo, com vistas à melhoria das condições de vida no campo e ao subsídio técnico e operacional para a produção de alimentos saudáveis em bases solidárias.
- Discutir a produção de alimentos em bases sustentáveis e as ameaças aos recursos naturais com ênfase na questão da água.
- Fortalecer as parcerias para a promoção do desenvolvimento local dos municípios que compõem os territórios da cidadania do estado de São Paulo.
- Discutir questões ligadas à segurança do alimento, desde as práticas agrícolas até as condições sanitárias de preparo, comercialização e consumo de alimentos.

- Discutir e fomentar parcerias para a inserção da alimentação e nutrição como tema transversal do currículo escolar, a partir de subsídios às práticas pedagógicas nas escolas e, ao mesmo tempo, cuidar da qualidade da alimentação servida aos escolares, assim como valorizar a agricultura familiar.

Metodologia: apresentações dos temas por especialistas, seguidas de esclarecimentos de dúvidas, debates e levantamento de contribuições para elaboração da carta do seminário, informações essas que serão sistematizadas por um grupo de relatoria, cujo documento será apresentado, discutido e votado.

Resultado esperado: elaboração de uma carta que aponte os principais avanços e desafios na produção de alimentos e sustentabilidade no estado de São Paulo. Após sua finalização e aprovação, a carta será tornada pública e encaminhada às autoridades governamentais.

Conteúdos abordados:

- A agroecologia como alternativa para a produção sustentável de alimentos.
- O Programa Paulista da Agricultura de Interesse Social.
- Conservação, manejo e uso sustentável da agrobiodiversidade.
- O uso sustentável da água na produção agrícola.
- Desenvolvimento territorial: articulações intermunicipais e colegiados nos territórios da cidadania.
- O papel do Ministério do Desenvolvimento Agrário no desenvolvimento dos territórios rurais.
- Um panorama dos territórios rurais de São Paulo: Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (Consad) e Colegiado de Desenvolvimento Territorial (Codeter).
- Os efeitos nocivos da contaminação química dos alimentos provocada pelo uso de agrotóxicos.
- Os riscos da contaminação microbiológica dos alimentos no processo de produção e transformação.
- A participação da agricultura familiar na alimentação escolar e no Programa de Aquisição de Alimentos.
- O associativismo e o cooperativismo como estratégia para o fortalecimento da agricultura familiar.
- A promoção da alimentação saudável e adequada na escola.
- EAD: Interanutri – Professor Rede-SANS: experiências bem-sucedidas.

Tema 2 – Comércio e consumo de alimentos na sociedade contemporânea

Objetivos:

- Discutir como se estrutura o comércio de alimentos nos municípios, o comportamento do consumidor e a economia solidária.
- Discutir o papel da mídia no processo de construção do hábito alimentar da população brasileira, seja como ferramenta de educação a partir do marketing social, seja como mecanismo de persuasão ao consumismo a serviço do mercado.
- Discutir os espaços coletivos das cidades como ambientes promotores da saúde e segurança alimentar e nutricional.
- Conhecer o trabalho desenvolvido por instituições do terceiro setor e promover parcerias para a realização de atividades de promoção da alimentação saudável, adequada e solidária.
- Rever e discutir soluções para os problemas de saúde ligados à alimentação e nutrição no estado de São Paulo, com destaque para a obesidade.

Conteúdos:

- Ações do comércio e da indústria de alimentos para a promoção da alimentação saudável adequada e solidária.
- Comunicação midiática: ferramentas para educação alimentar e nutricional ou mecanismos de persuasão ao consumismo a serviço do mercado?
- Espaços coletivos das cidades: ambientes promotores ou deterioradores da saúde e segurança alimentar e nutricional?
- A contribuição do terceiro setor para a segurança alimentar e nutricional no estado de São Paulo.
- Estratégias intersetoriais de prevenção e controle da obesidade e promoção da saúde.

Tema 3 – Ciência, tecnologia e inovação em segurança alimentar e nutricional

Objetivo: Proporcionar à comunidade universitária a oportunidade de apresentar e discutir projetos e iniciativas de SANS em desenvolvimento no meio universitário.

Painéis dos grupos de pesquisa: 1) Produção de alimentos; 2) Disponibilidade de alimentos; 3) Renda e condições de vida; 4) Acesso à alimentação adequada e saudável; 5) Educação; 6) Programas e ações relacionadas à segurança alimentar e nutricional.

Trabalhos nos grupos: elaboração de um documento (carta) sobre o estado da arte e os desafios para superar os problemas identificados para a segurança alimentar e nutricional.

Discussão: A participação do setor público e privado no financiamento das pesquisas e desenvolvimento em Segurança Alimentar e Nutricional

Tema 4 – A diversidade do povo brasileiro

Objetivos:

- Discutir as demandas de cuidado dos povos e grupos da população brasileira com necessidades nutricionais especiais e/ou costumes alimentares específicos, tendo como referência o Direito Humano à Alimentação Saudável, Adequada e Solidária.
- Discutir estratégias para identificar e promover à condição de cidadãos pessoas que no estado de São Paulo tenham seus direitos sociais violados, entre os quais se inclui o DHAA.

Conteúdos:

- Promoção da alimentação saudável, adequada e solidária no contexto da diversidade da população brasileira.
- Estratégias e programas para a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada.
- Oficina: As diferenças que nos unem.

Encerramento:

- Conferência: O Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan).
- Objetivos: Proporcionar a discussão sobre a segurança alimentar e nutricional no estado de São Paulo e sobre a efetiva participação social na elaboração e monitoramento das políticas públicas de SAN no contexto do Sisan.

A adesão e participação no seminário foram muito ricas, e como resultado de muita discussão foram elaboradas as quatro cartas que seguem.

Carta referente ao Tema 1 – Produção de alimentos e sustentabilidade

Estiveram reunidos, entre os dias 8 e 10 de agosto de 2012, no I Seminário Estadual da Rede-SANS, representantes da sociedade civil, poder público, agricultores, profissionais liberais, professores, pesquisadores, entre outros, para discutir sobre produção de alimentos e sustentabilidade no estado de São Paulo.

O debate realizado apontou aspectos relevantes a serem considerados no âmbito da produção, conservação, acesso e manipulação de alimentos, os quais são descritos a seguir:

1. Proporcionar aos usuários da água para irrigação o conhecimento e acesso aos diferentes sistemas de modo a levar ao uso e reuso adequado da água.
2. Valorizar e resgatar a cultura alimentar brasileira respeitando o conhecimento tradicional e acadêmico em contraposição ao modismo baseado nas influências de hábitos que dificultam a segurança alimentar.
3. Garantir que a educação alimentar e nutricional seja trabalhada com qualidade de forma interdisciplinar na educação básica.
4. Sensibilizar e capacitar os diferentes atores envolvidos na cadeia da alimentação escolar, desde o gestor aos planejadores, manipuladores até os beneficiados, quanto ao cumprimento da Lei n.11.947/2009.
5. Reconhecer e regulamentar a agricultura urbana e periurbana como beneficiárias das políticas públicas voltadas à agricultura familiar.
6. Revisar os critérios referentes à contratação de empregados permanentes na agricultura familiar, com base na tecnologia preconizada para cada tipo de atividade agropecuária.
7. Revisar o critério referente à área no enquadramento da agricultura familiar, considerando no cálculo dos quatro módulos fiscais apenas a terra agricultável.
8. Aprovar uma lei estadual para regulamentar os produtos a serem comercializados nas cantinas de escolas públicas e privadas de acordo com a Lei n.11.947/2009.
9. Adequar o horário das refeições oferecidas nas escolas públicas a partir de um diagnóstico que aponte as necessidades da realidade local.
10. Estudar a viabilidade de aplicação da rastreabilidade aos produtos da agricultura familiar.
11. Estudar a possibilidade de o PPAIS operar não apenas individualmente, mas também por meio de grupos organizados e cooperativas.

12. Garantir a socialização do conhecimento e a promoção do acesso às políticas públicas a todos os agricultores e agricultoras familiares do estado de São Paulo.
13. Definir os órgãos responsáveis pela assessoria técnica e extensão rural dos povos indígenas no estado de São Paulo para garantir seu acesso às políticas públicas de desenvolvimento rural e de segurança alimentar e nutricional sustentáveis.

Carta referente ao Tema 2 – Comércio e consumo de alimentos na sociedade contemporânea

Somos trabalhadores da saúde, alimentação, assistência social, educação, direito, publicidade, comunicação, arquitetura e nos reunimos para discutir sobre o comércio, consumo, mídia, espaços urbanos e seus impactos na segurança alimentar e nutricional, especialmente a obesidade, uma das mais nocivas consequências de um modelo de sociedade consumista, que, entendemos, precisa ser repensado.

Ouvimos e debatemos com a sociedade civil, representantes do mercado e o poder público e apresentamos as seguintes propostas:

1. Celebrar um termo de compromisso, elaborado pelos articuladores locais e regionais da Rede-SANS, com os gestores municipais com metas e prazos para garantia de ações mínimas em SANS, contemplando:
   – criação/fortalecimento dos Conselhos Municipais de Segurança Alimentar e Nutricional;
   – promoção da articulação entre conselhos e secretarias;
   – fortalecimento da intersetorialidade nas ações de prevenção e combate à obesidade;
   – inclusão da temática da prevenção e combate à obesidade na agenda do governo municipal;
   – efetivação/adesão aos programas existentes de SANS.
2. Dar publicidade à adesão a esse termo de compromisso.
3. Aprimorar a formação dos professores para desenvolver a educação nutricional e alimentar na escola:
   – agentes que vão articular a proposta: Caisan/CRN para coordenação;
   – ações e propostas no caminho inverso, município demandando o MEC;
   – ações em parcerias para trabalhar conceitos em linguagem acessível à faixa etária alvo, por meio de material didático;

– realizar concurso de literatura infantil a respeito dos temas de SAN e DHAA.

4. O meio acadêmico deverá estimular os meios de comunicação, como mídias comunitárias, a veicular dados de pesquisas científicas relacionadas à alimentação e nutrição.
5. Fortalecimento e ampliação da Rede-SANS nos municípios. A Rede-SANS, em parceria com os Conselhos de Controle Social em âmbito federal, estadual e municipal, deverá sensibilizar os gestores públicos por meio de fóruns, seminários, oficinas, encontros, estratégias de marketing, dentre outros, sobre a importância de utilizar os programas e políticas públicas existentes, com vistas ao fomento da educação da população para um consumo alimentar consciente, saudável e sustentável.
6. O município e o estado deverão:
   – estimular à intersetorialidade para a discussão da segurança alimentar e nutricional;
   – aprimorar parcerias entre instituições governamentais e organizações sociais;
   – fomentar e institucionalizar a educação alimentar e nutricional;
   – articular a elaboração de planos locais de alimentação e nutrição;
   – estruturar quadro profissional técnico para suporte das novas propostas e ações.

Carta referente ao Tema 3 – Ciência, tecnologia e inovação em segurança alimentar e nutricional

Pela relevância e também necessidade de fomento à pesquisa nos diversos aspectos da segurança alimentar e nutricional, o I Seminário Estadual da Rede-SANS proporcionou espaço para a apresentação e discussão das atividades de promoção da SAN no estado de São Paulo e de defesa e garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada desenvolvidas em instituições de ensino, de nível médio e universitário e em órgãos governamentais.

Entre os dias 8 e 10 de agosto de 2012, docentes, pesquisadores e membros/profissionais de instituições de governo e de ensino estiveram reunidos para discutir a ciência, tecnologia e inovação em SAN. O objetivo do debate foi a troca de experiências, a identificação do papel dos grupos de pesquisa e ensino no processo de produção de conhecimentos no referido campo e os obstáculos que têm limitado esse trabalho.

Dessa forma, o grupo aponta a seguir os elementos fundamentais para o avanço da pesquisa e consequente promoção da SAN:

- Desenvolvimento de estratégias nas políticas públicas que viabilizem a interdisciplinaridade na formação dos profissionais que atuam em SANS, nas áreas da nutrição e saúde em geral e principalmente na atenção básica; nas ciências agrárias e ambientais, na tecnologia de alimentos, na assistência social, na educação, direito e outros campos.
- Promoção de encontros interdisciplinares para discussão e inovação de currículos de cursos de graduação em nutrição, ciências agrárias e de todos os outros profissionais com interface com a temática SANS, para que consigam alcançar a formação na complexidade exigida pelo tema.
- Incremento e regularidade no fluxo de editais que viabilizem a captação de recursos para projetos que promovam a integração entre pesquisadores, gestores públicos e sociedade civil.
- Compromisso por parte das agências de fomento para melhor distribuição de recursos que contemplem as pesquisas em SANS, promovendo maior equilíbrio desta em relação às áreas de conhecimento.
- Incentivo às pesquisas voltadas ao atendimento das demandas sociais, comprometidas com a promoção de SANS, que permitam a convivência de abordagens metodológicas de diversas naturezas e que não fiquem subjugadas à lógica produtivista.
- Garantia de socialização dos resultados de pesquisas, de maneira que seja pautada pela postura ética e transparência dos grupos de pesquisa.
- Investimento em programas de extensão universitária que proporcionem a experiência e construção de conhecimentos compartilhados entre estudantes de diversos cursos de graduação e pós-graduação (*stricto* e *lato sensu*), equipes de serviços e atores sociais, em diferentes cenários de promoção de SANS.
- Fortalecimento da organização em rede como estratégia para facilitar o diálogo e a troca de conhecimentos em SANS entre as instituições de ensino e pesquisa, assim como para ampliar a interlocução com a sociedade e o poder público.
- Fortalecimento de periódicos nacionais para constituir espaços privilegiados para publicação e divulgação dos conhecimentos em SANS, produzidos pelos grupos de pesquisa.
- Reconhecimento da produção do conhecimento resultante das atividades de extensão universitária articulada com a pesquisa e ensino com sua devida divulgação.

Carta referente ao Tema 4 – A diversidade do povo brasileiro

Estiveram reunidos sessenta representantes de vinte municípios do estado de São Paulo, oriundos da sociedade civil, poder público, agricultores familiares, pessoas com deficiência, população negra, comunidade e povos tradicionais, entre elas, caboclos, quilombolas, caiçaras, indígenas e povos de terreiro, a fim de discutir a SAN no contexto da diversidade do povo brasileiro.

Visto que o DHAA, inerente a todas as pessoas, de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garanta uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva, destacamos nesta carta:

- As pessoas com deficiência estão inseridas transversalmente em todos os povos e comunidades brasileiras, e, para além da necessidade de uma acessibilidade, está evidente que estão intimamente ligadas às questões de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), uma vez que a má alimentação é fator de produção de deficiências (por exemplo, diabetes, sequelas de acidente vascular cerebral, baixa visão e cegueira, entre outros).
- Dos dois modelos agrícolas que estão em conflito atualmente, apostamos na agricultura familiar, de forma que respeite a diversidade e permita que cada povo produza o que acha que deve produzir, de acordo com suas tradições e cultura, sendo a verdadeira justiça aquela que promove igualdade.
- A regularização fundiária e o direito à terra para as comunidades tradicionais irão contribuir para a valorização dos pequenos agricultores e erradicação da insegurança alimentar. Além disso, são importantes para manter a população no campo, gerando produção de alimentos, possibilitando manutenção das tradições e culturas.
- Ainda que o estado de São Paulo seja desenvolvido economicamente, a insegurança alimentar ainda está muito presente e há nitidamente violação dos direitos humanos. Assim, uma vez que o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan) é a principal estratégia para garantir a SAN e o DHAA, reforça-se a importância do Estado em aderir firmemente a este sistema, sendo o fortalecimento do Consea Estadual parte essencial deste processo, devendo ser mais ativo.
- Toda diversidade brasileira sofre com doenças crônicas não transmissíveis geradas pelo consumo de alimentos não saudáveis e não seguros, tendo direito a cuidados em saúde.

- A partir da perspectiva de que a garantia de direitos sempre foi conquistada por meio de mobilizações e articulação dos povos, torna-se evidente a importância do trabalho coletivo no contexto da SAN e formação do associativismo, cooperativismo e trabalho em rede.
- Cada município deve avançar nas questões do DHAA, devendo exigir do gestor e lutar para a adesão ao Sisan, tanto quanto formar e fortalecer os conselhos municipais.
- O uso de agrotóxicos deve ser eliminado e privilegiar o controle biológico das pragas.
- O consumo de produtos orgânicos deve ser priorizado e incentivado. Devem-se buscar associações e compras em rede, direto com produtores, a fim de evitar os atravessadores.
- A educação e o conhecimento (informação) da população sobre programas, direitos e constituição estão intimamente ligados às questões de SAN e DHAA.
- Escolas próximas às comunidades e povos tradicionais devem oferecer alimentação escolar que respeite seus hábitos e culturas.

Sendo assim, exigimos:

- Garantia da soberania, SAN e do DHAA a toda a diversidade brasileira, com ênfase nos pontos levantados e citados antes.
- Fomento à criação de equipamentos públicos, apoio logístico, comunicação e outros, que possibilitem a compra direta de produtos de povos e comunidades tradicionais, e pequenos agricultores.
- Garantia de que esses programas sejam executados como política de Estado e não de governo.
- Que o estado de São Paulo faça efetivamente adesão ao Sisan, revendo a lei de composição do Consea-SP, dando-lhe um funcionamento orgânico e criando sua Câmara Intersetorial de SAN.
- Desenvolvimento de mecanismos que garantam o direito ao território dos povos e comunidades tradicionais, acelerando os processos de regularização destes.
- Adequação à legislação ambiental e recategorização das unidades de conservação de proteção integral para unidades de conservação de uso sustentável, de forma que os povos e comunidades tradicionais, que ao longo da história as têm conservado, possam ter o direito garantido ao seu território.
- Que sejam efetivadas as 251 propostas aprovadas na IV Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional.

Essas cartas foram divulgadas na mídia, aos participantes, aos Conselhos Municipais de SANS, e entregues à presidente do Consea-SP (Figura 43). Durante toda a programação foram gravados depoimentos, os quais vêm sendo editados e disponibilizados no site da Rede-SANS.

Figura 43 – Mônica Bergamaschi e sua equipe durante a entrega das cartas de Águas de Lindoia à secretária de Estado da Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, setembro de 2012

De alguma maneira, esse seminário contribuiu para aumentar a representatividade da Rede-SANS no estado de São Paulo. Hoje (2013), o Estado já assinou a adesão ao Sisan e a Rede-SANS, por decreto, tem cadeira permanente, como observadora com direito à fala no Consea-SP. As cartas de Águas de Lindoia foram construídas em consonância com as propostas da IV Conferência Estadual de SAN, realizada em 2011.

II Seminário Estadual da Rede-SANS

O II Seminário Estadual da Rede-SANS (Figura 44) teve menor abrangência e foi um momento de síntese, de olhar para o que foi produzido nesses dois anos de trabalho. Já se tinha um diagnóstico preliminar da pesquisa do Sisvan nos 65 municípios e era hora de começar a discutir e confrontar as informações e propostas levantadas nas pesquisas de campo e nas bases de dados. Não foi possível uma ampla discussão da pesquisa, o ideal teria sido um grande seminário com todos os atores envolvidos, mas não tínhamos recursos suficientes e nem os dados obtidos tinham sido explorados o bastante para embasar uma discussão de tal porte. Nós estávamos ainda envolvidos com os desdobramentos do I Seminário, que não aconteceu mais cedo porque dependíamos da

liberação dos recursos da segunda parcela do financiamento. A programação foi de dois períodos apenas e o seminário foi realizado em São Paulo para facilitar o acesso às autoridades. Esse evento foi marcado pela manifestação de apoio à Rede-SANS do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, da Reitoria da Unesp e do Incra. A vice-reitora da Unesp, professora Marilza Vieira Cunha Rudge, tornou público o programa Rede Viva Melhor, proposta a ser coordenada pela Rede-SANS que, entre outros objetivos, se preocuparia com a segurança alimentar da comunidade interna da Unesp.

Figura 44 – Logotipo do II Seminário Estadual da Rede-SANS, que teve como tema "Construindo e consolidando parcerias", março de 2013

O seminário constou de uma tarde com apresentação retrospectiva das atividades da Rede-SANS, seguida de um debate com autoridades e, na manhã seguinte, uma oficina para discussão dos resultados da pesquisa do Sisvan. Também foi realizada uma homenagem ao Dia Internacional da Mulher (Figura 45).

Figura 45 – Homenagem à mulher no II Seminário Estadual da Rede-SANS

Os participantes da oficina eram, de modo equilibrado, uma parte que estava no processo de articulação da Rede-SANS desde seu início, uma segunda inserida durante o processo e outra que acabara de chegar. Entre os percursos,

estavam a pesquisa do Sisvan, a participação no Interanutri – Nutricionista, o contato com o AL nos Conselhos Municipais, a informação divulgada na Universidade ou na mídia do município, a participação no I Seminário Estadual da Rede-SANS e a descoberta do site da Rede. Quase a metade dos presentes era composta de técnicos atuantes na gestão e no cuidado na atenção primária à saúde.

Quanto à pesquisa da Rede-SANS, o grupo considerou importante produzir informação sobre o estado nutricional da população na atenção primária à saúde, porque, além de subsidiar o processo de cuidado, os dados servem de orientação para a formulação das políticas públicas. O que mais chamou a atenção nos resultados da pesquisa foram o comprometimento da qualidade dos dados produzidos, as deficiências apontadas nos serviços e a baixa cobertura dos dados no estado de São Paulo. Sobre o que os serviços podem fazer com as informações produzidas, considerou-se que é preciso trabalhar para sanar as deficiências detectadas e, por essa razão, os serviços devem receber retorno sobre os resultados da pesquisa.[1] Na discussão sobre como e com quem fazer as ações de SAN e educação alimentar e nutricional, os grupos foram unânimes em apontar seu caráter intersetorial, a necessidade de formação dos trabalhadores da saúde para a execução dessa tarefa, a necessidade de mecanismos de divulgação de tais ações e de inserção mais assertiva desses temas na mídia e de criação e execução de políticas públicas que sistematizem, legitimem e legalizem as ações por meio de linhas de cuidado específicas e ações transversais explicitamente definidas nas linhas de cuidado existentes ou em desenvolvimento.

Relatos da equipe de articulação geral

O contato prévio dos integrantes da Coordenação Geral da Rede-SANS com o movimento social de promoção de segurança alimentar, em maior ou menor grau de intensidade e com maior ou menor acúmulo de experiências nesse campo, foi fundamental para o desenvolvimento da Rede-SANS.

Os integrantes encontravam-se vinculados ao tema por diferentes formas: por meio da participação em conselhos nacional, estadual ou municipal de SAN; pela inserção acadêmica em projetos de pesquisa e extensão universitária; envolvimento e ativismo em ONGs que se relacionavam ao tema. As experiências anteriores dos integrantes dessa equipe posteriormente foram estendidas e

1. Os 65 municípios receberam relatórios consolidados dos resultados da pesquisa e seus nutricionistas foram convidados a participar do curso de EAD Interanutri – Nutricionista.

aperfeiçoadas na Rede-SANS, como foi reconhecido em seus relatos. O Interanutri – Professor é um exemplo, assim como a ideia dos polos de SANS, que na Rede se tornaram pontos de articulação local. São exemplos de experiências e conhecimentos que vinham sendo elaborados de forma um tanto dispersa, por esse conjunto de pessoas que vieram a compor a equipe de coordenação geral da Rede-SANS.

Como resultado da participação na Rede-SANS, os membros da coordenação apontaram como relevante a oportunidade de refletir coletivamente e mais sistematicamente sobre a problemática da fome, do excesso, da produção, do desperdício, da biodiversidade e das questões políticas envolvidas. Além disso, consideraram ser um espaço privilegiado para compartilhar conhecimentos e experiências. Vale ressaltar a contribuição de uma das pessoas que colaborou com a organização em diferentes frentes de trabalho da Rede, motivada pelo interesse pessoal pela alimentação associada à disponibilidade de tempo, necessidade de sentir-se útil (em atividade) mesmo com a aposentadoria.

A disponibilidade pessoal e voluntária de algumas pessoas que compuseram ou apoiaram a coordenação geral da Rede-SANS e contribuíram com a preparação de documentos, projetos, encontros para gestar as propostas, proporcionou, antes mesmo de sua criação, o estabelecimento da Rede-SANS no estado de São Paulo, com repercussões nacionais e internacionais.

Narrativas da equipe de articulação geral

Lilian Fernanda Galesi

(bolsista DTI-B)

> Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi durante a graduação, no curso de Nutrição. Confesso que não me despertou interesse, talvez por esse contato ter sido somente teórico e também por causa de minha imaturidade na época.
>
> Ingressei no mestrado e fiz um projeto com idosos institucionalizados. Durante a pesquisa, convivendo mais de perto com eles, comecei a sentir e a entender do que se tratava e como poderia ser a insegurança alimentar.
>
> Meu contato seguinte com o tema foi ainda durante a pós-graduação, quando cursei uma disciplina ministrada por minha orientadora, professora Maria Rita, chamada Tópicos de Segurança Alimentar e Nutrição. Com ela pude aprender e entender o conceito, leis e programas envolvendo o tema, além de escrever um artigo sobre indicadores de segurança alimentar.

No final do mesmo ano, a professora me apresentou o projeto para oficializar e ampliar a Rede-SANS e disse que precisava de alguém da área da Nutrição para relatar os trabalhos da Rede. Ela me convidou e sinalizou que as atividades começariam no ano seguinte (2010). Era um projeto lindo e amplo e aceitei participar na mesma hora!

Comecei a trabalhar nos bastidores do projeto em busca das exigências da Finep para disponibilizar o recurso já aprovado. Foram buscas por currículos de professores, estudo sobre a localização dos municípios e das distâncias entre eles, organização das bolsas e verificação de seus valores, adequação das bolsas aos interessados, busca de protocolos, convites, envio e recebimento de documentações. Participava de várias reuniões e produzia suas memórias. Recebia relatórios mensais e memórias e cobrava os atrasados. Ajudei a elaborar e aprimorar os modelos de relatórios. Não imaginava que faria todas essas atividades, mas estava envolvida e queria ver a Rede ativa! Isso me incentivou bastante.

Eu morava em Piracicaba e viajava para Botucatu toda semana para trabalhar no projeto, mas conseguia fazer bastante à distância. Porém, no final de 2010, recebi a notícia de que me mudaria para São José do Rio Preto. Morando a 315 quilômetros de distância de Botucatu, não era viável continuar com as mesmas atividades. Foi conversando com Maria Rita e verificando a necessidade de um apoio em São José do Rio Preto que modificamos um pouco minha função na Rede.

A responsabilidade pelos relatórios e memórias das reuniões em que eu estava presente continuou comigo, mas não deveria mais controlar o recebimento dos relatórios nem o controle das bolsas. Isto ficou sob responsabilidade de Carolina Godoi e Augusta Paulino, que moravam em Botucatu. Minha nova atribuição era auxiliar a pesquisa na região em que estava morando.

Como eu ministrava aulas e supervisionava estágio no Centro Universitário de Rio Preto (Unirp), fiquei com receio de ter que viajar muito e não conseguir conciliar as atividades. Mas deu tudo certo! Recrutei alunos para participar e tenho conseguido acompanhar suas atividades e o andamento da pesquisa. A entrada na Unirp me proporcionou contato ainda maior com o tema SANS por ter sido inserida na área da Saúde Pública.

Minhas atividades desde o início de 2011, além das já citadas, foram participação mensal em reuniões da articulação regional e geral e produção de memória, e participação em todos os seminários dos articuladores locais.

Na região de São José do Rio Preto, realizei um piloto da pesquisa em três unidades básicas de saúde, elaborando sugestões para melhor interpretação das perguntas. Fiz busca ativa de alunos interessados, realizei recrutamento e seleção e me reuni com eles para cadastrar seus currículos Lattes.

Fui aos municípios de Cedral e Tanabi para prestar explicações sobre a pesquisa e obter os ofícios assinados. Nesses locais, e também em Votuporanga, Guarani d'Oeste e Álvares Florence, acompanhei os bolsistas para realização da calibração dos equipamentos antropométricos. Para outras cidades da região, orientei os bolsistas, elaborei documentos e fiz intermediação para obtenção dos ofícios assinados. Organizei e/ou participei dos treinamentos dos bolsistas realizados pela nutricionista Flávia Negri e também ministrei novo treinamento para esses alunos. Organizei e entreguei os kits da pesquisa entre os alunos, além de orientá-los quanto à finalização da pesquisa e produção do relatório final. Por algumas vezes, tive que telefonar e intervir para que os agentes municipais pesquisados facilitassem a recepção dos participantes.

Outro trabalho que fiz mais recentemente foi organizar e enviar convites para equipes de saúde dos municípios de São José do Rio Preto, Mirassol e Cedral para participação no grupo focal da região, de que também participei.

Em relação à produção de relatórios, li todas as memórias e todos os relatórios mensais elaborados pelos bolsistas da Rede-SANS para poder produzir o relatório geral a ser enviado para a Finep. Para acertá-lo, reuni-me algumas vezes com a professora Maria Rita em Botucatu. No início de 2012, eu e Carolina Godoi organizamos e conferimos as memórias e listas de presença entregues, e cobramos as que ainda estavam pendentes. Fiz alguns trabalhos a distância na tentativa de auxiliar a resolver pendências com o CNPq e o que era solicitado pela articuladora geral.

Outra atividade que vale a pena relatar foi a leitura e correção do roteiro e das respostas para o diagnóstico das ações municipais em SANS. Fiquei responsável pelo eixo "produção de alimentos", que rendeu a elaboração e apresentação de trabalho tipo apresentação oral curta no Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública – World Nutrition 2012.

Posso afirmar que a entrada na Rede-SANS me proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu imaginava. Aprendi sobre redes, articulação, intersetorialidade, agricultura familiar, meio ambiente, educação a distância, políticas, conselhos, conferências e a dinâmica de um projeto de desenvolvimento e pesquisa tão amplo. Acredito que, ao ler todos os relatórios e memórias, tive uma posição privilegiada e pude conhecer todos os esforços dispensados, além das realidades e dificuldades de cada um.

Para mim, a Rede-SANS é capaz de influenciar as pessoas a ter uma nova visão de mundo, semeando o respeito ao próximo e às diversidades culturais, estimulando o desenvolvimento de ações em busca do direito humano à alimentação adequada de forma solidária.

Lisabete Bueno Sacomani
(bolsista ATP-B)

Por uma situação familiar, é costumeira minha preocupação em evitar erro alimentar. Por isso, fazer parte desta equipe foi muito gratificante.

No final de 2010, quando estava para me aposentar, em uma visita da professora Maria Rita ao departamento de Bioestatística, onde eu trabalhava na época, perguntei a ela sobre a possibilidade de fazer parte da equipe do projeto, porque, além de me aproximar de um assunto que me interessava muito, faria que me sentisse "ainda na ativa". E, muito feliz, aqui estou!

Iniciei minhas atividades, em janeiro de 2011, participando de reuniões com organização de *coffee break* e aos poucos fui me envolvendo com ações de apoio às atividades desenvolvidas pela Rede-SANS.

Participei ativamente da equipe de montagem, recebimento e conferência das pastas contendo os questionários da pesquisa desenvolvida pela Rede-SANS. Estas foram enviadas para os 65 municípios participantes e eram compostas por questionários de pesquisa de campo, sendo eles: ficha de identificação do bolsista; questionário de avaliação da vigilância alimentar e nutricional na atenção básica – perfil da gestão da unidade de saúde; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – equipe da unidade de saúde; questionário de avaliação da vigilância alimentar e nutricional na atenção básica – equipe da unidade de saúde; oito anexos para a equipe da unidade de saúde; formulário de avaliação da antropometria realizada na atenção básica; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – usuário da unidade de saúde. Após a montagem cuidadosa de cada pasta, estas foram organizadas, colocadas na bolsa respectiva de cada um dos municípios e entregues às pessoas responsáveis por seu encaminhamento aos bolsistas da pesquisa.

Após a conclusão da coleta de dados, estas pastas foram devolvidas para Botucatu. Na chegada do material foi realizada a identificação por regiões e municípios e o devido arquivamento para conferência. Nessa conferência, cada questionário foi minuciosamente conferido para verificar falta de respostas ou se havia coerência entre elas. Também foi verificado se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estava preenchido corretamente com os dados do entrevistado e assinado corretamente.

As informações da unidade também foram checadas e, caso houvesse pendências no preenchimento, informações confusas ou deficientes, era contatado o entrevistador (bolsista) ou a unidade de saúde/município ou mesmo o próprio entrevistado para sanar todas as dúvidas. Esse procedimento foi idêntico para todos os questionários, dissipando todas as dúvidas. Sempre que necessário, foi

contatado o bolsista responsável pelas entrevistas a fim de orientá-lo sobre a melhor forma para conseguir a informação pendente. Posteriormente, deu-se início à tabulação dos dados (ainda em andamento).

Participei também da organização dos eventos da Rede-SANS, desde reuniões menores até encontros, seminários de articuladores locais e seminário estadual. A partir de outubro de 2011, passei a auxiliar a professora Cláudia Detregiachi, gestora operacional, na orientação aos componentes da Rede--SANS para elaboração de formulários de deslocamento, diária e reembolso, assim como o controle destes.

Com essa atividade, passei a ter maior interação com os bolsistas, o que me integrou ainda mais ao grupo e às atividades desenvolvidas. Acompanhei e me envolvi com a garra, o otimismo e o esforço de cada um para que este projeto atingisse seus propósitos, sob a coordenação incansável da professora Maria Rita Marques de Oliveira.

Aprendi muito com a Rede-SANS, conheci as peculiaridades de trabalhar "em rede", verifiquei a seriedade e responsabilidade com que a segurança alimentar é tratada, e principalmente a satisfação de ter conseguido dar uma pequena contribuição para o sucesso deste projeto.

Cláudia Rucco Penteado Detregiachi
(bolsista DTI-B)

Fiz minha graduação em Nutrição entre os anos de 1987 e 1990. Naquela época, meus professores não falavam em segurança alimentar, apesar de ser um tema já vigente na Europa desde a Segunda Guerra Mundial e no Brasil desde 1985, quando foi criada a Política Nacional de Segurança Alimentar. Assim, minha aproximação com o tema ocorreu quando iniciei minhas atividades profissionais de professora universitária e como nutricionista de um hospital geral. A insegurança alimentar era aparente.

Além de minha atuação profissional, fiz mestrado e doutorado. Nos meses finais do doutorado, no ano de 2007, conheci a professora Maria Rita e expus meu interesse em continuar os estudos após o término do doutorado. Como lhe é peculiar, ela me abriu as portas, oferecendo-me a oportunidade de desenvolver um estágio de pós-doutorado na Unesp de Botucatu, na área de Segurança Alimentar, sob sua orientação. Já consciente do problema da insegurança alimentar, sabendo que muito se tinha a fazer nessa área, aceitei prontamente.

Iniciei o pós-doutorado em 2008 e, dentre as atividades propostas no estágio, participava do projeto de pesquisa "Educação em serviço e o sistema de vigi-

lância alimentar e nutricional no âmbito da atenção básica do SUS no estado de São Paulo" e desenvolvia um subprojeto em Marília, cidade em que moro, intitulado "Fluxo e qualidade das informações antropométricas em municípios integrantes da Divisão Regional de Saúde (DRS IX) de Marília". No ano seguinte (2009) com o acréscimo das atividades e a aproximação de mais pessoas, foi criado o grupo de pesquisa em Epidemiologia Nutricional e Dietética, vinculado ao CNPq, dando maior impulso para novos desafios na pesquisa em segurança alimentar.

Ainda em 2009, a professora Maria Rita começou a alinhavar junto às organizações de fomento a criação de uma Rede em prol da segurança alimentar e nutricional, que viria a ser a Rede-SANS. Para a elaboração do projeto foi necessária a ação conjunta de diversas pessoas, as quais, sob sua orientação, desenvolviam diferentes estudos e atividades que culminaram no projeto final enviado para a Finep e aprovado no ano de 2010.

Considerando que minha contribuição na elaboração do projeto foi mais voltada para seus custos orçamentários, assumi a atividade de gestora operacional no desenvolvimento do projeto Rede-SANS, que teve início efetivo em 2011. Minha função englobava atividades de controle dos gastos; orçamento e compra de equipamentos; orientação para elaboração de formulários de deslocamento, diária e reembolso e controle dos mesmos; participação na organização dos eventos da Rede; e elaboração de remanejamentos financeiros. Essas atividades exigiam um contato próximo com a Fundação do Instituto de Biociências (Fundibio), que administra a verba do projeto. Nessa época, apesar de morar em Marília, eu ficava dois dias da semana em Botucatu, sede da articulação da Rede-SANS, o que viabilizava muitas das atividades operacionais que possuía. Porém, a partir de outubro de 2011, passei a ficar mais tempo em Marília, o que gerou algumas mudanças em minha rotina de trabalho na Rede. Assim, de outubro de 2011 em diante, a Bete (Lisabete Bueno Sacomani) assumiu algumas das atividades operacionais e eu passei a me responsabilizar pela articulação e pelo desenvolvimento da pesquisa da Rede-SANS na região de Marília. Continuei responsável pela parte financeira do projeto, tendo a Bete como apoiadora na cidade de Botucatu.

Além das atividades já mencionadas, desde o início do projeto tenho participação efetiva nas reuniões mensais de articuladores regionais e nos seminários de articuladores locais, contribuindo também na organização de tais eventos. No desenvolvimento da pesquisa da Rede, participei do treinamento das bolsistas realizado pela Flávia Negri em Marília e Bauru, e as acompanhei em parte da coleta de dados nas cidades de Marília, Garça e Fernão. Na etapa final, mais recentemente, organizei o grupo focal realizado em Marília com integrantes

das equipes de saúde dos municípios de Marília e Pompeia, do qual também participei.

Na Rede-SANS sou responsável pelas bolsistas de Marília e de Lins, devendo orientá-las na elaboração dos relatórios. Nessa nova fase de minha função no projeto, no ano de 2012, aproximei-me do Interanutri, assumindo efetivamente sua organização e acompanhamento na cidade onde moro.

Minha participação na Rede-SANS me proporcionou grande satisfação e um crescimento pessoal e profissional muito importante. Mais do que isto, minha visão ganhou amplitude e percebi que o trabalho "em rede" é uma excelente forma para alcançar o envolvimento.

Milena Cristina Sendão Ferreira
(bolsista DTI-A)

Meu primeiro contato com segurança alimentar foi durante o último ano da faculdade (1999) no estágio em Saúde Pública, mas na época minha afinidade era mesmo com a área clínica, o que foi mudando com o tempo.

Em 2007, iniciei o doutorado, sob orientação da professora Maria Rita. A partir dali estou sempre em contato com ela, participando de seus projetos na área de saúde pública. Pesquisei sobre o Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional nas unidades básicas de saúde em Botucatu, Itatinga, Anhembi e Pardinho. Nesse período pude realmente ter contato, vivenciar e aprofundar meus conhecimentos em segurança alimentar. Estudei muito sobre o tema – conceitos, histórico no Brasil, legislação, políticas públicas e o direito humano à alimentação adequada e saudável. Tive contatos com muitos professores da área, com destaque para o professor Caldas, com quem aprendi muito sobre saúde pública.

Nos anos de 2008 e 2009, organizei com a professora Maria Rita e outros pesquisadores da área dois seminários em Botucatu sobre o tema de vigilância alimentar e nutricional. Neles foram apresentados os dados obtidos da pesquisa de Botucatu, Marília e Araraquara. Fiquei indignada com os resultados, pois mostraram o descaso com a vigilância nutricional nas unidades de saúde, sendo que depois pude ver que isso ocorria na maioria dos municípios do estado de São Paulo, ou seja, a vigilância nutricional não existe (ou não existia).

Um momento muito importante foi o início da docência na área de Saúde Pública em 2010. Comecei a lecionar as disciplinas de Saúde Pública, Nutrição em Saúde Pública e a supervisionar estágio para diversos cursos da área de Saúde no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (Ceunsp), em Itu-SP. Com isso, tive que aprimorar ainda mais meus conhecimentos na área. Nesse

mesmo ano, fui convidada pela professora Maria Rita para participar como tutora de um projeto no município de Indaiatuba-SP.

O projeto foi um curso de EAD, o Interanutri – Interdisciplinaridade, Alimentação e Nutrição no Currículo Escolar, oferecido para professores do ensino fundamental e envolvendo alunos do curso de Nutrição do Ceunsp. O objetivo foi apoiar a formação permanente de professores em atividades teóricas e práticas de promoção da alimentação e nutrição na escola. Para o encerramento, vários projetos foram apresentados, sendo que os resultados obtidos foram muito significativos, o que demonstrou o envolvimento dos professores em desenvolver essa temática entre os alunos.

Durante o Interanutri tive a oportunidade de assistir pela primeira vez a uma palestra com dom Mauro Morelli, em Indaiatuba. Confesso que fiquei encantada com sua história, luta, engajamento e busca de recursos para melhorar a segurança alimentar no Brasil.

No final de 2010, em razão da experiência que tinha na área, fui convidada pela professora Maria Rita a participar da Rede-SANS para integrar o grupo de pesquisa. Primeiramente, todos os participantes tiveram uma palestra com Cássio Martinho, especialista em redes, que passou os conceitos para se trabalhar em rede. Esse dia me marcou muito, pois pude começar a entender o que seria trabalhar em uma rede em defesa da alimentação saudável, adequada e solidária, inicialmente em 27 municípios do estado de São Paulo – posteriormente foi ampliada para trinta. Após esse encontro, fizemos uma reunião na Unesp em Botucatu com os articuladores regionais para elaborar a carta de princípios da Rede-SANS, a qual norteou seu desenvolvimento.

Na pesquisa, eu e Flávia Negri fizemos as revisões dos questionários utilizados em meu doutorado e elaboramos outros com os demais integrantes do grupo para utilização da pesquisa que seria feita nos 65 municípios do estado de São Paulo. Elaboramos um texto para a filmagem do vídeo de antropometria, o qual serviu de modelo para os bolsistas a fim de padronizar as técnicas antropométricas utilizadas na pesquisa.

Fui a campo em Bauru-SP junto com a Flávia para fazer o primeiro treinamento dos bolsistas, fiz também o acompanhamento da pesquisa por meio da plataforma Moodle, interagindo com eles e respondendo às dificuldades encontradas na pesquisa de campo.

No final de 2011, passei a ficar em tempo integral na Rede-SANS como gestora do projeto. Fiquei muito feliz com a oportunidade. Durante esse ano, vivi intensamente a Rede, organizando encontros nas regiões, seminários locais, vídeos de SAN, e resolvendo questões administrativas com a Finep e CNPq.

Durante os seminários e a integração na Rede tive oportunidade de conhecer as articulações dos municípios entre gestores e a sociedade civil, assim como entender as dificuldades em executar políticas públicas de SAN em nível municipal, estadual e federal. A Rede também atua de forma intersetorial, integrando as áreas da saúde, agricultura, educação, assistência social, dentre outras.

Entendi a importância de ter um Conselho Municipal de SAN para que a política pública se torne realidade em nível municipal e se desenvolva também para os níveis estaduais e federal.

Um aspecto fundamental do trabalho em rede, por meio do site, foi proporcionar ao mesmo tempo um crescimento profissional e pessoal para todos os integrantes. Além disso, possibilita a importante interação entre seus membros. Considero um trabalho inovador pelo número de pessoas envolvidas, integradas em defesa da alimentação saudável, adequada e solidária.

Entendo que os resultados foram positivos e que se tratou de uma pesquisa/projeto de sucesso, que pôde ser conhecido em todo o Brasil e internacionalmente, via internet, ou seja, atendendo às características do nosso mundo globalizado.

Relatos dos articuladores regionais (ARs)

Os ARs da Rede-SANS se vincularam ao projeto por meio da Universidade, pela inserção em serviços públicos ou envolvimento em movimentos sociais.

Atividades desenvolvidas

- Identificação e incorporação de ALs no projeto da Rede-SANS;
- seleção de bolsistas para apoiar o trabalho do AL;
- apresentação da Rede-SANS para gestores municipais da região e identificação de atores sociais para envolver no processo de articulação da Rede;
- orientação para a realização dos diagnósticos de SAN nos municípios;
- participação em conferências municipais e regionais de SAN;
- planejamento de ações de articulação para formar, ampliar e integrar a Rede-SANS;
- participação em reuniões mensais com a Coordenação Geral da Rede-SANS em Botucatu e participação em seminários;
- organização de projetos de SANS desenvolvidos pelas universidades parceiras com as comunidades;

- produção de relatórios;
- participação nos treinamentos para coleta de dados da pesquisa nas unidades de saúde, assim como organização e seleção dos participantes do grupo focal realizado em cada região;
- envolvimento nas atividades de EAD com acompanhamento, avaliação e participação presencial nas atividades dos cursos Interanutri;
- alguns ARs participaram também de atividades de coordenação geral;
- realização de reuniões com a sociedade civil (representantes de bairros) e poder público (profissionais ligados à assistência social), em reuniões de conselhos de diferentes grupos sociais.

Dificuldades vivenciadas pelos ARs

- Realizar o Interanutri – Agente por falta de estrutura de informática nas unidades de saúde;
- desenvolver o trabalho de AR em região do estado de São Paulo em que não havia qualquer contato anterior e onde o AR não residia. Além disso, atuar nos municípios que faziam parte dos territórios da cidadania foi considerado como uma responsabilidade e um desafio maiores;
- o modelo de diagnóstico de SAN foi considerado de difícil aplicação em determinados municípios;
- a transição no poder público em ano eleitoral dificultou o desenvolvimento de algumas ações da Rede-SANS;
- houve dificuldade de transporte em algumas regiões para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, obrigando o AR a utilizar seu próprio veículo para viabilizar a coleta de dados da pesquisa nas unidades de saúde.

Resultados apontados pelos ARs

Também para os ARs a participação nos seminários da Rede-SANS foi salientada como uma forma de melhorar sua capacitação para atuar como articuladores, trocar experiências e sentirem-se apoiados pelos pares e por outros membros da Rede. Após os encontros, ao retornarem a sua região, voltavam com mais condições para dar continuidade às ações.

Ressaltou-se que o crescimento e formação paulatina da Rede-SANS foi sendo observado ao longo dos meses no período da atuação como articuladores.

Revelou-se ainda que sua participação foi uma oportunidade de aprender a trabalhar em rede e selecionar ferramentas disponíveis na comunidade para compreender o conceito de rede.

O apoio oferecido para os ARs ajudou a superar as resistências locais dos possíveis parceiros do setor público e a enfrentar a angústia do desprezo e lentidão com que ocorrem no que diz respeito às questões de SANS, que são compreendidas como essenciais pelos ARs, mas nem sempre assim entendidas pelo poder público. Nos encontros e em todo o contato com os membros da Rede-SANS houve a oportunidade de pensar e repensar as atividades nos municípios a fim de construir um caminho que é incerto, e o apoio de uma rede é importante para facilitar esse processo.

A atuação como AR trouxe para os participantes a sensação de satisfação, privilégio e alegria por ter colaborado para a promoção das ações nos municípios. Muitos dos municípios acompanhados manifestaram a tendência de dar continuidade e ampliação das atividades da Rede-SANS, mesmo com a conclusão do projeto.

Figura 46 – Articuladores regionais da Rede-SANS, dezembro de 2012

Narrativas dos articuladores regionais

Rita de Cássia Bertolo Martins

(bolsista DTI-B)

Articuladora regional da região de Presidente Prudente-SP

> Quando fiz a graduação em Nutrição (1983-1986), o tema segurança alimentar e nutricional ainda não era abordado. Meus primeiros contatos com essa

temática aconteceram em minha atuação como supervisora de estágio e docente do Curso de Nutrição da Unimep, a partir de 1992. No entanto, ao iniciar o preparo do conteúdo da disciplina de Nutrição em Saúde Pública e revisar a história da área no país, tive a oportunidade de conhecer a atuação de Josué de Castro. Embora nessa época não ele não usasse a terminologia "segurança alimentar e nutricional", seus estudos apontavam e já alertavam para a necessidade de reverter a situação de fome de milhares de brasileiros. Em função de minha atuação na área de saúde pública, sempre tive acesso a publicações nessa área e realizei atividades de estágio nas unidades de saúde e na comunidade, pois fazíamos visitas domiciliares; deparei com muitas famílias em situação de pobreza, de falta de acesso a alimentos, de desnutrição. Em 1995, iniciamos em Piracicaba um estudo, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, outras instituições de ensino superior e organizações não governamentais, sobre o estado nutricional de crianças menores de 5 anos, que resultou na implantação do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional no município. No entanto, nessa época as prioridades ainda eram identificar o estado nutricional. A partir desses resultados foi possível verificar quais as regiões que apresentavam maior prevalência de agravos nutricionais e, por meio do estágio, algumas atividades eram desenvolvidas para conhecer a realidade dessa população. Minha atuação até 2008 foi voltada mais para a identificação do estado nutricional, embora atividades de investigação do consumo alimentar também fossem realizadas, porém sempre visando ao aspecto mais biológico. Na Unimep, iniciamos alguns projetos de pesquisa nos anos de 2002 e 2003, envolvendo vários segmentos da população, tendo algumas docentes envolvidas, como as professoras Denise Giácomo da Motta, Maria Rita Marques de Oliveira e Maria Antonia Galeazzi. Nesse período, passamos a aprofundar os questionamentos tanto em relação ao estado nutricional como ao consumo alimentar, principalmente em localidades mais periféricas do município que concentravam população mais vulnerável.

A partir de 2006, mudei-me para a cidade de Adamantina e dei continuidade a minha atuação profissional como docente na área de saúde coletiva nas Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI). Em 2010, passei a participar de reuniões e eventos promovidos pelo Departamento de Educação/IBB da Unesp de Botucatu que resultou na elaboração do projeto da Rede-SANS. Como residia na região Oeste paulista, fui convidada pela professora Maria Rita Marques de Oliveira para fazer os contatos com os municípios sorteados para aderirem à Rede-SANS: Adamantina, Penápolis, Presidente Prudente, Presidente Epitácio e Teodoro Sampaio, sendo que os três últimos eram parte do território da cidadania do Pontal do Paranapanema. Após vários contatos com os secretários ou diretores de Saúde, Presidente Epitácio e Teodoro Sampaio não aceitaram a

adesão, sendo substituídos por Presidente Venceslau e Pirapozinho. Em função de minha limitação de horário e de meu trabalho docente, uma aluna que estava finalizando o curso de Nutrição, Lara Medeiros Soares, aceitou participar e conhecer um pouco mais da Rede. Juntas, visitamos todos os municípios e conversamos com os secretários da Saúde e com os profissionais indicados para assumir a articulação local da Rede, além de oficializarmos a adesão à Rede por meio de ofício assinado pelos secretários. Nessa visita, pudemos conhecer um pouco mais da realidade desses municípios; até essa época eu conhecia apenas Adamantina, onde residia.

Em janeiro de 2011, iniciamos oficialmente a Rede-SANS, e Lara e eu assumimos a articulação regional. Para nossa região selecionamos três alunos de graduação para atuarem como apoio aos articuladores locais dos cinco municípios da região. As reuniões regionais inicialmente aconteceram para estudar as propostas da Rede-SANS e discussão de vários documentos que abordavam a temática SAN. Mensalmente, participávamos de reuniões e capacitação em Botucatu para planejamento das atividades regionais, bem como os seminários com os articuladores locais que aconteceram trimestralmente, totalizando oito seminários até o final do projeto, sendo que um deles foi mais amplo, de nível estadual e contou com a participação de convidados dos municípios membros da Rede, bem como de outros municípios, de instituições de ensino superior de todo o estado e de organizações governamentais e não governamentais.

Participar do projeto foi muito importante para minha vida profissional e pessoal, foram desafios que tive que vencer, como as visitas constantes aos municípios, contatos com políticos, organização e participação de eventos como as conferências municipais e regional de segurança alimentar e nutricional no ano de 2011. Dos cinco municípios de nossa região, pudemos realizar a conferência em três (Adamantina, Pirapozinho e Presidente Prudente), mas conseguimos que todos participassem da Conferência Regional que aconteceu em Presidente Epitácio. No período de organização das conferências, tivemos a oportunidade de conhecer várias pessoas, inclusive de participantes do Colegiado de Desenvolvimento Regional (Codeter) do Pontal do Paranapanema, que eu desconhecia até então. Todas as conferências foram exitosas, e em Adamantina e Pirapozinho resultaram da ativação do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Em Presidente Prudente, que era o único município que tinha o Conselho, a articuladora local passou a fazer parte de grupos de discussão e, neste ano, a ser a representante da área da saúde do governo local. Durante esse projeto, pudemos conhecer bem os municípios e os parceiros locais. Tive a oportunidade de conhecer mais sobre as políticas públicas do Ministério de Desenvolvimento Social e sua atuação no nível local. Acompanhamos al-

gumas atividades nos municípios: o desenvolvimento do diagnóstico das ações de SAN e, posteriormente, o planejamento das ações locais. Como resultados desses diagnósticos, avaliamos cada eixo e todos foram apresentados no Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública – World Nutrition 2012, sendo que fiquei com a organização e apresentação do tema "Acesso aos alimentos" nos 27 municípios da Rede-SANS em São Paulo.

Uma das propostas da Rede é a formação e educação para a SAN. Nesse sentido, estabeleceu o Interanutri, curso de educação a distância em várias modalidades, sendo inicialmente disponibilizados o Interanutri – Agente e Interanutri – Professor. Com exceção de Penápolis, representantes de todos os municípios participaram da formação de tutores e abriram turmas para os cursos; pude acompanhar e participar de todas as aulas de encerramento na região.

Como articuladora, acompanhei também a realização da pesquisa da Rede-SANS na região que envolveu nove municípios da nossa região: Alfredo Marcondes, Araçatuba, Barbosa, Buritama, Penápolis, Martinópolis, Panorama, Presidente Prudente e Presidente Venceslau. Acompanhei ainda dois municípios da região de Marília: Pompeia e Tupã. Para a realização da coleta de dados, selecionamos sete bolsistas da graduação em Nutrição, sendo cinco da FAI e duas da Universidade Oeste Paulista (Unoeste). Juntos, participamos da capacitação para a coleta de dados, aplicação dos questionários e de antropometria em Presidente Prudente na Unoeste, com a nutricionista Flávia Negri. Em Adamantina, os bolsistas foram treinados para a coleta de dados e para a antropometria em unidades de saúde, posteriormente avaliados por Flávia Negri em creches de Adamantina. Em função da distância aos municípios e da falta de transporte para que os bolsistas pudessem coletar todos os dados, transportei e acompanhei todas as atividades nos municípios de Penápolis, Barbosa, Buritama e Araçatuba. A pesquisa em Presidente Prudente, Presidente Venceslau e Martinópolis ficou sob responsabilidade de duas alunas orientadas por docentes da Unoeste. Após a coleta, também colaborei na organização de um encontro de representantes dos municípios que participaram da entrevista para um grupo focal coordenado pela professora Carla M. Vieira, acompanhadas de Flávia Negri, Adriana Brandt e mais duas bolsistas. Nesse encontro, participei como observadora externa.

Mais recentemente, entrei em contato com todos os municípios da pesquisa para convidar os nutricionistas para o curso EAD Interanutri – Nutricionista da Atenção Primária em Saúde. Em nossa região, teve início com a primeira aula em Adamantina, que contou com a presença da professora Maria Cristina Faber Boog. Mesmo não sendo nutricionista com atuação exclusiva na atenção básica, mas por ser docente que atua nessa área por meio de estágio, fui aceita no curso,

que, assim como a Rede, tem sido de grande e valioso aprendizado profissional e pessoal. Colaborei na organização da segunda aula presencial em Presidente Prudente, que foi fantástica, onde tive a oportunidade de conhecer nutricionistas com quem tinha tido apenas contato telefônico ou pela plataforma Moodle, além das vivências com novas técnicas para educação em grupo.

Em todos os municípios da Rede, algumas atividades foram implantadas por iniciativa da Rede-SANS, como a inclusão do tema Alimentação Saudável na Semana da Saúde, Comemoração ao Dia do Agricultor, Semana do Aleitamento Materno e Semana da Alimentação. Como representante da Rede-SANS, passei a participar do Conselho Municipal de Segurança Alimentar, além de eventos da agricultura familiar em Adamantina e na região.

Fazer parte desta Rede foi um grande desafio desde o início, seja pela distância entre os municípios da Rede e da pesquisa, de Adamantina para Botucatu, seja pela escassez de tempo, em função dos compromissos familiares e profissionais, mas foi sempre um prazer muito grande e compensador. A Rede me possibilitou conhecer muitas pessoas com o mesmo ideal: promover alimentação saudável, adequada e solidária. Tive a oportunidade de rever muitos amigos da época da Unimep, ex-alunos agora dividindo a mesma experiência da articulação comigo, e professores assessorando as metas da Rede, além da energia contagiante que Maria Rita, nossa articuladora geral, e dom Mauro Morelli sempre nos passaram e nos estimularam, nos motivaram a buscar mais e levar adiante esse trabalho.

No retorno de Botucatu a Adamantina, algumas viagens foram compartilhadas com a Lara e com Cláudia Rucco, e, mesmo quando retornava sozinha, vinha com planos para dividir e conversar com as articuladoras locais, com muita vontade de levar adiante a proposta de um mundo mais saudável e solidário para que todos tenham acesso aos alimentos em quantidades suficientes e necessárias para suprir suas necessidades não só biológicas, mas sociais e emocionais, de forma partilhada. Foi muito gratificante sentir o crescimento da Rede-SANS na região, como foi se ampliando e agregando parceiros.

Fica agora um novo desafio: dar continuidade à Rede-SANS e integrar mais instituições e municípios em prol de um mundo mais justo, onde todos possam ter seu direito à alimentação adequada e saudável garantido, sem distinção e sem restrição de outros direitos, de forma solidária! Em meu trabalho, tenho difundido a Rede e sua missão!

Lara Medeiros Soares
(bolsista DTI-C)
Articuladora regional da região de Presidente Prudente-SP

Antes de iniciar a faculdade de Nutrição, eu desconhecia as expressões "segurança alimentar" e "insegurança alimentar", talvez pelo fato de minha realidade de vida não me mostrar nada disso. Mesmo as pessoas de meu convívio não me levaram a pensar a respeito. Quando iniciei o curso, em 2007, comecei a entender essas expressões e a conviver com elas mais de perto. No começo, não atentei para sua importância e cheguei a cogitar a possibilidade de não significarem muita coisa, pelo menos para mim.

Durante minha graduação, estagiei no centro de saúde do município onde estudava e percebi que boa parte da população atendida ali possuía algum grau de insegurança alimentar. Naquele momento, passei e ver e a entender as coisas de forma diferente. Convivi com pessoas e presenciei momentos que me mostraram a real situação da alimentação de grande parte de nossa população. A partir de então, encantei-me pela área da saúde pública e pelas políticas de saúde e sociais, que infelizmente, em sua maior parte, não são trabalhadas e desenvolvidas da forma como foram idealizadas.

Conversando com minha supervisora de estágio e também coordenadora de curso, professora Rita Bertolo, confessei meu interesse pela área e descobri muito mais sobre o assunto. Ao final do ano de 2009, a professora Rita foi convidada pela professora Maria Rita, da Unesp de Botucatu, a participar do Projeto Rede-SANS. Para isso, algumas atividades deveriam ser realizadas. Como já tinha manifestado o interesse na área da saúde, fui convidada pela professora Rita a entrar no projeto. Aceitei participar na mesma hora. Achei a proposta muito interessante e um tanto quanto revolucionária. Por meio do projeto, iríamos discutir e trabalhar pontos críticos da segurança/insegurança alimentar em municípios do estado de São Paulo, como a questão da "alimentação" incorreta do Sisvan.

Com o passar do tempo e com o término de minha graduação, passei a trabalhar de forma mais próxima da professora Rita e, juntas, desenvolvemos a função de articuladoras regionais da região do Pontal do Paranapanema e Araçatuba, compreendendo os municípios de Penápolis, Adamantina, Presidente Prudente, Presidente Venceslau e Pirapozinho.

O primeiro passo para o desenvolvimento de nosso trabalho foi o contato por telefone e e-mail com secretários/diretores de Saúde e demais responsáveis pela saúde municipal para a apresentação do projeto e convite para participação no mesmo. Após essa primeira etapa, fomos pessoalmente a cada um desses muni-

cípios para nos apresentarmos e explicar de forma mais clara quais seriam as atividades da Rede a serem desenvolvidas.

Após o aceite, cada município teria que escolher um articulador local, pessoa responsável por fazer as coisas acontecer e, como está expresso em sua denominação, articular parcerias para a Rede-SANS. Durante esse processo, conheci pessoas incríveis, que realmente mostraram amor pelo que fazem e procuram desenvolver suas funções da melhor forma possível. Por outro lado, também conheci pessoas que trabalham apenas pelo salário, não se importando com o bem-estar do próximo, o que me deixou muito triste e, às vezes, um pouco frustrada.

Não posso me esquecer de que, para o desenvolvimento de todas as atividades previstas foi necessária a participação de bolsistas dos mais diversos cursos. Fizemos um pequeno processo seletivo para avaliação dos estudantes inscritos e, ao final, incluímos em nossa Rede três novas parceiras (Luara e Andresa, graduandas de Nutrição, e Lilian, graduanda de Comunicação Social), alunas das Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI). Algum tempo depois, por motivos pessoais, a bolsista Lilian teve que nos deixar e em seu lugar entrou uma nova parceira, Carolina, a graduanda de Nutrição da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Como uma de nossas funções, todos os meses participávamos de reuniões com a coordenação geral do projeto na Unesp em Botucatu para discussão das atividades, divulgação das ações de cada município, compartilhamento de novidades, conquistas, tristezas, dúvidas e angústias. Confesso que nossas reuniões me aliviavam bastante, uma vez que pela troca de experiências podia perceber que algumas coisas não davam certo para várias pessoas e regiões, e não apenas para nós. Mas, como todos diziam, trata-se de um trabalho de "formiguinha", ou seja, de pouco em pouco se constrói muito.

E, realmente, foi o que aconteceu. Em nossas reuniões de ALs, das quais todos os ALs e demais convidados participavam, pelos relatos compartilhados pude perceber que, com calma, perseverança e força de vontade, as coisas aconteciam. E, dessa forma, a Rede-SANS começava, aos poucos, a existir. Mais pessoas passaram a conhecer nosso trabalho, a querer saber mais sobre nós, a se interessar e a querer fazer parte de nosso grupo.

Várias foram as atividades desenvolvidas pela Rede que merecem destaque. Em primeiro lugar, posso citar o preenchimento do diagnóstico das ações locais de SAN em cada município. Para isso, realizamos reuniões frequentes com nossas ALs, com o objetivo de explicar e orientar a forma correta para o desenvolvimento do trabalho.

Em alguns municípios, o instrumento foi visto como peça-chave para a melhoria das condições local, contando assim com a participação de funcionários de diversos setores dos órgãos públicos para seu preenchimento. Entretanto, em outros locais, não foi visto com bons olhos, sendo muitas vezes considerado irrelevante e desnecessário.

Outra atividade importante desenvolvida pela Rede foi a pesquisa sobre o Sisvan, realizada em municípios de todo o estado. De nossa região, foram sorteados para participar os municípios de Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Panorama, Martinópolis, Alfredo Marcondes, Araçatuba, Penápolis, Buritama e Barbosa.

Primeiramente, entrei em contato com cada localidade por meio de telefone, apresentando-me e explicando do que se tratava a pesquisa e encaminhando o documento do projeto por e-mail. Após a avaliação e aceitação, foram realizadas visitas para apresentação do projeto e esclarecimento de dúvidas existentes.

Para o desenvolvimento deste trabalho, eu e a professora Rita realizamos outro processo seletivo para a escolha dos bolsistas de pesquisa e, dessa forma, foram selecionados para o trabalho cinco bolsistas de cursos de Nutrição, três da FAI e dois da Unoeste. Antes do início das atividades, todos participamos do treinamento ministrado pela nutricionista Flávia Negri, no município de Presidente Prudente, para utilização correta dos equipamentos presentes nos kits da pesquisa e preenchimento adequado dos questionários.

Passada essa fase, começaram os contatos mais diretos com os municípios. Em cada um deles, os bolsistas aplicaram questionários com os membros das equipes de saúde, diretores/secretários de Saúde e, quando possível, nutricionistas responsáveis pela saúde. Como estive presente em vários municípios durante o desenvolvimento dos trabalhos, posso dizer que ocorreram fatos marcantes.

Em alguns lugares, fomos tão bem recebidos que o trabalho se tornava algo prazeroso e incentivador! Já em outros, foi difícil chegar até o final das atividades. A frustração e a decepção se tornaram sentimentos muito presentes, mostrando que somente passar em concursos não seleciona ninguém para o trabalho, que muitos não dão o mínimo valor às ferramentas e oportunidades que têm em mãos. Mas, com muita força de vontade e acreditando sempre nos resultados futuros, conseguimos terminar nosso trabalho com êxito.

Para finalizar, ajudei na organização do grupo focal desenvolvido na região, mais especificamente no município de Presidente Prudente, do qual participei como ouvinte.

Também devo ressaltar o curso a distância Interanutri. Disponível nas versões Agente, Professor e agora Nutricionista, essa ferramenta possibilitou a

capacitação de vários profissionais para melhor entender e trabalhar a questão da alimentação em seus cotidianos. O primeiro passo para o desenvolvimento dessa atividade foi a participação na capacitação para tutores realizada em Botucatu. Como o interesse em participar do curso foi grande em nossa região, nós, ARs, nos preparamos para ministrar nova capacitação em Presidente Prudente.

Foi interessante verificar que muitas das pessoas ali presentes ficaram interessadas no curso, mas não para serem tutoras, e sim alunas. Várias alegaram que não tinham tempo para desenvolver tal função, outras disseram que era muita responsabilidade avaliar o trabalho dos alunos. O importante é que, no fim, vários tutores foram capacitados e várias turmas foram concluídas.

Ao final do curso, foram realizadas as apresentações dos projetos desenvolvidos, e participei nos municípios de Presidente Prudente, Pirapozinho, Presidente Venceslau e Adamantina como uma das avaliadoras.

Para mim, ter tido a oportunidade de trabalhar neste projeto em prol de algo tão valioso, como o direito à alimentação adequada e solidária, foi único. Conheci pessoas que jamais imaginei conhecer, convivi com outras que me mostraram que mais importante que vencer é tentar, e não desistir diante do primeiro obstáculo encontrado, além de descobrir e visitar lugares que não sabia que existiam. Aprendi muita coisa sobre os mais diversos temas: articulação, rede, intersetorialidade, trabalho em equipe, agricultura familiar, PNAN, PNAE, PPAIS, organização de conferências, sustentabilidade, meio ambiente, agrotóxicos, entre outros.

A função de articuladora regional me proporcionou estar mais próximo das pessoas, vivenciar com elas seus problemas e dificuldades e também comemorar com elas suas conquistas e vitórias, por menores que fossem.

Acredito que um projeto tão amplo como a Rede-SANS é capaz de modificar as pessoas e a realidade do mundo em que vivemos. Não podemos simplesmente fechar os olhos para os problemas. Temos que começar a agir, a plantar ideias e a fazer as pessoas pensar de forma diferente.

Luciana Lorenzato

(voluntária)

Articuladora regional da região de Ribeirão Preto-SP

A segurança alimentar e nutricional (SAN) pressupõe a defesa e a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária, e vem se consolidando no Brasil como política pública. O poder público é então desafiado a propor ações concretas e a adoção de políticas estruturais como forma de garantir a SAN, e, para

isso, tem mobilizado organizações, movimentos sociais, pesquisadores, entre outros atores sociais.

Nesse contexto, desenvolveu-se a Rede-SANS, e este relato tem por objetivo demonstrar minha experiência como um dos atores sociais envolvidos na articulação dessa Rede.

Na Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), durante o curso de Nutrição, tive a oportunidade de ter meu primeiro contato com o tema, por meio de algumas disciplinas e principalmente do estágio em Nutrição Social. As atividades do estágio que ocorreram em programas municipais de políticas públicas e sociais consistiam no diagnóstico inicial e posterior intervenção, por meio de ações voltadas para a SAN. Essas experiências iniciais apresentaram resultados positivos para a população envolvida nos programas e desde então tive interesse pela área.

Assim, meu contato com o projeto aconteceu com o convite da coordenadora do curso de Nutrição da Unaerp, professora Telma Maria Braga Costa, ainda em fase de elaboração e estruturação do projeto inicial. Inicialmente, tivemos algumas reuniões na Unesp em Botucatu-SP e então pude ter o prazer de conhecer a professora Maria Rita Marques de Oliveira, sua coordenadora.

No final de 2010, com o projeto Rede-SANS oficializado, fui então convidada para ser articuladora regional da Rede junto com a nutricionista Luciana Abrão de Oliveira. A proposta teria o objetivo de integrar as políticas públicas de segurança alimentar e nutricional e de saúde utilizando como estratégia o fomento à articulação de uma rede social, a Rede-SANS, no estado de São Paulo. Tratava-se de uma proposta ampla e desafiadora e a minha participação ativa se iniciou no ano seguinte.

As atividades da articulação regional seriam desenvolvidas em duas etapas interdependentes: uma voltada à articulação da Rede-SANS nas regiões dos municípios de Ribeirão Preto, Batatais, Matão, Araraquara e São José do Rio Preto, e outra voltada para pesquisa, onde seriam avaliadas as ações do monitoramento nutricional no contexto do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan). A Rede-SANS seria então constituída pelas redes locais de cada município e para isso identificamos os articuladores locais e selecionamos os bolsistas em cada um desses municípios, que foram os responsáveis pela articulação local da Rede.

As atividades práticas em campo desde o início de 2011 foram, de forma geral, o contato e a apresentação do projeto para os representantes das diversas secretarias municipais; a identificação das ações em SAN existentes nos municípios e identificação de novos atores sociais, como pessoas, instituições, programas, organizações ou outros grupos engajados nesse propósito; a orientação

para a realização do diagnóstico das ações municipais em SAN; e o planejamento de ações de articulação com o objetivo de formar, ampliar e integrar a Rede-SANS.

Além das já citadas, outras atividades foram a participação mensal em reuniões da articulação local e regional e em seminários dos articuladores locais; a participação na organização de projetos de SAN desenvolvidos pelas universidades para a comunidade local; a orientação dos articuladores locais e bolsistas e a produção de relatórios; e a participação em congressos para apresentação da produção científica da rede.

Dessa forma, foram sendo dados os primeiros passos em direção à formação da Rede e contava então com o apoio dos articuladores regionais, articuladores locais, bolsistas e também pesquisadores/colaboradores das faculdades/universidades envolvidas. Em minha região de articulação, tivemos uma ótima receptividade em todos os municípios participantes e os articuladores locais se sentiam motivados a continuar a ampliação da mesma. Era impressionante observar como aos poucos a Rede se formava e crescia e a cada reunião mais atores de diferentes áreas faziam parte do processo.

Posteriormente, quando se iniciou a segunda parte do projeto, fiquei responsável pelas atividades da pesquisa, para avaliação do processo de obtenção e utilização das informações geradas pelo Sisvan nos municípios.

As atividades gerais foram o contato e a apresentação do projeto aos municípios participantes da pesquisa e a obtenção dos ofícios de autorização; a seleção de alunos bolsistas para a realização da pesquisa e a orientação quanto à coleta de dados e produção de relatórios; a organização e participação dos treinamentos, ministrados pela nutricionista Flávia Negri; e a participação na coleta de dados.

Contudo, por motivos pessoais, não foi possível continuar no ano seguinte, consistindo em uma decisão difícil não permanecer nesse projeto tão reconhecido. Apesar disso, vejo que todos os esforços dispensados foram muito bem recompensados, ao ter acesso à divulgação dos frutos da Rede-SANS no estado de São Paulo.

Então, para a realização dessas atividades contamos com uma nova articuladora regional, a nutricionista Paula Barbosa de Oliveira, a qual havia sido minha colega de classe durante a graduação e que também tinha interesse pela área, se empenhando com muito entusiasmo para a conclusão desse projeto.

Dessa forma, minha participação na Rede-SANS foi de grande importância para minha atuação profissional. Por estar cursando a pós-graduação, a pesquisa epidemiológica em alimentação e nutrição com vistas à SAN proporcionada pelo projeto ampliou meus conhecimentos técnico-científicos como pesquisadora. Além disso, outro grande aprendizado foi a oportunidade de

aprender a trabalhar em rede, selecionar as ferramentas disponíveis na comunidade para compreender e construir coletivamente o conceito de rede.

Luciana Abrão de Oliveira

(bolsista DTI-B)
Articuladora regional da região de Ribeirão Preto-SP

Meu primeiro contato com o tema segurança alimentar foi quando aluna de graduação no ano de 2007, por meio da professora Telma, envolvida com Consea (estadual e nacional). Nessa época houve uma reunião em Ribeirão Preto, para discussão e fortalecimento do Consea, e eu participava de uma peça de teatro na universidade chamada "Nutrientes super-poderosos"; a professora Telma, então, convidou o grupo para fazer uma apresentação durante a reunião. Dessa forma, conheci o trabalho desenvolvido por ela, pela professora Maria Rita e por dom Mauro Morelli, ainda que de modo um pouco superficial.

Depois de alguns anos fui trabalhar na Unaerp como professora e recebi um convite das professoras Telma e Daniela para participar de um projeto que iria ocorrer no estado de São Paulo, a formação de uma rede de segurança alimentar e nutricional. Ao iniciarmos a conversa, as professoras contextualizaram todo o processo vivido, desde o projeto "Educação em serviço e ações de vigilância alimentar e nutricional no âmbito da atenção básica do SUS no estado de São Paulo", que já estava acontecendo, tendo iniciado na cidade de Piracicaba. Lembrou o trabalho da professora Maria Rita, que na ocasião divulgava o projeto em algumas cidades e regiões e fazia parcerias com pesquisadores da área. A professora Daniela contou um pouco de sua função em estabelecer o contato do projeto com as cidades de Ribeirão Preto, Franca, Cristais Paulista e Ribeirão Corrente. Até o final do ano de 2008, o objetivo foi estabelecer as parcerias com as prefeituras para começar a execução do trabalho. Concomitantemente, a fase era de diagnóstico com treinamento dos alunos quanto à antropometria. Os pesquisadores deveriam levantar dados sobre o número de habitantes, quem era o prefeito e o secretário da Saúde, quantidade de UBSs e de PSFs, além de estabelecer o contato com o gestor de cada unidade de saúde.

Após essa etapa, durante o ano de 2009, a professora Daniela e professora Telma começaram a desenvolver o trabalho em si, com aplicação de questionários na atenção básica, além de fazer a concordância de antropometria nas unidades de saúde em Ribeirão Preto. No final de 2010, efetivamente, os primeiros resultados estavam sendo lançados e a proposta da Rede-SANS, já bem planejada na mente da professora Maria Rita (assim ela demonstrava). Nesse período, entro nesse projeto definido como Rede-SANS e inicio minha contri-

buição como articuladora regional responsável pelos municípios de Ribeirão Preto, Matão, Batatais, Araraquara e São José do Rio Preto. Luciana Lorenzato, aluna da pós-graduação, recebe o convite a participar da Rede-SANS e divide comigo a responsabilidade de articuladora, visto que tenho outra atividade que exige muita dedicação, a docência.

No início de 2011, vamos para Botucatu iniciar os trabalhos da Rede-SANS e conhecer de forma mais aprofundada tudo o que o conceito de rede envolve. Nesse encontro foi possível ouvir as ideias da professora Maria Rita, conhecer a abrangência deste projeto e suas nuances. Foi um momento muito agradável, conhecemos pessoas de diferentes locais do estado, de diversas áreas de atuação e experiências, e os primeiros passos de como conduzir a articulação em cada município foram demonstrados. Realizamos dinâmicas e grupos de discussão, que nos deram o suporte para retornar para casa cheios de força para selecionar os atores sociais que iriam formar a rede local em cada município.

A partir desse momento, iniciamos as visitas aos municípios por meio de contatos da professora Maria Rita, parcerias com as secretarias e por pessoas que foram se envolvendo e que compartilhavam da mesma missão e valores que a Rede-SANS, que acreditavam e lutavam pelo mesmo objetivo.

Durante os anos de 2011 e 2012, as ações da Rede-SANS vieram ao encontro de muitas das atividades que Unaerp realiza em relação à segurança alimentar e nutricional, que proporcionaram a Ribeirão Preto uma vasta atuação nesse campo. As atividades desenvolvidas no período muitas vezes englobaram os agentes comunitários de saúde através de oficinas de educação e trouxeram uma proximidade muito grande desses profissionais, consequentemente da população e de outros funcionários das unidades de saúde. A consequência disso é uma grande abertura para o desenvolvimento de ações, incluindo capacitação, grupos de orientação para a população, visitas a escolas, asilos, centros comunitários, constantes encontros com enfermeiros, médicos assistentes sociais para o planejamento de ações voltadas para a alimentação. Enfim, a possibilidade de contato com a população se deu pelo vínculo constituído entre Rede e Universidade e vem se fortalecendo cada vez mais.

A Rede me ensinou que é possível fazer vigilância alimentar e nutricional, às vezes com mais dificuldades, outras com menos, mas sempre com parcerias e força de vontade. E ainda me enriqueceu muito profissionalmente e me fez um ser humano melhor. Conheci pessoas engajadas e motivadas, grandes profissionais lutadores que trabalham para que as mudanças aconteçam, e cada um de nós pode fazer a diferença e mudanças em seu local, independentemente da realidade em que estiver inserido. Fez-me refletir sobre a problemática da fome, do excesso, da produção, do desperdício, da biodiversidade e das questões políticas

que envolvem tudo isso – assuntos tantas vezes abordados brilhantemente em nossos seminários. Agradeço imensamente a oportunidade de conhecer e compartilhar pensamentos, sentimentos, experiências com pessoas fascinantes e desta forma ampliar meus conhecimentos.

Patrícia Fátima Sousa Novais
(bolsista DTI-B)
Articuladora regional da região de Itapeva-SP

Por ser nutricionista, durante minha formação participei de um núcleo específico de Nutrição e Saúde Pública, onde cursei diversas disciplinas que abordavam a segurança alimentar e nutricional. Durante essa fase, comecei a adquirir conhecimentos sobre o assunto e, ainda na graduação, especificamente no último ano, um dos estágios obrigatórios foi realizado em uma unidade de saúde da família durante um semestre, na qual o contato prático surgiu, possibilitando a vivência prática e aumentando o interesse pela área.

Na pós-graduação e na atividade profissional, vivencio diariamente como a alimentação inadequada, especialmente em excesso, leva à obesidade e doenças associadas, trazendo danos a saúde. Dessa forma, a Rede-SANS, enquanto rede de defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária, vem ao encontro de minha realidade profissional, possibilitando um aprofundamento da área em busca da garantia da adequação alimentar, em termos quantitativos, qualitativos, culturais e de sustentabilidade ambiental.

Em 2007, participei do projeto "Avaliação da implementação das ações de vigilância alimentar e nutricional no âmbito da atenção básica do SUS na região das Bacias Piracicaba-Capivari", coordenado pela professora Maria Rita Marques de Oliveira, atual articuladora geral da Rede-SANS. Durante esse projeto, mesmo sendo uma colaboradora da equipe de finanças, foi possível me aproximar ainda mais do tema, participar de algumas discussões e compreender melhor a importância da SAN.

Em 2009, fui convidada pela articuladora geral para um dos maiores desafios de minha carreira profissional: ser articuladora da região Sudoeste Paulista. Eu iria para uma região do estado desconhecida por mim, diferente de todas as outras regiões, onde em pelo menos algum dos municípios já havia pessoas envolvidas ou parcerias com faculdades, universidades etc. Era também a única região do projeto com os três municípios participantes sendo territórios da cidadania. Eu também seria a única articuladora regional que não morava na região de sua atuação. Confesso que essa foi mais uma dificuldade que encontrei, mas com

o passar do tempo foi sendo amenizada pelos bons contatos estabelecidos na região.

As atividades da Rede iniciaram oficialmente após um encontro de uma semana em Botucatu, onde a equipe de articulação geral se reuniu. A partir desse encontro, meu entusiasmo aumentou muito e não via a hora de conhecer a realidade de minha região e pensar em como poderia articular ações para promover a segurança alimentar e nutricional.

Minha primeira atividade enquanto articuladora regional da Rede foi estabelecer contatos com os municípios para apresentar o projeto e identificar os três articuladores locais dos municípios da região (Itapeva, Capão Bonito e Itararé) e os bolsistas ITI para auxílio local dos articuladores de cada município. Com as bolsistas selecionadas foi iniciada a etapa de estabelecer o diagnóstico das ações e iniciativas de SANS existentes no local. Essa foi uma atividade de muita dificuldade para minha região, pois o objetivo de utilizar essa ferramenta para estabelecer contatos, parcerias, reuniões com o poder público, sociedade civil e terceiro setor não ocorreu completamente. Diante dos resultados e relatos das articuladoras, ficou complicado articular as informações obtidas para iniciar novas parcerias e estabelecer o planejamento local.

Em um dos primeiros seminários da Rede-SANS de ALs em Botucatu, houve uma oficina para auxiliar no planejamento local. A partir deste, os três municípios se propuseram a criar ou reativar os Comseas locais, o que ainda não foi possível, mas há uma movimentação para a efetivação desse plano traçado desde o início do projeto com boas expectativas para o próximo ano. É importante ressaltar que por ter sido ano de eleição municipal, as ALs tiveram maior dificuldade para dar seguimento ao planejamento.

Durante esses dois anos como AR do Sudoeste Paulista, participei mensalmente das reuniões de ARs, nas quais discutimos incansavelmente possibilidades de promoção das ações locais, formação e educação em SANS. Participei de diversas reuniões de articulação local na região (mensalmente), auxiliei as ALs na elaboração de ações locais, auxiliei-as na organização de seminários, fóruns, realizamos visitas, todas em prol da promoção da alimentação saudável adequada e solidária. Procurei sempre motivá-las a não desanimar diante as dificuldades e valorizar as pequenas conquistas.

Durante o período de realização do projeto, conseguimos produzir, em parceria com o Instituto Cílios da Terra de Itapeva, um caderno informativo, *Lá em casa, lá na roça, lá na cidade*, que foi uma publicação que auxiliou a capacitação de mais de oitocentos agricultores familiares em SANS em toda a região. Conseguimos também, a partir do curso Interanutri – Interdisciplinaridade, Alimentação e Nutrição no Currículo Escolar, formar mais de duzentos profes-

sores em Capão Bonito, o que foi uma das maiores ações da Rede no município. Em Itararé, em 2011, estabelecemos uma excelente parceria com a Cooperativa de Agricultores Familiares (Coafai) e a ETEC local, especificamente com o curso técnico de Nutrição e Dietética. Atualmente, está ocorrendo uma capacitação com as esposas dos agricultores familiares, intitulada "Projeto Alimentação Saudável, Adequada e Solidária", na qual os alunos do curso técnico de Nutrição e Dietética, sob supervisão, capacitam essas mulheres para a produção saudável, adequada e solidária de produtos provenientes da agricultura familiar para a comercialização. Estão sendo capacitadas quarenta mulheres com aulas práticas e teóricas intercaladas quinzenalmente.

Hoje, a sensação é de satisfação, privilégio e alegria por ter colaborado de alguma maneira para a promoção dos municípios em que fui articuladora, por saber que ações muito importantes ocorreram e estão ocorrendo, que planos estão sendo traçados, que as redes locais estão aumentando e a Rede-SANS, mesmo sem os mesmos recursos financeiros, continuará. Ao final do segundo ano como articuladora regional, afirmo sem a menor dúvida o quanto esse projeto tem sido importante para a minha formação enquanto nutricionista e integrante da sociedade civil!

Paula Barbosa de Oliveira Sígoli

(voluntária)

Articuladora regional da região de Ribeirão Preto-SP

A primeira vez que ouvi falar em segurança alimentar foi durante o curso de graduação em Nutrição, realizado entre 2002 e 2005. Na época, lembro que, embora parecesse um assunto simples, percebi a complexidade do tema, mas ainda com a ideia de que se tratava apenas da questão da fome na população.

Depois da graduação, cursei o aprimoramento em diabetes e hipertensão da Secretaria da Saúde de Ribeirão Preto, realizando atividades de promoção da alimentação saudável e prevenção de doenças em unidades básicas de saúde do município. Em seguida, realizei uma pós-graduação (mestrado) e atualmente desenvolvo o doutorado em um programa de saúde na comunidade da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP. Assim, estive em contato com a SAN, mesmo sem saber, durante todo esse período.

Sempre me interessei bastante pela área de nutrição social, de saúde pública e de pesquisa. Tomei conhecimento da Rede-SANS durante um evento da Secretaria da Saúde de Ribeirão Preto, pela articuladora regional Luciana Abrão, que me explicou a ideia do projeto e seus objetivos. Gostei muito do que ouvi, até porque o projeto une minhas principais áreas de interesse.

Fui convidada pela professora Telma, coordenadora do curso de Nutrição da Unaerp, e também participante da Rede, e pela professora Luciana Abrão, a substituir outra articuladora regional que deixaria a Rede em novembro de 2011. Com o projeto já em andamento, iniciei minhas atividades na Rede, dedicando-me à finalização da pesquisa (Sisvan) que estava sendo realizada pelas alunas bolsistas do projeto nas unidades de saúde da região de Ribeirão Preto. Acompanhei algumas delas durante as pesquisas e entrevistas com os profissionais de saúde desses locais.

Após a finalização dessa etapa, fui me inserindo nas atividades de articulação dos municípios que fazem parte da Rede na região de Ribeirão Preto (Batatais, São José do Rio Preto, Araraquara e Matão), realizando reuniões com os articuladores locais para que o plano de ação em SAN fosse desenvolvido em cada um deles. Participei na organização do grupo focal realizado no município com a participação de funcionários das unidades de saúde. Estive presente em quase todas as reuniões e seminários feitos em Botucatu desde que entrei na Rede; participei de reuniões do Comsean de Ribeirão Preto apresentando o diagnóstico em SAN, realizado no município com o objetivo de contribuir na elaboração do plano de ação local; fui tutora de uma turma do curso a distância oferecido pela Rede, Interanutri – Agente, que contou com a participação de 24 agentes de saúde de cinco unidades básicas de saúde localizadas no distrito leste da cidade, que desenvolveram, além das tarefas semanais do curso, um projeto de promoção da alimentação saudável em cada uma das unidades; realizei o treinamento com outras duas tutoras para que acontecesse mais uma turma do curso Interanutri – Agente e outra turma do curso Interanutri – Professor no município; articulei também na região para realização do curso Interanutri – Nutricionista, direcionado a nutricionistas da atenção primária, e para realização do I Seminário Estadual da Rede-SANS, que aconteceu no mês de agosto de 2012 em Águas de Lindoia, o qual ajudei na divulgação, na articulação dos convidados para o seminário e no levantamento de todos os grupos de pesquisa em SAN do estado. O evento foi realizado com o objetivo de reunir representantes de diversos segmentos da sociedade civil e poder público para discussão e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária no estado de São Paulo.

Em aproximadamente um ano, tempo que estou na Rede, me envolvi e venho me envolvendo cada dia mais com essa área; tenho gostado e me dedicado bastante. Hoje consigo entender melhor todas as questões que envolvem a segurança alimentar e nutricional, como os conceitos, objetivos, dificuldades, conselhos, leis e políticas. Percebo, atualmente, a abrangência do tema, que vai muito além da questão da fome, envolvendo também questões como a obesidade, as doenças crônicas não transmissíveis, o consumo exagerado de agro-

tóxicos, os preços abusivos dos alimentos e os padrões alimentares que não respeitam os hábitos regionais e a safra dos alimentos, entre muitos outros.

Com certeza, foi grande o aprendizado durante esse período de atuação na Rede. Entre eles, destaco a importância do trabalho em equipe e do trabalho intersetorial para que os resultados sejam alcançados de maneira mais efetiva. Pretendo continuar atuando na área e estimulando outras pessoas a participarem desse processo em busca de uma maior segurança alimentar e nutricional, já que todos, em qualquer área de atuação, em nível individual ou coletivo, podem colaborar para que isso aconteça, desde que haja interesse, dedicação e persistência.

Carina Alcalá Garcia

(bolsista ATP-A e DTI-C)
Articuladora regional da região de Botucatu-SP

O conhecimento da área da Saúde Coletiva, durante a graduação em Nutrição, me despertou bastante interesse. Dentro desta tendência, a segurança alimentar e nutricional, embora pouco aprofundada nas disciplinas, foi alvo de minha admiração e agrado.

Já formada, fiz o Programa de Aprimoramento Profissional em Nutrição Clínica e Nutrição em Saúde Pública da FMB/Unesp, e, a convite do professor orientador desse programa, fui à reunião do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Botucatu, onde conheci a professora Maria Rita. Ao me informar sobre a Rede-SANS e seus princípios, me ofereci para ser voluntária do projeto.

Em março de 2011, no I Seminário de Articuladores Locais, conheci melhor a Rede, os bolsistas, suas atividades e planos. A partir daí, iniciei minhas atividades na organização de artigos, textos e vídeos para a biblioteca virtual do site. Esse trabalho foi muito importante para conhecer ainda mais o tema, os assuntos atuais relacionados e as ações em SAN que já aconteciam em diferentes partes do Brasil e do mundo. Na seleção de trabalhos e vídeos, tive meu primeiro contato com o Interanutri – Professor. Nessa fase, passei a receber uma bolsa ATP-A. Com a saída da articuladora regional de Botucatu do projeto, fui convidada a substituí-la, realizei visitas, conheci projetos e programas dos municípios, assisti e proferi palestras sobre SAN etc.

Com o fortalecimento da rede em Botucatu e Lins e a saída da bolsista de Pardinho, Cláudia Rucco assumiu a articulação regional de Marília e passei a me envolver com outras atividades da coordenação geral em Botucatu. Participei da organização do Encontro da Obesidade, seminários de articuladores

locais, Semana da Alimentação, Seminário Estadual, divulgação e encerramento do Interanutri, entre outras.

Por estar em Botucatu, onde a coordenação geral se concentrava, acredito que fui privilegiada por poder participar de diferentes atividades e conhecer o andamento e funcionamento de diversos municípios e ações em SAN. Acompanhei as gravações dos "Momento SANS", de vídeos e palestras.

Seria impossível resumir neste relatório todas as atividades de que participei e quanto de conhecimento científico, pessoal e social adquiri participando da Rede-SANS. Realmente conheci pessoas de diferentes municípios, inseridas em diferentes contextos e realidades, articuladas em esferas que se compartilham dentro da SAN. Realmente aprendi na teoria e na prática que a SAN deve ser muito mais do que o "saudável e adequado". As portas que foram abertas para minha profissão e para minha vida jamais serão fechadas.

Rafael Reginato Ávila

(bolsista DTI-C)

Articulador regional da região de Botucatu-SP

Sou biólogo, formado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná em julho de 2011. Em agosto, tive oportunidade em começar a pós-graduação no programa de Horticultura na Faculdade de Ciências Agrárias da Unesp, em Botucatu-SP. Realizei algumas disciplinas e, em uma delas, pude conhecer Paula Torres, participante e integrante da Rede-SANS desde o início.

Comecei a participar de alguns encontros da equipe interdisciplinar e dos articuladores locais, mas sem vínculos com a Rede. Em maio, surgiu a possibilidade de substituir Carina Alcalá, articuladora regional de Botucatu, que estava de mudança de cidade, por causa da elaboração de sua pesquisa de projeto de mestrado. Minha primeira atividade foi na organização do V Seminário de Articuladores Locais, em seguida foi no trabalho de divulgação e organização do I Seminário Estadual da Rede-SANS realizado em Águas de Lindoia-SP.

Em novembro, em conversa com a professora Maria Rita, decidimos realizar a avaliação das atividades da Rede-SANS nos municípios, além da articulação do trabalho na área de segurança alimentar e nutricional. Essas visitas foram muito importantes, pois comecei a atuar num campo sobre o qual tinha pouco conhecimento. Hoje pratico a Rede-SANS no dia a dia e tento aproximar e trazer pessoas a essas práticas. Tal trabalho me proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu imaginava.

A Rede-SANS foi capaz de quebrar alguns paradigmas, e creio que é possível ajudar outras pessoas a terem uma nova percepção do mundo, semeando o res-

peito ao próximo e às diversidades culturais, estimulando o desenvolvimento de ações em busca do direito humano à alimentação adequada de forma solidária. É importante que a Rede continue neste trabalho de articular pessoas na luta pelo direito do próximo.

Rodrigo Pinheiro Pizzelli
(bolsista DTI-C)
Articulador regional da região de Piracicaba-SP

Minha trajetória na segurança alimentar e nutricional iniciou na graduação de Nutrição, inclusive em contato com a professora Maria Rita Marques de Oliveira e palestras do dom Mauro Morelli.

Após terminar a graduação, minha atividade profissional foi direcionada ao atendimento clínico, mas, em razão de tentativas malsucedidas no município onde trabalho (Leme-SP) de estimular a formação do Conselho Municipal de Segurança Alimentar, não consegui manter esse foco em minha prática.

No início de 2011, fui convidado para participar da Rede-SANS, onde, desde a primeira atividade, fui estimulado a desenvolver ações; mesmo deparando com diversas resistências dos possíveis parceiros do setor do poder público, o apoio oferecido pela Rede me ajudou a superar muitas dificuldades e repensar as atividades. Os seminários desenvolvidos foram bastante proveitosos pela possibilidade de interação com outros municípios que já desenvolvem SANS de forma muito consistente. Nos seminários pudemos refletir sobre como identificar e acessar parceiros, detectar necessidades do município, fazer planejamento de atividades, aprimorar a comunicação social (que é extremamente importante), debater e expor dificuldades, ter contato com conhecimentos técnicos e críticos sobre a realidade, entre outros.

Minhas atividades pela Rede-SANS no município de Leme incluíram diversas reuniões com a sociedade civil (representantes de bairros) e poder público (profissionais ligados à assistência social), participação como convidado em diversos conselhos, como os do afrodescendente, da saúde, do deficiente físico e da assistência social. Desenvolver o Interanutri – Agente foi um desafio, por conta de a estrutura das unidades de saúde não serem informatizadas. Além disso, englobava conhecer atividades de diversas secretarias que permeiam a segurança alimentar (meio ambiente, agricultura, assistência social), ajudar na organização e palestrar na Conferência Municipal de SAN, auxiliar também na organização da conferência regional e participar da estadual de SAN.

Após ser indicado para auxiliar na articulação regional, pude ter contato com mais frequência com outros municípios e observei que minha dificuldade em

mobilização social, tanto do poder público quanto da sociedade civil, é o maior desafio dos outros municípios também, diante desse assunto relativamente novo e desconhecido para grande parte das pessoas. Desenvolvemos o Encontro Regional da Rede-SANS de Piracicaba, no qual pudemos auxiliar a entrada de outros municípios da região, como Itu, e fortalecer a inclusão de Porto Feliz no projeto.

Diversas vezes deparei com a angústia das atividades que acreditamos essenciais serem tratadas com lentidão e não priorizadas pelo município. Nos encontros e em todo o contato que tive com a Rede-SANS houve a oportunidade de pensar e repensar minhas atividades no município a fim de construir um caminho, que é incerto, e o apoio de uma rede é importante para facilitar esse processo.

Relatos dos articuladores locais (ALs)

Os articuladores locais entraram na Rede-SANS por diferentes meios, sendo os mais relevantes:

- docentes e discentes com algum tipo de vínculo acadêmico com a coordenadora geral da Rede;
- integrantes de ONGs vinculadas ao tema, entre outros, ativistas de movimentos sociais de diversas áreas, tais como de educação, mobilização social em saúde, segurança alimentar e nutricional, e comunidades religiosas;
- funcionários do poder público municipal, representantes do setor prestador de serviços públicos, de diferentes setores: saúde, assistência social, educação, entre outros.

Dificuldades vivenciadas pelos ALs

- Os articuladores apresentaram como uma das dificuldades para o desenvolvimento de seu trabalho o despreparo e a falta de conhecimento técnico em relação ao tema. Muitos não se sentiam nem preparados nem com condições para responder às expectativas pessoais e do projeto;
- predomínio no município de interesses voltados para o desenvolvimento de monocultura (citricultura, por exemplo), o que dificultou a com-

preensão sobre a importância de SAN pelo poder público e pela iniciativa privada;
- falta de vontade política dos gestores municipais;
- falta de estímulo e apoio de alguns gestores municipais principalmente, quando o AL estava submetido a sua hierarquia;
- a saída do AR dificultou o desenvolvimento das atividades locais, mas por outro lado sua ausência estimulou os ALs a assumirem novos desafios com maior união e parcerias entre os municípios;
- dificuldade para efetivamente constituir o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea) e mobilizar diversos setores do município;
- pôr em prática as discussões sobre o uso de agrotóxicos e desenvolver ações de distribuição de alimentos para todos os que estão em situação de vulnerabilidade;
- o desenvolvimento do diagnóstico de SAN no município foi para alguns ALs um trabalho lento e cansativo;
- a experiência com o Interanutri revelou que, no setor de educação, os professores têm incentivo e ganham pontos e bônus no final de cada ano pelos cursos realizados, além de conseguirem melhor qualificação no momento da atribuição de aulas. Na área da saúde, além da sobrecarga de trabalho dos profissionais, não há motivação;
- encontrar mecanismos para o enfrentamento de problemas globais com atitudes locais. O desafio de levar em frente a proposta da Rede-SANS tendo em vista o contexto capitalista em que vivemos.

Atividades desenvolvidas pelos ALs

- Constituição ou fortalecimento do Comsea. Além disso, alguns ALs destacaram a promoção da discussão da uma política municipal de SAN;
- integração com outros municípios e de novos participantes na Rede-SANS;
- participação nas diferentes etapas da coleta de dados da pesquisa, tais como seleção de alunos-bolsistas, viabilização de espaço físico e apoio na coleta de dados;
- contatos e articulação com organismos públicos municipais, gestores e membros de entidades representativas vinculadas ao tema de SAN no município;

- participação com colaboração na organização dos seminários da Rede, conferências locais de SAN, entre outros eventos de distintas temáticas organizados por grupos de pessoas envolvidas no movimento de promoção de SAN e educação alimentar e nutricional nos municípios. A promoção de encontros locais foi importante para divulgar a Rede e promover a adesão de novos municípios;
- a participação nos seminários da Rede-SANS foi salientada por vários ALs como forma de melhorar sua capacitação para atuar como articuladores, trocar experiências e sentir-se apoiados pelos pares e por outros membros da Rede. Após os encontros, ao retornarem aos municípios, os articuladores voltavam com mais condições para dar continuidade às ações;
- introdução de hortas rurais e urbanas, domésticas e comunitárias. Pôr em prática a produção local para o PAA e melhora da qualidade da alimentação escolar;
- substituição de copos descartáveis por canecas ecológicas em setores públicos municipais;
- criação de associações de pequenos agricultores, introdução de cursos e apoio técnico para beneficiamento e aproveitamento de produção agropecuária local;
- elaboração da cartilha *Lá em casa, lá na roça, lá na cidade* para capacitação de agricultores no Vale da Ribeira.

Resultados apontados pelos ALs

- Ao proporcionar a aproximação dos diferentes setores e instituições locais vinculados ao tema de SAN, o articulador identificou um conhecimento adquirido no processo de articulação sobre o funcionamento de organismos públicos e ONGs locais que antes não conhecia. A aproximação dos setores locais, em alguns municípios, deu origem à formação dos conselhos municipais de SAN, ou mesmo em seu fortalecimento quando estes estavam inativos;
- as atividades de articulação local despertaram o desejo de lutar pela promoção de SAN no município de origem e a confiança de que a Rede é capaz de influenciar pessoas a terem uma nova visão de mundo, semeando o respeito ao próximo, às diversidades culturais, estimulando o desenvolvimento de ações em busca do Direito Humano à Alimentação Adequada;

- foi um desafio, de crescimento, amadurecimento e satisfação pessoal;
- cumprimento da missão da Rede no município, na avaliação dos ALs;
- aquisição do conhecimento de uma nova forma de trabalho e identificação de resultados alcançados pela Rede-SANS especialmente no que diz respeito à aproximação de pessoas, culturas e ciência. A constituição de redes locais, virtualmente interligadas (polo virtual hospedado na Unesp), foi fundamental para a aproximação da academia às questões de interesse social, tal como a política de SAN;
- o relato de parceiros de ALs salienta a contribuição da Rede na formação de pessoas que irão para o mercado de trabalho com uma visão mais ampla e crítica de SAN e DHAA, como contribuição da aproximação do ensino às demandas sociais;
- na opinião de ALs, a Rede-SANS traz para as pessoas uma visão inovadora e de movimentação de atores na busca do DHAA, sendo a solidariedade e a intersetorialidade as bases estruturantes do projeto. Nesse sentido, para alguns, a Rede fomentou o desejo de mudar a realidade local, de promover a SAN entre as pessoas e a comunidade;
- a Rede trouxe para o município o estímulo ao desenvolvimento de ações em busca do DHAA, além de influenciar pessoas, instituições, setores e órgãos públicos a desenvolver ações em rede e ter visão ampla sobre o tema.

Narrativas dos articuladores locais

Joana Oliveira
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Itapeva-SP

Em 2011, iniciei como bolsista no projeto da Rede-SANS. O grande desafio para nós, articuladores locais, seria a inclusão da segurança alimentar e nutricional na agenda dos municípios, pois isso envolveria uma mobilização local dos diversos setores. Iniciamos no município de Itapeva o levantamento de dados para elaboração do diagnóstico local, conforme modelo apresentado pela Rede. Criamos também o blog da Rede-SANS local: redesansitapeva.blospot.com.

Foi elaborada pela Rede, em parceria com o Instituto Cílios da Terra, a cartilha *Lá em casa, lá na roça, lá na cidade*, para capacitação de oitocentas famílias de agricultores familiares da região. A proposta da Rede-SANS em constituir as

redes locais, e virtualmente interligadas por meio de um polo virtual hospedado na Unesp de Botucatu, foi fundamental para que houvesse uma aproximação da academia às questões de interesse social, como a política de segurança alimentar. A formação de pessoas, pela capacitação EAD Interanutri – Agente e Professor e Articuladores Locais, contribuiu para possibilitar o conhecimento do tema, inclusive para agentes da comunidade. O uso dessas ferramentas de comunicação disponibilizadas na Rede possibilitou ampliar a divulgação a partir do meio virtual, o que tornou a Rede-SANS hoje conhecida e reconhecida nos territórios de atuação dos ALs, como é possível observar em Itapeva.

O apoio da rede local às ações específicas de segurança alimentar e questões ligadas ao desenvolvimento local tornou-se relevante, e fomos convidadas a participar de eventos locais e regionais. Portanto, a Rede-SANS em Itapeva hoje é sinônimo de parceria, integração e promoção de conhecimento. Estamos incentivando o cultivo de hortas caseiras, inclusive hortas verticais, junto aos usuários do SUS, por meio da equipe do NASF, que conta também com uma nutricionista.

A realização do I Seminário Estadual da Rede-SANS, em Águas de Lindoia, e com representação expressiva de diversos segmentos da comunidade, pode ser apontado como um marco histórico da Rede-SANS. A elaboração das cartas-documentos que expressam a luta, a articulação, e a necessidade de avanços nas questões que envolvem o DHAA, com certeza irá direcionar novos rumos, a começar pelo fortalecimento do Consea estadual.

Finalizo este relato destacando a importância de ter sido a mim conferida esta atribuição enquanto bolsista CNPq, de articular a ação em meu município, contribuindo para a implantação da Rede-SANS, e que, por fazermos parte dos territórios da cidadania, tenho certeza de que prosseguiremos com a certeza de trabalho cumprido e novos desafios pela frente.

A Rede-SANS significa um processo contínuo de ações junto à comunidade, gestores e legisladores, e, portanto, jamais pode encerrar ao findar este convênio. Destaco que sem o financiamento, em que o repasse de recursos custeou inclusive o pagamento dos bolsistas, seria impossível o resultado final deste projeto. E parabenizo a todos os envolvidos que são pessoas comprometidas com a causa do direito humano à alimentação adequada, saudável e solidária.

Sob a coordenação geral da nossa queridíssima professora Maria Rita Marques de Oliveira, juntamente com membros da equipe interdisciplinar e com os articuladores regionais, posso afirmar que o Projeto da Rede-SANS é sem dúvida alguma um dos melhores projetos estabelecidos na última década no estado de São Paulo, e os resultados continuarão a ser colhidos nos próximos anos.

Quero agradecer e destacar a atuação de nossa articuladora regional, Patrícia Novais, que incansavelmente esteve conosco e foi nossa motivação para prosseguir, sempre acreditando que seria possível. Enfim, a todos que acreditaram e sonharam juntos, toda minha gratidão.

Carolina Issob Nunes

(bolsista ATP-A)

Articuladora local do município de Itararé-SP

Sou formada, há dez anos, em Nutrição e minha especialização é em Nutrição Materno-infantil. Na faculdade, tive um contato muito pequeno com o tema segurança alimentar; foi somente no trabalho que conheci a realidade de minha comunidade e me interessei profundamente pelas questões sociais, sendo hoje uma apaixonada pela causa. No ano de 2005, fui convidada para participar de uma reunião do Consea regional – Força do Interior, sobre a implantação do Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Cresans) no estado de São Paulo. Na época, os municípios estavam pleiteando a Cozinha Experimental e entrei na disputa, pois atuava na Fundação Orsa, organização não governamental, no município de Itapeva, realizando ações de promoção da alimentação saudável. Tivemos apoio das prefeituras da região para estabelecer o Cresans na unidade da Fundação Orsa e a partir disso várias ações foram realizadas junto com a comunidade.

Iniciamos o trabalho do Cresans com oficinas de culinária para beneficiários do Programa Bolsa Família (federal), Programa Viva Leite (estadual) e Projeto Verdura e Cia. (municipal). Foram realizados vários outros trabalhos, como capacitações em boas práticas na manipulação dos alimentos para merendeiras e adolescentes de projetos sociais.

Com o passar dos anos, sentimos a necessidade de ampliação das ações do Cresans na região, pois, mesmo pertencendo à região do Sudoeste Paulista, as ações ficavam restritas ao município de Itapeva. Em 2008, foi escrito um projeto ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), por meio de um edital, o Projeto Capacitando para Crescer: Formação de Multiplicadores em SANS, em parceria com o Consea-SP.

O projeto foi aprovado, mas somente em 2010 foi possível executá-lo. Foram implantadas mais três cozinhas experimentais na região – Apiaí, Capão Bonito e Itararé –, totalizando quatro cozinhas comunitárias no Sudoeste Paulista, com a de Itapeva. Para possibilitar as ações, foi realizada uma capacitação com carga horária de 120 horas para aproximadamente quatrocentos multiplicadores pertencentes aos dezenove municípios da região.

O projeto foi um sucesso, com nove meses de duração. O encerramento se deu no dia 4 de junho de 2011, com a realização de um Fórum de Segurança Alimentar, no qual tivemos a participação de várias representações importantes. Atualmente, as cozinhas estão inativas, o que causa tristeza. Por outro lado, temos várias pessoas da região com boa bagagem de conhecimentos e que, de alguma forma, estão contribuindo para melhores condições de alimentação e nutrição.

Durante a realização do Projeto Capacitando para Crescer, fui apresentada em abril de 2011 à AR da Rede-SANS, Patrícia Novais, que trouxe muita energia positiva e esperança para o fortalecimento da política de segurança alimentar de nossa região, por meio da Rede-SANS. A Rede vem proporcionando uma visão muito mais ampla sobre a questão da segurança alimentar, expandindo os conhecimentos e permitindo a participação de vários atores sociais, o que fortalece o trabalho dos nutricionistas e a troca de experiências.

Confesso que meus conhecimentos sobre agricultura familiar eram muito pequenos, praticamente mínimos. Nunca havia me interessado por horta, por ações na zona rural. Hoje, tenho muito claro que o apoio à agricultura familiar é fundamental para a segurança alimentar de uma comunidade e que isso reflete no crescimento de um município. Nesse sentindo, junto com alunos do curso técnico de Nutrição e Dietética da ETEC, iniciei um projeto na zona rural de Itararé, bairro de Pedra Branca, em parceria com a Cooperativa de Agricultores Familiares de Itararé (Coafai), uma capacitação para cinquenta famílias em Boas Práticas na Manipulação de Alimentos e Beneficiamento de Frutas, Verduras e Legumes. O trabalho será desenvolvido no decorrer de seis meses, voluntariamente.

É muito gratificante ver o entusiasmo e o brilho no olhar de homens e mulheres da zona rural, que mesmo com tantas dificuldades não desistem da terra e acreditam em um futuro melhor. Para os alunos, tem sido uma oportunidade ímpar, pois têm a oportunidade de colocar em prática o que aprendem em sala de aula. Enquanto bolsista da Rede-SANS e professora de um curso técnico de Nutrição, fica a certeza do cumprimento de minhas responsabilidades enquanto nutricionista e a certeza da formação adequada de pessoas que em breve estarão no mercado de trabalho e que também precisam ter uma visão mais ampla e crítica sobre as questões de segurança alimentar e do Direito Humano à Alimentação Saudável.

Posso afirmar que o contato com as pessoas da Rede-SANS, em especial, Patrícia Novais, Maria Rita de Oliveira e dom Mauro Morelli, bem como minha participação nos encontros de ALs, me tornaram uma profissional melhor e até mesmo uma pessoa mais humana.

Fabiola Fadel Annoni Kawai
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Capão Bonito-SP

Sou enfermeira, coordenadora da Vigilância Epidemiológica de Capão Bonito, São Paulo, e fui indicada pelo secretário municipal da Saúde, Fabrício Olivati, para a função de articuladora municipal da Rede-SANS. Meu primeiro contato foi com a articuladora regional da Rede-SANS, Patrícia Novais, em fevereiro de 2011, por meio de uma reunião no município de Capão Bonito-SP, na qual tomei conhecimento das atividades realizadas no município em relação à segurança alimentar. Aproveitamos o dia e fizemos visita ao Ambulatório de Especialidades e nos encontramos com a nutricionista Maria Lúcia, nutricionista da Prefeitura e coordenadora do Projeto da Fundação Orsa em Capão Bonito (Projeto Capacitando para Crescer), que expôs seu trabalho.

Em março de 2011, participei em Itapeva, São Paulo, de uma reunião do Projeto Capacitando para Crescer com o objetivo de formar multiplicadores em segurança alimentar em quatro municípios/polos na região, como Capão Bonito, Apiaí, Itapeva e Itararé, com apoio do Ministério do Desenvolvimento Social, Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social e do Consea-SP. Nessa reunião, a articuladora regional da Rede-SANS, Patrícia Novais, explicou para todos os participantes que a Rede surgiu da parceria de pesquisadores da Unesp com dom Mauro Morelli (fundador do Instituto Harpia Harpya), falou sobre o plano de ação inicial e destacou que o foco maior é que a Rede-SANS aconteça. Mostrou que o objetivo do projeto era promover uma rede de articulação de pessoas que tenham o objetivo de alimentação segura e saudável. Além disso, expôs os recursos disponíveis, como o Laboratório de Educomunicação.

No I Seminário da Rede-SANS, em Botucatu-SP, percebi a grandiosidade e a responsabilidade que eu teria dali em diante e fiquei desesperada, pois não tinha conhecimento técnico-científico para ser articuladora municipal. Durante os dois dias, conheci os representantes dos 27 municípios do estado de São Paulo que faziam parte da Rede-SANS e seus articuladores regionais; tivemos palestras e dinâmicas interessantíssimas sobre rede, conectividade, tipo de rede e de ações, gestão, desafios; missão da Rede-SANS, direitos humanos da alimentação, a missão do articulador local e como formar sua rede no município. O seminário foi totalmente estimulante e, mesmo com receio, voltei disposta a trabalhar para encontrar e sensibilizar atores locais no município de Capão Bonito.

Procurei o secretário municipal da Saúde, Fabrício, e mostrei o roteiro para execução do diagnóstico municipal. A partir disto fui a todas as secretarias

municipais divulgando a Rede-SANS e buscando parcerias a fim de montar o diagnóstico e conhecer as iniciativas e atividades desenvolvidas relacionadas à alimentação saudável, solidária e sustentável em Capão Bonito, sensibilizando e buscando parceiros para a rede local. Foi um trabalho lento e cansativo, que levou meses para ficar pronto. Durante esse período, continuava mantendo contato com a Rede através de e-mails com a articuladora regional e coordenadora geral da Rede-SANS, professora Maria Rita, além de outros colegas articuladores locais. Produzi relatórios mensais de todas as atividades que desenvolvia no município de Capão Bonito.

No II Seminário da Rede-SANS em Botucatu, participou também a nutricionista do PSF de Capão Bonito, Luciene Venturelli. Lá tomamos conhecimento do Interanutri (curso de educação a distância via internet em plataforma Moodle), como ferramenta da Rede para promover a formação de pessoas e atender demandas regionais, facilitando o acesso ao conhecimento e à informação e reduzindo as distâncias; além disso, pensamos em futuras ações com planejamento estratégico. Ainda nesse seminário, estiveram presentes para o lançamento oficial da Rede-SANS em Botucatu, a nutricionista da merenda escolar da Educação, Maria Lúcia, a enfermeira Letícia, do PSF do Bairro Turvo dos Almeidas e a nutricionista Luciene Venturelli.

Em retorno ao município e com representantes das secretarias da Educação e da Assistência Social como parceiras da rede local, começamos as reuniões para o preparo da visita de dom Mauro Morelli à região, como o agendamento com prefeito, vereadores, lideranças políticas e religiosas, secretários municipais, líderes de comunidades e associações de bairros de zona urbana e rural, pequenos produtores rurais, imprensa, visitas a hortas orgânicas e a creche do Padre Henrique, transporte, alimentação etc.

A visita de dom Mauro Morelli e da professora Maria Rita (Unesp) aconteceu em junho de 2011. Eles foram recebidos pelo prefeito Júlio Fernando, o vice Marco Citadini, vários vereadores e líderes religiosos, os secretários municipais de Saúde, Educação e de Assistência Social. Durante o evento, foi destacada a importância desse projeto para o município e a promessa do prefeito de que não mediria esforços para sua execução. Houve um encontro com os pequenos produtores rurais e visitação a uma horta orgânica e à creche de assistência social Padre Henrique.

Extremamente comprometida com a Rede-SANS, comecei uma luta no município para a realização da I Conferência Municipal de Segurança Alimentar. Foram reuniões intermináveis com funcionários das UBS-PSF, agentes comunitários de saúde rural e urbana, professores, líderes de bairros, produtores rurais e população em geral. A conferência aconteceu no dia 6 de julho de 2011.

Tivemos uma nutricionista convidada da Rede-SANS, a nutricionista da Secretaria Municipal da Educação local, Maria Lúcia, um médico nutrólogo que trabalha com alimentação viva na rede SUS municipal, dr. Alberto Albanez, e Paula Torres, da equipe interdisciplinar da Rede-SANS em Botucatu. As propostas foram entregues ao secretário da Saúde, Fabrício, mas a única cumprida foi a contratação de uma nutricionista para a merenda escolar. As outras até agora não saíram do papel, apesar de várias reuniões e tentativas. A meu ver, não houve vontade política.

Em 17 e 18 de agosto de 2011, participei de mais um seminário da Rede-SANS em Botucatu-SP, no qual cada município apresentou sua rede local. Em seguida, a professora Maria Rita fez uma retrospectiva das ações e atribuições da Rede e orientou sobre o treinamento de tutores para o Interanutri – Professor. Ao retornar de Botucatu, fiz uma reunião na Secretaria Municipal da Educação com a presença do secretário Dimas e todos os professores diretores do ensino médio para falar sobre o Interanutri e despertar o interesse do município em participar. Houve um bom resultado e oito professores foram para Botucatu fazer o treinamento para tutores do Interanutri – Professor.

Essa foi a primeira ação intersetorial entre as secretarias de Saúde e Educação. Foi muito difícil trabalhar com os professores, pois o curso chegou ao segundo semestre e o ano letivo de 2011 já estava planejado; o Interanutri teve que ser encaixado no plano. Mesmo assim, conseguimos ter sete salas e foi um sucesso. As dificuldades surgidas não vieram dos alunos, mas de diretores que tinham problemas pessoais e políticos nas secretarias e com os secretários, sendo necessárias reuniões semanais para tentar resolver as intercorrências. Durante o curso, recebemos a visita mensal da articuladora regional Patrícia, que, junto comigo, visitou, entrevistou e filmou os professores alunos do Interanutri de todas as escolas municipais que participavam do projeto.

Participei também de reuniões regionais em Itapeva e Itararé junto com as articuladoras municipais e regional, mesmo não gostando, porque eram sempre às sextas-feiras à tarde. Com a experiência e o resultado positivo do Interanutri – Professor, uma vez que os projetos desenvolvidos foram implantados nas escolas efetivamente, os tutores do município foram para o seminário de novembro de 2011 em Botucatu apresentá-los e dividir as experiências bem-sucedidas com todos os municípios da Rede-SANS.

Em dezembro, tivemos o encerramento do curso Interanutri – Professor com apresentação dos projetos e a presença da professora Maria Rita, do secretário municipal da Saúde, Fabrício Olivati, e do secretário municipal da Educação, José Dimas Cordeiro de Miranda. Duas tutoras de Capão Bonito levaram as

experiências para Araraquara-SP, participando de um encontro estadual por meio de convite da Rede-SANS.

Depois do sucesso dos projetos do Interanutri nas escolas municipais, pensamos em fazer o Interanutri – Agente em outras áreas, como a saúde, assistência social e ONGs, e, para que isto acontecesse, eu e Fabrício fomos para Itapeva fazer o curso de tutores. Com muito esforço, conseguimos montar duas salas e os alunos vieram das UBS, de PSF, Casa da Gestante, farmácia, Pró-Jovem, pastoral religiosa, comerciantes etc. A maioria dos alunos teve dificuldade com a forma de ensino a distância, não entendia tarefas, não cumpria prazos e escrevia muito mal. Os profissionais da saúde em sua maioria eram de nível médio e precisaram de assistência contínua durante todo o tempo de Interanutri. Fizemos plantões de dúvidas semanalmente e com horário fixo. Conseguimos terminar o curso, mas muitos desistiram no meio do caminho.

Nossa experiência municipal com o Interanutri foi muito boa, mas ficou evidente que, na área da educação, os professores têm incentivos e ganham pontos e bônus no final de cada ano pelos cursos realizados, além de conseguirem melhor qualificação no momento da atribuição. Na área da saúde, além da sobrecarga de trabalho dos profissionais, não há motivação, só boa vontade.

O Interanutri – Agente encerrou com apresentação dos projetos em 21 de junho de 2012. Houve interesse da Secretaria de Educação e, em 2012, mais duas salas de Interanutri – Professor foram montadas.

Muitas iniciativas e reativação de projetos visando à alimentação saudável, adequada e solidária estão sendo desenvolvidas nos municípios após a entrada da Rede-SANS. Por exemplo:

- no âmbito da Secretaria Municipal de Agropecuária, mais de duzentas famílias estão produzindo para o Programa Aquisição de Alimentos;
- na Secretaria Municipal da Saúde, há o Programa Alimentação Viva, Projeto Viva Leite, distribuição de alimentos do PAA para a Casa da Gestante, grupo de apoio ao câncer, asilo e APAE, inclusão de nutricionista na Casa do Adolescente, horta no Caps mantida pelos pacientes, horta comunitária na UBS-PSF da Vila Cruzeiro, retirada de copos descartáveis de todos os setores da saúde e inclusão da caneca ecológica, horta comunitária no bairro da Vila Isabel mantida pelos moradores de baixa renda;
- na Secretaria Municipal da Educação, houve a volta da merenda escolar feita na própria escola com orientação de cardápio feito pela nutricionista com inclusão do mel (associação local) e iogurte;
- na Fatec introduziu-se o curso de Agroindústria visando ao beneficiamento da produção local (mel, iogurte, sucos etc.);

- criação da associação de pequenos produtores rurais no Bairro Pinhalzinho;
- na indústria e no comércio, fomentou-se o estabelecimento de uma associação de criadores de coelho e de um frigorífico no município;
- Comsea em processo de implantação.

Acho que a parceria da Rede-SANS com o município vem gerando gradualmente resultados positivos em relação à alimentação saudável, adequada e solidária.

Marcelo Mazeta Lucas
(bolsista ATP-A)
Articulador local do município de Mauá-SP

Vejo que fazer SAN é algo que atualmente vem se tornando cada vez mais palatável em nosso cotidiano. Recordo quando comecei a conhecer a temática de maneira ainda ingênua e insegura em meados de 2004, quando integrei a equipe de assessoria do Consea-SP, sob a coordenação e presidência de dom Mauro Morelli. Comecei a perceber que não era algo tão fácil de realizar, no entanto minhas atitudes só teriam sentido se houvesse envolvimento e discussão de diversos atores sociais em seus mais diferentes níveis e esferas de atuação. Este é então o grande desafio da SAN.

As leituras e discussões com pessoas militantes e atuantes na área me ajudaram muito a compreender essa importante, porém difícil, missão de tornar realidade a proposta da SAN. Conhecer o estado de São Paulo em toda sua diversidade cultural, social e econômica me estimulou a continuar militando nessa causa. Nas idas e vindas para a criação das trinta comissões regionais de SANS (CRSANS) e as cinco subcomissões da capital encontrei e conheci pessoas com atuações nas mais diferentes regiões e esferas governamentais do país, que, portanto, foram fundamentais para o processo de início da construção da SAN em São Paulo. Cito aqui dom Mauro Morelli, que lançou a semente que me instigou a conhecer e desenvolver uma ação social solidária, além da "caridade", que até então eu desenvolvia por meio da Igreja Católica, Edmar Guariento Gadelha, Leonardo Felipe Ribas, Flávio Valente, Renato Maluf, João Carlos Alves, dentre outros. Depois, já em 2007, como técnico no Instituto Harpia Harpyia – Agência de Defesa e Promoção do Direito à Alimentação e à Nutrição, também tive oportunidade de aprender e pude colaborar com a criação de uma secretaria de SAN, o embrião do que seria um centro de refe-

rência em SAN, em Indaiatuba, cidade sede do Instituto e região metropolitana de Campinas, além de conhecer as experiências por meio de intercâmbios de trabalho com o Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais e da exitosa experiência e trabalho de combate à desnutrição infantil da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, na diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, com o trabalho social e ecumênico de dom Mauro Morelli, que contou com a colaboração e cooperação técnica mais específica da Unigranrio e de toda a comunidade.

Hoje, atuando desde 2010 na Secretaria de Segurança Alimentar de Mauá, município onde a experiência histórica é vivenciada em meio às dificuldades do dia a dia da população, penso que, quanto mais experiência, maior é a responsabilidade pela multiplicação e exemplaridade do trabalho. Assim, a intersetorialidade, desafio proposto e iniciado pelo governo federal que tende a ser incorporado pelos estados e municípios pela pactuação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), tem sido um dos grandes motes de nosso trabalho construído coletivamente.

Vale destacar que nos próximos meses haverá um grande esforço do governo federal, por meio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e demais interlocutores, para que se possa, junto aos estados e municípios, aprimorar os mecanismos legais de execução do Sisan, e nesse sentido acredito que a experiência da Rede-SANS é de fundamental importância para tal processo em São Paulo, tendo em vista a desconstrução, inoperância e abandono do Consea-SP por parte do governo estadual.

Por isso, o ingresso da cidade no Projeto Rede-SANS em meados de 2010, por meio da Secretaria de Segurança Alimentar, foi substancial para que Mauá pudesse integrar e desenvolver ações pautadas pelo diagnóstico de SAN, instrumento essencial para que as futuras ações viessem a ocorrer pautadas num resultado pertinente à demanda e à realidade de nosso local de atuação.

Em 2011, ocorreram inúmeras reuniões para a realização do diagnóstico, que contou com a participação de várias secretarias afins, representantes da sociedade civil, entidades socioassistenciais, Comsea e CAE. Grupos de trabalho foram formados com a participação de técnicos e interessados nas temáticas dos eixos divididos pelos temas sugeridos pela Rede-SANS.

A partir do segundo semestre de 2011, o lançamento dos cursos Interanutri – Agente e Professor pela Rede-SANS gerou grande demanda, totalizando cerca de 450 participantes nas modalidades. Faz-se necessário ressaltar que a oferta dos cursos contemplou a exigida capacitação de agentes e professores. O curso

foi oferecido em 2012, no primeiro e segundo semestres, atendendo ainda demandas reprimidas dos semestres anteriores com cerca de duzentos participantes em cada período.

As principais metas estabelecidas pelo diagnóstico a serem atingidas foram: avaliação nutricional dos escolares da rede municipal de educação; inclusão do tema SAN e o DHAA no currículo escolar da rede municipal de educação; e a criação de hortas comunitárias, caseiras e escolares com cursos de capacitação para multiplicadores. As metas serão totalmente atingidas até o final de 2012. No entanto, o grande desafio é mantê-las como prioridade para os próximos anos e atender também as demais elencadas pelo diagnóstico, que complementam o cumprimento do planejamento estabelecido e pactuado na rede local.

Um ponto que merece destaque é a aproximação e a criação de parcerias entre a Secretaria de Segurança Alimentar e demais secretarias por meio de ações intersetoriais, o fortalecimento da Câmara Intersetorial e o diálogo acadêmico com a Faculdade de Mauá (Fama). Atividades e programações fixas da secretaria foram potencializadas pela articulação local, como a Semana Josué de Castro, Semana Mundial da Alimentação, Dia do Feirante, Dia da Colheita na Agricultura Urbana, entre outras.

Reuniões do Comsea, CAE e Fórum Municipal de SAN também incluíram naturalmente em suas pautas e agendas as ações da articulação local da Rede, que ao mesmo tempo se tornou parte integrante de cada uma das instâncias. Ações intersetoriais ocorreram em locais pautados pela Câmara Intersetorial por meio de diagnóstico de vulnerabilidade social, e contou com a participação e colaboração da articulação local.

Portanto, é notório que o projeto e a articulação da Rede-SANS local criada ao longo desses dois anos proporcionaram inúmeras mudanças, questionamentos, a efetivação da intersetorialidade e, mais ainda, indicou mudanças de atitude nos mais diversos participantes, garantindo, de certa forma, a profícua permanência do trabalho no município, que convergiu suas ações na área de SAN com a realização de programas e projetos do governo federal, com vistas à erradicação da pobreza extrema e ao reconhecimento da cidadania de cada mauaense. Segundo dados recentes fornecidos pela administração municipal, chegam por dia a Mauá cerca de três famílias, a maioria das regiões Norte e Nordeste do país, em busca de emprego, moradia e melhores condições de vida.

Gislene dos Anjos Tamasia
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Registro-SP

Anteriormente à Rede-SANS, já estudara um pouco sobre segurança alimentar no período da graduação, e era tudo tão distante e teórico que pouco me interessou. Entretanto, logo após a conclusão do curso de Nutrição em 2009, fui chamada para trabalhar no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), em Registro, e iniciei minhas atividades em março de 2010.

Tudo era muito novo para mim. Trabalhar Apoio Matricial, Troca de Saberes, Clínica Ampliada, Projeto Terapêutico Singular, Projeto de Saúde no Território, enfim, trabalhar de maneira intersetorial, multidisciplinar, era fantástico! Exatamente a melhor tradução desse trabalho: fantástico! Apaixonei-me tanto por essa nova visão, por esse novo olhar, que vivia constantemente buscando novos saberes e sempre articulando com outros setores além da saúde.

Após um ano no NASF, ingressei no mestrado da Faculdade de Saúde Pública da USP, estudando Nutrição em Saúde Pública, com o tema "Aleitamento materno e alimentação complementar". A partir daí, não tinha mais jeito, estava encantada pela saúde pública, por políticas públicas, por trabalhar com o coletivo.

Em fevereiro de 2011, recebi um convite para participar de uma reunião referente à segurança alimentar. Fiquei entusiasmada e prontamente aceitei. Lá estavam a Adriana Brandt, pessoas da educação, assistência, saúde, pastoral, enfim, existiam diversos setores ligados ao tema. A Adriana apresentou para os presentes a Rede-SANS, falou a respeito de traçar um diagnóstico no município e questionou as ações que havia em relação ao tema. Fiquei fascinada com o projeto, e passamos uma tarde agradável discutindo segurança alimentar. A partir desse momento, ingressei na Rede; posso dizer que não fui eu quem escolheu, fui escolhida, aliás, fui privilegiada...

Comecei, então, em parceria com os articuladores locais, Isabel e Thiago, a fazer reuniões mensais – que se tornaram ordinárias e aconteciam na primeira quarta-feira de cada mês. Com o início da Rede-SANS em Registro, muitas atividades foram acontecendo, e diversas ações foram organizadas. Tínhamos apoio da Prefeitura e isso facilitava muito o processo.

Em março, a Rede foi apresentada à população com afinidade ao tema; ocorreu a leitura do projeto e o I Seminário em Botucatu, do qual não participei, pois havia ingressado no mestrado e estava com acúmulo de tarefas. Em abril, reunimo-nos mais uma vez com os primeiros integrantes da Rede, passamos o vídeo institucional, falamos sobre o seminário e apresentamos a todos o questio-

nário proposto para o diagnóstico das ações locais. Cada um ficou com algumas tarefas e marcamos nosso próximo encontro.

Em maio, todos trouxemos nossas atividades e, juntos, iniciamos o preenchimento do diagnóstico e discutimos cada item. Ocorreu também a apresentação do projeto para os secretários municipais que demonstraram interesse e disponibilidade para formar parceria. Nesse mês, também participei pela primeira vez do seminário em Botucatu – era o segundo que acontecia. Decidimos montar uma comissão para organizar a I Conferência Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Registro. Estávamos empolgados para que tudo desse certo.

Em junho, finalizamos o diagnóstico, descobrimos diversas atividades que já aconteciam e traçamos metas a alcançar. Em junho também, nos reunimos com representantes do Consea-SP e falamos a respeito da Conferência Municipal e Regional. Em julho, organizamos e realizamos a Conferência Regional de Segurança Alimentar, Nutricional e Sustentável, tendo cerca de setenta pessoas, e a I Conferência Municipal, com 175 participantes. Na primeira foram aprovadas 29 propostas e, na segunda, 41, todas levadas à Conferência Estadual.

Em agosto de 2011, fizemos reunião para avaliar as conferências e formar uma comissão para a criação de Lei Municipal de Criação do Conselho Municipal de SAN. Participei do III Seminário em Botucatu e deu-se início à organização do Interanutri – Agente. Em setembro, houve reunião para apresentação da pesquisa Sisvan em Registro e reuniões com a comissão do Comsea para criação de lei; participei da Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional, em São José dos Campos.

Em outubro, a Rede-SANS de Registro visitou o município de Mauá para conhecer o trabalho local com segurança alimentar e nutricional e planejar ações integradas com os municípios (Mauá, Suzano e Registro). Estivemos também presentes em reunião com o Sebrae para planejamento da Expovale, que acontece anualmente em Registro (trata-se de uma feira de exposições de produtos da região).

Em novembro, fomos para a IV Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, em Salvador, Bahia; reunimo-nos para organizar as ações de SAN na Expovale e participamos do IV Seminário da Rede-SANS (Botucatu). Em dezembro, com a parceria do Sebrae, a Rede-SANS promoveu o seminário de SANS na Expovale; estivemos também durante os quatro dias do evento com um *stand* no evento, onde ocorreu a exibição de documentários, oficinas de aproveitamento integral dos alimentos, exposição de produtos e *folders*, além de conversa com a população que prestigiava o evento referente ao tema SAN.

Chegou 2012 e, em janeiro, iniciou-se uma conversa com os responsáveis pelo Programa Viva Leite para desenvolver ações de SAN com as famílias beneficiárias. Em reunião com a equipe intersetorial (Saúde, Bem-Estar, Conselho, Educação), foi discutido o programa, que é do governo estadual e voltado ao atendimento de crianças de 6 meses a 6 anos e 11 meses, por meio da distribuição gratuita de leite pasteurizado. Acordamos que acontecerão encontros e palestras de SAN e outros temas para todos os participantes do programa assistidos pelo município.

Em fevereiro, fizemos novamente reunião com os articuladores locais de Registro com o propósito de organizar as ações desenvolvidas ao longo do ano de 2011, relembrar e avaliar todas as atividades desenvolvidas. Promovemos também reunião com o diretor da Educação para falar a respeito do Interanutri – Professor. Também através da Rede-SANS, participei da Conferência Municipal de Transparência Pública e Controle Social, que contou com a participação de várias pessoas.

Em março, fizemos a reunião da Rede local e participei do V Seminário, em Botucatu, e em abril aconteceu mais uma reunião mensal ordinária. Em maio, foi realizado o VI Seminário da Rede, em Botucatu, e estive presente. Logo em seguida, montamos uma comissão para organizar o I Seminário Regional de Segurança Alimentar do Vale do Ribeira. Com base no planejamento para 2012, realizei um treinamento de antropometria com os graduandos de Nutrição para auxiliar em pesquisa antropométrica com os pré-escolares e escolares do município.

Em junho de 2012, além de nossa tradicional reunião da Rede, participei de um treinamento de tutores para iniciar o curso Interanutri – Agente no município. Em julho, realizamos o I Seminário Regional de Segurança Alimentar do Vale do Ribeira, que contou com a participação de cerca de cem pessoas, desde a comunidade em geral, agricultores e comunidades tradicionais até o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Rede-SANS, Sebrae, Centro Colaborador da Alimentação Escolar (Cecane), Consórcio de Segurança Alimentar do Ministério do Desenvolvimento Social (Consad/MDS) e a prefeita de Registro, representando o município. O objetivo foi expandir conceitos e novas abordagens sobre SAN na alimentação escolar. Todo o seminário decorreu com foco nas políticas públicas voltadas à alimentação escolar e apresentação de experiências exitosas.

Em agosto, participei do Seminário Estadual da Rede-SANS em Águas de Lindoia e fizemos reunião mensal da Rede. Realizamos também a primeira reunião para organização do Comsea. A lei municipal foi aprovada e agora iremos estruturar a criação do Conselho Municipal de SAN. Em setembro, além da

reunião da Rede-SANS, começamos a organizar o II Seminário Regional de Segurança Alimentar e Nutricional do Vale do Ribeira, que acontecerá em novembro.

Esse é apenas um resumo das diversas ações referentes à SAN que aconteceram em minha vida e no município a partir da Rede-SANS. Como é visível, a Rede fomentou em mim o desejo de mudar a realidade local, de promover segurança alimentar e nutricional entre as pessoas.

Hoje estou finalizando meu mestrado em Nutrição em Saúde Pública, sou tutora do curso Interanutri – Agente, no qual temos oitenta agentes comunitários de saúde fazendo o curso promovido pela Rede-SANS/Unesp de Botucatu. Faço o Interanutri – Nutricionista para aperfeiçoar minhas ações na atenção básica de saúde. Além disso, sou articuladora local da Rede-SANS desde novembro de 2011.

Creio que esse projeto foi capaz de transformar meu jeito de ser, de fazer de mim alguém que luta pelas pessoas, que trabalha o controle social, porque hoje sei que vale a pena e faz muito sentido na minha vida – talvez por isso o execute com tanta paixão. Meu desejo é que a Rede-SANS continue em 2013, 2014, 2015... Enfim, que ela permaneça promovendo mudanças nas pessoas como promoveu em mim. Melhor do que isso é observar que a partir daí meu município está melhor. As crianças têm alimentação escolar de qualidade, compramos alimentos da agricultura familiar, promovo saúde nos grupos comunitários com parceria das equipes de Saúde da Família. Dessa forma, estaremos cada vez mais perto de alcançar o Direito Humano à Alimentação Adequada de forma solidária e isso é imensurável.

Olivia Cristina Caseto Furian Diniz

(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Marília-SP

Sou cirurgiã-dentista, trabalho há 21 anos na Prefeitura Municipal de Marília e, por oito anos, integrei a equipe técnica da Secretaria Municipal da Saúde, na coordenação de saúde bucal. Nesse período, fui convidada a participar da Rede-SANS como articuladora local, em substituição a outras duas pessoas que não puderam assumir o projeto. Por meio do projeto, entrei em contato com a segurança alimentar, passei a adquirir conhecimentos sobre esse assunto e a observar a importância de informar e educar a população quanto à origem e à qualidade do alimento, como também da destinação do lixo orgânico produzido.

Além de minha participação como articuladora local, a Rede-SANS em Marília também conta com a colaboração da bolsista ITI Simoni, aluna do 4º ano de

Nutrição da Universidade de Marília (Unimar). Iniciamos as atividades com a realização do diagnóstico e, para tanto, fizemos o contato com a enfermeira Cristina, responsável pelo Programa Municipal de Saúde da Criança, que respondia pelo recurso FAN no município, a qual sugeriu nossa participação na reunião mensal da Comissão Municipal da Alimentação e Nutrição, que era integrada por diversos setores, entre eles as secretarias municipais da Saúde, da Educação e do Bem-Estar Social, além do Conselho de Alimentação Escolar e do Centro de Atendimento à Obesidade Infantil de Marília (Caoim). Nessa reunião, apresentamos a Rede-SANS, fizemos o convite para fazer parte dela e solicitamos que participassem do diagnóstico.

Para o preenchimento do diagnóstico solicitamos ainda a colaboração de um técnico da Secretaria Municipal da Agricultura e Abastecimento, de nutricionistas do Hospital das Clínicas de Marília e da responsável pelo setor de registros históricos do município. Com a realização do diagnóstico, concluímos que os principais problemas a serem enfrentados eram o descontrole da utilização de agrotóxicos, a necessidade de organização dos agricultores familiares e a criação do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Percebemos ainda a necessidade da implantação de um serviço de Segurança Alimentar e Nutricional junto à Secretaria Municipal da Saúde, iniciado em junho desse ano sob a coordenação da enfermeira Luciane, grande colaboradora da Rede-SANS, tendo esta participado como convidada de vários seminários de articuladores locais em Botucatu. Esse serviço é fruto da ação da Rede-SANS em nosso município, sendo um objetivo alcançado por esse trabalho.

Durante o diagnóstico, fizemos contato com a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento e tivemos conhecimento do planejamento de implantação de três novas hortas comunitárias nas regiões Oeste, Leste e Sul – a horta comunitária da zona Norte já tinha cinco anos de funcionamento e estava bem estruturada, contando ainda com uma padaria comunitária. Atualmente, também estão em atividade as hortas da zona Leste e Oeste. No início de outubro, encerraremos a segunda turma do Interanutri – Agente em SANS e Interanutri – Professor, sendo que a primeira turma foi concluída em dezembro de 2011. Para o desenvolvimento desses cursos tivemos a formação de seis tutores em 2011 e mais cinco em 2012, totalizando doze tutores colaborando para a formação de aproximadamente cem alunos, entre agentes e professores. Muitos projetos interessantes foram iniciados e estão se mantendo ativos.

Após a participação no I Seminário Estadual da Rede-SANS, que contou entre os convidados com o dr. Eduardo, coordenador das três equipes do NASF, e da nutricionista Michelle, integrante de uma dessas equipes, formamos um grupo que está bastante motivado para organizar novas ações em SANS, inicial-

mente composto pelo dr. Eduardo, pelas nutricionistas desses núcleos – Ana Beatriz, Michelle e Priscielly –, pela coordenadora do Caoim, drª Luciana, e das duas nutricionistas que compõem aquela equipe, Mônica e Michella, além da enfermeira Luciane – responsável pelo Serviço de Segurança Alimentar e Nutricional. No primeiro momento organizamos as atividades do Dia Mundial da Alimentação, que acontecerão nos dias 16, 17 e 18 de outubro. Estão sendo elaborados *folders* educativos que serão distribuídos nos três dias de atividades de comemoração a essa data, junto com a cartilha de receitas realizadas com alimentos da cesta básica, elaborada pelo Caoim. A intenção deste grupo é estar fortalecido pelo conhecimento e discussão do diagnóstico feito pela Rede-SANS, para depois convidar outras pessoas dos diversos setores envolvidos em Segurança Alimentar e Nutricional para fazerem parte do grupo, que provavelmente servirá de base para a composição do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, outro objetivo da Rede-SANS para Marília.

Concluo este relato destacando que tem sido extremamente importante a participação da Rede-SANS em nosso município, pois, por meio dela, estamos tendo progressos, como a criação do Serviço de Segurança Alimentar e Nutricional e a possibilidade da criação do conselho. Pessoalmente, o trabalho desenvolvido tem me proporcionado um prazer imenso, pois se trata de um tema com o qual eu tinha pouco contato, mas percebo que, independentemente de ser bolsista, vai fazer parte da minha vida como forma de preservação e de qualidade de vida para mim, minha família, meus colegas de trabalho e para toda uma população que precisa conhecer os caminhos percorridos pelos alimentos até chegar a nossa mesa e como estes devem ser processados e descartados. Destaco ainda o conhecimento adquirido sobre redes, políticas públicas de alimentação e nutrição, agricultura familiar, articulação, educação a distância, intersetorialidade, meio ambiente, conselhos, os diversos setores envolvidos e o direito humano à alimentação. Neste novo momento da Rede-SANS em Marília, com a participação de mais pessoas que passaram a integrá-la de forma ativa, percebo o poder que a Rede tem de influenciar as pessoas a ter um novo olhar e estímulo para gerar e desenvolver ações que proporcionem o real direito à alimentação saudável, adequada e solidária.

Cássia Letícia Fernandes
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Lins-SP

No início de 2011, a secretária de Saúde do meu município, Lins, recebeu um convite da Rede-SANS para integrá-la juntamente com 26 municípios do estado

de São Paulo, e, para tanto, haveria a necessidade de indicação de um articulador. Trabalho, desde o ano de 2005, com educação e mobilização social em saúde, articulando projetos, e, por isso, fui convidada para ser a articuladora local da Rede-SANS em Lins.

Ainda sem entender muito bem qual seria minha função nesse projeto, uma vez que eu nunca havia tido contato com a temática em questão, aceitei o desafio. Assim, a partir de fevereiro de 2011, comecei estudos sobre o assunto e os melhores canais para iniciar o processo de articulação da Rede-SANS em meu município. Desde então, participando dos seminários de articuladores e trocando experiências com os demais membros da Rede, iniciei as atividades de articulação que ao longo do tempo foram ganhando força e visibilidade.

A primeira missão foi articular pessoas, departamentos e instituições para o preenchimento do diagnóstico das ações locais em SAN, sendo este o pontapé inicial da discussão dessa temática em Lins. O preenchimento e a reflexão sobre as questões levantadas no diagnóstico foram de fundamental importância para conhecermos a realidade do município quanto à SAN e, assim, pôde-se perceber que existiam inúmeras iniciativas voltadas a esse tema, porém de maneira isolada, desarticulada. Diante disto, vimos a necessidade de promover o I Encontro Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, que teve como eixo "Nutrir o corpo e alimentar a vida" e objetivou divulgar a Rede-SANS e o diagnóstico das ações locais a diferentes segmentos do poder público e da sociedade civil.

Na mesma época, a Rede-SANS foi convidada para mediar uma mesa de debates e realizar uma oficina no Fórum Internacional de Educação Popular que acontece anualmente em Lins, o que favoreceu muito o fortalecimento e a credibilidade da Rede no município. Com a rede mais articulada e visível foi possível também participar das conferências regional e estadual de segurança alimentar e nutricional e das comemorações regionais referentes ao Dia do Agricultor.

No decorrer da articulação firmamos parceria com o Banco do Brasil no Programa Cidadania Voluntária: Doe Leite, Doe Vida, e representantes do município de Lins participaram do curso de Fotografia e Filmagem da Rede-SANS, na modalidade extensão universitária pela Unesp em Botucatu. Ainda em 2011, tivemos pela primeira vez na cidade evento em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação e iniciamos o projeto de acompanhamento dos produtos do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), contemplando processo de certificação orgânica, qualidade e aproveitamento dos produtos. Em dezembro deste mesmo ano, em posse da Lei Municipal n.1.018, de 11 de outubro de 2007, que institui o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Comsea), de Lins, os membros da Rede-SANS local se reuniram com representantes da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável, à qual o referido conselho

está vinculado, e iniciamos o processo de eleição e indicação dos membros para viabilizar a formação do Comsea.

Em janeiro de 2012, o prefeito municipal, por meio de decreto, nomeou os membros para comporem o Comsea, bem como a composição diretiva do mesmo. A partir de então, a Rede-SANS local e o Comsea passaram a desenvolver conjuntamente as ações de SAN no município de Lins, reunindo-se mensalmente para elaborar propostas de políticas e ações voltadas ao Direito Humano à Alimentação Adequada. Com a junção Rede-SANS local e Comsea e por meio da troca de experiências com os Comseas atuantes de outros municípios, ganhamos forças para articular e efetuar ações em SAN e educação nutricional em Lins.

Neste ano de 2012, formamos tutores para os cursos Interanutri – Agente e Interanutri – Professor e estamos capacitando os professores da rede municipal e os agentes comunitários de saúde. Com isto, a cada semestre, projetos em SAN são executados, enriquecendo o processo de inserção de ações em SAN no município.

A atuação local da Rede-SANS tem sido muito significativa no município, ganhando maior visibilidade. Tal feito foi alcançado em razão da participação da Rede-SANS nas datas pontuais que têm relação com a temática, como nas comemorações ao Dia Mundial da Água – que em 2012 teve como tema Água e Segurança Alimentar –, no Dia Mundial do Meio Ambiente, entre outras, além da intensificação de ações em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação.

O município de Lins, por meio de intercâmbio para troca de experiências em SAN com outros municípios, articulou a inserção do município de Bauru na Rede-SANS. Outro progresso significativo foi o estabelecimento do Comitê Linense de Vigilância Ambiental em Saúde (Colvas), que, dentre outros assuntos, tratará das questões relacionadas à qualidade da água e do solo e suas relações com a qualidade de vida da população.

Posso concluir que, como experiência pessoal e profissional, integrar a comunicação e a educação na promoção da saúde por meio da mobilização de pessoas a fim de que atuem de forma consciente e responsável na defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária, tem sido uma forma de crescimento e amadurecimento e, ao mesmo tempo, um desafio e uma satisfação. Vejo que, até o presente momento, a Rede-SANS tem cumprido sua missão no município de Lins, que é "articular e envolver pessoas e instituições de diferentes contextos numa ação integrada de defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária".

Juliana Santiago Santos
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Presidente Prudente-SP

Minha primeira experiência relacionada à segurança alimentar e nutricional foi durante o curso de graduação em Nutrição. O contato com o tema foi um pouco superficial durante os estágios, aulas, projetos e cursos, e, na época, não quis aprofundar meus conhecimentos nessa área. Durante a faculdade, meu maior interesse sempre foi na área de Nutrição Clínica Hospitalar. Depois de formada, comecei uma pós-graduação em Nutrição Clínica, e minha primeira experiência profissional foi em um hospital privado de médio porte, depois em um hospital público de grande porte. Após dois anos trabalhando na área hospitalar, estava descontente com o trabalho, com as rotinas e a sobrecarga, que impediam que eu exercesse e colocasse em prática a maior parte de meus conhecimentos em Nutrição. Queria me dedicar a algo que me completasse, com menos rotinas e mais prática, como na educação em saúde.

Surgiu a oportunidade de trabalhar no Núcleo de Apoio à Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde de Presidente Prudente. No começo foi um desafio, pois eu não sabia ao certo meu papel como profissional do NASF e tive que conquistar meu espaço nas equipes de Saúde da Família, mas estava entusiasmada e contente com o trabalho. A partir desse momento, comecei a buscar maiores informações na área de SAN, pois passei a conhecer melhor os programas, projetos e leis que envolvem alimentação e nutrição.

Um mês após a entrada no NASF do município, estava na Secretaria Municipal de Saúde quando conheci a articuladora regional da Rede-SANS, Rita de Cássia Bertolo, que me procurou para mostrar a Rede. Ela já havia apresentado o ofício ao secretário municipal de Saúde e aguardava a indicação de um profissional para assumir a articulação local da Rede-SANS. A nutricionista que já trabalhava na secretaria me indicou para essa atividade. Ao mesmo tempo em que tive interesse e fiquei lisonjeada com o convite, me senti também insegura, pois tinha acabado de entrar no NASF e estava conhecendo e me adaptando ao trabalho; eram tantas coisas novas e tinha medo de não conseguir me dedicar o necessário. Rita explicou melhor o projeto e me passou a segurança de que eu conseguiria me dedicar e que a Rede-SANS ajudaria muito meu trabalho na área da Saúde Pública. Conversamos com a coordenadora da Estratégia de Saúde da Família e do NASF, que apoiou e autorizou minha entrada na Rede-SANS.

A entrada na Rede-SANS proporcionou contato ainda maior com o tema de segurança alimentar. No início, me dediquei aos estudos e leitura do material fornecido pela Rede-SANS, como a Estratégia e Plano Regional sobre Nutrição

da Organização Pan-Americana de Saúde, as legislações, os programas e outros materiais. Quanto mais estudava, percebia o quanto meu conhecimento era pequeno e superficial em relação à SAN, surgindo muitas dúvidas e questionamentos que me impulsionaram a me aprofundar cada vez mais no assunto.

Nos seminários dos articuladores locais em Botucatu, tive contato com pessoas de todo o estado de São Paulo. A participação foi gratificante, conheci pessoas novas e com interesses em comum, houve troca de experiências sobre as ações de cada município e fui percebendo que cada pessoa e local têm suas necessidades particulares, realidades e dificuldades. Mas, perante tantos avanços e ações de outros municípios, sentia que o meu estava atrasado em relação aos demais, o que me deixava angustiada e insegura.

No início da Rede-SANS tivemos a tarefa de realizar o diagnóstico do município. Foram vários eixos com perguntas e informações que deveriam ser coletadas e relatadas. Em um município menor, a tarefa parecia simples, porém em um de 200 mil habitantes como Presidente Prudente, a tarefa foi complexa e cansativa, mas de extrema importância para os avanços da Rede-SANS municipal. Conheci vários setores do poder público e os diversos profissionais envolvidos, pude entender melhor as responsabilidades, ações e programas realizados no município e percebi que, em relação à SAN, não estávamos atrasados como eu imaginava. Havia muitos desafios, entretanto me surpreendi com alguns lugares que visitei. Optei por visitar cada setor envolvido no diagnóstico, pois era complicado reunir todos em um local, por causa do grande número de pessoas envolvidas.

Realizamos no município a primeira reunião mensal da Rede-SANS. As articuladoras regionais Rita e Lara e as bolsistas também participaram. No município tivemos pouca adesão, porém foi uma reunião muito produtiva. Comecei a participar das reuniões do Comsea para melhor articular a Rede-SANS local. No início, fiquei frustrada com as reuniões, pois havia pouca participação e muitas discussões. Percebi que algumas das pessoas presentes não tinham comprometimento com a segurança alimentar e estavam ali somente para criticar e criar discussões desnecessárias, e, mesmo sem vontade, tive a persistência de continuar participando das reuniões. Sempre falava bastante da Rede-SANS e relatava o que eu aprendia com a Rede, as parcerias, o diagnóstico municipal, os seminários dos articuladores locais, as experiências exitosas de outros municípios da Rede. No ano de 2012, houve nova posse dos membros do conselho e tornei-me membro titular do Comsea de Presidente Prudente, representando o setor da saúde. Atualmente, as reuniões se tornaram um meio de articulação e troca de experiências com membros mais participativos e comprometidos.

Na pesquisa do Sisvan envolvemos a Universidade do Oeste Paulista. Realizei, junto com a articuladora regional, Lara Medeiros, a seleção dos bolsistas para a pesquisa. Participei da capacitação para os bolsistas, ministrada pela nutricionista Flávia Negri. Participei da comissão de organização das conferências municipal e regional de SAN, articulando com os setores, instituições e Comsea. Com apoio da Rede-SANS, tive o privilégio de receber dom Mauro Morelli, um dos principais palestrantes das conferências. Estas, além de resultarem em um plano de ação municipal e regional, também tiveram ótima repercussão nos meios de comunicação, o que sensibilizou a população e o poder público quanto à importância da SAN. Após a realização das conferências, a bolsista que auxiliava nas atividades da Rede-SANS do município de Presidente Prudente optou por deixar o projeto, o que sobrecarregou meu trabalho de articulação. Por essa razão, foi selecionada nova bolsista da Universidade do Oeste Paulista.

Transcorrida a correção do diagnóstico das ações municipais em SANS, tivemos que fazer algumas alterações e realizar novas visitas aos setores para finalizar o diagnóstico, que foi concluído com sucesso. Outra atividade que vale a pena relatar foi o curso Interanutri – Agente com três equipes da Estratégia de Saúde da Família. Participar como tutora me trouxe uma experiência muito gratificante, tive uma posição privilegiada de ensinar, mas também aprender muito com os participantes do curso.

Realizamos no ano de 2012 o I Encontro da Rede-SANS no município de Presidente Prudente. Tivemos o privilégio de receber como palestrante a articuladora geral da Rede-SANS, Maria Rita, as articuladoras regionais Rita e Lara, a articuladora local do município de Piracicaba e a nutricionista de Porto Feliz, que trouxeram grande contribuição para o evento, de ótima repercussão e grande participação da sociedade civil e poder público. A participação no Seminário Estadual da Rede-SANS também foi muito importante, em que pude convidar pessoas da Rede-SANS municipal para o evento e serem multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos.

Foram realizadas várias ações pela Secretaria Municipal de Saúde, em parceria com a Rede-SANS, para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária, como a Semana Municipal da Alimentação, Semana Municipal do Aleitamento Materno e Oficinas da Estratégia Nacional para a Alimentação Complementar Saudável (Enpacs).

No momento, realizo como aluna o curso Interanutri – Nutricionista, de grande relevância para meu crescimento profissional. Estou tendo a oportunidade de conhecer os profissionais nutricionistas envolvidos com a coordenação e realização do curso, assim como os alunos de todo o estado e região, os

relatos das ações de experiências exitosas, as realidades e dificuldades de cada um. O curso, além de aprimorar meus conhecimentos na área de educação nutricional, também me fez refletir sobre atitudes que devem ser repensadas na atenção básica.

Além de conhecer mais sobre segurança alimentar e nutricional, também tive o privilégio de aprender sobre redes, articulação, intersetorialidade, educação, agricultura familiar, PNAE, PNAN, Sisvan, meio ambiente e sustentabilidade, educação a distância, políticas, conselhos, conferências e projetos de pesquisa e o respeito aos alimentos regionais e às diversidades culturais.

Considero que a Rede-SANS trouxe para o município o estímulo ao desenvolvimento de ações em busca do Direito Humano à Alimentação Adequada de forma sustentável e solidária, além de influenciar pessoas, instituições, setores e órgãos públicos a desenvolverem ações em rede e terem uma visão ampla sobre o tema segurança alimentar e nutricional.

Gislaine Maria da Mota
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Pirapozinho-SP

Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi por meio da Rede-SANS, quando minha coordenadora do município de Pirapozinho me convocou para me falar sobre o projeto. Confesso que na hora hesitei, pois, recém-formada e recém-contratada, ainda não dominava nem mesmo meu serviço, mas me dispus a conhecer mais. Então, tive o primeiro contato com as articuladoras regionais Rita de Cássia Bertolo e Lara Medeiros Soares, que vieram até Pirapozinho apresentar o projeto e como seria minha participação. Passei a me interessar, comecei a ler a estratégia e plano de ação regional sobre nutrição, produção e disponibilidade de alimentos, além dos documentos fornecidos pela Rede.

Cada caminho percorrido era uma vitória, desde a primeira viagem a Botucatu, que parecia uma aventura, com pessoas diferentes de minha região. Passamos a nos conhecer e realizar trocas de experiências e vi que cada lugar tinha e tem suas dificuldades e necessidades particulares. Com isto, a Rede e meu interesse foram aumentando. Nunca esqueço o primeiro seminário da Rede, onde tive que me apresentar e falar sobre meu município. Era tímida e, com as atividades do projeto, fui vencendo esta timidez.

Então começaram as tarefas mais específicas, como o diagnóstico do município. Cada setor tem sua dificuldade, mas não desisti até terminar o diagnóstico

e conhecer as particularidades enfrentadas por cada um. Por meio do projeto, em parceria com o fundo social, que muito me apoiou nesse trabalho, conseguimos articular a I Conferência Municipal de Segurança Alimentar, onde apresentei o diagnóstico que levantei da situação atual do município, expondo cada eixo.

Outro ganho foi a visita de dom Mauro Morelli, por meio da qual consegui maior número de parceiros para a Rede. Parece que as portas se abriram com essa visita tão importante a nosso município, inclusive havendo a posse de todos os membros do Comsea, que deixou de existir somente no papel e passou a ser reconhecido no município. Faço parte desse conselho no papel de primeira secretária, e conseguimos fazer a Semana da Alimentação em 2011.

Junto com minha articuladora Rita, montei o treinamento do Sisvan com todos os funcionários de PSF e UBS deste município. A participação foi boa, porém ainda brigo por uma melhor alimentação deste sistema, para se ter maior leque de propostas em SANS. Foi realizada calibração do material para aferir adequadamente medidas antropométricas, levando melhorias e realizando mudanças para esse procedimento.

Obtive crescimento pessoal com o curso de Fotografia e Filmagem e o Interanutri – Articulador Local. Junto à Educação, no segundo semestre de 2011, foi realizado um trabalho com os professores pelo Interanutri – Professor, sendo desenvolvidos vários projetos com crianças, desde o cultivo de hortas e trabalhos extraclasse. Essa ação deu certo porque a nutricionista Ana Paula Ceravollo foi parceira, atuando como tutora.

Foi disponibilizado a todos os agentes de saúde o curso a distância Interanutri – Agente no primeiro semestre de 2012, que possibilitou maior número de multiplicadores da Rede, projetos com hábitos saudáveis, inclusive o de como montar uma horta tradicional e uma horta suspensa. Foi satisfatório o resultado, pois esse projeto, além de mostrar os benefícios de uma alimentação saudável sem uso de agrotóxicos, aproximou mais a comunidade, fazendo aumentar a procura por palestras a fim de entender o real objetivo da Rede-SANS local. Participei também dos diversos seminários dinâmicos e com atividades educativas, conhecendo um pouco mais dos outros municípios da Rede no estado de São Paulo.

Para mim, a Rede-SANS é capaz de influenciar as pessoas a terem uma nova visão de mundo, semeando o respeito ao próximo e às diversidades culturais, estimulando o desenvolvimento de ações em busca do Direito Humano à Alimentação Adequada de forma solidária, não desrespeitando a vida, mas, ao contrário, promovendo o viver com dignidade.

Andrea Paes Marega
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de São José do Rio Preto-SP

A garantia da qualidade biológica, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis, foi um dos motivos que me levaram a optar pelo curso de Nutrição no ano de 1999, porque era tudo que eu almejava: a promoção da saúde por meio de uma alimentação de qualidade. No entanto, entendo que naquela época não compreendia a magnitude da segurança alimentar nutricional e muito menos a sustentabilidade.

Meu primeiro contato com o tema foi em 2007, quando me tornei membro do Conselho Municipal de Segurança Alimentar do município de São José do Rio Preto (Comsea-SJRP), embora de forma muito incipiente, não resultando num embasamento consistente que me despertasse o desejo da luta pela causa. Confesso que participava das reuniões desmotivada, tentando entender o porquê de minha participação em um conselho tão enfraquecido, na quais muitas vezes ficava pensando em meus afazeres, tendo em vista que, nessa época, éramos apenas duas nutricionistas para atender a atenção básica e a especializada do município.

O aprofundamento do tema segurança alimentar nutricional sustentável iniciou de fato quando passei a fazer parte da Rede-SANS, na qual tive a oportunidade de ingressar em março de 2011, ao ser convidada pela bolsista Lilian Fernanda Galesi, em reunião realizada na Secretaria Municipal de Saúde.

Desde então, comecei a estudar e me aprofundar mais nos eixos relacionados ao assunto. Tornei-me assídua no Comsea local, que organizava pautas, delegava atividades, encaminhava sugestões de ações ao presidente, enfim, uma pessoa mais engajada na busca de sensibilizar muitos que já desenvolviam ações pertinentes ao tema e outros que passaram a compreender sua relevância.

Creio que a realização da II Conferência Municipal de Segurança Alimentar, em junho de 2011, foi uma das atividades mais exitosas e que pôde refletir meu esforço e desejo em discutir com a sociedade civil a situação e as necessidades do município em relação à alimentação, nutrição e sustentabilidade. Realmente, a organização do evento na íntegra, considerando até o regimento, que tive a oportunidade de elaborar, foi uma experiência muito significativa para mim.

Conhecer pessoas extremamente atuantes em prol da SANS, como a professora Maria Rita e dom Mauro Morelli, foi realmente maravilhoso. A propósito, me senti muito lisonjeada pela vinda de dom Mauro Morelli a São José do Rio

Preto em dois momentos: na Conferência Municipal e posteriormente numa reunião com cerca de trinta pessoas, onde pude estar mais próxima de tal sumidade e discutir ações pertinentes ao município.

A intersetorialidade tornou-se mais valiosa, em minha concepção, o que justifica meu esforço na busca de fortalecer o conselho com representantes de órgãos e instituições diversas, cada um com seu papel, bem como na expansão da rede de contatos, fundamental para a construção da Rede-SANS do município.

De março de 2011 até então, venho aprendendo muito. Redes, agricultura familiar, articulação, educação a distância, políticas, conselhos, são alguns dos itens aprendidos, tanto por meio dos seminários organizados pelos coordenadores do projeto Rede-SANS, que são uma janela de oportunidades para aprendizagem; como pelo Interanutri, já que os fóruns são instrumentos valiosos e ferramentas importantes para troca de experiências com vários municípios, além das atividades em campo, ao articular com pessoas que desenvolvem atividades afins, pertinentes ao tema segurança alimentar.

Apesar das dificuldades, permaneço atuante no Comsea-SJRP. Embora eu priorize as ações referentes ao eixo saúde e educação por trabalhar na saúde pública da atenção básica, não deixo de me envolver em outras questões pertinentes aos demais eixos, considerando a amplitude da segurança alimentar nutricional e sustentável. Exemplo disso é a participação em sucessivas reuniões envolvendo representantes de cooperativas e da alimentação escolar, a fim de discutir sobre o PAA. Recentemente, verificou-se que houve avanço nas discussões e acordos entre os envolvidos no PAA, embora muito incipiente, referente ao fornecimento de alguns hortifrútis para a alimentação escolar.

Atualmente, estamos preparando o segundo evento em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação, a ser realizado no mês de outubro do presente ano em continuidade ao I Encontro, ocorrido no ano de 2011. Terá o intuito de mobilizar munícipes e ganhar adeptos à alimentação saudável de qualidade, ampliando assim nossa Rede, com novos parceiros, fundamental para o sucesso do trabalho.

Valdete Regina Guandalini

(bolsista ATP-A)

Articuladora local do município de Matão-SP

No momento de minha formação como nutricionista em 1997, nem se mencionava ou existia uma abordagem sobre segurança alimentar e nutricional. No início de minha carreira como nutricionista ingressei no serviço público na área

de merenda escolar e, até 2004, não se discutia o tema segurança alimentar e nutricional, agricultura familiar, entre outros temas correlatos.

Meu primeiro contato com a segurança alimentar ocorreu durante uma disciplina na pós-graduação, nível de doutorado, ministrada por minha orientadora, professora Maria Rita, chamada Tópicos de Segurança Alimentar e Nutrição. Fui então apresentada a esse assunto, conceitos, legislações, ações governamentais e privadas e as possíveis possibilidades de crescimento e expansão do tema, dada sua importância nos dias atuais. Pensar em nutrição sem pensar em segurança alimentar e nutricional já começou a não fazer mais sentido. Após esse contato inicial, passou algum tempo e conheci o projeto coordenado por minha orientadora, com o objetivo de oficializar e ampliar a Rede-SANS no estado de São Paulo.

Como faço parte do serviço público municipal na cidade de Matão-SP, na Secretaria de Saúde e já desenvolvia a pesquisa do meu doutorado nesse serviço, esse município foi incluído na Rede-SANS, para que fizesse parte e pudesse despertar o interesse do setor público e da comunidade com relação às ações, políticas e programas relacionados à SAN.

Houve algumas ações pontuais, campanhas, com participação do município, mas não suficientes para despertar essas ações e formar o Comsea municipal, embora já houvesse uma legislação e uma formação há alguns anos atrás, mas sem atuação. Matão é um município em que prevalece a monocultura, com predomínio da citricultura, o que dificultou a compreensão sobre a importância da SAN, pelo poder público e pela iniciativa privada. Embora seja um município com um IDHM alto e uma renda *per capita* satisfatória, a SAN ainda precisa encontrar e conquistar seu espaço.

Entretanto, a experiência de participar e conhecer esse assunto me enriqueceu e despertou o desejo de lutar por esta causa no município, pois seus gestores são pessoas abertas e dispostas a discutir o assunto.

Minha função na pesquisa foi de articuladora local. Realizei a seleção do aluno que seria então o bolsista responsável por uma etapa da pesquisa da Rede-SANS, o apresentei as unidades de saúde e o auxiliei em algumas atividades. Minhas atividades no início de 2011, além das já citadas, consistiram também na participação nos seminários dos articuladores locais. Porém, como estava na etapa final de meu doutorado, não consegui conciliar as atividades da Rede com o trabalho que realizo no município e a pesquisa do doutorado, portanto tive de deixar o projeto.

Outro conhecimento que a Rede-SANS me trouxe foi como organizar e articular uma rede, e como essa forma de trabalho pode melhorar e trazer resultados

surpreendentes e positivos. Uma vez que ações desse nível podem aproximar pessoas, culturas e ciência, me sinto privilegiada pela participação.

Maria Aparecida Cardin Travain

(bolsista ATP-A)

Articuladora local do município de Indaiatuba-SP

Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi quando minha filha começou a cursar a faculdade de Nutrição na PUC-Campinas, nos anos de 2002 a 2005. Sendo ela apaixonada pelo curso, extravasava seus conhecimentos em casa, motivando-me a me interessar pelo assunto.

Com a chegada de dom Mauro Morelli, fixando residência na cidade de Indaiatuba e fazendo dela uma de suas bases de trabalho, passei a aceitar o convite que ele fazia em suas pregações para participar de reuniões sobre segurança alimentar. Sob sua liderança foi criado um grupo de voluntários denominado Cejopas, que o apoiava em suas ações de SANS aqui na cidade.

Fiquei durante meses nesse contato com ele, que compartilhava suas experiências de SANS pelo Brasil e seus projetos; um deles consistia em realizar um mutirão na Paróquia Santa Rita de Cássia, em Indaiatuba, constituída por 21 comunidades, sendo quatro comunidades rurais. O objetivo era fazer um diagnóstico da população dessas comunidades, para conhecer sua situação nutricional.

Nesse período, foi aprovado o projeto da Rede-SANS, e Indaiatuba era uma das cidades participantes, levando a minha indicação por dom Mauro para ser a articuladora local. Com o apoio da Rede-SANS, o grupo Cejopas foi capacitado com treinamento específico pela Unesp de Botucatu, para a realização do mutirão.

No ano de 2010, foi organizado um cronograma de visitação às comunidades e visitamos dez, onde foram feitas as medidas antropométricas em aproximadamente 360 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Após a tabulação dos dados, o resultado gerado foi que a população das comunidades visitadas apresentou um quadro de obesidade. Diante desse quadro, fiquei pensando em uma ação de SANS que pudesse ajudar as pessoas a realizar uma reeducação alimentar. Aproveitei um treinamento de tutoria do curso de Interanutri – Agente, oferecido pela Rede-SANS, me capacitei para a tutoria e, nesse tempo, empenhei-me em convidar pessoas para fazer o curso em Indaiatuba. O projeto foi encaixado conforme a necessidade da comunidade. Planejamos três encontros de palestras sobre educação alimentar, sendo realizados um encontro em

junho e em setembro e outro a realizar em novembro de 2012, fechando, portanto, um plano de ação para essas comunidades.

Tive a oportunidade de participar do curso de Fotografia e Filmagem realizado pela Rede-SANS na Unesp de Botucatu, adquirindo bons conhecimentos a respeito do assunto. Foi apresentado no final um vídeo e trabalho de fotos mostrando a cidade de Indaiatuba. Também estive presente em todos os seminários realizados pela Rede-SANS em Botucatu conforme cronograma e também no I Seminário Estadual da Rede-SANS sobre o tema "Desafios e estratégias para a promoção da alimentação saudável, adequada e solidária no estado de São Paulo", na cidade de Águas de Lindoia, onde, a partir de discussões, fui me aprofundando no assunto.

Acompanhei dom Mauro Morelli em algumas de suas visitas a municípios integrantes da Rede-SANS, como Itapeva e região, Presidente Prudente e região, e Penápolis e região, sendo que algumas dessas cidades realizaram sua conferência municipal. Nessas visitas, tive a oportunidade de participar de vários encontros com autoridades locais. A convite da articuladora local de Hortolândia, participei da Conferência Municipal realizada nessa cidade.

Posso afirmar que a entrada na Rede-SANS me proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu imaginava. Aprendi sobre redes, articulação, intersetorialidade, agricultura familiar, meio ambiente, educação a distância, políticas, conselhos, conferências e a dinâmica de um projeto de desenvolvimento e pesquisa tão amplo.

Marlene Toler Rebesco
(bolsista ATP-A)
Articuladora local do município de Hortolândia-SP

I – Como iniciei na Rede-Sans

Iniciei no Projeto da Rede-SANS a pedido da diretora do Departamento de Geração de Trabalho e Renda da Secretaria de Inclusão e Desenvolvimento Social de Hortolândia, no final de 2010, uma vez que o município de Hortolândia havia sido convidado em razão das ações já existentes sobre segurança alimentar: Comsea, Banco de Alimentos e Cozinha Comunitária.

II – Por que fui convidada

Eu trabalhava no Banco de Alimentos desde agosto de 2008 e havia concluído dois cursos básicos, de 180 horas cada, para formação de gestores de Banco de

Alimentos ministrados pela Rede-SANS, executados pela Fundação de Apoio a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faurgs), através de seu Núcleo de Aprendizagem de Educação a Distância e apoiado pelo Ministério de Desenvolvimento Social. O público-alvo desses cursos eram funcionários de carreira de Banco de Alimentos Municipais financiados pelo MDS, com os seguintes objetivos:

- formar gestores públicos para atuação em equipamentos públicos, desenvolvendo competências, habilidades e atitudes aos gestores para projetar, instalar, implementar, acompanhar e avaliar as atividades próprias de unidades de alimentação e nutrição visando alcançar os resultados previstos na implementação das políticas públicas de SAN – na perspectiva dos DHAA e da estruturação do Sistema Nacional de SAN (Sisan) no país;
- trocar experiências com os colegas de diferentes locais do Brasil, sua vivência e experiência diante dos equipamentos públicos referidos e a participação cotidiana com as populações em insegurança alimentar;
- oferecer oportunidade para mudanças criativas na forma e nas concepções de se fazer segurança alimentar.

O conteúdo programático passado durante as duas formações (2009 a 2011) foi baseado em toda a legislação existente sobre o tema, aspectos administrativos e financeiros da gestão municipal e como lidar com os editais, convênios, prazos, e um fator de grande relevância foi o uso da plataforma com a troca de experiência dos participantes em seus municípios, as dificuldades, as facilidades e os desafios, sempre monitorado e apoiado por tutores. O trabalho de conclusão dos cursos relatando cada experiência foi um desafio à parte; o acervo oferecido com os melhores trabalhos foi e continua sendo uma fonte de consulta para os profissionais que atuam na área.

III – Início do projeto da Rede-SANS

Ao receber o convite e ler o projeto, fiz meu cadastro no CNPq, e, com a ajuda da diretora do Departamento de Inclusão e Desenvolvimento, levamos o projeto aos secretários de Saúde e de Inclusão Social para que entendessem a importância do trabalho e assinassem o compromisso com a Unesp para sua execução, uma vez que eu atuaria na formação da rede local e precisaria utilizar parte do meu horário de trabalho na Prefeitura para esta finalidade e haveria

também a pesquisa do Sisvan em cinco unidades de saúde porque o município havia sido sorteado.

Na Inclusão e Desenvolvimento Social teria o apoio irrestrito da diretora. Na Saúde, foi designado o diretor de saúde coletiva, que encarregou uma médica que coordena o setor de nutrição e saúde coletiva da responsabilidade das ações.

IV – Meus primeiros passos

Antes do primeiro seminário da Rede-SANS, recebemos como tarefa organizar um plano de trabalho com várias leituras importantes: atenção básica nas Américas, Organização Pan-Americana da Saúde, base do conceito do SUS, Política Nacional de Promoção da Saúde e Consea. Essas leituras contribuíram para melhorar meu conhecimento sobre o SUS, embora já tivesse trabalhado na área de saúde do município durante a implantação do Sistema, mobilização e formação dos conselhos de saúde e de assistência social.

Quanto ao Consea, não era novidade para mim, que havia acompanhado as iniciativas do município durante a Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida em 1993, e integrando o setor de Assistência e Desenvolvimento Social por onze anos, acompanhei seus esforços no atendimento das famílias com cestas básicas e leites especiais, bem como a introdução dos programas de transferência de renda, como o atual Bolsa Família. Houve também iniciativa de vereadores em providenciar a lei de criação do Comsea municipal em 2003. É importante informar que o município foi emancipado em 1991, e todas as políticas sociais estabelecidas já seguiram a Constituição de 1988.

V – Minha função no Banco de Alimentos

Como assistente social de formação, minha tarefa principal era o fortalecimento do DHAA com as 45 entidades não governamentais atendidas com alimentos do PAA semanalmente. Hoje existem vinte entidades chamadas de preparo (que preparam refeições ou lanches para seus beneficiários internos) e 25 de distribuição (que distribuem alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade social e nutricional, entre vinte e 45 famílias cada uma).

Minha experiência de trabalho na comunidade anteriormente com as pastorais católicas e ONGs inscritas nos conselhos municipais favoreceu bastante. O trabalho social desenvolvido nas UBSs, com programas de distribuição de leite, grupos com hipertensos e diabéticos, visitas domiciliares a vários pontos do município, contatos diários com população em situação de vulnerabilidade social, me tornou conhecida entre essa população que voltava a frequentar.

Trabalhar em equipe com as nutricionistas do Banco de Alimentos que faziam e fazem discussões, palestras, oficinas de culinária e preparos na cozinha experimental existente no Banco de Alimentos, veio trazer a prática para as discussões teóricas do DHAA.

VI – O fortalecimento de SAN no município

O I Seminário foi fundamental para este trabalho: conhecer o projeto, a carta de princípios e como formar uma rede de relações de multiplicadores das ações de segurança alimentar iniciando na própria Prefeitura. Parecia uma tarefa muito fácil, a meu ver – tinha que preencher o Diagnóstico das Ações de SAN no município. Iniciei participando da reunião mensal das seis nutricionistas da Saúde para explicar o projeto e pedir ajuda para preencher o Diagnóstico. Depois, fui ao setor de Educação, expliquei sua importância, e também à Vigilância Sanitária. Embora tenha sido muito bem recebida, não consegui fazer uma reunião para o preenchimento em conjunto, todos estavam muito envolvidos com as obrigações do cotidiano. Dessa forma, cada setor fez sua parte e fui novamente buscar, sempre conversando, procurando estabelecer o diálogo, enviando e-mails, folhetos. No final, o diagnóstico foi feito e mostrou a realidade: alguns progressos, principalmente na inclusão e desenvolvimento social, saúde e vigilância sanitária, mas nenhuma ação conjunta. Um ponto comum para todos os setores, colocado como desafio para o futuro, era contratar profissionais por meio de concurso público.

A falta de comparecimento dos representantes do poder público, tanto do meio ambiente como da educação nas reuniões do Comsea municipal, e a dificuldade apresentada pelo presidente na condução dos trabalhos apontavam para uma necessidade de ações urgentes de reestruturação.

O ano de 2011 era de conferências de SAN e, através do Comsea e das reuniões com as organizações não governamentais do Banco de Alimentos, conseguimos a mobilização necessária para a realização de quatro conferências regionais de segurança alimentar dentro do município e uma conferência municipal, quando tivemos 150 pessoas. Neste ponto, é importante salientar que já havia uma rede se mobilizando. Os funcionários da Saúde, Educação, Meio Ambiente, Inclusão Social, diretores, secretário da Inclusão Social, vereadores e a vice-prefeita estiveram na Conferência Municipal, além da sociedade civil representada pelas entidades e pelos usuários atendidos nas entidades e nos CRAS do município. Esteve também nessa conferência, a articuladora regional da Rede-SANS. Meu papel nessa mobilização pública e popular foi fundamental.

Isso foi importante porque as questões de insegurança alimentar no município fizeram parte do relatório encaminhado para a Conferência Regional de Campinas e depois para a Conferência Estadual do estado de São Paulo. Houve participação do poder público e da sociedade civil do município nas conferências estadual e nacional.

Promover cursos de hortas domésticas incluindo ervas medicinais, com beneficiários dessas entidades, com agentes de saúde e outros funcionários de PSFs, em parceria com as secretarias de Saúde, Inclusão e Desenvolvimento Social e Meio Ambiente, tendo como apoio as próprias nutricionistas e assistentes sociais ajudando na divulgação, só reforçou e reforça a importância de se pensar que a segurança alimentar depende do meio ambiente onde as pessoas vivem, na limpeza de quintais, incentivo de plantio de pequenas hortas para o próprio consumo; conversando posteriormente com os alunos envolvidos, pode-se notar que a Rede está crescendo.

Os seminários da Rede-SANS durante esses 21 meses mostraram, por meio do conhecimento adquirido com as diversas oficinas, das palestras, discussões, trocas de experiências com vários tipos de iniciativas governamentais ou não governamentais, que depende de nós fazer que as ações aconteçam e que a Rede precisa ser alimentada, movimentada, sem parar.

Podemos salientar algumas ações no município, trabalhadas pela articuladora local, que ajudaram a fortalecer a Rede:

- aproximação dos nutricionistas da saúde e da segurança alimentar para trabalho conjunto;
- uma das nutricionistas inscreveu-se no curso da Rede-SANS-Faurgs/MDS;
- o curso EAD Interanutri – Agente com duas USFs participantes, sendo a tutora uma nutricionista da saúde do município;
- a pesquisa do Sisvan nas cinco unidades de saúde e capacitação dos estagiários de Nutrição na verificação de altura e peso de crianças e adultos;
- dois cursos de horta doméstica em parceria com três secretarias municipais – participantes: sociedade civil, agentes de saúde, nutricionistas, técnica de enfermagem, membros da terceira idade e funcionários da Secretaria da Saúde;
- dois nutricionistas do município estão fazendo o curso EAD Interanutri – Nutricionista (uma da Saúde e um da Segurança Alimentar).

Ações de fortalecimento do Comsea e SAN no município, de iniciativa da Secretaria de Inclusão e Desenvolvimento Social:

- criação do Departamento de Segurança Alimentar dentro da Secretaria de Inclusão e Desenvolvimento Social e Comsea;
- destituição do presidente do Comsea;
- realização do III Fórum de Segurança Alimentar e Nutricional, quando foram eleitos os novos conselheiros da sociedade civil para a nova gestão 2012-2014;
- indicação de novos membros do poder público;
- designação de uma secretária executiva para o Comsea;
- eleição da nova Comissão Executiva do Comsea;

- contratação de um nutricionista através de concurso público para a Divisão de Segurança Alimentar;
- início de capacitação dos conselheiros do Comsea, com o objetivo de criar a Câmara Intersecretarial, o Plano Municipal de Segurança Alimentar, a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional do Município e adesão ao Sisvan.

VII – Conclusão

A Rede-SANS está demonstrando que muito se tem a fazer na área de SAN, para que a rede consiga crescer cada vez mais no município, o conhecimento chegue a todos e a esperada mudança de atitude aconteça e proporcione a conscientização de que é preciso conhecer quais alimentos podem e devem ser consumidos para preservar a saúde e a vida, e união de forças para mudar o que estiver inadequado para essas duas conquistas.

Nas mãos do Departamento de Segurança Alimentar do município existe um instrumento, o Comsea, que, bem preparado, poderá continuar com as ações já iniciadas. O momento no município é de transição, por causa das eleições municipais. Foi muito importante que a articuladora local fosse funcionária concursada e que mais dois funcionários concursados, nutricionistas, estejam participando do Curso Interanutri – Nutricionista e, cada vez mais, se inteirando da importância do projeto.

Falta ainda a pesquisa do Sisvan ser concluída pela Rede-SANS e apresentada aos secretários de Saúde e Inclusão e Desenvolvimento Social. Esperamos que, com isto, novas mudanças possam ocorrer para a garantia do DHAA no município.

Experiências dos bolsistas que apoiaram os articuladores locais e regionais

Os bolsistas que apoiaram o desenvolvimento das atividades dos articuladores locais e regionais da Rede-SANS no período de dois anos (2011-2012) eram, na sua maioria, estudantes de graduação de Nutrição de universidades parceiras na Rede. Seus relatos evidenciaram o enriquecimento de sua vida pessoal e profissional a partir da atuação na Rede-SANS. Foram ressaltadas as seguintes atividades desenvolvidas pelos bolsistas:

- participação nas reuniões de Consea, em diversos municípios;
- apoio aos articuladores para elaboração do diagnóstico municipal de SAN;
- participação e apoio na organização de seminários da Rede-SANS e de conferências municipais de SAN;
- pesquisa de dados dos municípios, sobre número de habitantes, rede pública de assistência à saúde, escolas, meio ambiente, índice de desenvolvimento, entre outros. Para que fosse possível acessar esses dados, os bolsistas estabeleceram contato com órgãos públicos, com gestores municipais e com políticas públicas que proporcionou novos conhecimentos sobre a realidade local em que estavam inseridos;
- contato com agricultores e com a agricultura familiar, legislação, PAA, DHAA, que era para eles um campo desconhecido antes de ingressar na Rede-SANS;
- apoio local à equipe de pesquisa da Rede-SANS;
- produção de material impresso, tais como informativos de divulgação de conteúdos sobre alimentação saudável e outros assuntos correlatos;
- ações educativas em unidades de saúde, feiras livres e outros eventos locais;
- organização e participação como alunos ou tutores em turmas de Interanutri – Agente e Professor, que proporcionaram uma nova forma de aprendizado e ferramenta de ensino que estimula e favorece a formação pessoal e profissional daqueles que moram longe de grandes centros de educação;
- elaboração de vídeos de diversos temas, entre eles, das ações locais de SANS.

Muitos dos bolsistas referiram que antes de integrar a Rede-SANS não tinham contato com o tema SAN ou tinham uma noção superficial, uma teoria muito vaga que se distanciava da realidade. A vivência na Rede proporcionou

conhecimentos para desenvolver ações de articulação local, entre outros conhecimentos práticos de SAN. Alguns relatos salientaram que o ensino do tema nos cursos de graduação não era atrativo. O aprendizado da Rede foi diferente, pois era em campo, que não se aprende em sala de aula.

Os principais temas apreendidos apontados pelos bolsistas foram constituição e articulação de redes; ensino a distância; meio ambiente; agricultura familiar; políticas públicas locais; conselhos; conferências; dinâmica de um projeto de pesquisa amplo; toda a cadeia alimentar, desde a origem da semente até o preparo e o consumo do alimento.

A vivência na Rede-SANS também proporcionou a esses jovens profissionais o crescimento pessoal ao provocar uma reavaliação de seu modo de vida. Sentiram-se privilegiados e gratos por essa rica oportunidade de conhecer pessoas diferentes e um grande número de mulheres guerreiras, lutadoras, em busca de mudanças. Particularmente nas narrativas dos estudantes de Nutrição sobre a contribuição da vivência na Rede-SANS para a formação do nutricionista, foi salientado que se sentem preparados para se posicionar em defesa da garantia do DHAA e do movimento social de promoção de SANS.

Os bolsistas expressaram também expectativas positivas de continuidade da Rede-SANS e confiança na capacidade de estabelecer mudanças desenvolvidas no processo de articulação local e regional para transformar a vida de muitas pessoas, assim como ocorreu com os próprios participantes da Rede.

Narrativas dos bolsistas que apoiaram os articuladores locais

Patrícia Cazoli Reda da Silva
(bolsista ITI-A)

> Meu primeiro contato com a segurança alimentar foi realizado durante a faculdade, já que atuo na área de Nutrição. Meu interesse na matéria de Saúde Pública sempre foi maior, portanto, quando houve a divulgação da Rede-SANS e a chance de me tornar um membro (bolsista ITI) se fez possível, me dediquei para que tal fato se concretizasse.
>
> Com a explicação de como seria a execução do projeto, seus ideais e perspectivas, tive maior certeza de que participar de tais ações auxiliariam muito em minha carreira acadêmica e profissional, proporcionando um acompanhamento mais direto com atividades ligadas à segurança alimentar.
>
> Ao iniciar minhas atividades na Rede, tive a apresentação da articuladora local e regional em uma reunião, a qual possibilitou uma interação ainda maior

com os temas a serem abordados no município com o início do projeto, e como promover parceiras e divulgação; tal encontro se tornou o marco inicial da rede de articulação de São José do Rio Preto. A partir de então, iniciei um estudo e aprofundamento sobre a segurança alimentar e todos os eixos que esta abrange e de como poderiam ser desenvolvidos no município. Durante a busca de parcerias visando à intersetorialidade municipal, divulgação da Rede, reuniões para entender melhor as secretarias municipais, houve um ganho de experiência indescritível, gerando contatos e conhecimento de atividades desenvolvidas por diversas pessoas, as quais atuam diretamente com a segurança alimentar no município, tendo como base os mesmo objetivos da Rede e que, a partir da atuação do projeto, começaram a realizar parcerias.

Pude participar e acompanhar as atividades do Comsea-SJRP, conhecer melhor seu trabalho e principalmente observar o quanto ele se tornou estruturado após o início da atuação da Rede por meio da AL e com meu auxílio, com sua divulgação, atuação e estruturação do Comsea, que, em 2011, tinha baixa aceitação civil e apresentava vagas em relação ao quadro de seus conselheiros. Um resultado que ressalta o quanto esse Conselho vem se tornando cada vez mais forte no município e na região foi a realização da II Conferência Municipal de Segurança Alimentar, em junho de 2011, que a meu ver consistiu em uma das atividades mais exitosas e que pôde refletir o papel da Rede nessa atividade, levando até o poder público e a sociedade civil a situação e as necessidades do município em relação à alimentação, nutrição e sustentabilidade. Minha participação como parte da equipe de organização do evento se tornou uma experiência muito significativa para mim, já que pude acompanhar desde as primeiras discussões sobre o evento até a elaboração do material final, com os resultados a serem encaminhados para a Conferência Nacional.

A responsabilidade pelos relatórios e memórias das reuniões, a participação das atividades desenvolvidas no município, a prestação de auxílio à AL, a divulgação da Rede, a participação na organização de eventos e interação nas ações desenvolvidas na cidade pelo projeto e divulgação dessas ações para as demais regiões pertencentes à articulação, foram algumas das atividades realizadas por mim e que me proporcionaram experiências fundamentais.

Conhecer pessoas extremamente atuantes em ações que visam à SANS, como a professora Maria Rita e dom Mauro Morelli, foi realmente um privilégio, uma vez que mostram que lutar por tais ações vale a pena e, mesmo que seja de forma gradativa, gera resultados maravilhosos, tornando uma vivência gratificante, pois as mudanças são notáveis.

O contato e parceria com a articuladora local foi essencial para o desenvolvimento deste projeto e das experiências de sucesso alcançadas. Posso afirmar

com absoluta certeza que minha participação como bolsista ITI na Rede-SANS me proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu imaginava no início do projeto. Aprendi sobre redes, a importância da articulação e da intersetorialidade nos municípios, de como a SAN engloba diversas secretarias municipais e de como a interação entre estas é indispensável na luta pela segurança alimentar, sobre agricultura familiar, meio ambiente, políticas públicas e de como estavam sendo aplicados os conselhos presentes no município, a conferência, entre outros.

Para mim, a Rede-SANS é capaz de influenciar as pessoas ressaltando o quanto o respeito pelos direitos humanos e a garantia do cumprimento dos mesmos se torna uma tarefa de todos nós e cabe a cada um cumprir seu papel a fim de garantir o direito humano a uma alimentação adequada de forma solidária.

Luara Fazion Coelho
(bolsista ITI-A)

No início do ano de 2011, durante o período de recesso das aulas, eu me preparava para iniciar o segundo ano do curso de Nutrição. Ainda com poucas disciplinas específicas e poucas aulas práticas, deparei com uma mensagem via e-mail da professora Rita dizendo que estava realizando seleção de bolsistas para a Rede-SANS e em anexo recebi a ficha de inscrição e o edital com informações sobre o projeto. Logo que vi o assunto já me interessei e fui me informar. Ainda confusa com as informações, e não sabendo realmente do que se tratava a Rede, resolvi me inscrever. Foi meu primeiro contato com o tema segurança alimentar. Durante o preenchimento da ficha de inscrição, havia uma pergunta sobre o conceito e qual seria sua forma de efetivação. Nunca havia ouvido sobre o assunto e nesse momento fui buscar artigos, documentos que o explanassem. Descobri também que havia o Direito Humano à Alimentação Adequada e que bastava a efetivação desse direito para que a segurança alimentar e nutricional ocorresse.

Depois de encaminhada a ficha de inscrição, alguns dias depois recebi um telefonema da Lara, que também era articuladora regional da Rede-SANS, e dividia as tarefas com a professora Rita, marcando uma entrevista. Compareci, fiz a entrevista e no mesmo dia recebi a notícia de que havia sido selecionada como bolsista. Imediatamente, recebi todo o material com os conceitos relacionados à SANS e, a partir daí, adquiri uma rotina de leitura dos documentos para me inteirar mais sobre os assuntos. No início, pareciam muito complexos e confusos,

mas aos poucos as ações começaram a se tornar mais práticas, e tudo passou a fazer mais sentido.

Passei a conhecer meu grupo de trabalho e quais eram minhas funções na Rede. Conheci as profissionais dos diferentes municípios da nossa região, as articuladoras locais e as outras bolsistas. Tivemos várias reuniões para discussão das ações, metas a serem compridas, além da participação nos seminários em Botucatu. A troca de experiências das diferentes regiões me incentivava cada dia mais.

No início do projeto tivemos a primeira meta a ser cumprida. As articuladoras locais deveriam realizar o diagnóstico das ações locais, incluindo o que era feito no município e o que precisaria ser feito na área de segurança alimentar e nutricional sustentável, com base no documento elaborado pela equipe da Rede-SANS, dividido em seis eixos. Cada município utilizou um critério para preenchimento desse documento. Participei de reuniões nos municípios de nossa região, e, em alguns, as articuladoras reuniram pessoas dos diferentes setores para a apresentação da Rede e distribuição dos eixos a serem respondidos. Com base nisso, elaboramos um planejamento das ações que seriam desenvolvidas no ano de 2011, a partir da Rede formada em todos os municípios da região. Entre essas ações, estavam atividades como a Semana da Alimentação, a efetivação dos Conselhos Municipais de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Comseas), implementação do Sisvan, intersetorialidade, maior fortalecimento da Rede nos municípios e incentivo às hortas comunitárias.

Para efetivação e fortalecimento da Rede nos municípios, realizamos várias reuniões com pessoas de diversos setores e iniciamos as parcerias nos municípios. A equipe da Rede foi aumentando a cada dia; contamos com a presença de dom Mauro, que realizou diversas palestras e compareceu a todos os municípios de nossa região.

Então, começamos a nos articular e mobilizar as conferências municipais de segurança alimentar. Eu, Andresa e Lilian (também bolsistas) auxiliamos na preparação e realizamos as inscrições e entregas de materiais durante as conferências. Somente em Presidente Venceslau e Penápolis não foi possível realizar a conferência de SANS. Logo após, participamos da conferência regional no município de Presidente Epitácio, levando as questões discutidas nos municípios. Posteriormente, estes passaram a se organizar e implantar os Comseas. A maior parte de nossa região conseguiu sua implantação.

Alguns meses depois, a Rede-SANS iniciou a pesquisa sobre o Sisvan em nove municípios da região. Participei da capacitação com os outros bolsistas que foram selecionados para a coleta de dados nas unidades de saúde, entrevistas com vários profissionais, aferição de antropometria e a calibração dos equipa-

mentos utilizados para antropometria das unidades de saúde sorteadas. Em razão do grande número de unidades, nós, bolsistas da Rede, auxiliamos na coleta de dados nas unidades.

Em relação ao Interanutri, eu e a Andresa, com os demais bolsistas da pesquisa, realizamos o curso Interanutri – Agente. Nele desenvolvemos um projeto de incentivar os hábitos mais saudáveis para estudantes, desenvolvemos degustação de alimentos saudáveis e entrega de panfletos durante o intervalo de aula.

Durante a Semana de Alimentação, as articuladoras locais se organizaram e programaram as atividades a serem desenvolvidas. No município de Adamantina, entre diversas atividades, eu e Andresa realizamos a demonstração de como higienizar os alimentos e organizar a geladeira. Desenvolvemos a atividade nos centros comunitários e feira municipal com o apoio das professoras Rita e Lara e da nova articuladora local de Adamantina, a Patrícia.

No ano de 2012, após uma reunião com todas as ALs da região, reunimos todo o material produzido e os planos para o ano, e elaborei um vídeo com todas as ações que haviam sido desenvolvidas a partir da Rede em nossa região. Apresentamos o vídeo no seminário de Botucatu.

Nós, bolsistas da Rede e uma bolsista da Pesquisa, junto com as articuladoras regionais, realizamos calibração dos equipamentos e mostramos as técnicas antropométricas, além deorientação de como preencher o formulário do Sisvan e como cadastrar os dados no sistema, para maior efetivação do Sisvan em Pirapozinho, por solicitação da AL desse município.

Nesse ano, participamos também do I Seminário Estadual da Rede-SANS, onde ampliamos nossos contatos e a Rede conquistou novos parceiros, além de aumentar meus conhecimentos nessa área. Nossa equipe de trabalho revisou o planejamento estabelecido no ano anterior e fizemos o balanço das atividades que desenvolvemos e o que falta ser desenvolvido. Para o mês de outubro, programamos as atividades para a Semana da Alimentação, e estarei novamente com a Andresa realizando no município de Adamantina palestra sobre alimentação saudável e demonstração de como armazenar os alimentos. Além dessa atividade, desenvolvi com as alunas da minha turma do curso de Nutrição um teatro para escolares abordando a alimentação saudável.

Para mim, a Rede-SANS expandiu meus conhecimentos sobre agricultura familiar, legislações, PAA, DHAA, conceitos que quando me tornei bolsista da Rede não conhecia, porém, hoje em dia as disciplinas de Educação Nutricional e Vigilância em Saúde, ministradas pela professora Rita, abordam todos esses temas que já fazem parte da Rede.

O trabalho em rede me proporcionou a ampliação de meus contatos, pude conhecer diversas pessoas com especialidades e opiniões diferentes sobre o

mesmo assunto, principalmente as mulheres, a grande quantidade de mulheres guerreiras, lutadoras e respeitadas em busca de mudanças, de uma melhor segurança alimentar e nutricional sustentável.

Estou muito satisfeita com minha participação na Rede-SANS. Durante esses dois anos, aprendi e cresci muito, como estudante de Nutrição e como pessoa. Acredito nas mudanças feitas pela Rede, em seus avanços para uma melhora na alimentação saudável, adequada e solidária e pretendo continuar auxiliando nas próximas atividades para seguirmos progredindo nas ações.

Andresa Aparecida Lott
(bolsista ITI-A)

Conheci a SAN no quarto semestre da graduação em Nutrição, em 2010, a qual ainda curso, por meio da disciplina de Vigilância Nutricional e Segurança Alimentar. E foi no final desse ano que a professora Rita, que ministrava a disciplina, comentou sobre um projeto que trabalharia a SAN. Aconteceu então, no início de 2011, um processo de seleção entre os alunos interessados através de análise de currículo e entrevista. Fui selecionada e passei a fazer parte da Rede-SANS. No mês de fevereiro desse ano, as articuladoras regionais Rita e Lara nos apresentaram o projeto Rede-SANS, e foram estudados diferentes artigos e documentos. Minha primeira tarefa como bolsista foi pesquisar informações sobre os municípios de Adamantina, Bento de Abreu, Buritama e Penápolis, dados sobre a Secretaria de Saúde, demais secretarias dos municípios, telefones úteis, e-mails, UBSs, Unidades Estratégia Saúde da Família, número de habitantes, Índice de Desenvolvimento Humano, creches, escolas, universidades, e programas desenvolvidos pelos municípios.

Em reunião das ARs com os bolsistas de região de Araçatuba e Presidente Prudente (eu, Luara e Lilian), foram divididas as tarefas entre os municípios. Fiquei responsável em assessorar e acompanhar os municípios de Adamantina e Penápolis; a Luara, Pirapozinho e Presidente Venceslau; e a Lilian, Presidente Prudente.

No início de março, houve uma reunião em Presidente Prudente, onde conheci a articuladora local do município, Juliana Santiago. Nesse encontro, foram convidados os possíveis parceiros da Rede-SANS, que teve como desfecho a seguinte pergunta: "Vocês querem entrar na Rede-SANS?". Felizmente, todos responderam sim. No final do mês de maio, participei da reunião preparatória para a Conferência Municipal e Regional de SANS em Presidente Prudente, e, como resultado, formou-se a Comissão Organizadora da Conferência de SAN

da Região de Presidente Prudente e Alta Paulista e decidiu-se onde seria realizada a Conferência Regional. Junto com a bolsista Luara, montei um livreto sobre sazonalidade e aproveitamento integral dos alimentos, sendo esse material utilizado na Semana Mundial da Alimentação em Presidente Prudente. Estive também na I Conferência Municipal de SAN de Adamantina, de Pirapozinho e de Presidente Prudente e, depois, na III Conferência Regional de SANS do Pontal do Paranapanema e Alta Paulista, que aconteceu em Presidente Epitácio. Nessas conferências, participei dos grupos de discussão, ampliando meu conhecimento sobre a temática, incluindo as necessidades da região. No I Encontro Regional da Rede-SANS em Presidente Prudente, participei como ouvinte, mas colaborei na organização das atividades em andamento e fotografando o evento.

Fui junto com as ARs ao município de Penápolis apresentar a Rede-SANS e formar a rede local com a AL Adriana. Elaborei panfletos para a Semana do Agricultor de Penápolis, que foram entregues na feira livre do município em julho de 2011. Desenvolvi panfletos para a Semana do Idoso na mesma cidade, sobre alimentação saudável do idoso, os cuidados na alimentação do hipertenso e diabético, com receitas saudáveis; houve ainda apresentação de palestra na UBS a respeito. Para a Semana Mundial da Alimentação em Penápolis, elaborei panfletos sobre hipertensão, diabetes e obesidade; introdução da alimentação complementar em crianças, e esquematizei uma apresentação de slides sobre HAS, DM e obesidade, e outra sobre alimentação complementar para a AL Adriana. Logo no começo de 2012, a pedido dela, preparei diferentes materiais educativos com os temas: receitas saudáveis; dislipidemia e fontes de colesterol; hiperuricemia; constipação intestinal; os cuidados com a manipulação de alimentos e receitas nutritivas para crianças.

Auxiliei a AL Raquel, de Adamantina, no preenchimento do diagnóstico do município. Montei os textos de apresentação das cidades de Adamantina e Penápolis para o diagnóstico e textos de apresentação para o site da Rede-SANS. Em Adamantina, participei também do II Encontro Regional sobre Segurança Alimentar e Nutricional na Agricultura Familiar assistindo às palestras, quando tive a oportunidade de conversar com agricultores familiares, conhecendo seus pontos de vista e os produtos produzidos na região. A articuladora local foi substituída pela enfermeira Patrícia e junto com ela desenvolvi diversos panfletos informativos para a Semana Mundial da Alimentação em Adamantina sobre o tema higienização dos alimentos e importância do consumo de frutas, legumes e verduras (FLV); e *folder* para a cesta de alimentos entregue aos pacientes com doença crônicas transmissíveis em Adamantina. Realizei atividade educativa com gestantes do centro de saúde de Adamantina sobre alimentação saudável na gestação e lactação, e também ação educativa nas feiras

livres e bairros da cidade, com demonstração da técnica correta de higiene dos alimentos e organização e armazenamento correto de alimentos no refrigerador. No ano de 2012, essa mesma atividade foi solicitada para as famílias das instituições que atendem crianças e adolescentes do município, como atividade da Semana Municipal de Alimentação Saudável. Acompanhei a visita ao Colégio Agrícola de Adamantina (ETEC Eng. Herval Bellusci), que aconteceu para que os agentes comunitários de saúde (Interanutri – Agente) e as famílias que se propuseram a montar a horta domiciliar aprendessem sobre agricultura orgânica. Nessa visita, tive a oportunidade de apresentar a Rede-SANS e assistimos a parte do filme *O veneno está na mesa*. Depois realizamos visita à horta orgânica e aprendemos como fazer composto orgânico, o plantio e o cultivo. Elaborei texto de divulgação da entrega das mudas aos ACSs no projeto "Quem planta colhe", que está sendo desenvolvido em Adamantina, e surgiu como requisito para a conclusão do Interanutri – Agente (2011). Elaborei também textos para divulgar ação educativa na primeira fase da campanha de vacinação contra a poliomielite (2012) e a conclusão da segunda edição do curso Interanutri – Agente em Adamantina (2012). Nesse município foi formada uma nova turma em agosto e tive a oportunidade de ajudar na organização e planejamento de ações educativas do projeto final. Organizei um livreto com dicas de aproveitamento integral dos alimentos e orientações de como comprar, conservar e preparar os alimentos, com receitas e organização dos alimentos sazonais. Ajudei na preparação das receitas para degustação e estive presente na apresentação.

Apesar de ser bolsista da Rede tive a oportunidade de participar da capacitação para pesquisa de campo da Rede-SANS, e ajudei na coleta de dados dessa pesquisa nas cidades de Araçatuba e Buritama. Fiz parte também da coleta de dados para o censo nutricional de Adamantina, durante a campanha de vacinação, cadastrando os dados antropométricos e do consumo alimentar de crianças e adultos no Sisvan. Esse cadastro aconteceu também em empresas do município. Participei da coleta de dados antropométricos e inquérito alimentar em uma fábrica de roupas, a fim de caracterizar especialmente o público feminino.

No I Seminário dos Articuladores Locais da Rede-SANS conheci a coordenadora geral Maria Rita, que explicou em sua palestra como foi o processo de criação da Rede-SANS e quais os objetivos e metas do projeto, e também dom Mauro Morelli, que falou sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada, e Cássio Martinho, assessor em redes sociais, que explicou a formação das redes e o papel dos ALs nos municípios. No II Seminário dos ALs houve a socialização dos diagnósticos municipais e uma atividade voltada aos bolsistas, na qual os principais assuntos tratados foram as dificuldades de auxiliar os ALs e a

função do bolsista na Rede. No III Seminário auxiliei na esquematização da apresentação do diagnóstico de Adamantina e conheci as ações desenvolvidas nos municípios da Rede-SANS através das apresentações. No V Seminário de ALs, foram apresentadas as atividades que se desenvolveram nos municípios agrupados por região, desde o início da Rede-SANS, e as propostas para esse ano. Foi realizada no período da tarde uma oficina sobre educomunicação, onde foram produzidos materiais de vídeo, rádio e fanzine, importantes meios de divulgação das ações da Rede. Além de ser um momento de aprendizagem, foi divertido e tive um contato mais amigo com membros da Rede-SANS que não conhecia. Visitamos a Comunidade Demétria, onde me informei sobre a agricultura biodinâmica, sendo um lugar realmente maravilhoso e um modo de vida invejável. O VI Seminário de ALs foi para mim oportunidade de saberes e aprofundamento no tema da agricultura familiar. As palestras foram muito produtivas e os debates, calorosos, com diferentes temas, desde a PNAE até o Movimento Slow Food, atividades essas que apreciei muito.

Fiz o curso Interanutri – Agente e como conclusão do projeto foi aplicada uma ação educativa com universitários da FAI, com degustação de pratos saudáveis, panfletagem sobre alimentação saudável e a Rede-SANS. A apresentação final aconteceu na FAI com a presença das ARs Rita e Lara, da AL Patrícia, do secretário da Saúde, dr. Pedro, e da coordenadora da Rede-SANS, Maria Rita, dos agentes de saúde e de famílias que aderiram à intervenção da horta familiar.

Na reunião em Pirapozinho para discutir sobre a realização do Interanutri – Agente no município, eu e a Luara falamos sobre nossa participação como alunas do curso, a fim de estimular a adesão dos gestores de saúde, pois realmente o curso me proporcionou uma nova forma de aprendizado, uma nova ferramenta de ensino que estimula e favorece quem mora longe de grandes centros de educação. Foi realizada uma capacitação sobre o Sisvan e avaliação antropométrica em Pirapozinho, com os gestores e funcionários das unidades de saúde. A AR Rita ministrou palestra explicando a importância do Sisvan e sua operacionalização, depois fomos às unidades de saúde avaliar e capacitar os funcionários para a correta técnica de antropometria e verificar se os equipamentos estavam calibrados.

Já no final de 2011, participei do encontro "Cuidado da pessoa obesa" que aconteceu em Botucatu com organização da Rede-SANS, que promoveu discussão sobre o cuidado mais humanizado com o obeso e estratégias na atenção básica para esse grupo. Foi nesse encontro que surgiu o tema para o meu trabalho de conclusão de curso, sobre grupo de intervenção com crianças e adolescentes com excesso de peso.

Em reunião com as articuladoras regionais (Rita e Lara) de Presidente Prudente, as articuladoras locais (Patrícia, de Adamantina, Maria Augusta, de Presidente Venceslau, Juliana, de Presidente Prudente, Gislaine, de Pirapozinho) e os bolsistas da Rede (eu, Luara e Carolina) e da Pesquisa (Júnior, Bárbara e Amanda) de nossa região, discutimos o planejamento de 2011, as dificuldades e conquistas. Para 2012, foram colocadas algumas metas, como a realização do Interanutri nos municípios que ainda não participaram, e tentar trabalhar o mapeamento da insegurança alimentar nos municípios com aplicação da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia).

Participei na apresentação final dos projetos do Interanutri – Agente de Presidente Prudente, Pirapozinho, Presidente Venceslau e Adamantina, e Interanutri – Professor de Ribeirão dos Índios. Minhas principais atividades foram fotografar as exposições e assistir aos projetos para opinar nas notas. Realizei pesquisa de endereços de prefeituras do estado de São Paulo para divulgação do I Seminário Paulista da Rede-SANS. Colaborei ainda na elaboração de informativo sobre as atividades da Rede-SANS em Adamantina, desde o diagnóstico dos municípios até o momento atual, relatando as principais ações no município. Esse informativo foi solicitado pela AL Patrícia de Adamantina para divulgar a Rede-SANS no município e região.

Fui ao I Seminário Paulista da Rede e fiquei nas salas com os temas "Produção de alimentos e sustentabilidade", e "Comércio e consumo de alimentos na sociedade contemporânea". As apresentações e discussões foram riquíssimas em diversidade e informação. Participei da aula presencial do Interanutri – Nutricionista realizada no *campus* 1 da FAI com a professora Maria Cristina Faber Boog, como suporte técnico e para fotografar a aula.

Com certeza a participação em cinco dos seis seminários dos articuladores locais da Rede-SANS e todas as atividades que descrevi me trouxeram muito aprendizado e experiências que levarei por toda minha vida. Fazer parte de Rede me fez crescer como pessoa, pensando e reavaliando meu modo de vida, como parte de uma sociedade que ainda tem valores cidadãos, que deseja melhorar o mundo em que se vive. Não me refiro ao mundo inteiro, mas ao mundo que nos rodeia no dia a dia, família, amigos, vizinhos, conhecidos, como é comum nas cidades pequenas no interior. Um projeto como esse não deve acabar; espero que a Rede-SANS continue formando, capacitando e ensinando as pessoas a garantir uma alimentação saudável, adequada, solidária e sustentável para si e para os outros.

Maria Aparecida dos Santos
(bolsista ITI-A)

A SAN entrou em minha vida no trajeto da faculdade para casa, quando passava em frente à Secretaria de Segurança Alimentar. Lembro que achei engraçado o termo: pensava ser uma secretaria que supervisionava os alimentos e distribuía à sociedade, porém não fui atrás para saber realmente seu significado, o porquê e o para quê. Passados cerca de dois anos, fui convidada para compor a equipe de articulação da Rede-SANS no município de Mauá, região do ABC de São Paulo, em fevereiro de 2011, junto a Marcelo Mazeta Lucas, articulador local da Rede-SANS.

A partir daí começou a construção subjetiva desse conceito, o que veio contribuir para a introdução da Rede no município, primeiro como consciência do mundo e de si, por meio da apropriação do que significa SAN, enquanto mudança de hábito e de paradigma. As reuniões da Rede em Botucatu, os encontros locais, bem como as leituras favoreceram esse processo, ainda inconcluso.

O desafio estava posto: ajudar a desenvolver algo que até então estava envolto numa nuvem de desconhecimento e incertezas. Assim foi o início da caminhada rumo à conquista da efetivação da Rede – dois anos para pôr em prática o projeto!

As primeiras diretrizes, buscar parceiros para torná-la concreta, convites via e-mail e telefone, foram realizadas para poder montar uma equipe de trabalho com diversas secretarias, Assistência Social, Educação, Saúde, Meio Ambiente e sociedade civil organizada, atividades estas que permanecem até hoje. O grupo formado com cerca de trinta pessoas elencou prioridades: diagnóstico do município em SAN e planejamento das ações em SAN, dos quais emergiram três metas prioritárias:

1. avaliação nutricional das crianças de 0 a 2 anos na educação infantil da rede municipal de ensino da cidade de Mauá;
2. inclusão da Educação Alimentar e Nutricional no currículo das escolas municipais;
3. implantação de hortas comunitárias, caseiras e escolares no município.

Os cursos Interanutri – Agente e Professor potencializaram uma das metas. Neste sentido, o apoio também se estendeu na divulgação e cuidados para a efetivação do curso na comunidade e na Faculdade de Mauá (Fama) junto às professoras Fabiane Higo (nutricionista), Maria Lúcia Ovídio (pedagoga) e

Neiri de Oliveira (pedagoga) desde o segundo semestre de 2011 até os dias de hoje.

Assim tem sido nosso trabalho de reunião em reunião, a cada novo seminário mais confiantes, a fim de propalar aos mauaenses a constante luta pelo direito à alimentação adequada, solidária, nutricional, saudável e sustentável iniciada em Josué de Castro que nos instiga a pensar:

> Constitui, pois, a luta contra a fome, concebida em termos objetivos, o único caminho para a sobrevivência de nossa civilização, ameaçada em sua substância vital por seus próprios excessos, pelos abusos do poder econômico, por sua orgulhosa cegueira – numa palavra, por seu egocentrismo político, sua superada visão ptolomaica do mundo.

10
A pesquisa na Rede-SANS

A pesquisa na Rede-SANS teve como objetivo elaborar um diagnóstico propositivo quanto à atuação do Sisvan no estado de São Paulo, levando em conta:

a) a proporção de avaliações antropométricas realizadas na população que frequenta as unidades de saúde em relação ao total de indivíduos atendidos em cada ciclo de vida;
b) a oferta de serviço de orientação e educação nutricional para a população atendida nas unidades;
c) os recursos do município e da unidade para a realização das atividades de monitoramento e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária;
d) os procedimentos das equipes de saúde para obtenção dos dados antropométricos.

As atividades de pesquisa na Rede-SANS, em alguns momentos, caminharam paralelamente às de articulação, principalmente em se tratando do grupo de pesquisadores que trabalhou com os dados secundários – era como se esse grupo fosse prestador de serviços para a Rede. No entanto, quando a pesquisa foi a campo, houve uma grande ampliação do alcance do projeto e a pesquisa passou a fazer sentido para os enredados. Uma decisão que nos deu trabalho, mas que estávamos certos ao optar por ela, foi a de não contratar um serviço de pesquisa, mas proporcionar bolsas de iniciação tecnológica (ITI-A) para 44 graduandos em todas as regiões do estado, para que eles fossem trei-

nados e realizassem a pesquisa. Constantemente temos recebido notícias desses alunos relatando o quanto essa experiência lhes foi rica, e isso também proporcionou o envolvimento de outras instituições de ensino no processo.

Sobre a metodologia do trabalho

A pesquisa envolveu uma amostra representativa de 10% dos 645 municípios do estado de São Paulo (Figura 47). Apenas nos municípios maiores foram calculadas amostras representativas das unidades de saúde de cada um; naqueles com até três unidades, todas foram incluídas. Todos os membros das equipes de saúde dessas unidades foram entrevistados, e, então, realizado um sorteio estratificado, cuidando para que cada função fosse representada. O sorteio foi feito pelo grupo da estatística.
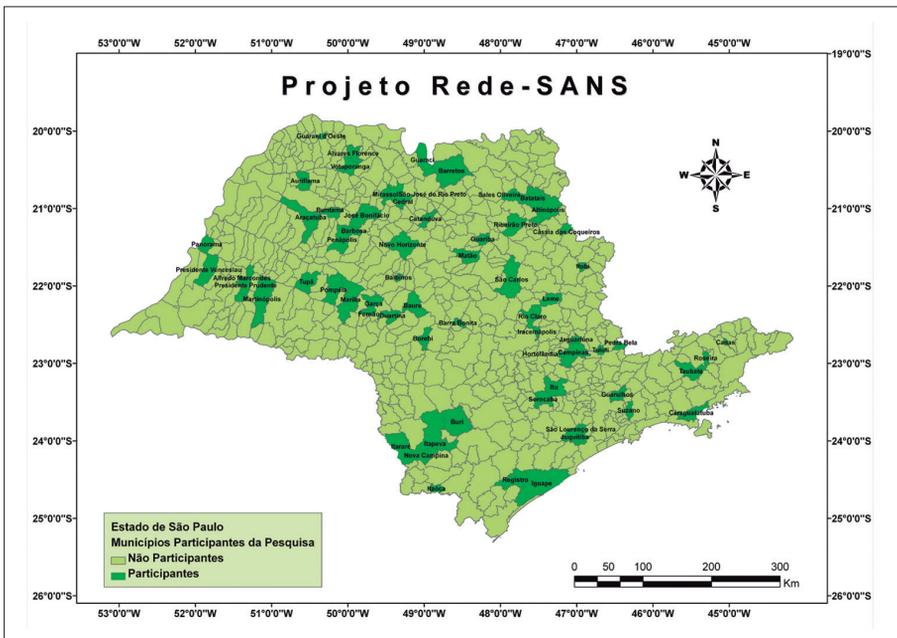
Figura 47 – Municípios sorteados para a pesquisa

Foi elaborado um manual de orientação para o treinamento e consulta dos bolsistas. Para garantir a confiabilidade dos dados para a pesquisa avaliou-se a concordância dos dados antropométricos obtidos pelos graduandos com aqueles obtidos simultaneamente pela nutricionista, bolsista responsável pela capacitação dos estudantes. Foram selecionados 44 alunos de vinte instituições de en-

sino superior (IES) do curso de graduação em Nutrição próximas aos municípios pesquisados (localizadas em um raio de até 150 km da IES), sendo estes indicados pelos seus professores. O contato com as instituições foi feito pelos ARs de cada região.

Elaborou-se um vídeo didático (disponível em www.redesans.com.br) para padronização da coleta de medidas antropométricas, o qual é dividido em: verificação da calibração de equipamentos, antropometria em crianças menores de 2 anos e em maiores de 2 anos.

Em julho de 2011, os bolsistas foram submetidos a um treinamento ministrado pela nutricionista responsável para apresentação dos equipamentos antropométricos para coleta de dados e do vídeo didático, o que foi repetido em diferentes regiões. Depois, os alunos tiveram dois meses para estudo e prática da avaliação antropométrica, sendo auxiliados pelos professores das suas respectivas instituições. Passado o período de treinamento, as técnicas de medidas antropométricas foram avaliadas pela mesma nutricionista.

Também a aplicação dos questionários e as orientações para o acesso ao serviço eram abordadas. O material de apoio e os questionários, que podem ser consultados no site da Rede-SANS (http://www.redesans.com.br/pesquisas/pesquisa-rede-sans/) foram elaborados em várias etapas de discussão na academia e nos serviços.

Para acompanhamento dos alunos utilizou-se a plataforma Moodle, tendo sido uma das tarefas de formação a leitura sobre as políticas de saúde e a resposta a um questionário. O aluno só era autorizado a iniciar a pesquisa se conhecesse as políticas públicas envolvidas e se tivesse passado no teste de calibração.

Grupos focais (GF)

Para avaliação dos dados qualitativos optou-se pela utilização da técnica do grupo focal. Considerando a amplitude territorial da pesquisa, essa é a técnica adequada para reunir um conjunto de informações de cunho qualitativo sobre a vivência de profissionais. Além disso, foi considerada a existência de profissional no grupo com experiência prévia consolidada no campo da pesquisa qualitativa em saúde e particularmente com a condução de grupos focais. Foram realizados seis encontros nas diferentes regiões do estado.

Etapas do trabalho

1ª etapa: sorteio de 65 (10%) dos municípios do estado de São Paulo para compor a amostra da pesquisa (primeiro semestre de 2011).

2ª etapa: convite ao município para fazer parte da amostra da pesquisa (primeiro semestre de 2011).

3ª etapa: seleção e treinamento de 44 graduandos com a colaboração de professores de instituições regionais de ensino superior (primeiro semestre de 2011).

4ª etapa: pesquisa de campo (segundo semestre de 2011) composta de:

a) levantamento de informações populacionais e sobre o Sisvan do estado de São Paulo nos bancos de dados oficiais dos municípios (Datasus, Sisvan, Bolsa Família, IBGE);
b) entrevista com os responsáveis pelo Sisvan Web e Bolsa Família em cada um dos municípios;
c) entrevista com os gestores de 240 unidades sorteadas para participar da pesquisa;
d) entrevista com os membros das equipes de saúde das unidades sorteadas para participar da pesquisa;
e) avaliação da acurácia ou exatidão dos equipamentos antropométricos utilizados nas unidades de saúde;
f) avaliação da concordância dos dados antropométricos produzidos nas unidades com aqueles obtidos na pesquisa.

5ª etapa: estudo qualitativo (grupo focal) em sete regiões do estado de São Paulo, composto de:

a) obtenção de dados por meio de reuniões em grupo com pessoas que representam um objeto de estudo;
b) estruturação de ações diagnósticas.

Optou-se pelo GF para aprofundar detalhes sobre as ações locais, que os outros instrumentos não contemplam.

6ª etapa: análise dos dados obtidos (segundo semestre de 2012).

7ª etapa: divulgação dos resultados (primeiro semestre de 2013).

A pesquisa quantitativa

O relato de experiência da nutricionista Flávia Negri ajuda a entender como o processo da pesquisa se desenvolveu:

Relato de experiência

Flávia Negri
(bolsista DTI-C)

Desenredando a Rede

Sempre tive interesse pela área de Nutrição em Saúde Pública, mas não me identificava muito com a atuação clínica dos profissionais de saúde no SUS. Quando participei de um projeto de extensão na Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE-Botucatu), fiquei encantada com as atividades desenvolvidas pela instituição e também pela proposta do projeto, integrando práticas educativas, alimentação e nutrição, com planejamento, execução e acompanhamento das atividades. Foi a primeira vez que me envolvi com uma proposta completa, com aspectos de interação social, educação e nutrição em uma perspectiva globalizada, além do institucionalizado na entidade.

A partir desse encantamento e envolvimento fui indicada pela minha orientadora na época, professora Renata Cintra, para participar do projeto Rede-SANS, junto à professora Maria Rita de Oliveira sendo responsável pelo treinamento das equipes para a pesquisa de campo. No momento do convite, não compreendi ao certo do que se tratava o projeto ou até mesmo da proporção do tema segurança alimentar e nutricional sustentável. Apesar de algumas funções e atores já definidos dentro de um escopo de metas preexistente, o processo de construção da Rede-SANS seria feito coletivamente, e assim o foi na medida do possível.

No final de 2010, fui apresentada à equipe de articuladores regionais e conheci um pouco do que seria a atuação dessa equipe e minha relação com ela. O ano de 2011 foi iniciado com encontros intensivos, recheados de profundas reflexões e reconhecimento dos grupos de trabalho, da SAN e suas múltiplas abordagens, das atuações, dos locais, dos objetivos do projeto etc. Disso, desenharam-se algumas ações e formas de trabalho, com o apoio descontraído do consultor em redes, Cássio Martinho, da professora Carla Vieira, entre outros. Foi um período fundamental de descoberta, conhecimento, construção e princípio de apropriação dos valores e ações da Rede.

Ajeitando um jeito

Em um segundo momento, a nutricionista Milena Sendão e eu começamos a nos envolver particularmente com a equipe interdisciplinar e em seu fortaleci-

mento, com a discussão de temas interdisciplinares, transversalmente à SAN e sua bandeira do DHAA. O apoio às equipes locais e ao ensino a distância estava se iniciando por essa equipe, com a qual não pude me envolver com tanto afinco por causa da dedicação às minhas reais funções no projeto.

Ainda junto da nutricionista Milena e da professora Maria Rita, foi iniciada, em fevereiro de 2011, a organização dos instrumentos da pesquisa, partindo de material já utilizado na pesquisa de doutorado da Milena. Foi um processo que demandou revisão dos questionários, definição dos objetivos e dos profissionais que seriam abordados, formato de entrevista, além da execução de pilotos, com posterior revisão. No mês de maio, organizamos um seminário a fim de focar nossos materiais e métodos aos objetivos da pesquisa. Para isso convidamos pesquisadores vinculados a instituições diversas a nos auxiliarem na objetivação dos questionamentos. Foi confiada a mim, juntamente com Milena, a apresentação dos instrumentos desenvolvidos até então e a proposta de pesquisa, cujo objetivo era elaborar um diagnóstico propositivo quanto à atuação do Sisvan no estado de São Paulo, levando em conta: a proporção de avaliações antropométricas realizadas na população que frequenta a unidade em relação ao total do município em cada ciclo da vida; a oferta de serviço de orientação e educação nutricional para a população atendida nas unidades; os recursos do município e da unidade para a realização das atividades de monitoramento e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária; os procedimentos das equipes de saúde para obtenção dos dados antropométricos.

O seminário ocorreu em ambiente amistoso, com sugestões e comentários sérios e relevantes para o bom desenvolvimento da pesquisa. Proporcionou ainda um estágio de uma semana na Faculdade de Saúde Pública da USP com a professora Betzabeth Slater, para geração prévia de um banco de dados, a fim de verificar a consistência das informações geradas e uma possível análise, tendo como base o formato corrente das perguntas e respostas. Essa simulação rendeu novas alterações, com sugestões pertinentes da professora Betzabeth, principalmente sobre as opções de resposta, mirando a facilitação da análise de dados por meio de um banco de dados conciso e evidente.

Concomitante à organização dos instrumentos da pesquisa, elaboramos toda a estratégia de treinamento, dessa vez também com a participação da equipe de articulação regional. Nessa estratégia, foram enfocados: conteúdo e formas de apresentação das informações e materiais necessários à pesquisa; organização de pastas em número adequado de acordo com a região a ser pesquisada; elaboração de material de apoio e cronograma de treinamento em duas etapas (treinamento e "calibração" dos bolsistas). A organização dos instrumentos e a elaboração da estratégia de treinamento se iniciaram no mês de feve-

reiro e só foram finalizadas em julho, demandando muito esforço e dedicação, pois envolvia muitas pessoas de diferentes regiões do estado de São Paulo, entre professores, estudantes e agentes locais, além de uma gama enorme de informações a serem repassadas para os bolsistas de forma clara e bem organizada.

No período pré-treinamento, com a ajuda da equipe de educomunicação, também foram produzidos o vídeo de antropometria, o *folder* da Rede-SANS e o da pesquisa. A produção do vídeo foi uma empreitada desafiadora, pois não tinha qualquer experiência com tal trabalho, desde a elaboração do roteiro de filmagem, amarrando os conhecimentos técnicos de nutrição com os de gravação e posterior edição, até a idealização do vídeo como um todo. Foi uma superação compreender uma nova linguagem técnica e executar com desinibição o passo a passo da antropometria tendo a aproximação da câmera como um olhar fiel e, ao mesmo tempo, manter a espontaneidade nas cenas, que existia de fato, já que os atores eram da vida real.

Aperfeiçoar (eu), Treinar (tu), Verificar (eles)

Com os materiais e estratégias acertados, fiz um aprimoramento de minha didática e conteúdo passando e repassando as etapas do treinamento com a professora Maria Rita e com a nutricionista Milena. Nesse período, buscamos ajustar o conteúdo e o tempo disponível, visando melhorar os resultados. A experiência e orientação das duas colegas foram essenciais para meu desempenho, que era cada vez mais aperfeiçoado ao longo da execução dos treinamentos e devolutiva dos próprios bolsistas e colaboradores da Rede.

Os treinamentos foram iniciados no mês de julho, com prévia programação das viagens e solicitação bastante antecipada da restituição de valores, tendo o auxílio permanente da gestão operacional da Cláudia Rucco, sempre muito solícita às dúvidas e equívocos, em diversos horários e por muitos meios de comunicação. O roteiro de viagens tentou juntar a ida aos locais de treinamento em um menor espaço de tempo, sem intervalos muito distantes, procurando cumprir os prazos estipulados. Essas questões foram responsáveis por meu desgaste e cansaço físico nessa fase, podendo ter interferido em meu desempenho nos treinamentos que aconteceram muito próximo ou posteriormente a viagens longas. O agendamento do transporte foi auxiliado pela secretária Augusta Paulino e feito na primeira etapa pelos motoristas e carros da Unesp, até mesmo por causa do volume de materiais e equipamentos necessários. Na segunda etapa, as viagens aconteceram por ônibus intermunicipais. A hospedagem sucedia da melhor forma no município de destino, sendo importante, na escolha, observar o comércio no entorno (principalmente de refeições), a proximidade e facilidade de acesso ao

local do treinamento e o valor e serviços inclusos. Em minha opinião, a melhor opção era quando eu podia ficar na casa de companheiros da Rede, o que me permitia o acalanto da amizade, não só dos "enredados", mas também de seus familiares e colegas, renovando minha inspiração para seguir no desafio. Mas isso nem sempre foi possível, ou porque não havia conhecidos no município do treinamento ou por outras circunstâncias que impediam minha estadia naquele momento.

Com duração de dois dias e no mínimo dois e no máximo nove participantes por grupo, completando um total de 44 bolsistas, os treinamentos foram realizados em clima informal de sala de aula, visto que os locais escolhidos quase sempre eram nas universidades parceiras da Rede-SANS. Dez municípios concentraram a primeira etapa dos treinamentos. Bolsistas ressabiados era o que eu via no início da reunião, logo chamados a discutir e refletir sobre a proposta da pesquisa, se integrando a ela e ao grupo. Em razão da quantidade grande de informações, parte do treinamento era intensivo e por vezes maçante, no sentido da repetição das mensagens e sua assimilação, para que fossem fixadas de forma concisa. Essa situação era reforçada pelas dúvidas abundantes que surgiam em decorrência das informações excessivas e da multiplicidade de situações que poderiam ser encontradas. Meu cansaço físico pode ter sido um obstáculo na medida em que limitava o ministrar do treinamento com a criatividade e amparo necessários.

A segunda etapa ocorreu entre setembro e dezembro, contemplada mais uma vez pelo meu preparatório, com fim de reforçar meus procedimentos e técnicas de aferição antropométrica para posterior averiguação dos bolsistas. Para isso contamos com o auxílio de voluntários no Centro de Estudos e Práticas em Nutrição (Cepran – IBB/Unesp) e em uma escola de educação infantil no município de Botucatu-SP.

Dessa vez, os 44 bolsistas foram divididos em subgrupos menores, pois, tratando-se de uma etapa de averiguação prática, abrangendo um número grande de voluntários, previu-se também um período maior de dedicação para cada grupo. Cada bolsista deveria aferir as medidas de comprimento e peso de dez crianças menores de 2 anos e de estatura de dez indivíduos maiores de 2 anos, seguido da minha aferição, como supervisora (parâmetro de referência). Foi um momento desafiador para muitos dos bolsistas, testemunhado por mim, por causa de receio de machucar os voluntários, insegurança no início da execução dos procedimentos ou até mesmo no trato com crianças pequenas e suas exigências peculiares, como troca de fraldas, choros etc. Observei também uma variação na familiaridade com os equipamentos propostos para uso na pesquisa

e com os procedimentos que norteiam o diagnóstico nutricional por meio da antropometria. Consegui, com essas observações e averiguação das medidas, detectar, ao final dessa etapa, diferentes graus de aptidão ou até mesmo despreparo entre os bolsistas, independentemente do estágio da graduação em que se encontravam.

Certo desconforto me tomou nesse processo, com um sentimento de insuficiência. No entanto, compreendi que a finalidade do treinamento tinha sido conseguida por colocar as condições necessárias à ida dos bolsistas ao campo, prepará-los e avaliá-los para tal. Em todos os treinamentos pude contar com a gentileza de alguns articuladores locais e regionais e docentes das instituições que se envolveram com a pesquisa da Rede-SANS, provendo frutas, sucos, pães, água ou me auxiliando nas situações práticas de locomoção, transporte e localização, e ajustando outras condições às necessidades do momento.

Apoiando a pesquisa

Sessenta e cinco municípios no estado de São Paulo foram objeto de estudo, ficando cada bolsista responsável por investigar cerca de cinco unidades de saúde de um ou dois municípios, variando de acordo com o número de unidades existentes. A ida dos bolsistas a campo teve início imediato e se prolongou até 2012. Nesse ínterim, a equipe de educomunicação facilitou o desenvolvimento de um canal de comunicação, por meio da plataforma Moodle da Unesp, entre os bolsistas, a professora Maria Rita, a nutricionista Milena, os docentes das instituições envolvidas com a pesquisa, articuladores regionais e eu. Esse canal, além de outros, permitiu-me permanecer próxima dos bolsistas, podendo, com a ajuda dos colegas, continuar a orientá-los e auxiliá-los nas dificuldades, dúvidas e adversidades que aconteciam ao longo das visitas aos municípios.

Os bolsistas, quase sempre inseguros no primeiro contato e na primeira visita, encontraram situações múltiplas nos diferentes locais de visita dentro dos municípios e também se comportaram de maneiras diversas. Aqui não me refiro às situações técnicas de entrevista, observação ou averiguação, mas a situações inesperadas, inusitadas ou decorridas da presença ou observação do bolsista. Seguem trechos de algumas postagens dos bolsistas na plataforma Moodle do início da pesquisa:

> Hoje consegui marcar minha primeira reunião com o gestor do município... estou ansiosa para começar e ter resultados satisfatórios!

> [...] fiz o contato com as duas cidades que estou encarregado [...] ambos os secretários estão cientes da pesquisa [...] na próxima visita começarei as entrevistas com os gestores e assim por diante.

O interesse e animação com os frutos das primeiras visitas:

> [...] já faz tempo que começamos as entrevistas, mas aconteceram alguns problemas e tivemos que parar por uma semana, tudo foi resolvido e estamos indo muito bem, já fizemos entrevistas com algumas gestoras, fomos bem recebidas pois já estávamos sendo aguardadas [...]

> Eu e a L... junto com a nossa articuladora, divulgamos o trabalho para os responsáveis na Secretaria da Saúde [...] neste mesmo dia nossa articuladora deu uma entrevista a qual foi divulgada na rádio da cidade ontem [...] foi divulgado também no site da cidade sobre a pesquisa que está sendo desenvolvida!! Achei muito interessante compartilhar isso!!

Os bolsistas também relataram percalços, dificuldades e transtornos para a execução da pesquisa e também no relacionamento com os profissionais.

> [...] estou tendo uma dificuldade, já entrevistei duas gestoras de unidades diferentes [...] e uma enfermeira de cada equipe também, mas elas se estendem muito nas respostas, querem ficar justificando, quanto a não realizar atividades de alimentação e nutrição nas unidades, e sobre outras questões também, tenho tentado ser objetiva, mas fica indelicado ficar cortando elas a toda hora, e com isso tenho perdido o dobro do tempo estimado [...]

> [...] estou sinceramente muito preocupada com uma das cidades que fiquei responsável [...] conversei com a secretária várias vezes tentando marcar uma reunião, e também pedindo para que ela me informasse quem é a pessoa responsável pela informatização do município [...] porém ela fica dando desculpas e hoje quando liguei, ela disse que acha melhor tirar a cidade de G. do projeto pois ela está muito enrolada [...] ela até desligou o telefone na minha cara. Está muito difícil chegar nas pessoas que preciso para executar as tarefas [...]

Episódios infelizes também fizeram parte da trajetória dos bolsistas e da pesquisa e foram relatados nos e-mails, além da plataforma Moodle:

> [...] tinha reunião marcada [...] com duas médicas, uma não quis nem conversar comigo, disse para me avisarem que ela não ia responder naquele dia que era para eu voltar outro dia, já a outra me chamou para eu entrar no seu consultório, apresentei o projeto e ela ficava me olhando com cara de cínica [...] ela olhou o questionário, disse que não iria responder questionário algum, pois era um questionário muito complexo, e perguntas muito sem noção para ela ter que responder [...] ela ainda disse que não iria ajudar nenhum aluno ou nenhuma professorinha em trabalho científico [...] ah, isto tudo gritando comigo na sala de consultório sem deixar que eu falasse nada [...] eu me senti lesada, humilhada, maltratada [...] saí da unidade chorando, em prantos, pois tinha perdido uma tarde, tinha perdido dinheiro do projeto e o meu tempo indo lá para nada, para ser humilhada [...] passei muito mal [...] foi sem dúvida muito desanimador. Me fez refletir se vale a pena continuar este projeto [...] quando vou nas unidades sinto de uma forma geral que não sou bem-vinda, eles pensam que eu estou lá para fiscalizar a unidade e o trabalho de cada um, por mais que eu explique que não [...]

Esboçando um desenho

Os bolsistas tinham um diário de campo, em que foram relatadas não só as dificuldades e superações de cada um deles, mas também sua percepção quanto à caracterização das unidades, espaços e serviços oferecidos, a equipe de profissionais e as ações de alimentação e nutrição desenvolvidas. Delineio, a partir do conteúdo relatado pelos bolsistas, um município de cada região, tentando apresentar um brevíssimo panorama da pesquisa de campo.

Amparando e sendo amparada

Ao longo dos mais de dois anos de Rede-SANS pude me acercar da equipe de articulação regional, participando das reuniões mensais, planejamento e organização de seminários e outros eventos, apoio às atividades locais e às equipes da Rede. Com o encaminhamento e posterior finalização dos treinamentos e da pesquisa de campo, por estar instalada em Botucatu e pelo intenso envolvimento com as generalidades das ações construídas e desenvolvidas no processo de amadurecimento e articulação da Rede, aproximei-me cada vez mais da equipe de articulação geral, recrudescendo ainda mais minha atuação de suporte ao fortalecimento da Rede.

Dessa forma, participei da elaboração do vídeo *Lá em casa, lá na cidade, lá na roça*, produzido a partir de cartilha já elaborada pela Rede-SANS em par-

ceria com o Instituto Cílios da Terra. Minha participação foi mais artística do que técnica. Além disso, também viajei para alguns municípios a fim de apoiar instituições parceiras ou de apresentar ou ser representante da Rede-SANS em eventos, reuniões etc. A partir de toda essa vivência, estabeleceram-se relações não somente de trabalho, mas pessoais e de grande amizade, nas quais continuo me pautando para o desenvolvimento de meu trabalho em outros locais e com outros grupos.

Resultados

O relatório dos resultados da pesquisa foi divulgado em um caderno (http://www.redesans.com.br/pesquisas/pesquisa-rede-sans/) e em publicações científicas, algumas ainda em elaboração no ano desta publicação.[1]

Categoria 1 – A visão de profissionais de saúde da atenção básica sobre as ações de alimentação e nutrição

Os profissionais de saúde entrevistados reconheceram diversas ações de alimentação e nutrição na atenção básica (AB) inseridas no cotidiano, na rotina de trabalho das equipes. No entanto, a atividade referida de forma mais relevante pelos profissionais das equipes de AB, pertinente a esse campo de práticas, foi a educação alimentar e nutricional.

Pacientes portadores de doenças crônicas são os principais focos das orientações alimentares e nutricionais individuais ou em grupo, na opinião dos profissionais: "hipertensos... pessoas idosas... diabético tem... que orienta[r] o que ele pode comer... para não ter complicações" (GF Presidente Prudente).

O grupo materno-infantil também foi reconhecido demandante das ações de educação alimentar e nutricional na AB: "dizer para uma mãe o que ela deve dar... fazer ela entender o que é uma alimentação saudável... muitas vezes acontece de ter baixo [peso], não está se alimentando bem" (GF PP).

A educação alimentar e nutricional é reconhecida como uma prática cotidiana nas unidades de AB. Contudo, os profissionais entrevistados expressaram

---

1. Enes; Loiola; Oliveira, Cobertura populacional do sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.19, p.1543-51, 2014.
Vieira et al., Aplicação da técnica de grupo focal em pesquisa da Rede-SANS sobre as ações de alimentação e nutrição na atenção básica em saúde. *Cadernos Saúde Coletiva* (UFRJ), v.21, p.407-13, 2013.

dificuldades e entraves significativos para o desenvolvimento dessa prática: "as orientações são dadas, mas não atinge todo público" (GF PP).

Diante das dificuldades apontadas pelos profissionais de saúde entrevistados em relação ao desenvolvimento das ações de educação alimentar e nutricional, como visto nos depoimentos, surgiu a necessidade de capacitação dos profissionais para realizar essa atividade: "[a enfermeira] não se sente preparada para realizar uma orientação nutricional" (GF PP).

a) Os guias e manuais do Ministério da Saúde: um recurso pouco explorado

Ainda em relação ao conteúdo de capacitação da equipe, os manuais e materiais bibliográficos produzidos pelo Ministério da Saúde na área de alimentação e nutrição foram lembrados e citados pelos profissionais entrevistados. Alguns profissionais revelaram saber da existência desses materiais para apoiar o trabalho da equipe. No entanto, a dificuldade de acesso, a falta de interesse ou mesmo o desconhecimento da existência deles também foram referidos. No debate sobre esse tópico, houve profissionais que se posicionaram ao defender a ideia de que o acesso ao material de apoio é uma barreira a ser vencida quando há interesse e disponibilidade pessoal para buscar as informações: "fui descobrir alguns esse começo de ano... alguns manuais de orientação para profissionais da assistência básica... eu desconhecia" (GF PP).

b) As práticas alimentares da população atendida e da própria equipe

O debate despertado pela técnica de entrevista em grupo focal promoveu uma reflexão por parte dos profissionais sobre a prática educativa no campo da alimentação. As dificuldades para orientar a população atendida em suas áreas de abrangência emergiram no debate, assim como o manejo de sua própria alimentação: "hoje em dia se come muito errado, independentemente de estar doente ou não" (GF PP).

c) Determinantes da transição nutricional – "acontece hoje em dia... toda mãe, dona de casa, trabalha..."

A partir da análise do conteúdo das entrevistas foi possível identificar que os profissionais de saúde, ao debater sobre as práticas alimentares do cotidiano das comunidades e deles próprios, identificaram um conjunto de situações que se

vinculam aos determinantes da atual transição demográfica, epidemiológica e nutricional. As facilidades promovidas pela industrialização dos alimentos, o novo papel feminino na atual sociedade e as demandas financeiras e pessoais para pôr em prática uma alimentação saudável ao conjugar as tarefas cotidianas (profissionais e pessoais), foram alguns dos elementos identificados nas entrevistas, que se relacionam com o tema da transição nutricional: "acontece hoje em dia... toda mãe, dona de casa, trabalha" (GF PP), "na correria do dia a dia não tem tempo pra preparar os alimentos... comer esse salgadinho frito ali... já tá satisfeito... o mercado hoje facilita muito... vai no mercado e tem um monte de coisa pronta" (GF Itapeva).

d) Determinantes da transição nutricional: a alimentação saudável é cara?

Em torno do debate sobre as práticas da alimentação dos participantes, os grupos foram estimulados a responder o questionamento sobre a questão financeira, que pode implicar uma condição melhor ou pior na determinação das escolhas alimentares. Sem que os grupos chegassem a uma única conclusão foi possível identificar a riqueza dos relatos e questionamentos que surgiram a partir dessa provocação: "Eu não acho que alimentação saudável é mais cara" (GF PP), "É o bolso... tem a cultura que tá contribuindo... a vida moderna e as facilidades dos alimentos prontos promovem escolhas positivas e negativas... a mídia, a propaganda" (GF ITA).

Os participantes buscaram saídas para esse conflito e indicaram a necessidade de mudança de hábitos. Contudo, ao ser questionado se é possível ocorrer mudanças de hábitos alimentares e como isso pode ocorrer, as narrativas apontaram para o sentido de mudança centrado na força de vontade pessoal: "mudança de hábito... tem tantos programas que dão instrução de como você se alimentar... um monte de pesquisas... do alimento, das dietas e as pessoas continuam insistindo, mesmo escutando as orientações exaustivamente" (GF PP).

O adoecimento e o medo de morrer foram reconhecidos pelos profissionais como uma forma de motivação que pode imprimir transformações nas práticas alimentares: "O hábito muda se eu quiser... ou só com doenças" (GF PP).

O reconhecimento da dificuldade de estabelecer mudanças na alimentação levou o grupo a identificar em suas experiências de vida, vivências que foram permeadas de elementos promotores desse processo. Foi salientada a importância do vínculo, da confiança, da criatividade, do apoio constante, da identidade e da responsabilidade do profissional que atua na área da saúde, como elementos potencialmente promotores da mudança nas práticas alimentares:

"Tiro por mim, a cobrança de todo dia, toda hora e tive aquele apoio e me senti apoiada e aí eu comecei" (GF Ribeirão Preto), "incentivo... ter disponível informação e acesso... mas se a pessoa não tiver uma iniciativa, não adianta, se tem a cabeça fechada e é complicado" (GF ITA).

Os profissionais indicaram que as mudanças nas práticas alimentares podem ocorrer em função do sofrimento, determinado pelo adoecimento. O evento doença na vida das pessoas pode tornar a alimentação um elemento importante. Isso parece que contribui para que os profissionais, em suas práticas de saúde, assumam uma postura de fazer a educação alimentar e nutricional procurando na doença o estímulo para a mudança, pela ameaça que a doença pode trazer quando não se tem uma boa alimentação: "procurar uma estratégia... um choque para alertar a população. Tentar assustar... pra acordar... A gente tem que mostrar coisa que choca... a mídia está falando diariamente, informando e mesmo assim nada acontece..." (GF PP), "tratamento de choque... você não faz a dieta, você não faz atividade física, olha o que vai acontecer com sua veia" (GF RP).

Entre os problemas de saúde vinculados às práticas alimentares, a obesidade foi reconhecida pelos profissionais como prioridade. No entanto, no processo de análise dos resultados, a questão da obesidade foi compreendida como um tema polêmico, que desperta muito interesse dos profissionais da AB, com forte preocupação pela tendência de aumento dos índices de prevalência e consequente aumento da demanda de tratamento: "O povo tem que acordar. A população está caminhando para obesidade... Nós temos que começar lutar mais, tentar pegar mais pesado em relação às crianças" (GF PP), "A tendência é piorar... Vão tendo mais complicações... Hoje em dia você vê gente... menino novo de 26, 27 anos enfartando, menino de 13 anos tendo AVC" (GF PP).

O tratamento da obesidade foi tema de discussão nos grupos focais e muitos profissionais levantaram questionamentos sobre a cirurgia bariátrica: "pra ele [paciente] é mais fácil passar dois meses num hospital do que ficar um ano fazendo regime... não tem mais aquela força de vontade... contar com a enfermeira, com a nutricionista" (GF Marília).

A questão do baixo peso (desnutrição) como problema social ou associado às questões fisiológicas também foi reconhecida por alguns profissionais que atuam em áreas de maior concentração de pobreza, contrapondo-se ao problema de excesso de peso: "nossa população é mais carente e não tem o que comer... estamos focados em perda de peso e às vezes tem um idoso que não deglute" (GF MAR).

Categoria 2 – Percepções sobre a inserção do nutricionista na atenção básica

A partir da análise das narrativas obtidas na aplicação dos grupos focais nas seis regiões do estado de São Paulo que participam da pesquisa da Rede-SANS, os profissionais entrevistados identificaram as ações específicas do nutricionista na AB, preconizadas nos documentos oficiais do Ministério da Saúde. Estas foram:

- atuação nas diferentes etapas do Sisvan;
- atividades de visita domiciliar;
- atendimento individual de casos encaminhados por membros das equipes;
- participação em grupos de apoio terapêutico nas unidades básicas;
- atuação do nutricionista da área da saúde em outras instituições para promoção de segurança alimentar (intersetorialidade).

Os profissionais dos grupos entrevistados percebem a inserção do nutricionista na AB, havendo uma tendência de vincular este profissional à operacionalização do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional, os programas operacionais Sisvan-Web e Sisvan Bolsa Família: "a nutricionista na unidade... é mais ela que dá um apoio" (GF São José do Rio Preto), "é um programa monopolizado pela nutricionista... são dados que não chegam até nós... sei que existe o Sisvan, sei que elas têm que preencher formulário, que têm que alimentar o Sisvan mensalmente... Mas não chega até o meu serviço!" (GF PP).

É necessário reconhecer que havia nutricionistas em alguns grupos focais, contudo foi possível identificar que os profissionais entrevistados, de maneira geral, têm conhecimento das possibilidades de atuação do nutricionista na AB, ou seja, de que forma esse profissional pode se inserir na equipe e quais suas principais atribuições. Como exemplo, o reconhecimento da atividade do nutricionista no domicílio e sua integração na equipe de saúde para o cuidado foi uma questão debatida ao se tratar desse tema, emergente nos grupos focais: "uma dieta por sonda, o cuidado que deve ter... como fazer passo a passo. Na casa do paciente é mais fácil acompanhar" (GF SJRP).

Os profissionais de saúde salientaram a importância do nutricionista na AB e indicaram a necessidade desse profissional em cada uma das unidades básicas (UBS ou USF): "Acho ótimo... vai passar com a nutricionista... fazendo exame descobre algo. É prevenção... vai ter educação alimentar e é necessário... para a pessoa não piorar" (GF MAR).

No entanto, a carência de nutricionistas na AB foi reconhecida em tom de protesto entre os profissionais de Ribeirão Preto, uma das maiores cidades do interior do estado de São Paulo.

> Fica parecendo que a gente quer só o nutricionista... largar tudo na mão dele. Não é bem isso, é que tem que ter um que vai ter aquela obrigação de mostrar os dados e assinar a folha. Tem que ter essa pessoa... como é que uma cidade como Ribeirão Preto... com um bom orçamento só tem uma nutricionista? Como é que você [quer que o] Sisvan chegue [na AB]? (GF RP)

Os profissionais de algumas equipes revelaram a experiência de contar com nutricionistas atuando em NASF. Contudo, mesmo com essa modalidade de ampliação da equipe básica, houve reconhecimento de que há carência desse profissional na AB: "tem na equipe do NASF, ela passa, faz uma avaliação das pessoas que fazem caminhada, acompanha três vezes por semana fazer a caminhada, faz o café da manhã junto e eles procuram muito" (GF ITA).

A presença dos professores e alunos dos cursos de graduação em Nutrição, parceiros do SUS em alguns municípios, contribui para melhorar a oferta do trabalho do nutricionista na AB. Porém, segundo a opinião dos participantes, as atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes não substituem o profissional que deveria estar presente nas unidades: "O profissional fixo conseguiria fazer um trabalho preventivo... continuar com os estagiários é importantíssimo, mas se tivesse um profissional fixo... tem que mostrar a importância do nutricionista" (GF RP). "Na unidade, nossa unidade tem estagiárias da Unimar... a demanda é muito grande... nutricionista faz grupos" (GF MAR).

A partir da análise dos resultados emergiu uma questão vinculada à forma de inserção do nutricionista e à maneira de organizar o atendimento à demanda na AB. O modelo preconizado pelo Ministério da Saúde indica que o nutricionista deve se estruturar para matriciar as demandas da equipe básica, ou seja, fazer o acompanhamento dos casos, ou da própria equipe, que atendem demandas identificadas pela equipe básica. No entanto, foi detectado nos grupos focais que em algumas situações de parceria com as universidades locais os graduandos de Nutrição atendem a demanda espontânea, conhecida como "agenda aberta à população", considerada pelos profissionais como insatisfatória, na medida em que há intervalos de férias e finalização de estágio, quando a população fica sem o atendimento direto do profissional em formação: "Em agosto, praticamente... fica sem uma nutricionista na unidade. Tem a do NASF... mas vai dificultar porque a demanda é grande... estamos sem agenda porque as meninas

da Unimar estão de férias... fazemos a orientação e eles têm que seguir direitinho" (GF MAR).

No debate sobre a contribuição do nutricionista na AB, emergiu a questão do atendimento de casos com demanda para melhorar a estética do corpo e as discussões a respeito demonstram que há divergências. Para alguns, atender esse tipo de demanda é inadequado à unidade de saúde. Todavia, outros participantes consideraram uma demanda importante para o nutricionista na atenção básica. Na opinião destes, a preocupação com a estética pode ser entendida como uma possibilidade de desenvolver ações preventivas e vinculadas à autoestima de pacientes com possíveis distúrbios alimentares e de imagem corporal: "estética também é questão de saúde pública, pois a não aceitação da imagem corporal pode gerar baixa autoestima, depressão... obesidade leva uma pessoa à depressão" (GF MAR).

O debate em torno da estética também se vinculou à discussão sobre o modelo de inserção do nutricionista na unidade de saúde. Nesse sentido, a questão da agenda aberta para o nutricionista na unidade básica (UBS e USF) foi debatida e questionada:

> Antes era feito um encaminhamento que a nutricionista fica[va] na especialidade... para tentar suprir sete unidades. Foi chamada outra nutricionista... cada dia ela fica numa unidade e não tem encaminhamento médico... pode chegar e falar "eu quero passar pela nutricionista" e é só agendar... sem discutir... isso aumentou mais a procura... não por saúde, mas por estética. (GF MAR)

Apesar do reconhecimento da importância do nutricionista e a identificação de ações específicas desenvolvidas por esse profissional, identificamos em nossa análise das narrativas dos profissionais que há a percepção de que esse profissional pode não ser essencial à prática assistencial realizada pelas equipes de saúde na AB: "Ela atendia toda sexta... os pacientes que passavam primeiro os que eram sobrepeso, hipertenso, pacientes diabéticos... eles vinham... tem paciente que sente falta... mas agora como faz tempo até esqueceram e parece que morreu e não perguntam mais" (GF ITA).

Críticas ao trabalho do nutricionista também foram identificadas, e são diversificadas, tanto no sentido da forma de atuar no tratamento para o excesso de peso, quanto de falta de integração do nutricionista com os agentes comunitários de saúde e ao contexto sociocultural da população atendida: "os casos que encaminho não adianta... [o paciente diz] 'se eu comer o que ela falou vou virar uma bola!'" (GF ITA).

Foi observado nas narrativas que existe a valorização e reconhecimento do profissional, porém não está nítido como deve ser sua inserção (um profissional integral para cada unidade ou como está sendo proposto no modelo de NASF). Há dúvidas também em relação às prioridades de atendimento do nutricionista na AB e se esse profissional deve fazer o atendimento à demanda espontânea da população na rede básica.

Categoria 3 – A prática de vigilância alimentar e nutricional na atenção básica e o Sisvan do estado de São Paulo na opinião de profissionais de saúde

Não existe, entre os profissionais que participaram dos grupos focais, um conhecimento uniforme sobre o que é o Sisvan, para que o sistema serve e como deve ser operado. Alguns participantes mostraram-se acanhados ao serem questionados sobre o Sisvan, indicaram dúvida e o silêncio foi interpretado como uma maneira de manifestar que nem todos tinham conhecimento sobre o assunto. "Sisvan... aquele que é da escola?... um questionário na escola tem esta nomenclatura: Sisvan, mas o que ele significa mesmo não sei!" (GF RP); "É a respeito de alimentação nutricional. O governo federal tá tentando introduzir uma política... chamar a atenção para a alimentação saudável" (GF RP). Além daqueles que não tinham quase nenhum conhecimento ou conhecimento equivocado sobre o Sisvan, outros participantes demonstraram conhecimento parcial, como uma ferramenta de avaliação individual de diagnóstico nutricional: "as crianças de até 10 anos para acompanhar o crescimento e o desenvolvimento... de gestante... a alimentação... o peso, a altura... aleitamento materno exclusivo, risco, alimentação complementar... com peso baixo ao nascer" (GF SJRP).

E outros participantes com conhecimento mais completo sobre o Sisvan reconhecem a utilização para diagnóstico populacional e para que serve: "é para fazer um diagnóstico da população... é em cima disso que o governo faz as ações, as campanhas" (GF SJRP); "auxilia no dia a dia, porque a gente consegue ter o diagnóstico daquele indivíduo ou daquela população que está sendo atendida.... é uma ferramenta que a gente costuma... consultar, comparar... dados de 2010 com 2011... muito útil para nós... determinando... a necessidade... da intervenção nutricional... a gente consegue saber como que está essa população" (GF PP).

Em relação ao conhecimento sobre o Sisvan, alguns profissionais apontaram que essa atividade é realizada como um cumprimento mecânico de envio de dados para o sistema operacional, e não o percebem como uma atividade importante no conjunto do processo de trabalho da AB: "a gente alimenta o sis-

tema... coloca data, peso e altura, pronto... fazem a coleta dos dados e digitado na UBS. É centralizado... por falta de pessoas para digitar... tá falha essa devolução..." (GF PP); "Pesa e mede e coloca no computador (GF MAR); "marcar um dia e pesar que enlouquece... isso não é acompanhamento... É época política... tem que pesar todo mundo porque se fulana perder a bolsa acaba com a política... um apanhado geral... um mutirão na escola... fazemos o peso e a altura mensal da escola" (GF ITA).

Em alguns grupos, os profissionais concordaram que o Sisvan é uma ferramenta para avaliar nutricionalmente o indivíduo e a população, com um determinado objetivo, mas em sua opinião, na prática, isso não funciona, pois não há maneiras de dar retorno para a população atendida. Para alguns profissionais, quando há nutricionista na unidade de saúde, é esse profissional que assume essa tarefa. Contudo, quando esse profissional não existe, não há retorno dos dados e não se conhece o perfil nutricional das pessoas cadastradas no Sisvan. E os profissionais que não são nutricionistas questionam se tais ações deveriam ser exclusivas a essa categoria: "a nutricionista na unidade... é mais ela que dá um apoio" (GF SJRP); "Fica parecendo que a gente quer só o nutricionista... largar tudo na mão dele. Não é bem isso, é que tem que ter um que vai ter aquela obrigação de mostrar os dados e assinar a folha. Tem que ter essa pessoa" (GF RP).

Problemas em relação à operacionalização do Sisvan foram apontados, tais como a falta de pessoal, de equipamentos e de capacitação, o tamanho da área de cobertura da unidade básica e a falta de local apropriado: "faço como enfermeira do PSF, eu sou limitada, eu não tenho um profissional para me ajudar" (GF PP).

A parceria com a Universidade foi salientada no sentido de viabilizar a operacionalização do Sisvan-Web: "nós temos também a estagiária da Nutrição da Unaerp que faz esta atividade usando o computador da gerente para colocar os dados no sistema. Então as estagiárias sempre ajudam" (GF RP).

Também surgiram nos grupos divergências em relação às orientações do gestor da AB relativas ao desenvolvimento das atividades de Vigilância Alimentar e Nutricional (VAN) e da utilização dos sistemas operacionais Sisvan e sistema de monitoramento do Programa Bolsa Família. Alguns recebem informações e orientações do gestor e outros revelaram que nunca lhes foi explicado como e para que os sistemas deveriam ser alimentados: "tem que alimentar o sistema e ponto... Nem abre o sistema para a gente olhar" (GF PP).

No grupo focal com os profissionais da região de Marília, a questão da informatização da AB foi um assunto que ocupou bastante tempo do debate e os participantes ficaram surpresos com o nível tecnológico implantado ou em implantação no município de Pompeia (SP): "Foi feito um cadastro de todas as

crianças... veio a proposta para informatizar, ao invés do prontuário manual ter o prontuário eletrônico... a gente ficou uns três, quatro meses... tentando aprender... usar o programa... Já tem até o ícone lá na tela... escrito lá 'Sisvan'... clica... digita e manda" (GF MAR).

Alguns profissionais defenderam a ideia de que as unidades de saúde deveriam ter um profissional (escriturário) administrativo para a digitação dos dados, deixando para os profissionais de saúde a tarefa de coleta de dados e acompanhamento dos pacientes: "Eu prefiro que alguém digite... tem SIS-Pré-Natal, tem Sisvan, Bolsa Família... É muita coisa pra gente dar conta! [...] um escriturário para digita[r] nossos dados e faríamos outra atividade" (GF SJRP).

Outros criticaram essa proposta, pois, quando os dados são digitados por profissionais que não são da saúde, nem sempre há atualização adequada, muitas vezes erros grosseiros de peso, altura e idade são digitados e o profissional não tem habilidade para identificar que existe o erro. No entanto, a crítica principal foi quanto à dificuldade de integração desse profissional administrativo na equipe de saúde: "Lá na minha cidade quem faz a antropometria sou eu e quem faz a alimentação de dados não sou eu... quem faz deveria alimentar" (GF SJRP).

Há reconhecimento de que os dados antropométricos coletados na AB atendem a programas distintos (Sisvan-WEB, BF, entre outros). Nesse sentido, foi possível perceber que na opinião dos participantes os dados antropométricos não serviriam para o desenvolvimento da vigilância nutricional, mas para cumprir condicionalidades do setor saúde para a manutenção do vínculo dos beneficiados aos programas municipais, estaduais ou federais: "o Sisvan é um e o Bolsa Família é outro. Os sistemas do computador são diferentes" (GF PP).

Em sentido divergente, alguns profissionais apresentaram sua opinião permeada por uma postura ativa de vigilância nutricional, nas atividades de coleta e de análise dos dados antropométricos da população atendida pelo Programa Bolsa Família. A possibilidade de fazer o acompanhamento desse grupo populacional para avaliação antropométrica foi questionada por alguns, o que explicitou as divergências relativas a esse tema:

> Nós fazemos diferente!... vamos (ter) banner sobre alimentação saudável, a gente identifica se a vacinação do paciente tá em dia... Existe para nós um atendimento antes desta digitação... depois... que terminou todos, a gente alimenta o sistema... data específica só para este atendimento... população... é menor... tem como eu fazer isso. (GF PP)

A convergência de opiniões relativas à prática de vigilância nutricional e ao atendimento das condicionalidades da saúde para o Programa Bolsa Família foi revelada pelos grupos no que diz respeito à falta de interesse da população no acompanhamento do crescimento da criança. Na visão dos profissionais, a avaliação antropométrica é entendida pela população beneficiada como uma maneira de garantir o benefício monetário do Programa: "Lá na cidade, o povo só vai pesar quando diz assim: se não pesar até tal dia perde o Bolsa Família... É triste, é errado... não tem uma preocupação... a alimentação saudável... A puericultura é difícil, a gente tem que ficar correndo atrás o dia inteiro pra mãe levar, pra pesar, explicar qual é a importância, mas mesmo explicando elas não vão" (GF ITA).

Categoria 4 – A intersetorialidade para a promoção da segurança alimentar e nutricional a partir da atenção básica

A questão da intersetorialidade foi debatida nos grupos focais de forma tangencial, inserida nas discussões sobre a atuação dos nutricionistas na AB. A atuação desses profissionais para além dos espaços físicos das unidades de saúde da rede básica foi reconhecida nos grupos como uma possibilidade concreta e interessante para a promoção das ações de alimentação e nutrição com a população, nas comunidades em que as unidades de AB, especialmente para as pessoas que não costumam ir à unidade de saúde, ou em parceria com outros setores da rede de serviços públicos: "na unidade básica, em relação aos adultos a gente tá correndo atrás de alguns prejuízos... se a gente for pensar realmente em ação de promoção... deveria mesmo [ser] extramuro, lá na escola" (GF RP).

Os profissionais entrevistados resgatam exemplos de inserção do nutricionista em diferentes cenários, atendendo demandas amplas de promoção à saúde, além da assistência. Ações intersetoriais em escolas, comunidade, mídia, instituições privadas ou mesmo em programas e projetos em contextos mais abrangentes, que apontam para as ações intersetoriais:

> [...] o Programa Saúde na Escola... é uma nova área onde a nutricionista da saúde começa a atuar. Está sendo feita a avaliação nutricional dos estudantes, orientações sobre alimentação saudável... Dia Mundial da Saúde... a orientação é para a população de uma maneira geral, não só aquela que frequenta a UBS... dentro de um CAPS que também é uma população que também necessitaria. Dentro de grupo de tabagismo que também necessitaria uma reeducação alimentar. (GF PP)

Ao serem estimulados a pensar sobre as ações intersetoriais de promoção de segurança alimentar, a partir da atenção básica, alguns participantes resgataram a questão da cidadania:

> A ideia que a gente tem é que sempre o governo tem que atuar em tudo, mas toda pessoa como cidadão tem que participar também... não é só "eu tenho direito", eu tenho responsabilidades também. Em relação a algumas áreas como a sustentabilidade isso tá mais evoluído e em relação à alimentação... estamos tentando resgatar e transformar isso. (GF RP)

O projeto de pesquisa tinha como interesse conhecer a repercussão das atividades da Rede-SANS no estado de São Paulo. Portanto, essa era uma questão do roteiro de entrevista: "acho que ampliou essa visão... em vários sentidos em relação à alimentação e nutrição, ao Sisvan... aferiu os equipamentos que a gente tinha... foi muito positiva essa participação da pesquisa" (GF PP).

Alguns profissionais reconheceram o trabalho de educação a distância e formação de agentes de segurança alimentar e nutricional como atividades interessantes, com reconhecimento nas narrativas dos profissionais que participaram do grupo focal.

> Eu conheço, não sou articuladora, mas ela apresentou a Rede pra nós e comecei a fazer a Interanutri... senti um interesse grande dos agentes comunitários... não sei se vai vingar... vai ser uma coisa muito válida... conseguir trabalhar especificamente a comunidade... fazer algumas ações comunitárias... uma coisa diferente... Não vai ser sempre aquela fala, "você tem que comer assim, assim"... vão surgindo ideias do que pode ser uma alimentação saudável. (GF PP)

Ao debater as questões propostas no roteiro, identificamos conteúdos emergentes que não eram temas específicos da pesquisa. Um deles diz respeito ao reconhecimento por parte dos profissionais da saúde das diferenças nos modelos de AB quando comparadas às características das UBSs introduzidas nos anos 1980 com a Estratégia de Saúde da Família. A ESF foi identificada como um modelo que tem seu foco dirigido para a promoção e vigilância à saúde: "As USFs são vigilantes... fazem as visitas e quando tem algum problema... aciona a nutricionista... a médica encaminha pra nutricionista... lá na UBS é diferente" (GFPP).

O termo "postinho" foi mencionado por alguns participantes durante as entrevistas coletivas ao fazerem referência às unidades de saúde da AB. No en-

tanto, os debates voltados para a questão do modelo de saúde da AB provocaram um questionamento sobre o termo, sendo salientada sua insuficiência e inadequação: "eu mesma era assim: ia no postinho e tinha que falar com o médico" (GF REG).

Tento em vista o momento de transição do modelo de atenção básica, os profissionais teceram críticas e relataram dificuldades encontradas no cotidiano. Os entrevistados identificaram que esse período exige mudanças na postura profissional para que a AB possa ser mais efetiva, além de detectar as relações de poder cristalizadas pelos membros das equipes, as condições inadequadas de trabalho e a resistência da população à ESF:

> [...] aquele trabalho na praça... com a saúde, várias especialidades, o pessoal só quer saber de medir a pressão... diabetes, só que eles não sabem a importância da alimentação... A gente não pode culpar o paciente, porque a gente condicionou isso: médico, medicamento. Então, a gente tem que mudar isso aos poucos... ouvir a necessidade da pessoa... com ética, sem julgamento... precisa melhorar o acolhimento dentro da recepção, tá faltando reunir e conversar. (GF RP)

A referida transição no modelo de AB também foi ressaltada quando os participantes se referiram à definição de complexidade. A amplitude de ações desenvolvidas pelas unidades de AB e a demanda de planejamento e organização da equipe foram reconhecidas pelos participantes: "Na minha percepção é que a atenção básica é a porta de entrada primeira para o cidadão... a gente tinha na nossa cabeça... as ações básicas. De básico a gente não tem mais quase nada... é complexo. É a porta de entrada, tudo chega por ali" (GF RP).

Considerações sobre os resultados da pesquisa de base qualitativa

- O tema alimentação e nutrição é atual e envolvente, mas precisa ser discutido a partir das práticas alimentares dos próprios profissionais da AB;
- a inserção do nutricionista na AB ainda é valorizada, assim como as atividades desse profissional também são reconhecidas como parte das práticas cotidianas de saúde na AB. Contudo, não está evidente para os entrevistados se o modelo de inserção desse profissional nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família atende com suficiência as demandas da população;

- há interesse em relação à atitude de VAN e domínio sobre a ferramenta Sisvan-Web, porém são desafios a serem enfrentados na AB;
- o setor de saúde apresenta dificuldades significativas para o desenvolvimento das tecnologias de articulação de redes para a promoção da segurança alimentar e nutricional. Há um longo caminho a percorrer entre ações pontuais e a consolidação de redes locais.

Narrativas de bolsistas da pesquisa

Darllan Collins da Cunha e Silva
(bolsista DTI-C)

Segurança alimentar era um campo do conhecimento humano que nunca me despertara grande interesse, talvez em razão de minha formação acadêmica ser voltada para a área de Exatas. Portanto, o pouco que conhecia sobre o tema era proveniente de reportagens jornalísticas, as quais não abordavam a SAN com profundidade. Então, o pouco que sabia não era suficiente para entender a dimensão e muito menos a importância desse tema.

Entretanto, no final do ano de 2010, com o mestrado concluído em Engenharia Ambiental, mais precisamente na área de Dispersão de Poluentes Atmosféricos, fui convidado pelo professor Roberto Wagner Lourenço da Unesp, *campus* de Sorocaba, para trabalhar com ele na adequação do Plano Diretor Ambiental do município de Sorocaba, por causa de minhas habilidades em utilizar o software ArcGIS 10.1, e, após o término desse projeto, ele me propôs trabalhar na Rede-SANS.

A princípio, não entendi muito como poderíamos colaborar, porém, ao ler o projeto e passar a enxergar o software ArcGIS 10.1 como uma ferramenta importante no processo de tomada de decisão, comecei a vislumbrar diferentes formas de colaborar, especialmente quando tive a oportunidade de conhecer a professora Maria Rita na Unesp de Botucatu durante uma reunião do projeto em janeiro de 2011. A partir desse momento, comecei a entender a dimensão e, o principal, a interessar-me pelo assunto.

O primeiro passo adotado por mim e pelo professor Roberto, que orientou a pesquisa, foi a criação de um banco de dados por meio do ArcGIS 10.1 (Geodatabase), ou seja, relacionar dados tabulares (por exemplo, morbidades por desnutrição) com dados espaciais (por exemplo, os municípios do estado de São Paulo). Através da espacialização dos municípios participantes do projeto foi

possível verificar como estavam distribuídos no estado e em qual região havia maior ou menor concentração dos mesmos.

Com esse intuito, foram criados mapas, os quais foram divulgados tanto para os municípios participantes quanto para o público em geral. Durante esse processo pude conhecer vários profissionais das mais diversas áreas do conhecimento que atuavam no projeto, com os quais aprendi muito, em especial sobre "rede" com o palestrante Martinho. Ressalto ainda que vários bolsistas ITI trabalharam comigo no dia a dia no processo de criação do banco de dados, sem os quais seria impossível criar um banco de dados com séries históricas que variam do ano 2000 até o presente momento, por causa da magnitude do trabalho.

Os dados vão ser de grande valia para os municípios e para o projeto como fonte de consulta e pesquisa. Fazem parte desse conglomerado dados de saúde, socioeconômicos e ambientais, foram obtidos principalmente de órgãos públicos, como o Ministério do Meio Ambiente, Transporte e Saúde, IBGE, Inpe e Seade. O contato com os profissionais desses órgãos foi enriquecedor do ponto de vista da aprendizagem, além da possibilidade de aprender a trabalhar com softwares novos como o TabWin32 disponibilizado pelo Departamento de Informática do SUS (Datasus), que tive que aprender a manipular para obter e tabular resultados necessários à criação do banco de dados.

Nessa mesma época, elaborei mapas para a Carla Enes (uma das integrantes do projeto) com o intuito de espacializar os dados obtidos em sua pesquisa sobre o Sisvan, Sisvan-Web e o Bolsa Família por mesorregiões do estado de São Paulo, os quais foram utilizados para a confecção de um artigo científico.

Durante esse processo, todas as atividades mensais eram relatadas e enviadas a Carolina Godoi, responsável pelo arquivamento. Também pude aprender muito sobre o aspecto de orientação de pessoas, uma vez que fiquei responsável por ensinar, avaliar e gerenciar as atividades executadas pelos bolsistas que trabalharam comigo durante esse processo.

Viajei várias vezes a Botucatu, onde tive a oportunidade de conhecer a unidade da Unesp situada na referida cidade. Recordo-me de ter assistido em uma dessas viagens a apresentação de uma pesquisa que demonstrava como a má alimentação influenciava nosso estado emocional, causando, entre vários malefícios, depressão. Essa palestra foi importante, pois repensei minha postura perante a ingestão de certos tipos de alimentos industrializados.

Atualmente, aguardo os resultados finais da pesquisa para armazená-los no banco de dados e confeccionar os mapas necessários para elucidar espacialmente os mesmos. Estou, ainda, idealizando com o professor Roberto a criação de um índice de saúde básica nutricional usando ferramentas de geoprocessamento. Esse estudo é passível de publicação, sendo útil para meu ingresso no

doutorado. Pretendo ministrar um curso para alguns dos integrantes do projeto sobre o manuseio do banco de dados com vistas a capacitar pessoas para que tais dados possam ser usados de várias formas, uma vez que a multidisciplinaridade dos integrantes favorece visões diferentes acerca de seu uso.

Posso afirmar que minha integração ao projeto da Rede-SANS proporcionou grande aprendizado, muito mais do que eu poderia imaginar. Aprendi muito mais sobre geoprocessamento, haja vista a necessidade de adequar tal área do conhecimento à linha de pesquisa do projeto, além de assuntos como redes, articulação, intersetorialidade, educação a distância, políticas, conselhos, conferências e a dinâmica de um projeto de desenvolvimento e pesquisa tão amplo.

Acredito que a rede de contatos criada durante o projeto será de extrema importância não só para minha vida profissional, mas para a de todos os integrantes e, em especial, para a sociedade, que ganhará profissionais mais qualificados e engajados na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, sempre almejando e estimulando o desenvolvimento de ações em busca do direito humano à alimentação saudável e solidária.

Patrícia Cristina Wesolowski Tavares
(bolsista DTI-C)

Meu primeiro contato com a segurança alimentar ocorreu durante a faculdade, no segundo semestre do curso de Nutrição, em 2008, com a disciplina teórica Vigilância Nutricional e Segurança Alimentar. Tive contato então com temas como promoção da saúde, agravos nutricionais, vigilância nutricional, Sisvan, entre outros.

Durante esse mesmo semestre, desenvolvi juntamente com outros alunos do curso o Projeto Interdisciplinar de Nutrição em Saúde Coletiva. Dentre as atividades desenvolvidas constavam visitas a uma USF localizada na cidade de Piracicaba, onde conversamos previamente com a enfermeira responsável e fomos informados sobre uma reunião de um grupo de orientação alimentar que acontecia mensalmente, com pessoas que apresentavam diagnóstico de dislipidemias, hipertensão e diabetes, e, a partir daí, alguns integrantes foram a uma dessas reuniões para observar como funcionava, e o grupo decidiu realizar o projeto de intervenção voltado para esse grupo. A partir desse projeto, pude perceber na prática a importância que a segurança alimentar possui na qualidade de vida das pessoas.

O aprendizado adquirido sobre a importância da segurança alimentar, ao longo das disciplinas cursadas, também foi essencial para o desenvolvimento dos estágios ao final do curso. Entre os estágios realizados, dois se destacaram

dentro da proposta de segurança alimentar: em saúde coletiva, feito em uma unidade de saúde USF, em que foram desenvolvidos trabalhos com gestantes e crianças; e em alimentação escolar, em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental, ambos na cidade de Piracicaba. Durante a realização, a segurança alimentar foi trabalhada nas atividades e pude notar novamente a importância desta na vida das pessoas, em todas as fases da vida, e as consequências que a insegurança alimentar proporciona.

No início de 2012, fui convidada pela professora Carla Maria Vieira para participar da Rede-SANS, na coleta de dados da segunda fase do projeto. Realizamos grupos focais em alguns municípios do estado de São Paulo, em que foram debatidas questões de segurança alimentar e feitas reflexões sobre alimentação, vigilância nutricional e intersetorialidade como temas emergentes nos grupos.

Entre as funções que desempenho está fazer o acolhimento dos participantes, com a entrega das fichas de identificação e os crachás. Também sou responsável por fazer o relato de observação, em que observo as expressões não verbais dos participantes durante as discussões dos grupos focais, por exemplo, se estes se encontram atentos à discussão ou dispersos, se estão envolvidos na discussão, entre outros aspectos.

Durante o projeto, tive a oportunidade de participar de um curso a distância promovido pela Rede-SANS, o Interanutri – Agente Comunitário de Saúde. Realizei-o juntamente com outra bolsista e duas estagiárias de Nutrição da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em uma USF da cidade de Piracicaba. Esse curso me proporcionou uma experiência bastante válida, por trabalhar a segurança alimentar na comunidade. Ao término, foi necessário desenvolver um projeto que envolvesse a comunidade. O projeto do meu grupo, em parceria com a assistente social do Centro de Assistência Social (CRAS) pertencente à comunidade, foi "Dicas saudáveis para idosos hipertensos", em que elaboramos uma cartilha para o público-alvo, a ser incluída no material informativo do CRAS. Nela foram trabalhados os temas definição, sintomas e consequências da hipertensão, alimentação saudável para hipertensos e vantagens do consumo de água, atividade física para idosos hipertensos e algumas receitas.

Nunca havia participado de um curso a distância, e achei que foi muito válido para minha formação tanto profissional quanto pessoal, por envolver esse contato com as pessoas, além da intersetorialidade, envolvendo sempre a segurança alimentar. Trabalhar na Rede-SANS foi uma experiência muito boa, que me permitiu fazer contato com pessoas de diferentes regiões do estado de São Paulo,

que compartilham de ideais semelhantes e procuram promover ações que visem à alimentação adequada, solidária e sustentável, respeitando as diversidades culturais.

Laís Sartori
(bolsista DTI-C)

O primeiro contato com a segurança alimentar ocorreu durante a minha formação no curso técnico em Nutrição e Dietética. A grade curricular exigia que o aluno realizasse um estágio, em qualquer área da Nutrição, então optei por realizá-lo na atual Coordenadoria de Programas de Alimentação e Nutrição (CPAN). Participei de um projeto de educação nutricional com pré-escolares de algumas escolas municipais de ensino infantil (Emei), coordenado por Márcia Cardoso, uma das nutricionistas de Piracicaba. Colaborar com o projeto, acompanhando o aprendizado e o entusiasmo dos pré-escolares ao realizar as atividades lúdicas ligadas à nutrição, foi algo que chamou minha atenção sobre a importância da segurança alimentar na vida do ser humano.

Logo ingressei na universidade e, durante a minha graduação, no curso de Nutrição, aprendi mais sobre o tema, tanto na parte teórica, existente nas disciplinas ao longo do curso, como na prática, durante a participação no projeto "Avaliação da implementação das ações de vigilância alimentar e nutricional no âmbito da atenção básica do SUS na região das Bacias Piracicaba-Capivari", coordenado pela professora Maria Rita Marques de Oliveira, e na realização dos estágios.

O aprendizado durante as disciplinas foi essencial para minha formação, mas pela participação no projeto pude ter uma visão mais ampla sobre o tema e compreender como alguns profissionais de saúde do setor público atuavam em prol da segurança alimentar da população, em meu município, Piracicaba, e em outros da região.

Logo após a finalização do projeto, comecei a realizar os estágios e, durante esse período, tive um contato maior com os benefícios e as dificuldades que o profissional nutricionista enfrenta nas diversas áreas de atuação ao prezar pela segurança alimentar da população. O contato com pessoas, o cuidar da alimentação, a preocupação com o bem-estar foram o que me levou a trabalhar na área e a me envolver com segurança alimentar durante minha formação técnica.

No começo deste ano, ingressei na Rede-SANS através da professora Carla Maria Vieira e da professora Maria Rita, para participar da coleta de dados da segunda fase do projeto. Dentre as funções que desempenho está relatar tudo o que ocorre durante os grupos focais realizados com alguns profissionais de

saúde do setor público de diferentes cidades do estado de São Paulo, com o objetivo de verificar a veracidade das informações sobre as ações de nutrição no setor público coletadas na primeira fase do projeto.

Além disso, tive a oportunidade de participar de um dos cursos a distância que a Rede-SANS promove, o Interanutri – Agente Comunitário de Saúde. Foi uma experiência muito válida, porque pude aprender mais sobre o trabalho que esse profissional realiza em sua comunidade. Para concluir o curso, há a exigência de desenvolver um projeto sobre reeducação alimentar envolvendo a comunidade, e o do meu grupo consistiu em "Dicas saudáveis para idosos hipertensos", que contou com as parcerias de uma unidade de Estratégia da Saúde da Família, da Unimep e de um CRAS de uma mesma comunidade. Foi uma ótima experiência poder desenvolver esse trabalho, pois realizamos encontros, conhecemos pessoas, fizemos degustação de preparações e elaboramos uma cartilha para essa população, a ser incluída no material informativo do CRAS.

Trabalhar na Rede-SANS tem sido uma ótima experiência, pois conheci muitas pessoas, algumas cidades do estado de São Paulo, aprendi sobre redes, articulação, intersetorialidade, agricultura familiar, educação a distância, políticas, conselhos e um pouco sobre a dinâmica de um projeto tão amplo. Acredito no principal propósito da Rede-SANS: promover ações para garantir uma alimentação adequada, solidária e sustentável, respeitando as diversidades culturais. Esse projeto me trouxe a possibilidade de poder encontrar pessoas que dividem essa mesma crença e que também estão engajadas de diversas maneiras em vários lugares do estado de São Paulo, o que me traz muita esperança de podermos construir um futuro melhor.

Helena Loiola de Figueiredo
(bolsista ITI-A)

Meu contato com o projeto da Rede-SANS se deu em razão da procura da drª Carla Enes, integrante da Rede, por uma pessoa para coletar os dados estatísticos que iriam servir de análise dos resultados dessa rede. Como o projeto é amplo e envolve muitas áreas de pesquisas para além da nutrição, ele me possibilitou, como estudante de Economia, ajudar na coleta dos dados secundários, criar formas de tabulação e analisar as estatísticas, o que despertou meu interesse. Dentro do objetivo geral da Rede-SANS, a parte atribuída a mim e à drª Carla compreende avaliar propositivamente as ações e os desdobramentos do monitoramento nutricional no contexto do Sisvan no estado de São Paulo.

Na análise dos dados secundários, o objetivo geral proposto foi pesquisar e analisar a consistência dos dados antropométricos infantis disponibilizados pela

Vigilância Alimentar e Nutricional do estado de São Paulo, enquanto os objetivos específicos foram: a) avaliar a cobertura populacional referente às informações disponíveis sobre vigilância alimentar e nutricional em todos os municípios do estado de São Paulo; b) avaliar a consistência dos dados antropométricos de crianças entre 0 e 5 anos disponíveis para cada um dos 65 municípios integrantes da amostra; e c) avaliar o impacto da pesquisa sobre a cobertura populacional, após um ano, no que diz respeito à vigilância alimentar e nutricional realizada pelos municípios.

Tendo em vista esses objetivos, o que fiz foi coletar os dados disponíveis no sistema Sisvan-Web referentes ao registro do estado nutricional da população (crianças, adolescentes, adultos, idosos e gestantes) dos 65 municípios da amostra escolhida pela Rede-SANS para os anos de 2010 a 2012. Os dados foram coletados na frequência anual e mensal; além disso, foi escolhida uma amostra secundária para a comparação dos dados, então também coletei os mesmos dados para esta. Dessa forma, foi possível a análise dos dados secundários disponíveis para consulta na internet dos municípios do estado de São Paulo e, também, a comparação desses dados antes de a Rede ser implantada e depois de seu estabelecimento, respondendo à dúvida sobre a eficiência do projeto.

Para cada município da amostra e da amostra secundária, divididos por fase da vida (crianças, adolescentes, adultos, idosos e gestantes), foram coletados os dados referentes à população, número de beneficiários de plano de saúde, registro no sistema (Todos), soma mensal do registro (Todos), registro no sistema (Datasus), soma mensal do registro (Datasus), registro no sistema (Sisvan-Web), soma mensal do registro (Sisvan-Web).

Os indivíduos caracterizados como crianças estiveram dentro da faixa etária de 0 a 9 anos de idade; os adolescentes correspondem àqueles que estiveram na faixa etária de 10 a 19 anos de idade; os adultos são os entre 20 e 59 anos de idade; e os idosos, com idade igual ou superior a 60 anos. Os dados de população foram coletados no IBGE para as fases de vida descritas e são referentes aos dados coletados no Censo 2010 que esse instituto realizou. Pela dificuldade de obtenção, não foram coletados dados sobre a população de gestantes nos municípios selecionados.

Muitos indivíduos não se utilizam de serviços públicos de saúde por serem usuários de planos de saúde, por isso, comparar o número de registros no Sisvan com o total da população torna-se um problema, visto que são registrados nesse sistema aqueles que se utilizaram de serviços públicos de saúde. Nesse sentido, é mais coerente que se compare o número de registro nesses sistemas com o número de indivíduos que não são beneficiários de plano de saúde.

Para tentar captar esses indivíduos, foram coletados dados do número de beneficiários de planos de saúde para cada fase de vida no Datasus. Depois foi realizada a operação de diferença entre o total da população para cada fase de vida e o número de beneficiários para cada fase da vida, o que resultou nos indivíduos de cada fase de vida que não são beneficiários de planos de saúde.

Os dados primordiais no estudo que se pretende realizar são aqueles referentes ao registro do número de indivíduos registrados no Sisvan. Foram classificadas três categorias de acordo com o tipo de registro, Datasus, Sisvan-Web e Todos.

O registro no sistema Datasus disponibiliza para o gestor municipal a relação das famílias do seu município que recebem o benefício do Programa Bolsa Família, as quais precisam ser acompanhadas, e, portanto, estão registrados nesse sistema os indivíduos que são beneficiários desse programa. O registro no Sisvan-Web serve como instrumento para obtenção de dados de monitoramento do estado nutricional e do consumo alimentar das pessoas que frequentam as unidades básicas do SUS, ou seja, o município divulga quantos indivíduos utilizam os serviços do SUS. A categoria Todos engloba os registros em ambos os sistemas.

Tendo em vista os dados secundários descritos, as estatísticas calculadas foram: o número médio de consultas (para o registro: Todos, Datasus e Sisvan-Web); a cobertura desses registros (Todos, Datasus e Sisvan-Web) e o registro Sisvan-Web real. O número médio de consultas foi calculado pela razão entre o registro e sua correspondente soma mensal. Para o cálculo da cobertura foi obtida a razão entre o registro e a diferença entre a população e o número de beneficiários. E o registro Sisvan-Web real foi considerado como sendo a diferença entre o registro Todos e o registro Datasus.

Finalmente, para avaliar a consistência dos dados antropométricos de crianças entre 0 e 5 anos disponíveis para cada um dos 65 municípios integrantes da amostra, foram tabulados os dados primários recebidos, coletados pelos articuladores locais que foram aos postos de saúde dos municípios da amostra.

O que resumi até agora foi como se deu o tratamento dos dados coletados nesta parte do projeto. Como se pode observar, a experiência proporcionada pela minha iniciação me possibilitou grande aprendizado na coleta de dados, no uso de planilhas eletrônicas para a organização dos dados e na forma adequada de análise, além do fato de que, a partir deles, foi realizada uma avaliação da Rede-SANS nos municípios em que foi estabelecida.

A participação das instituições de ensino

No processo de articulação da Rede-SANS houve grande participação da Unesp, mas também de outras instituições de ensino. O envolvimento da academia se deu especialmente em função da pesquisa nas regiões e de demandas para o trabalho da Rede-SANS na Unesp. Nessas atividades, os seguintes setores e instituições foram envolvidos: Departamento de Educação – IBB/Unesp-Botucatu; Centro de Estudos e Práticas em Alimentação e Nutrição – IBB/Unesp-Botucatu; Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição – Unesp-Araraquara; Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox) – IBB/Unesp-Botucatu; Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciência Agrárias (FCA) – Unesp-Botucatu; *Campus* Experimental de Sorocaba – Unesp; Núcleo de Educação a Distância Unesp – Reitoria; Pró-Reitoria de Extensão da Unesp; Faculdade de Medicina de Botucatu; Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp); Universidade de Marília (Unimar); Universidade de Araraquara (Uniara); Centro Universitário de Rio Preto (Unirp); Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI); Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (Ceunsp); Centro Universitário Claretiano de Batatais; Universidade São Judas Tadeu (USJT); Universidade do Sagrado Coração (USC); Universidade de Taubaté (Unitau); Faculdades Integradas do Vale do Ribeira (FIVR/Unisepe); Universidade do Oeste Paulista (Unoeste); Universidade Paulista, (UNIP-Sorocaba); PUC-Campinas; Escola Superior de Tecnologia e Educação de Rio Claro (Asser); e Centro Universitário de Bebedouro (Unifafibe).

11
Considerações finais: sobre os objetivos do projeto de articulação

Consideramos que o objetivo do projeto foi alcançado com êxito, a articulação e o envolvimento de pessoas foram além das expectativas e as ações envolveram especialmente professores e agentes de saúde, o que conferiu grande capilaridade ao trabalho; também fizemos parte do processo de constituição do Sisan no estado. As atividades de formação dos articuladores locais proporcionaram importante aprendizado para muitos, se não para todos. Estamos (em 2013) longe da transformação política necessária à garantia da SAN para todos no estado, mas ganhamos propriedade e autoridade para entrar nessa disputa como uma Rede organizada.

Sobre as metas do projeto

1. Desenvolver um site virtual, alimentado e utilizado por 27 municípios do estado de São Paulo trabalhando a SAN em rede (Rede-SANS).

Avaliação: O site está no ar e continua sendo alimentado com apoio de funcionários da Unesp e outros voluntários.

2. Formar 27 equipes intersetoriais com competência para o fomento à construção da Rede-SANS, priorizando os territórios da cidadania.

Avaliação: A Rede-SANS está constituída e parece que é nos territórios da cidadania que as ações desenvolvidas fizeram maior diferença. A formação de equipes intersetoriais é incipiente na maioria dos municípios da Rede-SANS, assim como a prática da intersetorialidade é incipiente na gestão pública. Desco-

brimos que essa prática, bem mais do que imaginávamos, depende da vontade política do governante para que de fato se estabeleça.

3. Elaborar um diagnóstico propositivo quanto à atuação qualitativa e quantitativa do Sisvan no estado de São Paulo.

Avaliação: Todas as etapas da pesquisa foram cumpridas e tudo o que foi proposto foi executado. Consideramos que acumulamos uma grande quantidade de informações que alimentará nossos estudos por um bom tempo.

Sobre os resultados esperados

1. Promoção da redução das desigualdades regionais em SAN em São Paulo integrando os municípios da Rede-SANS pela troca de experiências e tecnologias, incluindo o uso de meios virtuais que facilitem a comunicação e a construção de um banco comum de dados.

Resultado: A redução das desigualdades se faz pela educação. Como exemplo de resultado citamos que uma das articuladoras regionais de Registro foi inserida no processo político da garantia da SAN na região, atuando hoje no Consad; a articuladora local de Presidente Prudente assumiu a coordenação das ações de alimentação e nutrição na Secretaria de Saúde, afirmando que isso se deu em razão do conhecimento do município que as atividades da Rede-SANS lhe proporcionaram. Esses dois municípios estão inseridos nos territórios da Cidadania.

2. Formação de pessoas para o uso de ferramentas de comunicação virtual promovendo o acesso a esse meio de comunicação, bem como reduzindo desigualdades.

Resultado: Mais de mil alunos fizeram os cursos Interanutri, muitos dos quais nunca haviam colocado a mão numa tecla do computador.

3. A partir do conhecimento das complexidades do entorno geopolítico, econômico e cultural das regiões adstritas a cada polo, buscar estabelecer parcerias que garantam a sustentabilidade das atividades da Rede-SANS.

Resultado: Estabelecemos parcerias com o Incra, com o Banco do Brasil, entre outras. Quanto às parcerias locais não sabemos contar, mas podemos citar o exemplo da parceria estabelecida entre a Cooperativa de Agricultores Familiares de Itararé (Coafai) e o Colégio Técnico de Itararé, em decorrência das ati-

vidades da Rede-SANS. A escola ganhou um campo de estágio bastante qualificado e os agricultores passaram a ter acesso a atividades de formação.

4. A partir do trabalho em rede, espera-se gerar autonomia, aperfeiçoar pessoas para a produção de material técnico, científico e atuação nas comunidades para o desenvolvimento local e ampliar as possibilidades de divulgação a partir do meio virtual.

Resultado: Esse resultado não atingiu as expectativas, embora se tenha verificado algum progresso nesse sentido. Por outro lado, a biblioteca Interanutri tem sido utilizada e acessada como fonte de dados para os trabalhos de professores e agentes comunitários.

5. A partir do apoio às comunidades para resolução dos problemas locais, espera-se contribuir para o desenvolvimento local, sobretudo por meio da intersetorialidade.

Resultado: Como processo instituído, a intersetorialidade é ainda incipiente e não depende de um só; como conceito, método e reconhecimento de sua importância, podemos dizer que houve apropriação do conceito por parte dos participantes dos seminários. Acreditamos que, em algum momento, essas sementes brotarão com mais força.

6. Inserção da academia no meio produtivo (serviços), contribuindo com a prática pedagógica contextualizada na realidade social e econômica do país.

Resultado: O aprendizado dos bolsistas inseridos nas atividades de articulação da Rede-SANS e na pesquisa proporcionou aos alunos uma oportunidade ímpar e diferenciada de aprendizado.

7. Com as informações sobre o processo de monitoramento e educação nutricional, sugerir alternativas para potencializar e corrigir (se for o caso) as ações da atenção básica sobre o Sisvan e demais ações de SAN.

Resultado: As sugestões foram coletivamente construídas e os dados existentes devem continuar alimentando ainda esse processo.

8. A partir da divulgação e adaptação do material técnico educativo, bem como da produção e veiculação de mídias diversas, contribuir com a materialização da Política Nacional de Alimentação e Nutrição, seguindo os princípios de universalidade, equidade, integralidade, descentralização, hierarquização e participação na comunicação.

Resultado: O site da Rede-SANS disponibiliza materiais oficiais e produzidos no contexto da Rede-SANS; além disso, foram distribuídos os cadernos e outras produções da Rede na forma impressa, conforme demanda das equipes locais.

9. Subsidiar o processo de formação de Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), particularmente a partir da constituição de uma equipe de referência vinculada ao laboratório de educomunicação.

Resultado: Quanto a esse resultado, não temos nada específico para informar sobre a equipe de referência. No entanto, o Interanutri – Nutricionista foi um curso que proporcionou grande aprendizado aos nutricionistas que atuam na atenção primária e, o mais importante, poderá ser replicado conforme demanda e recursos para a manutenção de professores e tutores.

10. Com as atividades de sensibilização regional, em consonância com as políticas nacionais e estaduais, e com a promoção local do debate de ideias, criar condições para a efetiva inclusão da SANS nas agendas das políticas públicas municipais.

Resultado: Ampliamos a discussão da SAN de vários municípios, incluindo a criação de conselhos de SAN, no entanto esse desafio ainda permanece em aberto.

11. Melhorar a qualidade e a cobertura do monitoramento nutricional e das ações de educação nutricional no espaço comunitário, sobretudo fazendo que a equipe de saúde consiga atribuir sentido a essa prática.

Resultado: Esse é um resultado de longo prazo para o qual os dados obtidos na pesquisa da Rede-SANS devem contribuir.

Sobre a transferência de resultados

1. A transferência de resultados do projeto deverá contemplar as políticas públicas de SAN, com ênfase na atenção básica à saúde nos três níveis de governo. A integração com o poder público nos três níveis deverá ser buscada em todas as etapas do projeto. Os seminários deverão contar com representantes do governo envolvidos nas políticas públicas em questão. A Secretaria de Saúde de Estado e as Divisões Regionais de Saúde estarão diretamente envolvidas no planejamento das atividades do projeto.

Avaliação: A participação dos três níveis de governo ocorreu durante todo o processo de articulação da Rede-SANS. Especificamente no setor da saúde, a presença do governo federal, por meio da Coordenação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição, foi mais constante. No final do processo, houve boa aproximação da Secretaria de Estado da Saúde.

2. Os resultados das pesquisas e desenvolvimento tecnológico em SAN nos municípios deverão ser socializados e discutidos com as famílias, as instituições da sociedade civil, os setores de serviços e produção, os gestores públicos de todas as áreas (Saúde, Educação, Habitação, Agricultura, Meio Ambiente, Planejamento, entre outras) e todos os demais interessados. A transferência de conhecimentos e tecnologias dar-se-á a partir de oficinas e fóruns de discussão e produção e distribuição de material gráfico. As equipes dos polos devem incentivar a organização de fóruns permanentes de debates e proposições em temas de interesse regional; fomentar a constituição de conselhos municipais de SAN; fomentar e apoiar a organização ampla da sociedade para institucionalização dos sistemas locais de SAN.

Avaliação: Além dos dois seminários estaduais da Rede-SANS, foram realizados seminários regionais e muitos outros eventos nos quais as atividades e resultados do trabalho da Rede-SANS vêm sendo divulgados.

3. A transferência virtual dos resultados do projeto é de abrangência ilimitada. O espaço virtual deverá ser organizado de forma a permitir a consulta de todos os atores sociais, incluindo, mas não só, os estudantes e especialistas. O site deverá contemplar ferramentas interativas (integrando principalmente as equipes e comunidades dos polos), bases de dados para consultas e relatos de experiências. A produção midiática das oficinas e seminários também poderá ser virtualmente disponibilizada (respeitados os direitos autorais).
   Avaliação: O site da Rede-SANS vem cumprindo esse papel.

4. O trabalho das equipes será divulgado no polo virtual de forma a promover a troca de experiências entre os municípios. Um importante meio de difusão das tecnologias desenvolvidas/aprendidas consiste na formação de multiplicadores. A constituição das equipes, especialmente nos territórios da cidadania proporcionará condições para a difusão do conhecimento e redução das desigualdades regionais no estado de São Paulo. Os materiais técnicos educativos produzidos facilitarão a difusão das tecnologias e conhecimentos.

Avaliação: O informativo da Rede-SANS vem cumprindo parte desse papel e outra parte vem sendo cumprida por articuladores e equipes locais, mas não estamos mais monitorando esse processo.

5. O estudo comparativo dos mapas de cobertura, qualidade dos dados, funcionalidade do sistema e significado do Sisvan como indicador de SAN para a formulação de políticas públicas nos três níveis de governo deverá ser objeto de discussão nos diversos fóruns da sociedade civil, nos diferentes níveis de gestão do Sistema Único de Saúde e outras áreas do governo. Os resultados deverão ainda ser divulgados nos meios científicos.

Avaliação: A Rede-SANS tem sido objeto de discussão em várias instâncias públicas; os dados da pesquisa da Rede-SANS estão começando agora a ser debatidos.

Perspectivas

Quanto ao alcance da Rede-SANS, conseguimos nos fazer representar no Conselho Estadual de Segurança Alimentar e temos uma organização relativamente sólida. A estrutura da Unesp tem garantido o funcionamento do site e de cursos, e temos perspectivas de inserir o apoio das atividades da Rede-SANS como um programa de extensão da Unesp. Ao desenvolver o projeto da Rede Viva Melhor com a mesma tecnologia de articulação da Rede-SANS e com a participação de membros da Rede-SANS como bolsistas e prestadores de serviços em oficinas a serem desenvolvidas nas 34 unidades da Unesp espalhadas pelo estado de São Paulo, temos perspectivas de contribuir com a coesão da Rede-SANS. Há potencial para trabalhos em parceria com a Secretaria de Educação e com o Incra. Nesse último ano nos envolvemos com o envio de projetos para o Banco Mundial (não selecionado), para o edital de educação alimentar MCTI/MDS (cancelado), para a Petrobras (não selecionado), para a Fapesp na modalidade pesquisa para o SUS (aprovado, mas não selecionado), para a Reitoria da Unesp, projeto Rede Viva Melhor (aprovado), Proex (aprovado), entre outros.[1] Duas bolsistas da Rede-SANS com formação em nível de doutorado foram aprovadas em concursos públicos para universidades federais no Mato

1. No final do ano de 2013, foram firmados convênios da Unesp com o MCTI/Secis para articulação da Rede-SANS-Unasul e com o MDS para fortalecimento do Sisan nos estados de São Paulo e Paraná, o que proporcionará continuidade ao processo.

Grosso e no Espírito Santo, com possibilidade de estender o trabalho da Rede-SANS para essas unidades de ensino superior.

Ainda, a coesão do grupo que esteve envolvido nos trabalhos durante esses dois anos nos parece frágil, mas um novo tecido vem surgindo com outras parcerias e novas articulações. Parece que é essa a dinâmica das redes, como um caleidoscópio, que a cada movimento surge um novo desenho.

Um dos nós do nosso trabalho é a dificuldade das pessoas, dos integrantes da Rede-SANS, de entender o conceito de SAN, que se apresenta para elas como algo muito abstrato. Para a desejada atuação interdisciplinar, as pessoas precisam descobrir a relação entre sua contribuição (seu núcleo de saber) e a ampla prática de promoção da segurança alimentar nutricional sustentável.

Aonde chegamos:

Participar do projeto da Rede-SANS
foi uma grande experiência
e é muito gratificante saber onde conseguimos chegar.
Hoje o projeto é forte,
comprometido e muito bem comentado
em toda a rede de internet.

Felipe Conte

Referências bibliográficas

ASSMANN, Hugo. Alguns toques na questão "o que significa aprender?". *Impulso*, Piracicaba, 1997.

ARAÚJO, I. A comunicação e os princípios do SUS. In: _____; CARDOSO, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. p.61-85.

BARAN, Paul. *On Distributed Communications*: Introduction to Distributed Communications Networks. Memorandum RM-3420-PR, ago. 1964. Disponível em: http://escoladeredes.ning.com/group/bibliotecaer. Acesso em: 22 fev. 2010.

BRASIL. Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – Lei n.11.369, de 15 de setembro de 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/consea.

_____. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para a população brasileira*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. *Relatório de gestão*: 2009. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/relatorio_2009_cgpan.pdf.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 2.ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao.

_____. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 1.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/pnan.

CAMARGO, A. A. et al. Promoção e avaliação da atitude de Vigilância Nutricional na atenção básica à saúde de municípios das Bacias Piracicaba-Capivari. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v.17, p.26-39, 2010.

CASTELLS, M. Toward a Sociology of the Network Society. *Contemporary Sociology*, v.29, n.5, p.693-9, 2000. Disponível em: http://escoladeredes.ning.com/group/bibliotecaer. Acesso em: 22 fev. 2010.

ENES, C. C.; LOIOLA, H.; OLIVEIRA, M. R. M. Cobertura populacional do sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.19, p.1.543-51, 2014.

FERREIRA, M. C. S.; DETREGIACHI, C. R. P.; OLIVEIRA, M. R. M. Antropometria na atenção básica. *Nutrire: Rev. Soc. Bras. Alim. Nutr. J. Brazilian Soc. Food Nutr.*, São Paulo, v.36, n.3, p.27-36, dez. 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *Sustainable Nutrition Security.* Restoring the Bridge between Agriculture and Health. Roma: FAO, 2012.

FRANCO, A. de. *Escola de redes*: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e o mundo globalizado. Curitiba: Escola de Redes, 2008. Disponível em: www.escoladeredes@org.br.

MACHADO, A. Caminante no hay camino, se hace camino al andar. *Obras, poesias y prosa*. Buenos Aires: Losada, 1964. estrofe XXIX.

MORIN, E. *Educar na era planetária*: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

ORGANIZACÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. *Declaração de Roma sobre a segurança alimentar mundial*. Roma, 13 nov. 1996.

PEREIRA, R. C. G. *Saberes e práticas educativas em alimentação e nutrição no cotidiano de trabalhadores da Estratégia Saúde da Família.* São Paulo, 2011. (Tese de doutorado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

VARELA, F. Connaissances et représentations. In: ASSMANN, Hugo. Alguns toques na questão "o que significa aprender?". *Impulso*, Piracicaba, p.71-82, 1997.

VIEIRA, C. M. et al. Aplicação da técnica de grupo focal em pesquisa da Rede--SANS sobre as ações de alimentação e nutrição na atenção básica em saúde. *Cadernos Saúde Coletiva* (UFRJ), v.21, p.407-13, 2013.

VILALBA, R. *Teoria da comunicação*: conceitos básicos. São Paulo: Ática, 2006.

WHITACRE, P. T.; BURNS, A. C. *Community Perspectives on Obesity Prevention in Children*: Workshop Summaries. Institute of Medicine. 2009. Disponível em: http://www.nap.edu/catalog/12705.html.

WHO. *Health Promotion Glossary*. WHO/HPR/HEP/98.1. Genebra, 1998

Sobre as organizadoras

MARIA RITA MARQUES DE OLIVEIRA – Nutricionista, doutora em Ciência dos Alimentos pela USP. Mestre em Alimentos e Nutrição pela Unesp. Desenvolve Pesquisa e Extensão em Segurança Alimentar e Nutricional abordando o processo de implantação e funcionamento do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, com ênfase na saúde, obesidade e educação alimentar e nutricional. Assessora da Pró-Reitoria de Extensão da Unesp, pertence ao quadro de docentes do Instituto de Biociências de Botucatu, atuando também no Programa de Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição da Unesp de Araraquara. Coordenou o projeto de articulação da Rede-SANS. Diretora técnica do Programa SSAN-Unasul, junto à Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social (Secis/MCTI).

CARLA MARIA VIEIRA – Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Santa Catarina (1983). Sanitarista – Departamento de Saúde Coletiva/Unicamp (1991). Psicodramatista pela Escola de Teatro Espontâneo de Tietê, com mestrado em Ciência da Nutrição pela FEA/Unicamp (1999). Doutorado pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria FCM/Unicamp (2010). Estágio doutoral na Universidade de Barcelona, Departamento de Antropologia (2009-2010) e estágio pós-doutoral em Antropologia Médica y Salud Internacional pela Universidad Rovira i Virgili (Espanha, 2011) – Capes/Fundação Carolina. Vínculo de pesquisadora colaboradora (2010-2014) no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM/Unicamp. Vice líder do grupo de Pesquisa Clínico-Qualitativa-LPCQ/Unicamp. Docente no Curso de Nutrição da

Universidade Metodista de Piracicaba desde 1999. Facilitadora de processos de ensino e aprendizagem em Projetos de Apoio ao SUS, com metodologias ativas, vinculados ao Instituto de Ensino e Pesquisa Sírio-Libanês (2014-2016). Membro da Rede-SANS.

LILIAN FERNANDA GALESI – Nutricionista (2005) e doutora (2010) em Alimentos e Nutrição pela Unesp. Foi gestora técnica da Rede-SANS. Atualmente é pós-doutoranda pelo Instituto de Biociências de Botucatu da Unesp. Faz parte da equipe de coordenação da Rede Viva Melhor (www.unesp.br/redevivamelhor) e do grupo de pesquisa do CNPq Epidemiologia e Dietética. Atua nos temas qualidade de vida, saúde coletiva e nutrição do idoso.

2011-2012

Projeto: Rede de municípios promotores da segurança alimentar e nutricional sustentável (Processo Finep: 01.10.0466.00 Processo CNPq: 520058-2010)

EXECUTORA – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Pró-Reitoria de Extensão – Instituto de Biociências de Botucatu – Departamento de Educação

COEXECUTORA – Instituto Harpia Harpyia – Agência de Defesa e Promoção do Direito Humano à Alimentação e Nutrição

INTERVENIENTE – Fundação do Instituto de Biociências de Botucatu

FOMENTO – Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação – Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/Finep/CNPq

Organização

Maria Rita Marques de Oliveira
Carla Maria Vieira
Lilian Fernanda Galesi

Contextualização histórica e avaliação crítica do processo

Maria Rita Marques de Oliveira

Síntese e análise dos relatos dos bolsistas e dos resultados da pesquisa qualitativa com os grupos focais

Carla Maria Vieira

Relato sobre o trabalho de execução da pesquisa de campo

Flávia Negri

Revisão dos relatos

Lilian Fernanda Galesi
Adriana Brandit

Revisão do texto

Angelina Batista

Revisão crítica

Maria Cristina Faber Boog

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

GRUPO DE EDUCOMUNICAÇÃO

- *Adriana Maria Donini (bolsista DTI-C)*
- *Ana Paula Costa Rodrigues Ferraz (bolsista ATP-A)*
- *Arthur Bestana Bentivenha (bolsista DTI-C)*
- *Bruno Jareta de Oliveira (bolsista ITI-A)*
- *Caio Guilherme Figueiredo (bolsista ITI-A)*
- *Camilo Antonio Bertozo Solano (bolsista ITI-A)*
- *Caroline Rye Yamasaki (bolsista ITI-A)*
- *Danielle Fernandes Vileigas (bolsista DTI-C)*
- *Elissa Schpallir Silva (bolsista ITI-A)*
- *Emilia Alonso Balthazar (bolsista DTI-C)*
- *Gabriel Cunha Beato (bolsista ITI-A)*
- *Hudson Luiz Mariotto (bolsista ATP-A)*
- *Júlia Cotomacci César Mendes (bolsista ITI-A)*
- *Marco Álvares (bolsista ITI-A)*
- *Marcos Venicius da Fonseca Costa (bolsista ATP-A)*
- *Milton Koji Nakata (bolsista DTI-C)*
- *Silvio Garcia Manoel (bolsista ATP-A)*
- *Silvio Geraldo dos Santos Júnior (bolsista ATP-A)*
- *Vinícius Laranjeira Trentin (bolsista ITI-A)*

EQUIPE INTERDISCIPLINAR

- *Aline Retz (bolsista ITI-A)*
- *Carolina Godoi Silva Aranha (bolsista DTI-C)*
- *Carolina Jorge dos Santos (bolsista DTI-C)*
- *Danilo Lima Tebaldi (bolsista ATP-A)*
- *Fernanda Ferrari Spadotto Peres (bolsista ATP-A)*
- *Jéssica Emy Komuro (bolsista ITI-A)*
- *Luciana Cristina Parenti (bolsista DTI-C)*
- *Paula Máximo Torres (bolsista DTI-C)*

EQUIPE DE ARTICULAÇÃO GERAL

- *Cláudia Rucco Penteado Detregiachi (bolsista DTI-B)*
- *Lilian Fernanda Galesi (bolsista DTI-B)*
- *Lisabete Bueno Sacomani (bolsista ATP-B)*
- *Milena Cristina Sendão Ferreira (bolsista DTI-A)*

ARTICULADORES REGIONAIS

- *Adriana Brandt Rodrigues (bolsista DTI-A, região da Grande São Paulo e Registro-SP)*
- *Carina Alcalá Garcia (bolsista ATP-A e DTI-C, região de Botucatu-SP)*
- *Lara Medeiros Soares (bolsista DTI-C, região de Presidente Prudente-SP)*
- *Luciana Abrão de Oliveira (bolsista DTI-B, região de Ribeirão Preto-SP)*
- *Luciana Lorenzato (voluntária, região de Ribeirão Preto-SP)*
- *Patrícia Fátima Sousa Novais (bolsista DTI-B, região de Itapeva-SP)*
- *Paula Barbosa de Oliveira Sígoli (voluntária, região de Ribeirão Preto-SP)*
- *Rafael Reginato Ávila (bolsista DTI-C, região de Botucatu-SP)*
- *Rita de Cássia Bertolo Martins (bolsista DTI-B, região de Presidente Prudente-SP)*
- *Rodrigo Pinheiro Pizzelli (bolsista DTI-C, região de Piracicaba-SP)*

ARTICULADORES LOCAIS

- *Andrea Paes Marega (bolsista ATP-A, município de São José do Rio Preto-SP)*
- *Carolina Issob Nunes (bolsista ATP-A, município de Itararé-SP)*
- *Cássia Letícia Fernandes (bolsista ATP-A, município de Lins-SP)*
- *Daniela Elais Goulart de Andrade Miranda (bolsista ATP-A, município de Ribeirão Preto-SP)*
- *Fabiola Fadel Annoni Kawai (bolsista ATP-A, município de Capão Bonito-SP)*
- *Fulvio Iermano (bolsista ATP-A, município de Batatais-SP)*
- *Gislaine Maria da Mota (bolsista ATP-A, município de Pirapozinho-SP)*
- *Gislene dos Anjos Tamasia (bolsista ATP-A, município de Registro-SP)*
- *Isabel Cristina Antunes (bolsista ATP-B, município de Registro-SP)*
- *Joana Oliveira (bolsista ATP-A, município de Itapeva-SP)*
- *Juliana Santiago Santos (bolsista ATP-A, município de Presidente Prudente-SP)*
- *Marcelo Mazeta Lucas (bolsista ATP-A, município de Mauá-SP)*
- *Márcia Juliana Cardoso (bolsista ATP-A, município de Piracicaba-SP)*
- *Maria Aparecida Cardin Travain (bolsista ATP-A, município de Indaiatuba-SP)*
- *Maria Augusta Melchior Corrêa (bolsista ATP-A, município de Presidente Venceslau-SP)*
- *Marlene Toler Rebesco (bolsista ATP-A, município de Hortolândia-SP)*
- *Olívia Cristina Caseto Furian Diniz (bolsista ATP-A, município de Marília-SP)*

- *Patrícia Carla dos Santos Martins (bolsista ATP-A, município de Amparo-SP)*
- *Patrícia Queiroz Ribeiro Mochiuti (bolsista ATP-A, município de Amparo-SP)*
- *Raquel Maria Berrocal (bolsista ATP-A, município de Adamantina-SP)*
- *Valdete Regina Guandalini (bolsista ATP-A, município de Matão-SP)*

BOLSISTAS QUE APOIARAM OS ARTICULADORES LOCAIS

- *Ana Paula Fernandes (bolsista ITI-A)*
- *Andresa Aparecida Lott (bolsista ITI-A)*
- *Carolina Ferreira Pacheco (bolsista ITI-A)*
- *Elisangela Boaventura dos Santos (bolsista ITI-A)*
- *Ellen Cristina Francisco (bolsista ITI-A)*
- *Isis Matsuda (bolsista ITI-A/2011 e ATP-A/2012)*
- *Jessika Müller de Souza (bolsista ITI-A)*
- *Luara Fazion Coelho (bolsista ITI-A)*
- *Luciana Karine Bressan (bolsista ITI-A)*
- *Maria Aparecida dos Santos (bolsista ITI-A)*
- *Patrícia Cazoli Reda da Silva (bolsista ITI-A)*
- *Simoni Fabiana do Prado (bolsista ITI-A)*
- *Tamiris Bullo (bolsista ITI-A)*
- *Thais Carleto (bolsista ITI-A)*

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PESQUISA

- *Flávia Negri (bolsista DTI-C)*

RELATOS DOS BOLSISTAS E PESQUISADORES

- *Aline de Cássia Albano (bolsista ITI-A)*
- *Ana Paula Fernandes (bolsista ITI-A)*
- *Darllan Collins da Cunha e Silva (bolsista DTI-C)*
- *Dayane Thais Troncozo Villca (bolsista ITI-A)*
- *Eloísa Elena Paschoalinotte (bolsista DTI-C)*
- *Helena Loiola de Figueiredo (bolsista ITI-A)*
- *Laís Sartori (bolsista DTI-C)*
- *Patrícia Cristina Wesolowski Tavares (bolsista DTI-C)*
- *Renata Leme Goto (bolsista ATP-A)*

SOBRE O LIVRO

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 28,3 x 45,7 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2016

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Pedro Barros (Tikinet Edição Ltda.)